

TERRY PRATCHETT



A DISCWORLD® NOVEL

REAPER MAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Terry Pratchett

O

**SENHOR
DA FOICE**

**Discworld 11
1991**

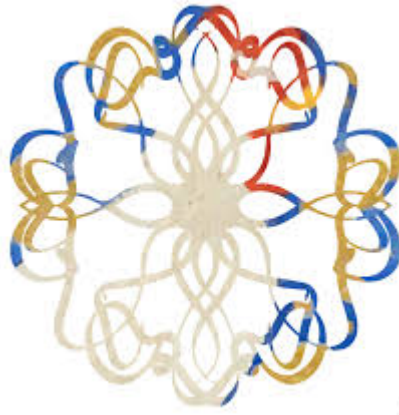
Título original inglês

Reaper Man

1991

Grupo

DEATH, THE WIZARDS



TODOS OS MUNDOS HABITADOS

do multiverso têm em comum a dança de Morris.

Uma dança realizada sob o céu azul, para celebrar a fertilidade do solo, e sob as estrelas, porque é primavera e, com um pouco de sorte, o dióxido de carbono se dispersará novamente. O desejo irresistível é sentido pelos seres do fundo do mar, que nunca viram o sol, e por humanos que vivem nas cidades, cuja única conexão com os ciclos da natureza reside no fato de que seu Volvo uma vez atropelou uma ovelha. É dançada de modo inocente por jovens matemáticos com barbas desgrenhadas, ao som de uma versão para acordeom de "O Hóspede da Dona Widgery", e de modo agressivo por tipos como os Homens de Morris Ninjas de Nova Ankh, que fazem coisas estranhas e terríveis com um simples lenço e um sino.

Ela nunca é dançada corretamente.

Exceto no Disco, achatado e carregado nas costas de quatro elefantes que viajam pelo espaço sobre o casco da Grande A'Tuin, a tartaruga estelar. Mesmo lá, só o fazem direito em um lugar. Uma aldeia pequena, no alto das montanhas Ramtop, onde o importante — e simples segredo é transmitido de geração em geração.

Ali, os homens dançam no primeiro dia da primavera, para a frente e para trás, com sinos amarrados sob os joelhos e camisas brancas batendo ao vento. As pessoas vêm assistir. Depois se faz um boi no rolete e, geralmente, considera-se um passeio agradável, ao ar livre, para toda a família.

Mas o segredo não é nada disso.

O segredo é a outra dança.

E essa não acontecerá tão cedo.

Há um tiquetaque como o de um relógio. Realmente há um relógio no céu, e o tiquetaque de segundos saindo do forno vem de lá.

Ao menos parece um relógio. Mas na verdade é o oposto exato de um relógio, e o ponteiro maior dá a volta apenas uma vez.

Há uma planície sob o céu escuro. Cheia de montes com ondulações suaves que talvez lembrassem outra coisa, se vistas de muito longe. E, se realmente fossem vistas de muito longe, você ficaria bastante feliz por estar tão longe assim. Três vultos cinzentos flutuavam acima dela. Não dá para descrever em linguagem comum o que eles eram exatamente. Alguns podem chamá-los de querubins, embora não possuíssem nada como bochechas rosadas. Talvez pudessem ser incluídos entre aqueles que verificam se a gravidade ainda funciona e se o tempo permanece separado do espaço. Chame-os de auditores. Auditores da realidade.

Eles conversavam sem falar. Não precisavam falar. Apenas mudavam a realidade para fazer com que tivessem falado.

Um deles disse: "Isso nunca aconteceu antes. É possível fazê-lo?" Um deles disse: "Terá que ser feito. Existe uma personalidade. As personalidades têm fim. Apenas as forças permanecem". Ele disse isso com certa satisfação.

Um deles disse: "Além disso... houve irregularidades. Onde há personalidade, há irregularidades. Fato muito conhecido".

Um deles disse: "Ele trabalhou de modo ineficiente?" Um deles disse: "Não. Não podemos pegá-lo por aí". Um deles disse: "Essa é a questão. O pronome é Io. Tornar-se uma personalidade é ineficiente. Não queremos que a coisa se espalhe. Imaginemos que a gravidade desenvolva uma personalidade? Imaginemos que ela decida gostar das pessoas?" m deles disse: "Tipo ter uma queda por elas, algo assim?" Um deles disse, com voz que seria ainda mais fria se já não representasse o zero absoluto: "Não".

Um deles disse: "Desculpe. Só uma piadinha minha". Um deles disse: "Além do mais, às vezes ele reflete sobre o próprio trabalho. Tal especulação é perigosa".

Um deles disse: "Sem discussão quanto a isso".

Um deles disse: "Estamos de acordo, então?" Um deles, que parecia pensar em alguma coisa, disse: "Só um momento. Você não acabou de usar o pronome singular 'minha' ? Não está desenvolvendo personalidade, está?" Um deles disse, sentindo-se culpado: "Quem? Nós?" Um deles disse: "Onde há personalidade, há discórdia". Um deles disse: "Sim. Sim. Muito verdadeiro, isso". Um deles disse: "Está bem. Mas preste atenção daqui pra frente". Um deles disse: "Estamos de acordo, então?" Eles ergueram a cabeça e olharam para o rosto de Azrael, com seu contorno delineado pelo céu ao fundo. Na verdade, ele era o céu.

Azrael fez um lento sinal de positivo com a cabeça.

Um deles disse: "Muito bem. Onde é esse lugar?" Um deles disse: "É o Disco. Ele viaja pelo espaço nas costas de uma tartaruga gigante".

Um deles disse: "Ah, esse tipo de lugar. Eu odeio isso". Um deles disse: "Está fazendo de novo. Você disse 'eu'". Um deles disse: "Não! Não! Não disse! Eu nunca disse 'eu'!... Ai, saco...". Ele virou uma chama e queimou como queimaria uma pequena nuvem de vapor: rápido e sem deixar qualquer resíduo. Quase imediatamente apareceu outro. Tinha aparência idêntica à do seu irmão desaparecido.

Um deles disse: "Que sirva de lição. Tornar-se uma personalidade é acabar. Agora... vamos nós".

Azrael os viu sair deslizando.

É difícil sondar os pensamentos de uma criatura tão grande que, no espaço real, teria o comprimento medido apenas em termos da velocidade da luz. Mas ele virou sua massa enorme e, com olhos em que estrelas poderiam se perder, buscou entre os incontáveis mundos um que fosse achatado.

Sobre as costas de uma tartaruga. O Disco - mundo e espelho dos mundos. Parecia interessante. Em sua prisão de um bilhão de anos, Azrael sentia-se entediado.

Este é o lugar em que o futuro se lança no passado por meio do agora. Há cronômetros enfileirados na parede. Não ampulhetas, embora tenham a mesma forma. Não são como essas ampulhetas que se compram para dar de lembrança, presas a uma plaquinha com o nome da cidade turística de sua escolha escrito por alguém que tem o mesmo senso estético de um donut de geleia.

Nem é areia o que há dentro. São segundos, transformando eternamente o talvez no foi.

E cada cronômetro de vida possui um nome.

O lugar está cheio do burburinho suave de pessoas vivendo. Imagine a cena...

Agora, adicione o estalo nítido de ossos batendo na pedra, cada vez mais perto. Uma figura sombria atravessa o campo de visão e dirige-se às infinitas prateleiras de vidros sibilantes. Click, click. Aqui está um cronômetro com a parte superior quase vazia. Dedos de ossos erguem-se e o alcançam. Selecionar. E mais um. Selecionar. E mais. Muitos, muitos mais. Selecionar, selecionar.

Isso faz parte de um dia de trabalho. Ou faria, se aqui existissem dias. Click, click, a figura sombria desloca-se com paciência entre as fileiras. E para.

E hesita.

Há um pequeno cronômetro dourado, não muito maior que um relógio de pulso. Ontem ele não estava ali, ou não teria estado se existissem ontens aqui. Dedos ossudos se fecham em torno dele e o erguem contra a luz. Há um nome, em letras maiúsculas pequenas.

O nome é MORTE.

Morte pôs o cronômetro de volta e depois o pegou de novo. As areias do tempo se derramavam. Experimentou virá-lo de cabeça para baixo, só pra testar. A areia continuou fluindo, mas para cima. Ele realmente não esperava que acontecesse algo diferente. Aquilo significava que, mesmo se amanhã pudessem existir aqui, não haveria amanhã. Não mais.

Houve um movimento no ar, atrás dele.

Morte virou-se devagar e dirigiu-se ao vulto, que se movia de modo indeterminado e indeciso na escuridão.

— POR QUÊ? O vulto lhe disse por quê.

— MAS ISSO... NÃO ESTÁ CERTO.

O vulto lhe disse que "Não, estava certo". Nem um músculo se moveu no rosto de Morte, porque ele não tinha nenhum.

— EU RECORREREI.

O vulto lhe disse que ele deveria saber que não havia recurso. Nunca recurso algum. Nunca recurso algum. Morte parou para pensar nisso e depois disse: — SEMPRE CUMPRI MEU DEVER COMO ME PARECEU ADEQUADO. O vulto aproximou-se flutuando. Ele lembrava vagamente um monge encapuzado com um manto cinza.

Ele lhe disse "Nós sabemos. É por isso que o deixaremos ficar com o cavalo". O sol encontrava-se perto do horizonte.

As criaturas com vida mais curta no Disco eram as efeméridas, que mal completavam 24 horas. Duas das mais velhas ziguezagueavam sem rumo sobre as águas de um riacho cheio de trutas, discutindo história com alguns membros mais jovens da procriação da noite anterior.

— Não há mais o tipo de sol que costumava haver — reclamou uma delas.

— Você tem razão. Tínhamos um sol decente nas boas e velhas horas que não voltam mais. Era tudo amarelo. Nada dessa coisa avermelhada.

— E ficava mais no alto também.

— Ficava. Tem razão.

— E as ninfas e as larvas tinham um pouco de respeito por nós.

— Tinham. Tinham — concordou com veemência a outra efemérida.

— Suponho que, se as efeméridas de hoje em dia se comportassem um pouco melhor, ainda teríamos um sol decente.

As efeméridas mais jovens ouviam com educação.

— Eu me lembro — começou uma das mais velhas — de quando tudo isso era campo, até onde a vista alcança.

As efeméridas mais jovens olharam ao redor.

— Ainda é campo — arriscou uma delas, após um intervalo respeitoso.

— Eu me lembro quando era um campo melhor — corrigiu com ênfase a efemérida idosa.

— É — disse o seu colega. — E havia uma vaca.

— Está certo! Tem razão! Eu me lembro dessa vaca! Ficou parada bem ali durante... ah... 40, 50 minutos. Era marrom, eu lembro.

— Não há mais vacas assim, agora.

— Não há mais vaca alguma.

— O que é uma vaca? — perguntou uma das larvas.

— Está vendo? — começou a efemérida mais velha, num tom triunfante. — Esses são os efemerópteros modernos. — Ela fez uma pausa. — O que estávamos fazendo, antes de conversar sobre o sol? — Ziguezagueando sem rumo sobre a água — respondeu uma das moscas jovens. As chances de que fosse isso eram muito altas, em todo caso.

— Não, antes disso.

— Er... você nos contava sobre a Grande Truta.

— Ah. Sim. Certo. A Truta. Bem, veja, se você foi uma boa efemérida, se ziguezagueou de um lado pro outro direitinho...

— ... dando atenção aos mais velhos e mais experientes...

— ... sim, e dando atenção aos mais velhos e mais experientes, então, um dia, a Grande Truta...

Clop. Clop.

— Sim? — perguntou uma das efeméridas mais jovens. Não houve resposta.

— A Grande Truta o quê? — insistiu outra efemérida, nervosa. Elas olharam para baixo e viram uma série de anéis concêntricos expandindo-se na água.

— O sinal sagrado! — entusiasmou-se uma efemérida. — Lembro de ter ouvido falar nisso! Um Grande Círculo na água! Esse deve ser o sinal da Grande Truta! A mais velha das efeméridas mais jovens observou a água, pensativa. Ela começava a perceber que, como a mosca mais experiente naquele momento, tinha o privilégio de sobrevoar a água mais perto da superfície.

— Dizem — começou a efemérida que se encontrava à frente da multidão em ziguezague — que, quando a Grande Truta aparece pra você, você vai para uma terra onde há muita... onde há muita... — As efeméridas não comem. Ela não sabia o que dizer. — Onde há muita água — terminou, sem graça.

— Minha nossa! — exclamou a efemérida mais velha de todas.

— Deve ser muito bom lá — disse a mais jovem. — Oh? Por quê? — Porque ninguém nunca quer voltar.

Por outro lado, as coisas mais velhas do Disco eram os Pinheiros Contadores, que crescem bem no limite das neves perpétuas das Montanhas Ramtop. Os Pinheiros Contadores são um dos poucos exemplos conhecidos de evolução emprestada.

A maioria das espécies tem uma evolução própria, criando-a conforme prosseguem, como a Natureza planejou. Isso é muito natural, orgânico e em sintonia com os ciclos misteriosos do cosmo, que acredita que não há nada como milhões de anos de tentativa e erro extremamente frustrantes para que a espécie adquira fibra moral e, em alguns casos, coluna vertebral.

É algo provavelmente normal do ponto de vista das espécies, mas, na perspectiva dos indivíduos, pode parecer coisa de um espírito de porco, ou de um pequeno réptil cor-de-rosa comedor de raízes que um dia talvez evolua para um porco de verdade. Os Pinheiros Contadores evitaram isso deixando que outros vegetais evoluíssem por eles. Uma semente de pinheiro que venha a cair em qualquer lugar do Disco absorve imediatamente o código genético local mais eficiente, por meio de ressonância mórfica, faz brotar qualquer coisa que se adapte bem ao solo e ao clima, e se sai muito melhor do que as árvores nativas, geralmente usurpadas por elas.

O que torna os Pinheiros Contadores especialmente notáveis, no entanto, é a maneira como contam.

Por terem vaga noção de que os seres humanos aprenderam a calcular a idade de uma árvore contando seus anéis de crescimento, os Pinheiros Contadores originais concluíram que esse era o motivo pelo qual os humanos cortavam as árvores. De um dia para o outro, todos os Pinheiros Contadores reajustaram seu código genético para produzir no tronco, próximo à altura dos olhos e em letras claras, sua idade exata. Em um ano, eles foram derrubados pela indústria de placas decorativas para números de casas até ficarem ameaçados

de extinção. Apenas alguns poucos exemplares sobrevivem em áreas de difícil acesso.

Os seis Pinheiros Contadores escutavam o mais velho do grupo, cujo tronco retorcido declarava ter 31.734 anos de idade. A conversa durou 17 anos, mas foi acelerada.

— Eu me lembro de quando tudo isso não era campo.

Os pinheiros voltaram-se para a paisagem de milhares de quilômetros. O céu apresentava cintilações trêmulas que pareciam efeitos especiais malfeitos de um filme sobre viagem no tempo. A neve apareceu, ficou por um instante e derreteu.

— O que era, então? — perguntou o pinheiro mais próximo.

— Gelo. Se é que se pode chamar aquilo de gelo. Havia geleiras decentes naqueles tempos. Não eram como o gelo de hoje, que vem numa estação e desaparece na outra. Ele ficou por aqui durante séculos.

— O que aconteceu com ele, então? — Se foi.

— Se foi para onde? — Para onde as coisas vão. Tudo está sempre correndo com pressa.

— Uau. Esse foi rigoroso.

— O quê? — Esse inverno que acabou de passar.

— Chama aquilo de inverno? Quando eu era broto, os invernos eram... Então a árvore desapareceu.

Após uma pausa de espanto por alguns anos, um deles disse: — Ele se foi! De repente! Um dia estava aqui, no outro não estava mais! Se as outras árvores fossem humanos, teriam desviado o olhar assobiando.

— Acontece, rapaz — comentou uma delas, cautelosa. — Ele foi levado para um Lugar Melhor,[1] pode ter certeza disso. Era uma boa árvore. A árvore mais jovem, com apenas 5. 111 anos, disse: — Que espécie de Lugar Melhor? — Não temos certeza — disse um pinheiro do grupo. Ele tremia com desconforto numa ventania que durou uma semana. — Mas achamos que tem a ver com... serragem.

Como as árvores não eram capazes de perceber qualquer evento que ocorresse em menos de um dia, não chegaram a ouvir o som dos machados. Windle Poons, o mago mais idoso do corpo docente da Universidade Invisível...

... lar da magia, dos encantos e de grandes jantares...

... também ia morrer.

Ele possuía uma consciência frágil e trêmula disso.

É claro que — ele refletia, movendo a cadeira de rodas sobre o piso de pedras, seguindo para o seu escritório, no andar térreo —, de modo geral, todo o mundo sabe quando vai morrer, até as pessoas comuns. Ninguém sabe onde estava antes de nascer, mas, quando nasce, não demora a perceber que já veio com a passagem de volta carimbada. Mas os magos sabiam mesmo. Não se a morte tivesse relação com violência ou assassinato, claro, mas, se a causa da morte fosse um simples caso de falta de vida, aí... bem... dava pra saber. Geralmente se sentia a premonição a tempo de devolver os livros da biblioteca, certificar-se de que o seu melhor terno se encontrava limpo e pedir muito dinheiro emprestado aos amigos.

Ele tinha 130 anos. E se deu conta de que, durante a maior parte da vida, fora um homem idoso. Não parecia justo, realmente.

E ninguém dissera nada. Ele mencionou o fato na Sala Incomum, na semana anterior, e ninguém entendeu a indireta. Hoje, no almoço, quase não falaram com ele. Até mesmo seus velhos assim chamados amigos pareciam evitá-lo, e ele nem tentava pedir dinheiro emprestado.

Era como se não lembrassem do seu aniversário, mas pior.

Ele morreria totalmente sozinho, e ninguém ligava.

Abriu a porta batendo nela com a roda da cadeira e vasculhou a mesa perto da porta, procurando sua caixa de mechas para acender cachimbo. Isso era outra coisa. Quase ninguém usava caixa de mechas. As pessoas compravam os grandes palitos de fósforo amarelos e fedorentos que os alquimistas faziam. Windle não aprovava. Fogo era algo importante. Não se deveria acender com aquela facilidade, não havia respeito. As pessoas eram assim, agora, sempre correndo de um lado para o outro e... fogueira. Antigamente era muito mais quente, também. O tipo de fogo que agora colocavam nas lareiras não esquentava ninguém, a menos que você ficasse quase em cima dele. Era alguma coisa na madeira... o tipo errado de madeira. Estava tudo errado. Tudo mais apagado. Mais vago. Tudo sem vida. E os dias eram mais curtos. Mmm. Havia algo errado com os dias. Dias mais curtos. Mmm. Tudo demorava um século para passar, o que era estranho, porque os dias, no plural, passavam feito um estouro de bois. As pessoas não esperavam que um mago de 130 anos fizesse muita coisa, e Windle adquirira o hábito de chegar à mesa para o jantar até duas horas antes de cada refeição, simplesmente para passar o tempo.

Dias intermináveis passando rápido. Não fazia sentido. Mmm. Veja bem, a gente não percebe mais o sentido das coisas como nos velhos tempos. Agora, deixavam a Universidade ser dirigida por meros garotos. Nos bons tempos, era dirigida por magos decentes, grandes homens com o porte de uma barça, o tipo de mago que impunha respeito. De repente, todos haviam sumido, e Windle era tratado com condescendência por esses garotos que ainda tinham alguns dos próprios dentes na boca. Como aquele rapaz, Ridcully. Windle lembrava-se muito bem dele. Rapaz magro, orelhas de abano, nunca assoava o nariz direito, chorou pela mãe na primeira noite no dormitório. Sempre queria aprontar. Alguém tentava contar a Windle que Ridcully era o arquirreitor agora. Mmm. Deviam pensar que ele era louco.

Onde estava a maldita caixa de mechas? Dedos... você costumava ter dedos decentes, nos velhos tempos...

Alguém descobriu um lampião. Outra pessoa pôs uma bebida na sua mão tateante.

— Surpresa! No corredor da casa de Morte há um relógio com um pêndulo que parece uma lâmina, mas sem ponteiros, porque na casa de Morte não há tempo algum senão o presente. (Havia, é claro, um presente antes do presente atual, mas que também era o presente. Era só um presente mais velho.)

O pêndulo consiste numa lâmina que teria feito Edgar Allan Poe desistir de tudo e começar de novo como comediante em restaurantes do circuito do rodízio de camarão. Ele oscila fazendo um leve ruído — vum-vum —, retirando com delicadeza finas fatias de intervalo do bacon da eternidade.

Morte passou pelo relógio em silêncio e entrou na escuridão sinistra do seu escritório. Albert, seu empregado, esperava por ele com a toalha e os espanadores.

— Bom dia, mestre.

Morte sentou-se em silêncio na sua grande cadeira. Albert cobriu com a toalha os ombros pontiagudos.

— Mais um dia agradável — disse, num tom descontraído. Morte não disse nada.

Albert bateu a flanela e puxou o capuz de Morte para trás.

— ALBERT.

— Senhor.

Morte mostrou a pequena ampulheta dourada.

— ESTÁ VENDENDO ISTO? — Sim, senhor. Muito legal. Nunca vi uma desse tipo. De quem é? — MINHA.

Os olhos de Albert viraram para o lado. No canto da mesa de Morte havia uma ampulheta grande numa moldura preta. Não continha areia alguma.

— Achei que aquela fosse a sua, senhor.

— ERA. AGORA É ESTA. UM PRESENTE DE APOSENTADORIA. DO PRÓPRIO AZRAEL.

Albert examinou a coisa na mão de Morte.

— Mas... a areia, senhor. Está derramando.

— EXATAMENTE.

— Mas isso significa... Quer dizer que... ? — SIGNIFICA QUE UM DIA A AREIA TERÁ SIDO TODA DERRAMADA, ALBERT.

— Sei disso, mas... o senhor... pensei que o Tempo era algo que só acontecia com os outros, senhor. Não é? Não com o senhor. — No

final da frase, a voz de Albert tinha um tom de súplica.

Morte retirou a toalha e se levantou.

— VENHA COMIGO.

— Mas o senhor é Morte, mestre — insistiu Albert, correndo atrás do vulto alto com pernas que pareciam patas de caranguejo, seguindo-o pelo corredor e descendo pela passagem para o estábulo. — Isso não é algum tipo de brincadeira, é? — Ele acrescentou, esperançoso.

— NÃO SOU CONHECIDO PELO MEU SENSO DE HUMOR.

— Bom, claro que não, não quis ofender. Mas, veja, o senhor não pode morrer, porque é Morte. Porque teria que acontecer a si mesmo, seria como aquela cobra que come a própria cauda....

— AINDA ASSIM, VOU MORRER. NÃO HÁ COMO RECORRER.

— Mas o que acontecerá comigo? — perguntou Albert. O pavor brilhava em suas palavras como lâminas de metal na ponta de uma faca.

— HAVERÁ UM NOVO MORTE.

Albert endireitou-se.

— Na verdade, acho que não poderia servir a um novo mestre.

— ENTÃO VOLTE PARA O MUNDO. EU LHE DAREI DINHEIRO. VOCÊ FOI UM BOM EMPREGADO, ALBERT.

— Mas se eu voltar...

— SIM — disse Morte. — VOCÊ MORRERÁ.

Na penumbra aconchegante e cavalariço do estábulo, o cavalo pálido de Morte parou de comer sua ração e cumprimentou com um curto relinchar. O nome do cavalo era Pituco. Um cavalo de verdade. No passado, Morte experimentara corcéis de fogo e cavalos de

esqueleto. Considerou todos impraticáveis, especialmente os de fogo, que tinham a tendência de botar fogo na própria forragem e ficar parados no meio dela, com ar de constrangimento.

Morte tirou a sela do gancho e olhou para Albert, que sofria uma crise de consciência.

Milhares de anos atrás, Albert preferira servir a Morte a morrer. Ele não era exatamente imortal. O tempo real era proibido no reino de Morte. Havia apenas o agora variável, que prosseguiu por um tempo muito longo. Ele tinha menos de dois meses de tempo real restantes. E acumulara os próprios dias como se fossem barras de ouro.

— Eu, er... — ele começou. — Quer dizer...

— TEM MEDO DE MORRER?

— Não que eu não queira... quer dizer, eu sempre... é que a vida é um hábito difícil de deixar...

Morte o observou com curiosidade, como quem observa um besouro que caiu de costas e não consegue se virar.

Por fim, Albert ficou em silêncio.

— ENTENDO — disse Morte, soltando a rédea de Pituco.

— Mas não parece preocupado! O senhor realmente morrerá? —
SIM. SERÁ UMA GRANDE AVENTURA.

— Será? Não está com medo?

— NÃO SEI SENTIR MEDO.

— Eu poderia mostrá-lo, se quiser — arriscou Albert.

— NÃO. GOSTARIA DE APRENDER POR MIM MESMO. TEREI EXPERIÊNCIAS. FINALMENTE.

— Mestre... se o senhor for, haverá... ?

— UM NOVO MORTE SURGIRÁ DA MENTE DOS VIVOS, ALBERT.

— Ah! — Albert pareceu aliviado. — O senhor, por acaso, não sabe como ele será, sabe? —NÃO.

— Talvez seja melhor eu... sabe como é... limpar um pouco a casa, mandar preparar um inventário, esse tipo de coisa? — BOA IDEIA — concordou Morte, da forma mais gentil possível.

— QUANDO EU VIR O NOVO MORTE, TEREI PRAZER EM RECOMENDAR VOCÊ A ELE.

— Ah. O senhor o verá, então?

— AH, SIM. E TENHO QUE PARTIR AGORA.

— O que, tão rápido? — CERTAMENTE. NÃO DEVO PERDER TEMPO! — Morte ajeitou a sela, depois se virou e pôs a pequena ampulheta, com orgulho, diante do nariz adunco de Albert.

— VEJA! EU TENHO TEMPO. FINALMENTE EU TENHO TEMPO!
Albert recuou, nervoso.

— Agora que tem tempo, o que fará com ele? — perguntou.
Morte montou o seu cavalo.

— VOU GASTÁ-LO.

A festa corria solta. A faixa com a inscrição "Adeus, Windle, 130 Anos Gloriosos" encontrava-se um pouco caída por causa do calor. As coisas chegavam a um ponto em que não havia nada para beber além de ponche e nada para comer além da estranha pasta amarela e das tortillas altamente suspeitas, e ninguém se incomodava. Os magos batiam papo com a animação forçada de pessoas que se veem o dia todo e que, agora, se viam durante a noite toda.

No meio de tudo isso, Windle Poons permanecia parado, com um copo enorme de rum e um chapeuzinho engraçado na cabeça.

Estava quase às lágrimas.

— Uma verdadeira festa de despedida! — não parava de murmurar. — Não acontece uma dessas desde que o velho Hocksole "Arranhador" Se Foi — as letras maiúsculas também ficaram gravadas na memória —, nos idos de... Mmm... do Ano do Boto... Mmm... Ameaçador. Achei que todo mundo tinha se esquecido delas.

—O Bibliotecário pesquisou os detalhes para nós — disse o Tesoureiro, apontando um grande orangotango tentando soprar uma língua-de-sogra. — E também fez a pasta de banana. Espero que alguém coma logo.

Ele se inclinou.

— Posso lhe servir mais salada de batata? — perguntou, com a voz no volume propositadamente alto usado para se falar com imbecis e idosos. Windle levou a mão em concha à orelha.

— O quê? O quê? — Mais! Salada! Windle? — Não, obrigado.

— Mais uma salsicha, então? — O quê? — Salsicha! — Elas me dão gases terríveis a noite toda — disse Windle. Ele parou para pensar por um momento e depois pegou cinco.

— E... — gritou o Tesoureiro — por acaso sabe que horas... ? — Hã? — Que! Horas? — Nove e meia — respondeu Windle, rápido, porém confuso.

— Bom, isso é ótimo — observou o Tesoureiro. — Você tem o resto da noite... é... livre.

Windle vasculhou as reentrâncias terríveis de sua cadeira de rodas — um cemitério de almofadas velhas, livros amassados e balas velhas chupadas pela metade. Exibiu um livrinho de capa verde e o enfiou nas mãos do Tesoureiro. O Tesoureiro virou o livro.

Rabiscadas na capa, havia as palavras: Windle Poons Seu Diário. Um pedaço de couro de tocinho marcava a data de hoje. Na seção "Coisas a Fazer", estava escrito, com letra espremida: Morrer. O Tesoureiro não se conteve e virou a página.

Sim. Na data do dia seguinte, Coisas a Fazer: Nascer.

Seu olhar deslizou até uma mesinha no canto do quarto. Apesar do fato de que o quarto se encontrava bastante cheio de gente, havia uma área do chão vazia, ao redor da mesa, como se fosse uma espécie de espaço pessoal que ninguém queria invadir. Havia instruções especiais relativas à mesa para a cerimônia de Despedida. Ela tinha que ter uma toalha preta com símbolos mágicos bordados. Havia um prato com uma seleção dos melhores canapés. E um copo de vinho. Após discussão considerável entre os magos, um chapéu de papel engraçado fora colocado também.

Todos estavam com olhar de expectativa.

O Tesoureiro pegou o relógio e abriu a tampa.

Era um dos relógios de bolso de último modelo, com ponteiros. Apontavam 9h15 — Ele o sacudiu. Uma pequena escotilha se abriu sob o 12, e um diabinho muito pequeno pôs a cabeça para fora e disse: — Para com isso, chefia, estou pedalando o mais rápido que posso. Ele fechou o relógio novamente e olhou ao redor, desesperado. Ninguém parecia ansioso para chegar muito perto de Windle Poons. O Tesoureiro sentiu que ele é que deveria puxar conversa, por educação. Pensou em assuntos possíveis. Todos apresentavam problemas.

Windle Poons o ajudou.

— Estou pensando em voltar como mulher — comentou, num tom descontraído. O Tesoureiro abriu e fechou a boca algumas vezes.

— Estou bem ansioso — continuou Poons. — Acho que deve... Mmm... ser divertido à beça.

O Tesoureiro revisou desesperadamente seu limitado repertório de conversas casuais relacionadas a mulheres. Ele se abaixou na direção da orelha curtida de Windle.

— Não tem um pouco de — começou, sem saber aonde chegaria — lavar e passar demais? E fazer a cama, cozinhar e todas essas coisas? — Não no tipo de... Mmm... vida que eu tenho em mente — explicou Windle, com firmeza.

O Tesoureiro fechou a boca. O arquirreitor bateu numa mesa com uma colher.

— Irmãos... — começou, quando houve algo que parecia silêncio. E, com isso, provocou um coro alto e desordenado de vivas e aplausos.

—... como todos sabem, estamos aqui, nesta noite, para marcar a... ah... aposentadoria — risos nervosos — do nosso velho amigo e colega Windle Poons. Sabem que ver o velho Windle aqui sentado, nesta noite, me faz pensar, felizmente, na história da vaca com três pernas de pau. Parece que havia uma vaca e... O Tesoureiro deixou sua mente vagar sem rumo. Ele conhecia a história. O arquirreitor sempre estragava o desfecho... Além disso, ele tinha outras coisas em mente. Volta e meia, olhava para a mesinha.

O Tesoureiro era uma pessoa amável, porém nervosa, e gostava muito do próprio trabalho. Além do mais, nenhum outro mago queria

esse cargo. Muitos magos queriam ser arquirreitores, por exemplo, ou chefes de uma das oito ordens de magia, mas quase nenhum queria passar muito tempo num escritório remexendo em papéis e fazendo contas de somar. Toda a papelada da Universidade tendia a acumular—se no escritório do Tesoureiro, o que significava que ele se deitava cansado, à noite, mas dormia profundamente e não tinha que examinar bem o pijama à procura de escorpiões inesperados. Matar um mago de grau mais elevado era uma forma reconhecida de avançar nas ordens. No entanto, a única pessoa com a probabilidade de querer matar o Tesoureiro seria alguém que também sentisse um prazer discreto em lidar com colunas de números, todos bem organizados. Pessoas desse jeito não se metem com assassinatos.[2]

Ele se lembrou da infância, há muito tempo, nas Montanhas Ramtop. Ele e a irmã costumavam deixar uma taça de vinho e um bolinho do lado de fora, para o Papai Porco, todo Réveillon dos Porcos. As coisas eram diferentes naquele tempo. Ele era muito mais jovem, não sabia muita coisa e, provavelmente, sentia-se muito mais feliz. Por exemplo, não sabia que um dia poderia vir a se tornar um mago e, com outros magos, deixar uma taça de vinho, um bolinho, uma tortinha de frango muito suspeita e um chapeuzinho de festa de papel para...

... outra pessoa.

Também havia festas de Vigília do Porco quando ele era um garotinho. Sempre seguiam certo padrão. Justamente quando todas as crianças se encontravam quase doentes de tanta excitação, um dos adultos dizia, num tom malicioso "Acho que teremos uma visita

especial!" Seguindo a deixa de forma impressionante, havia um badalar suspeito de sinos de porco à janela e eis que entrava...

... eis que entrava...

O Tesoureiro balançou a cabeça. O avô de alguém com bigodes falsos, é claro. Algum menino alegre com um saco de brinquedos batendo os pés para tirar a neve das botas. Alguém que lhe dava alguma coisa.

Enquanto, nesta noite...

É claro que o velho Windle se sentia diferente quanto a isso. Depois de 130 anos, a morte provavelmente possuía certa atração. Você provavelmente se tornava bastante interessado em descobrir o que aconteceria em seguida.

A anedota enrolada do arquirreitor chegou ao seu desfecho aos trancos. Os magos reunidos riram por obrigação e depois tentaram entender a piada. O Tesoureiro olhou disfarçadamente para o relógio. Agora, eram 9h20. Windle Poons fez um discurso. Era longo, tortuoso e desconexo, e falava sobre os bons e velhos tempos. Parecia pensar que a maioria das pessoas ao seu redor eram, na verdade, pessoas que haviam morrido há cerca de 50 anos, mas isso não tinha importância porque não ouvir o velho Windle já era um hábito.

O Tesoureiro não conseguia tirar os olhos do relógio. De dentro dele vinha o rangido do pedal, enquanto o diabinho seguia com paciência seu caminho rumo ao infinito. Nove horas e vinte e cinco minutos.

O Tesoureiro se perguntou como aquilo aconteceria. Seria possível ouvir — acho que vamos ter uma visita muito especial — os

passos lá fora? Será que a porta se abriria ou Ele a atravessaria? Pergunta tola. Ele era conhecido por Sua habilidade para entrar em locais fechados — especialmente em locais fechados, se você pensar de forma lógica. Fique trancado em qualquer lugar e será apenas uma questão de tempo.

O Tesoureiro tinha esperanças de que Ele usasse a porta corretamente. Já sentia os nervos à flor da pele sem nada acontecer.

O nível de descontração caía. Vários magos, o Tesoureiro notou, olhavam para a porta.

Windle permanecia no centro de um círculo que se abria de modo bastante discreto. Ninguém o evitava, na verdade. Era apenas um aparente movimento Browniano aleatório afastando todo mundo suavemente.

Os magos conseguem ver Morte. Quando um mago morre, Morte vem pessoalmente para conduzi-lo ao Além. O Tesoureiro se perguntou por que isso era considerado um privilégio...

— Não sei o que todos vocês estão olhando — observou Windle, animado. O Tesoureiro abriu o relógio.

A escotilha sob o 12 se abriu de repente.

— Quer parar com essa agitação toda? — gritou o diabinho. — Eu fico perdendo a conta.

— Desculpe — sussurrou o Tesoureiro. Eram 9h29. O arquirreitor deu um passo à frente.

— Então, tchau, Windle — disse, apertando a mão de pergaminho do velho. — O lugar não será o mesmo sem você.

— Não sei como conseguiremos nos virar — concordou o Tesoureiro, agradecido.

— Boa sorte na próxima vida — disse o Decano. — Faça uma visita, se estiver de passagem algum dia e se, sabe como é, por acaso se lembrar quem foi.

— Não seja um desconhecido, está bem? — pediu o arquirreitor. Windle Poons consentiu com a cabeça de modo cordial. Não ouviu o que eles diziam. Consentiu por princípio.

Os magos, todos juntos, voltaram-se para a porta.

A escotilha sob o 12 foi empurrada para cima, de novo.

— Bing, bing, bong, bing — disse o diabinho. — Bingely-bingely, bong, bing, bing.

— O quê? — o Tesoureiro levou um susto.

— Nove e meia — confirmou o diabinho.

Os magos voltaram-se para Windle Poons. Tinham um leve ar de acusação.

— Por que estão todos olhando? — ele perguntou.

O ponteiro dos segundos do relógio avançava com seu rangido.

— Como se sente? — perguntou o Decano, em voz alta.

— Nunca me senti melhor. Ainda sobrou um pouco daquele... Mmm... rum? Os magos reunidos observaram enquanto ele colocava uma porção generosa na sua caneca.

— Melhor ir devagar com essa coisa — aconselhou o Decano, nervoso.

— Saúde! — brindou Windle Poons.

O arquirreitor tamborilava com os dedos sobre a mesa.

— Senhor Poons — ele começou —, o senhor tem certeza... ? Windle saiu pela tangente.

— Se eu quero mais torterillas? Não chamaria isso de comida decente — disse, mergulhando pedaços de bolinho duro na pasta pegajosa. — O que isso tem de tão especial? Agora, eu queria mesmo era uma das famosas tortas de carne do senhor Dibbler... Então ele morreu.

O arquirreitor olhou para os colegas magos, depois foi até a cadeira de rodas na ponta dos pés e ergueu um pulso com veias azuis para verificar o batimento. Balançou a cabeça.

— Eu quero ir assim — observou o Decano.

— Como, resmungando algo sobre torta de carne? — perguntou o Tesoureiro.

— Não. Tarde.

— Espera aí, espera aí — interrompeu o arquirreitor. — Isso não está certo. De acordo com a tradição, Morte aparece pessoalmente para a morte de um mag...

— Talvez Ele estivesse ocupado — o Tesoureiro disse, rapidamente.

— Isso mesmo — concordou o Decano. — Está ocorrendo uma epidemia de gripe meio séria do outro lado de Quirm, ouvi dizer.

— Teve aquela tempestade feia, ontem à noite, também. Muitos naufrágios, sem dúvida — observou o Conferencista sobre Runas Recentes.

— E, obviamente, é primavera, período de muitas avalanches nas montanhas.

— E pestes.

O arquirreitor passou a mão na barba, pensativo: — Hmm.

Dentre todas as criaturas do mundo, os trolls são os únicos que acreditam que todas as coisas vivas passam pelo Tempo de trás para a frente. Se o passado é visível e o futuro, escondido, dizem, isso significa que você está virado para o lado errado. Tudo o que vive atravessa a vida de trás para a frente. Essa é uma ideia muito interessante, considerando-se que foi inventada por uma raça que passa a maior parte do tempo usando pedras para bater na cabeça uns dos outros.

Qualquer que seja a direção, o Tempo é algo que as criaturas vivas possuem. Morte galopava em meio a altas nuvens negras.

Agora, ele também tinha Tempo. Tempo de viver a vida.

Windle Poons tentava enxergar na escuridão.

—Alô? Alguém aí? Uh-hu? Ele ouviu um sussurro distante, melancólico, como o vento no fim de um túnel.

— Apareça, apareça, onde quer que esteja — disse, com um tremor louco de satisfação na voz. — Não se preocupe, estou bastante ansioso por este momento, pra dizer a verdade.

Windle bateu palmas com as mãos espirituais e esfregou-as com entusiasmo forçado.

— Anda logo. Tem gente precisando ir para uma vida nova. A escuridão permaneceu inerte. Não havia forma ou som algum. Apenas um vazio sem contornos. O espírito de Windle Poons andava pela superfície da escuridão. Ele balançou a cabeça.

— Chega dessa brincadeira — murmurou. — Isto não está certo. Vagou durante algum tempo e, depois, porque parecia não haver outra coisa a fazer, seguiu para o único lar que conhecia.

Era a casa que ele ocupara durante 130 anos. Ela não esperava seu retorno e ofereceu muita resistência. Era preciso ser muito determinado ou muito poderoso para dominar esse tipo de coisa, mas Windle Poons fora mago por mais de um século. Além disso, assemelhava-se a arrombar a própria casa, a velha propriedade já conhecida, na qual vivera havia anos. Você sabe qual é a janela metafórica que não fecha direito. Em resumo, Windle Poons voltou para Windle Poons.

Os magos não acreditam em deuses, assim como a maioria das pessoas não vê necessidade de acreditar em, digamos, mesas. Sabem que elas estão lá, sabem que há um propósito nisso, provavelmente concordariam que elas ocupam um lugar num universo bem organizado, mas não veriam motivos para acreditar e sair por aí dizendo: "O grande mesa, sem vós, nada somos". De todo modo, ou os deuses estão lá, quer acreditemos ou não, ou existem apenas como função da crença. Nos dois casos, podemos ignorar a coisa toda e, por assim dizer, comer com o prato no colo.

Ainda assim, há uma pequena capela ao lado do Grande Salão da Universidade porque, embora os magos sigam a filosofia esboçada acima, não dá para se tornar um mago bem-sucedido pegando no pé dos deuses, mesmo que esse pé só exista no sentido etéreo ou metafórico. Ainda que não acreditem em deuses, os magos sabem de fonte confiável que os deuses acreditam nos deuses.

Nessa capela jaz o corpo de Windle Poons. A Universidade estabelecera um período de 24 horas de corpo em câmara-ardente, após o caso constrangedor de 30 anos antes, com o falecido Prissal

"Traquinas Alegre" Teatar. O corpo de Windle Poons abriu os olhos. Duas moedas tiniram no chão de pedras.

As mãos, cruzadas sobre o peito, se soltaram.

Windle ergueu a cabeça. Algum idiota colocara um lírio sobre a sua barriga. Ele revirou os olhos para os lados. Havia uma vela de cada lado da sua cabeça. Ergueu a cabeça mais um pouco.

Havia outras duas velas mais para baixo, também.

Graças ao velho Teatar, pensou. Se não fosse por ele, eu já estaria olhando para a parte de dentro de uma tampa de pinho bem barata.

Engraçado, ponderou. Estou pensando. Com clareza.

Uau.

Windle se recostou e sentiu seu espírito encher o corpo novamente, como metal derretido e brilhante se espalhando em um molde. Pensamentos incandescentes arderam na escuridão do seu cérebro e lançaram neurônios preguiçosos à ação. Nunca foi assim quando eu estava vivo.

Mas não estou morto.

Nem vivo e nem morto.

Meio vivo-morto.

Ou morto-vivo.

Ai, droga...

Ele teve que admitir que poderia ter dito algo melhor. Ninguém coloca uma pessoa numa laje de pedra com velas e lírios ao redor porque achou que ela tinha um pouco de dor de cabeça e queria se deitar por uma meia hora.

Windle deu alguns passos para frente. Os magos mais próximos caíram uns sobre os outros no esforço para fugir dali.

— Eu estou morto, seu jovem idiota — murmurou. — Acha que ando por aí com essa aparência o tempo todo? Faça-me o favor! — Ele encarou os magos reunidos. — Alguém aqui sabe o que o baço tem que fazer? Ele alcançou a mesa e conseguiu se sentar.

— Provavelmente alguma coisa a ver com a digestão. Engraçado, você passa a vida toda com a maldita coisa fazendo tique-taque ou o que quer que ela faça, gorgolejando, sei lá, e nunca sabe pra que diabos serve. É como quando você está deitado na cama, à noite, e ouve o estômago ou sei lá o quê fazendo prippleipplegoinng. Pra você, é só um barulhinho estranho, mas quem sabe que processos químicos maravilhosamente complexos estão realmente ocorrendo...

— Você é um morto-vivo? — perguntou o Tesoureiro, quando conseguiu pôr as palavras para fora.

— Eu não pedi para ser — respondeu o finado Windle Poons, olhando para a comida com irritação e se perguntando que diabos ele tinha que fazer para transformar aquilo em Windle Poons.

— Só voltei porque não tinha outro lugar para ir. Acha que eu queria estar aqui? — Mas, certamente — começou o arquirreitor —, você... não conhece o camarada, aquele do crânio e da foice...

— Nunca o vi — negou Windle, em poucas palavras, examinando os pratos mais próximos. — É de matar mesmo essa coisa de estar morto-vivo. Os magos faziam sinais frenéticos uns para os outros por cima da cabeça dele. Ele ergueu a cabeça e os encarou.

— E não pensem que não estou vendo todos esses sinais frenéticos — disse. E ficou admirado ao perceber que era verdade. Os olhos que haviam visto os últimos 60 anos através de um véu pálido e indistinto tinham passado a funcionar como o equipamento óptico mais sofisticado.

Na verdade, duas correntes de pensamento ocupavam a mente dos magos da Universidade Invisível.

O que a maioria dos magos pensava: isso é terrível, é o velho Windle lá dentro, mesmo? Ele era um boboca tão amável, como vamos nos livrar dessa coisa? Como vamos nos livrar dessa coisa? O que Windle Poons pensava, no meio do zunido e das faíscas da cabine de comando do seu cérebro:: bem, é verdade. Existe vida após a morte. E é a mesma. Que sorte a minha.

— Bem, o que vocês vão fazer a respeito? Cinco minutos se passaram. Alguns dos magos mais experientes andavam apressados pelos corredores frios atrás do arquirreitor, cujo manto formava ondas. A conversa era a seguinte: — Tem que ser o Windle! Ele até fala como ele! — Não é o velho Windle. O velho Windle era muito mais velho! — Mais velho? Mais velho que morto? — Ele disse que quer o quarto de volta, e não vejo por que eu teria que sair...

— Vocês viram o olhar dele? Parece de lince! — Hã? Quê? Como assim? Igual ao do anão que trabalha na mercearia da rua do Cabo? — Quero dizer que é como se ele entrasse em você! — ... ele tem uma vista linda pros jardins e já mandei colocar todas as minhas coisas lá, não é justo...

— Isso já aconteceu alguma vez? — Bom, teve o velho Teatar...

— É, mas ele nunca chegou a morrer de verdade. Só costumava passar tinta verde no rosto, empurrar a tampa do caixão e gritar "Surpresa, surpresa..." — Nunca tivemos um zumbi aqui.

— Ele é um zumbi? — Acho que sim...

— Isso significa que tocará timbale e fará aquela dança tribal a noite toda, então? — Eles fazem isso? — O velho Windle? Não parece do estilo dele. Nunca gostou muito de dançar quando estava vivo...

— Ou seja, não dá pra confiar nesses deuses do vodu. Nunca confie num deus que sorri o tempo todo e usa cartola, esse é o meu lema.

—... nem morto vou abrir mão do meu quarto para um zumbi depois de ter esperado anos por ele...

— É mesmo? Que lema engraçado.

Windle Poons deu uma volta pelo interior do próprio cérebro mais uma vez. Coisa estranha, aquilo. Agora que estava morto, ou que não mais vivia, ou o que quer que seja, sua mente parecia mais clara do que nunca.

E o controle parecia ficar mais fácil também. Quase não tinha que se preocupar com a parte respiratória, o baço parecia funcionar de certo modo, os sentidos operavam a todo o vapor. Mas o sistema digestivo ainda era, em parte, um mistério. Ele olhou para si numa baixela de prata.

Ainda parecia morto. Rosto pálido, vermelho abaixo dos olhos. Um corpo morto. Funcionando, mas, ainda assim, basicamente morto. Aquilo era justo? Será que se tratava de uma recompensa adequada por ter acreditado na reencarnação com tanta firmeza

durante quase 130 anos? A gente volta como cadáver? Não é de admirar que os mortos-vivos sejam tradicionalmente tidos como criaturas muito nervosas.

Algo maravilhoso, se você pensar a longo prazo, estava prestes a acontecer. Se você considerar a curto ou médio prazo, algo horrível iria acontecer. É como a diferença entre ver uma bela estrela nova no céu de inverno e estar perto de uma supernova. Como a diferença entre a beleza do orvalho da manhã numa teia de aranha e ser uma mosca.

Era algo que normalmente aguardaria milhares de anos para acontecer. Estava prestes a acontecer agora.

Aconteceria atrás de um armário de cozinha em desuso, num porão deteriorado nas Sombras, a parte mais antiga e desconceituada de Ankh-Morpork. Plop.

Um som tão suave quanto o da primeira gota de chuva caindo sobre um século de poeira.

— Talvez pudéssemos fazer um gato preto atravessar o caixão.

— Ele não tem caixão! — gritou o Tesoureiro, cujo controle da própria sanidade parecia sempre levemente duvidoso.

— Ok, então compramos um belo caixão novo para ele e depois fazemos o gato preto atravessá-lo? — Não, isso é uma estupidez. Temos que fazê-lo atravessar a água.

— O quê? — Atravessar a água. Os mortos-vivos não conseguem.

Os magos, amontoados no escritório do arquirreitor, voltaram sua atenção fascinada para essa afirmação.

— Tem certeza? — perguntou o Decano.

— Fato muito conhecido — insistiu o Conferencista sobre Runas Recentes, categórico.

— Ele atravessava a água o tempo todo, quando vivo — observou o Decano, desconfiado.

— Mas não morto.

— É? Faz sentido.

— Água corrente — retificou o Conferencista sobre Runas Recentes, de repente.

— É água corrente. Desculpem. Eles não conseguem atravessar água corrente.

— Bom, eu também não consigo atravessar água corrente — disse o Decano.

— Morto-vivo! morto-vivo! — o Tesoureiro estava ficando meio descontrolado.

— Ah, pare de provocá-lo — pediu o Conferencista, dando tapinhas nas costas do homem, que já tremia.

— Bom, eu não consigo — continuou o Decano. — Eu afundo.

— Mortos-vivos não conseguem atravessar água corrente nem mesmo sobre uma ponte.

— E ele é o único, é? Ou teremos uma epidemia deles? — perguntou o Conferencista.

O arquirreitor tamborilou com os dedos sobre a mesa.

— Gente morta andando por aí é anti-higiênico.

Isso os silenciou. Até então, ninguém tinha visto a coisa dessa maneira. Mas Mustrum Ridcully era exatamente o tipo de homem que o faria. Mustrum Ridcully era, dependendo do ponto de vista, o pior ou o melhor arquirreitor que a Universidade Invisível tinha em

100 anos. Ocupava muito espaço, para começar. Não que fosse especialmente grande, mas tinha o tipo de personalidade enorme que cabe em qualquer espaço disponível. Ficava completamente bêbado no jantar, o que consistia num comportamento normal e aceitável para um mago. Mas depois voltava para o seu quarto, jogava dardos a noite toda e saía às cinco da manhã para caçar patos. Ele gritava com as pessoas. Tentava animá-las. E quase nunca usava mantos adequados. Convencera a senhora Whitlow, a temida empregada da Universidade, a fazer para ele uma espécie de terno largo, azul e vermelho, espalhafatoso. Duas vezes por dia, os magos ficavam pasmados ao vê-lo correr com determinação entre os prédios da Universidade, com o chapéu pontudo de mago amarrado firme por um barbante. Gritava para eles com animação, porque o fundamental para a constituição do caráter de pessoas como Mustrum Ridcully é a crença ferrenha de que as outras pessoas gostariam de fazer o que ele faz, caso tentassem.

— Talvez ele morra — diziam uns aos outros, esperançosos, ao vê-lo quebrar a crosta de gelo sobre o rio Ankh para um mergulho matinal. — Esses exercícios saudáveis não devem fazer bem a ele.

Histórias sempre surgiam no interior da Universidade. O arquirreitor havia lutado dois rounds sem luvas contra Detritus, o troll enorme e biscateiro do Tambor Remendado. O arquirreitor apostara uma queda de braço com o Bibliotecário e, embora tivesse perdido, permanecera com o braço. O arquirreitor queria que a Universidade formasse o seu próprio time de futebol para o grande campeonato da cidade, no Réveillon dos Porcos.

Do ponto de vista intelectual, Ridcully mantinha o cargo por duas razões. Uma era que ele nunca, jamais, mudava de opinião a respeito de qualquer coisa. A outra era que demorava alguns minutos para entender qualquer ideia que lhe fosse apresentada, e esse é um traço muito valioso num líder. Porque, se a pessoa ainda quer explicar qualquer coisa depois de dois minutos tentando, provavelmente se trata de algo muito importante. Quando desiste depois de mais ou menos um minuto, é quase certo que não deveria nem ter começado a perturbá-lo.

Parecia haver mais Mustrum Ridcully do que um corpo poderia acomodar de forma aceitável.

Plop. Plop.

No armário escuro do porão, uma prateleira inteira já estava cheia. Havia exatamente o tanto de Windle Poons que um corpo poderia acomodar, e ele o guiava com cuidado pelos corredores.

Nunca esperei isso, ele pensou. Não mereço isso. Houve um engano em algum lugar.

Sentiu uma brisa fresca no rosto e percebeu que cambaleara para o ar livre. A sua frente se encontravam os portões da Universidade, trancados. De repente, Windle Poons sentiu uma claustrofobia aguda. Esperara anos para morrer e agora que tinha morrido estava preso naquele... naquele mausoléu com muitos homens velhos e enlouquecidos, onde teria que passar o resto de sua vida morto. Bem, a primeira coisa a fazer era sair e arrumar um fim decente para si...

— 'Noite, seu Poons.

Ele se virou bem devagar e viu o pequeno vulto de Modo, o anão jardineiro da Universidade, que permanecia sentado no crepúsculo, fumando seu cachimbo.

— Oh, olá, Modo.

— O'Vi dizer que o senhor tinha sido morrido, seu Poons.

— É... Sim. Morri.

— Tô vendo que já tá melhor, então.

Poons concordou com a cabeça e olhou com desânimo para os muros ao redor. Os portões da Universidade eram trancados todos os dias, no pôr—do—sol, obrigando os alunos e funcionários a pular os muros. Ele duvidava muito de que seria capaz de fazer isso. Cerrou e abriu o punho. Ai, ai...

— Tem outro portão por aqui, Modo? — perguntou.

— Não, seu Poons.

— Bem, onde será que faremos um? — Perdão, seu Poons?

Houve um som de alvenaria torturada, seguido de um buraco no muro com vago formato de Poons. Windle estendeu a mão de volta para pegar o chapéu. Modo acendeu o cachimbo novamente. A gente vê muita coisa interessante neste emprego, pensou.

No beco, temporariamente fora do alcance da visão dos transeuntes, alguém chamado Reg Shoe, que estava morto, olhou para os dois lados, tirou um pincel e uma lata de tinta do bolso e escreveu na parede as palavras: MORTO, SIM! DEFUNTO, NÃO! ... e saiu correndo, ou pelo menos saiu cambaleando em alta velocidade. O arquirreitor abriu uma janela para a noite.

— Ouçam — disse. Os magos ouviram.

Um cachorro latiu. Em algum lugar, um ladrão assobiou e sua resposta veio de um telhado vizinho. Um pouco mais longe, um casal tinha um tipo de discussão que fazia com que as casas da maioria das ruas nas proximidades abrissem as janelas para ouvir e tomar nota. Esses eram apenas os temas principais, em contraste com o zunido e o murmúrio constantes da cidade. Ankh-Morpork ronronava noite adentro, a caminho da madrugada, como uma imensa criatura viva, embora isso fosse, é claro, apenas uma metáfora.

— Bem? — começou o Orador da Classe. — Não ouço nada de especial.

— É o que estou dizendo. Dúzias de pessoas morrem todos os dias, em Ankh-Morpork. Se todas comessem a voltar, como o pobre Windle, não acha que daria para saber? O lugar estaria uma balbúrdia. Mais balbúrdia que de costume, quero dizer.

— Há sempre algum morto-vivo por perto — observou o Decano, em dúvida. — Vampiros, zumbis, banshees³ e por aí vai.

— Sim, mas são mortos-vivos de forma mais natural — disse o arquirreitor. — Eles sabem como levar a coisa. [3] Nasceram para isso.

— Não se pode nascer para ser morto-vivo — discordou o Orador da Classe. [4]

— Sim, mas é uma tradição — insistiu o arquirreitor, exaltado. — No lugar onde fui criado havia alguns vampiros bastante respeitáveis. Estavam na família havia séculos.

— É, mas eles bebem sangue — disse o Orador da Classe. — Isso não me parece muito respeitável.

— Eu li que, na verdade, não precisam do sangue — explicou o Decano, ansioso para ajudar. — Só precisam de uma coisa que está no sangue. Acho que se chama hemoglobina.

Os outros magos olharam para ele. O Decano deu de ombros.

— Sei lá. É hemo-goblin? É o que eu li. Tem a ver com essa história de as pessoas terem ferro no sangue.

— Tenho certeza de que no meu sangue não tem nenhum goblin de ferro — disse o Orador da Classe.— Pelo menos são melhores que os zumbis — continuou o Decano. — Uma classe de pessoas muito melhor. Os vampiros não ficam se arrastando por aí o tempo todo.

— Sabia que as pessoas podem se transformar em zumbis? — observou o Conferencista sobre Runas Recentes, num tom descontraído. — Nem é preciso usar magia. Basta o fígado de certo tipo raro de peixe e o extrato de um tipo específico de raiz. Uma colher disso e, quando você acorda, é um zumbi.

— Que tipo de peixe? — perguntou o Orador da Classe.

— Como é que eu vou saber? — Como é que alguém vai saber, então? — disse o Orador da Classe, malcriado.

— Será que alguém acordou um dia e disse: Ei!, tive uma ideia, vou transformar alguém em zumbi, só preciso de um peixe raro e um pedaço de raiz, é só uma questão de encontrar a combinação certa? Veja a fila do lado de fora da cabana. Número 94, fígado de peixe listrado vermelho com raiz de maníaco... não funcionou. Número 95, fígado de peixe-espinho com raiz de dum-dum... não funcionou. Número 96...

— Do que você está falando? — perguntou o arquirreitor.

— Apenas chamava a atenção para a inverossimilhança intrínseca da...

— Cala a boca — interrompeu o arquirreitor, num tom trivial.

— Me parece... me parece... Olha, a morte deve estar acontecendo, certo? A morte tem que acontecer. É isso o que significa estar vivo. Você está vivo e depois está morto. Simplesmente não pode parar de acontecer.

— Mas não apareceu para Windle — observou o Decano.

— Ela acontece o tempo todo — continuou Ridcully, ignorando—
o. — Todo tipo de coisa morre o tempo todo. Até vegetais.

— Mas eu acho que Morte nunca apareceu para uma batata — insistiu o Decano, duvidoso.

— A morte vem para todas as coisas — decretou o arquirreitor, categoricamente. Os magos concordaram por prudência.

Depois de algum tempo, o Orador da Classe disse: — Sabia que eu li outro dia que cada átomo do nosso corpo é substituído a cada sete anos? Átomos novos são anexados e os velhos vão caindo. Acontece o tempo todo. Maravilhoso, realmente.

O Orador da Classe conseguia fazer com uma conversa o que só uma calda de rapadura bem grossa consegue fazer com as engrenagens de um relógio de precisão.

— É? E o que acontece com os velhos? — perguntou Ridcully, sem controlar a curiosidade.

— Sei lá. Ficam só flutuando pelo ar, acho. Até se anexarem a outra pessoa. O arquirreitor se sentiu ofendido.

— O quê, até aos magos? — Ah, sim. Todo mundo. Faz parte do milagre da existência.

— Faz? Parece falta de higiene, pra mim. Imagino que não exista um meio de impedir isso? — Eu diria que não — respondeu o Orador da Classe, hesitante. — Acho que não se deve impedir os milagres da existência.

— Mas isso significa que todas as coisas são feitas de todas as outras coisas.

— Sim. Não é impressionante?.

— É asqueroso, isso sim — disse Ridcully. — Bom, o que estou querendo dizer... o que estou querendo dizer... — Ele fez uma pausa para tentar se lembrar. — Não se pode simplesmente abolir a morte, essa é a questão. Morte não pode morrer. É como pedir a um escorpião para picar a si mesmo.

— Para dizer a verdade — começou o Orador da Classe, sempre com uma informação conveniente à mão —, é possível fazer com que um escorpião...

— Cala a boca — interrompeu o arquirreitor.

— Mas não podemos ficar com um mago vivo-morto vagando por aí — disse o Decano. — É impossível saber o que ele pode colocar na cabeça e fazer. Temos que... impedi-lo. Para o seu próprio bem.

— Isso mesmo — concordou Ridcully. — Para o seu próprio bem. Não deve ser tão difícil. Deve haver dezenas de maneiras de lidarmos com um morto-vivo.

— Alho — observou o Orador da Classe, num tom trivial.

— Mortos-vivos não gostam de alho.

— Não os culpo. Não suporto esse troço — disse o Decano.

— morto-vivo! morto-vivo! — exclamou o Tesoureiro, apontando com um dedo acusador. Eles o ignoraram.

— É, e tem os itens sagrados — continuou o Orador da Classe.

— O morto-vivo básico vira pó só de olhar para eles. E não gosta da luz do dia. Na pior das hipóteses, deve-se enterrá-lo numa encruzilhada. Isso é infalível. Aí você enfia uma estaca no peito dele para se certificar de que não vai mais levantar.

— Alho no peito — disse o Tesoureiro.

— Bom, sim. Acho que você pode colocar alho no peito dele — consentiu o Orador da Classe, relutante.

— Acho que não se deve colocar alho num bom peito de frango — divagou o Decano. — Só um pouco de óleo e tempero.

— Pimentão vermelho é ótimo — concordou o Conferencista sobre Runas Recentes, feliz.

— Calem a boca — disse o arquirreitor.

Plop.

As dobradiças da porta do armário finalmente cederam, derramando seu conteúdo pelo recinto.

O sargento Colon, da Guarda Municipal de Ankh-Morpork, estava a serviço. Ele guardava a Ponte de Latão, principal ligação entre Ankh e Morpork. Protegia-a de roubos. Quando se tratava de prevenção de crimes, o sargento Colon achava mais seguro pensar grande.

Havia uma escola de pensamento que acreditava que a melhor forma de se obter reconhecimento como um guardião sagaz da lei, em Ankh-Morpork, seria patrulhando as ruas e becos, subornando informantes, seguindo suspeitos e coisas do tipo. O sargento Colon

cabulou essa aula. Não, ele se apressava em dizer, porque tentar reduzir o crime em Ankh-Morpork era como tentar reduzir o sol no mar, e o único reconhecimento que qualquer guardião da lei chegaria a receber seria aquele do tipo: "Ei, aquele corpo na sarjeta não é o velho sargento Colon?" O oficial da lei inteligente, moderno e empreendedor deve estar sempre um pulo à frente do criminoso contemporâneo. Um dia, alguém certamente tentaria roubar a Ponte de Latão e encontraria o sargento Colon bem ali, esperando por ele.

Enquanto isso, ela proporcionava um local tranquilo e sem vento onde ele podia fumar sossegado e provavelmente não veria nada que o perturbasse. Ele apoiou os cotovelos no parapeito, pensando vagamente na Vida. Um vulto saiu cambaleando da névoa. O sargento Colon reconheceu o chapéu pontudo familiar de um mago.

— Boa noite, seu guarda — o dono do chapéu disse, com a voz rouca.

— Dia, vos'senhoria.

— Poderia fazer a gentileza de me ajudar a subir no parapeito, seu guarda? O sargento Colon hesitou. Mas o sujeito era um mago. Negar ajuda a um mago poderia causar sérios problemas a qualquer um.

— Vos'senhoria tá tentando alguma magia nova? — perguntou, animado, ajudando o corpo magro, porém inesperadamente pesado, a subir nas pedras caindo aos pedaços.

—Não.

Windle Poons pulou da ponte. Houve o ruído de algo batendo na lama. [5] O sargento Colon olhou para baixo e viu as águas do Ankh voltando a se fechar lentamente.

Esses magos. Sempre aprontando alguma.

Ele ficou observando durante certo tempo. Após alguns minutos, houve uma perturbação na espuma e nos entulhos perto da base de um dos pilares da ponte, aonde um lance de escada gorduroso ia até a água.

Apareceu um chapéu pontudo.

O sargento Colon ouviu o mago subir lentamente pela escada, xingando em voz baixa.

Windle Poons alcançou a parte de cima da ponte mais uma vez. Estava encharcado.

— Melhor o senhor se trocar — aconselhou o sargento Colon. — Pode até morrer, se ficar andando por aí desse jeito.

—He! — Coloque os pés na frente de uma boa fogueira, é o que eu faria.

— He! O sargento Colon olhou para Windle Poons em sua poça particular.

— Vos'senhoria tá tentando algum tipo especial de magia subaquática? — arriscou.

— Não exatamente, seu guarda.

— Sempre me perguntei como seria debaixo d'água — começou o sargento Colon, num tom animador. — O mistério das criaturas estranhas, profundas e maravilhosas... Minha mãe me contou uma história sobre um garotinho que se transformou numa sereia... bom... não uma sereia... e viveu um monte de aventuras no fundo do m... Sua voz foi enfraquecendo diante do olhar fixo de Windle Poons.

— História chata — disse Windle. Ele se virou e foi andando aos trancos, desaparecendo na névoa. — Muito, muito chata. Realmente muito chata. O sargento Colon ficou sozinho. Acendeu um cigarro novo com a mão trêmula e saiu correndo na direção da sede da Guarda.

— Aquele rosto — disse a si mesmo. — E aqueles olhos... iguaizinhos aos do fulano... como é se que chama o maldito anão que tem uma mercearia na rua do Cabo...

— Sargento! Colon ficou paralisado. Depois baixou a cabeça. Um rosto olhava para ele de baixo, no nível do chão. Quando conseguiu se controlar, reconheceu as feições pronunciadas do seu velho amigo, Dibbler Cava-a-Própria-Cova, o argumento falante e ambulante do Discworld a favor da teoria de que a humanidade descende de uma espécie de roedor. Dibbler C. A. P. C. gostava de se descrever como um comerciante aventureiro. Todas as outras pessoas gostavam de descrevê-lo como um biscateiro itinerante cujos esquemas para ganhar dinheiro sempre iam por água abaixo devido a falhas pequenas, porém vitais, como: tentar vender coisas que não são dele ou que não funcionam ou, às vezes, nem existem. Sabe-se que castelos de areia desmoronam facilmente, mas eles são lajes de concreto reforçado se comparados a algumas das mercadorias de Cova.

Ele se encontrava sobre os degraus mais baixos de uma escada que dava num dos inúmeros porões de Ankh-Morpork.

— Olá, Cova.

— Poderia descer aqui um minuto, Fred? Preciso de um auxílio jurídico.

— Problemas, Cova? Dibbler coçou o nariz.

— Bem, Fred... É crime ganhar algo de alguém? Quer dizer, sem saber que está ganhando? — Alguém andou te dando alguma coisa, Cova? Cova fez que sim com a cabeça.

— Não sei. Você sabe que guardo mercadorias aqui embaixo, certo? — Sim.

— Sabe, só desci para fazer um levantamento do estoque e... — Ele balançou a mão, sem saber o que fazer. — Bem... dá uma olhada...

Ele abriu a porta do porão. Na escuridão, algo fez plop.

Windle Poons arrastava-se sem rumo por um beco escuro nas Sombras, braços estendidos à frente, mãos caídas. Ele não sabia por quê. Simplesmente parecia ser a maneira certa de sair por aí.

Pular de um prédio? Não, isso não daria certo também. Já era difícil andar, do jeito que as coisas estavam, e duas pernas quebradas não ajudariam. Veneno? Ele imaginava que seria como ficar com uma dor de estômago muito forte. Força? Ficar pendurado provavelmente seria mais chato que ficar parado no fundo do rio. Chegou a um pátio fétido, onde vários becos se encontravam. Os ratos fugiram dele. Um gato soltou um miado agudo e saiu correndo pelos telhados. Quando permanecia parado, se perguntando onde estava, por que estava e o que aconteceria em seguida, sentiu a ponta de uma faca na espinha.

— Ok, vovô — disse uma voz atrás dele —, é o dinheiro ou a vida. — No escuro, a boca de Windle Poons formou um sorriso horroroso. — Não estou de brincadeira, velho.

— Você é filiado ao Grêmio dos Ladrões? — perguntou Windle, sem se virar.

— Não, nós somos... free-lance. Anda, queremos ver a cor do seu dinheiro.

— Não tenho nenhum — respondeu Windle. Ele se virou. Havia mais dois assaltantes.

— Pelos deuses, olha os olhos dele — disse um deles. Windle ergueu os braços acima da cabeça.

— Ooooooooooh — ele gemeu.

Os assaltantes recuaram. Infelizmente, havia um muro atrás deles, onde se achataram.

— OoooOOOOoooo sai da minha frente ooooOOO — disse Windle, que não percebera que o único caminho de fuga era através dele. Revirou os olhos para dar um efeito melhor.

Enlouquecidos de pavor, os pretensos agressores mergulharam sob os seus braços, mas só depois que um deles enfiou a faca até o punho no peito de pombo de Windle. Ele baixou a cabeça para ver.

— Ei! Este era o meu melhor manto! Eu queria ser enterrado com... olha isso! Sabe como é difícil remendar seda? Voltem aqui... olha, bem onde aparece... Ele ouviu. Não havia som algum a não ser o dos passos de fuga distantes e apressados.

Windle Poons retirou a faca.

— Podia ter me matado — murmurou, jogando-a no chão.

No porão, o sargento Colon apanhou um dos objetos amontoados pelo chão.

— Deve haver milhares — observou Cova, atrás dele. — O que eu quero saber é: quem os colocou aqui? [6] O sargento Colon

revirava o objeto nas mãos.

— Nunca vi uma coisa dessas antes — disse. Ele o chacoalhou. Seu rosto se iluminou. — Lindos, não? — A porta estava trancada. E já estou em dia com o Grêmio dos Ladrões. Colon chacoalhou a coisa mais uma vez.

— Que beleza.

— Fred?? Fascinado, Colon observava os floquinhos de neve caindo dentro do pequeno globo de vidro. — Hã? — O que eu devo fazer? — Sei lá. Acho que eles são seus, Cova. Só não consigo imaginar por que alguém ia querer se livrar deles.

Ele se virou para a porta. Cova se colocou no seu caminho.

— Então, são 12 centavos — disse tranquilamente.

— O quê? — Pelo que acabou de colocar no bolso, Fred. Colon retirou o globo do bolso.

— Tenha dó! — protestou. — Acabou de encontrá-los aqui! Não lhe custaram um centavo! — É, mas tem a estocagem... embalagem... manuseio...

— Dois centavos — ofereceu Colon, desesperado.

— Dez centavos.

— Três centavos.

— Sete centavos, e eu tô cavando minha própria cova, veja bem.

— Fechado — concordou o sargento, relutante. E balançou o globo mais uma vez.

— São lindos, não? — Valem cada centavo — disse Dibbler. Ele esfregou as mãos com expectativa.

— Devem vender feito bolinho quente — animou— se e pegou um punhado deles para pôr dentro de uma caixa.

Trancou a porta depois que saíram. No escuro, algo fez plop. Ankh-Morpork sempre teve a admirável tradição de receber bem todas as raças, cores e formas, desde que tenham dinheiro para gastar e a passagem de volta. De acordo com a famosa publicação do Grêmio dos Mercadores, *Benvindus a Ankh-Morporke, a Cidadi di Mil Surpresas, " você o visitante terá uma Recepção Caloroza garantida nas inúmeras Ospedarias e albergues da Cidadi Antiga, onde muitos são espessializados em sastifazer o gosto do óspede de lugar distante. Então se você é Home, Trolle, Anãum, Goblin ou Guinomo, Ankh-Morporke fará á você um brinde festivo e dirá: Saúde! Estão de olho em, você garota! Um brinde pela, sua Felicidade!"* Windle Poons não sabia aonde os mortos-vivos iam para se divertir. Tudo o que sabia, e sabia com certeza, era que, se havia algum lugar em que poderiam se divertir, provavelmente seria Ankh-Morpork.

Seus passos desajeitados o levaram cada vez mais para dentro das Sombras. Mas agora não pareciam mais tão forçados.

Durante mais de um século, Windle Poons vivera dentro dos muros da Universidade Invisível. Em termos de anos acumulados, pode ter vivido muito tempo. Em termos de experiência, tinha cerca de 13 anos.

Ele via, ouvia e cheirava coisas que nunca vira, ouvira ou cheirara antes. As Sombras eram a parte mais antiga da cidade. Se fosse possível fazer uma espécie de mapa geográfico do pecado, da perversidade e da imoralidade ao redor, parecido com aquelas

representações do campo gravitacional em volta de um Buraco Negro, mesmo ficando em Ankh-Morpork, as Sombras seriam representadas por um poço. Na verdade, era notável a semelhança entre as Sombras e o fenômeno astronômico bastante conhecido mencionado acima: exerciam forte atração, nenhuma luz saía de lá e podiam se tornar um portal para outro mundo. O próximo.

As Sombras constituíam uma cidade dentro de uma cidade.

As ruas eram apinhadas. Vultos encapotados passavam com movimentos dissimulados, preocupados apenas com seus próprios negócios. Uma música estranha saía de escadarias profundas, acompanhada de odores intensos e estimulantes. Poons passou por mercearias de goblins e bares de anões, dos quais vinham sons de cantorias e brigas, coisas que os anões tradicionalmente faziam ao mesmo tempo. E havia trolls andando na multidão como... como pessoas grandes andando no meio de pessoas pequenas. Eles também não andavam sem firmeza.

Até então, Windle tinha visto trolls apenas nas áreas mais finas da cidade, [7] onde andavam com sua clava tomando um cuidado exagerado para não acertar, matar e comer ninguém sem querer. Nas Sombras, andavam a passos largos, sem medo e com a cabeça tão erguida que ficava quase acima dos ombros.

Windle Poons vagava no meio da multidão feito uma bola de pinball lançada ao acaso. Aqui, uma rajada de som e fumaça saía de um bar o fez dar a volta e retornar para a rua. Ali, uma porta discreta que prometia prazeres incomuns e proibidos o atraiu como um ímã. A vida de Windle Poons não tivera prazeres nem muito comuns, nem permitidos. Ele nem tinha certeza do que eram. Alguns

desenhos ao lado de uma porta convidativa com uma luz cor-de-rosa o deixaram ainda mais iludido, mas incrivelmente ansioso para descobrir. Ele virava de um lado para o outro com uma perplexidade satisfeita. Que lugar! A apenas dez ou quinze minutos da Universidade, andando aos trancos! E nunca soube que estava lá! Todas essas pessoas! Todo esse barulho! Toda essa vida! Diversas pessoas de várias formas e espécies trombaram com ele. Uma ou duas começaram a dizer alguma coisa, fecharam a boca rápido e saíram correndo. Elas ficaram pensando... seu olhar! Parece de Lince! Depois, uma voz nas sombras disse: — Olá, garotão. Quer se divertir? — Ah, sim! — disse Windle Poons, perdido de tão maravilhado. — Ah, sim! Sim! Ele se virou.

— Cruz-credo! — E ouviu o som de alguém correndo pelo beco. Windle ficou desanimado.

A vida, obviamente, era apenas para os vivos. Talvez essa coisa de voltar para o corpo tenha sido um erro, no fim das contas. Fora tolo de pensar o contrário. virou-se e, sem se preocupar se o coração batia ou não, voltou para a Universidade.

Windle foi se arrastando pelo pátio até o Grande Salão. O arquirreitor saberia o que fazer...

— Lá está ele! — É ele! — Pega ele! A sequência de ideias de Windle caiu num precipício. Ele olhou ao redor e viu cinco rostos vermelhos, preocupados e, acima de tudo, familiares.

— Ah, olá, Decano — disse, com tristeza. — E esse é o Orador da Classe? Ah, e o arquirreitor, e este é...

— Segura o braço dele! — Não olhe nos olhos dele! — Segura o outro braço! — Isto é para o seu próprio bem, Windle! — Não é

Windle! É uma criatura da Noite! — Posso lhe garantir...

— Pegou as pernas? — Peguem a perna! — Peguem a outra perna! — Pegaram tudo? — urrou o arquirreitor. Os magos confirmaram com a cabeça. Mustrum Ridcully enfiou a mão nas enormes reentrâncias do seu manto.

— Certo, demônio em forma de gente — sussurrou —, o que você acha disso, hein? Arrá! Windle apertou os olhos para ver o pequeno objeto colocado debaixo do seu nariz num gesto triunfal.

— Bem, é... — começou, constrangido. — Eu diria... sim... hum... sim, o cheiro é bem característico, não é? Sim, definitivamente. *Allium sativum*. O alho doméstico comum. Certo? Os magos olharam fixamente para ele. Olharam para o dentinho de alho branco. E para Windle novamente.

— Estou certo, não estou? — perguntou e deu uma tentativa de sorriso.

— E... — começou o arquirreitor. — Sim. Sim, está certo.

— Ridcully olhou em volta, procurando algo mais para dizer.

— Muito bem.

— Obrigado pela tentativa — agradeceu Windle. — Fico muito grato, mesmo.

— Ele deu um passo à frente. Para os magos, teria sido como tentar deter uma geleira. — Agora, vou me deitar um pouco. O dia foi longo.

Cambaleou para dentro do prédio e foi rangendo pelos corredores até chegar ao seu quarto. Parecia que outra pessoa havia transferido algumas coisas para lá, mas Windle resolveu o problema

simplesmente pegando tudo com o braço e jogando no corredor. Depois se deitou na cama.

Dormir. Bom, sentia-se cansado. Era um bom começo. Mas dormir significava deixar de lado o controle, e ele ainda não tinha certeza de que todos os sistemas estivessem completamente funcionais.

De todo modo, pensando bem, precisava realmente dormir? Afinal, estava morto, o que deveria ser igual a dormir, mas ainda mais eficiente. Dizem que morrer é como dormir, só que, se não tomar cuidado, alguns pedaços podem apodrecer e cair. O que se faz ao dormir, afinal? Sonhar... Isso não era uma questão de organizar as lembranças ou algo assim? Como é que se fazia isso? Ele ficou olhando para o teto.

— Nunca pensei que estar morto desse tanto trabalho — comentou em voz alta. Depois de algum tempo, um rangido fraco porém insistente fez com que virasse a cabeça.

Acima da lareira havia uma vela ornamental presa a um suporte na parede. Era uma parte da mobília tão conhecida que Windle não reparava nela havia 50 anos. Ela estava se desatarraxando. Girava lentamente, rangendo a cada volta. Depois de meia dúzia de voltas, caiu com tinido no chão.

Os fenômenos inexplicáveis não eram pouco comuns no Disco. [8] Mas geralmente faziam mais sentido, ou pelo menos eram mais interessantes. Nenhuma outra coisa parecia estar prestes a sair do lugar. Windle relaxou e voltou a organizar as lembranças. Havia coisas que ele esquecera completamente. Houve um breve sussurro do lado de fora e, em seguida, a porta se abriu de súbito...

— Segurem as pernas! Segurem as pernas! — Prendam os braços! Windle tentou se sentar.

— Oh, olá, pessoal. Qual é o problema? O arquirreitor, ao pé da cama, remexeu num saco e retirou um objeto grande e pesado. Ele o segurou no alto.

— Arrá! Windle tentou enxergar o que era.

— Sim? — perguntou, tentando ajudar.

— Arrá — repetiu o arquirreitor, mas com menos convicção.

— Isso é um machado de cabo duplo simbólico do culto ao Cego Io — disse Windle.

O arquirreitor olhou para ele com expressão de espanto.

— É... sim, isso mesmo. — Ele o jogou para trás, quase removendo a orelha esquerda do Decano, e enfiou a mão no saco mais uma vez.

— Arrá! — Isso é um exemplar bastante admirável do Dente Místico de Offler, o Deus Crocodilo.

— Arrá! — E isso é um... deixem-me ver... sim, é o conjunto sagrado de Patos Voadores de Ordpor o Sem Gosto. Ora, isto é divertido! — Arrá.

— Isso é... não fala, não fala... isso é o sagrado linglong do famigerado culto Sootee, não é? — Arrá? — Acho que um é o peixe de três cabeças da religião do peixe de três cabeças de Howanda.

— Isto é ridículo — desistiu o aqui—reitor, largando o peixe. Os magos ficaram desanimados. Os objetos religiosos não eram mesmo uma cura tão infalível para os mortosvivos.

— Sinto muito por estar causando tanto transtorno — desculpou-se Windle. O Decano ficou radiante de repente.

— Luz do dia! — lembrou-se, animado. — Resolverá o assunto!
— Peguem a cortina! — Peguem a outra cortina! — Um, dois, três...
já! Windle piscou diante da luz do sol invasiva. Os magos prenderam a respiração.

— Sinto muito. Parece que não funcionou. Eles desanimaram novamente.

— Não está sentindo nada?. — perguntou Ridcully.

— Nenhuma sensação de se desfazer, virar pó e ser levado pelo vento? — insistiu o Orador da Classe, esperançoso.

— Meu nariz tende a descascar quando fico no sol por muito tempo. Não sei se isso ajuda alguma coisa. — Ele tentou sorrir.

Os magos olharam uns para os outros e deram de ombros.

— Saiam — disse o arquirreitor. Eles se retiraram às pressas. Ridcully os seguiu. Ele parou à porta e apontou o dedo para Windle.

— Essa atitude antiooperativa, Windle, não está fazendo nada bem a você — sentenciou, e bateu a porta.

Após alguns segundos, os quatro parafusos que seguravam a maçaneta da porta se desenroscaram lentamente. Eles se ergueram, orbitaram perto do teto por alguns segundos e caíram.

Windle ficou pensando nisso durante algum tempo.

Lembranças. Tinha muitas. Cento e trinta anos de lembranças. Quando vivo, não era capaz de lembrar um centésimo das coisas que sabia, mas agora, morto — com a mente vazia de tudo, exceto pela única e clara linha de pensamento —, podia sentir que permanecia tudo lá. Tudo o que lera, tudo o que vira, tudo o que escutara. Tudo lá, agrupado em fileiras. Nada esquecido. Tudo em seu lugar.

Três fenômenos inexplicáveis em um dia. Quatro, se incluísse o fato de que ainda existia. Isso era realmente inexplicável.

E precisava de explicação.

Bom, era problema de outra pessoa. Tudo, agora, era problema de outra pessoa. Os magos encontravam-se agachados perto da porta do quarto de Windle.

— Pegaram tudo? — perguntou Ridcully.

— Por que não podemos pedir a alguns dos empregados que façam isso? — resmungou o Orador da Classe. — Isso não é digno.

— Porque quero que seja feito direito e com dignidade — disse o arquirreitor, num tom brusco. — Se um mago será enterrado numa encruzilhada, com uma estaca atravessada, magos é que têm que fazer isso. Afinal, nós somos seus amigos.

— O que é isso, afinal de contas? — perguntou o Decano, examinando a ferramenta na sua mão.

— Chama-se pá — respondeu o Orador da Classe. — Já vi os jardineiros usando. Você enfia a ponta afiada no solo. Depois entram os detalhes técnicos. Ridcully espiou pelo buraco da fechadura.

— Ele está deitado de novo — disse e se levantou, tirando a poeira dos joelhos. Segurou a maçaneta da porta. — Certo. Conte comigo. Um... dois... Modo, o jardineiro, empurrava com pressa um carrinho de mão cheio de restos de arbustos até uma fogueira, atrás do novo prédio de pesquisas para Magia de Alta Energia, quando meia dúzia de magos passaram em alta velocidade, em se tratando de magos. Windle Poons era carregado no alto.

Modo o ouviu dizer: — Arquirreitor, tem certeza de que desta vez dará certo... ? — Estamos fazendo o máximo para ajudá-lo —

respondeu Ridcully.

— Tenho certeza de que sim, mas...

— Logo se sentirá como antes — tentou animá-lo o Tesoureiro.

— Não se sentirá, não — sussurrou o Decano. — Essa é justamente a questão! — Logo não se sentirá mais como antes, essa é justamente a questão — gaguejou o Tesoureiro, quando viraram a esquina.

Modo segurou os braços do carrinho-de-mão novamente e o empurrou para a frente pensativo, em direção à área isolada onde estavam sua fogueira, seus montes de adubo, sua pilha de folhas secas e a pequena barraca em que ficava quando chovia. Ele tinha sido jardineiro assistente no palácio, mas o emprego atual era muito mais interessante. Dava para apreciar mais a vida.

A sociedade de Ankh-Morpork é uma sociedade das ruas. Há sempre algo interessante acontecendo. Naquele momento, o condutor de uma carroça de frutas de dois cavalos segurava o Decano pelo cangote do seu manto, deixando-o a uma altura de 15 centímetros do chão, e ameaçava empurrar o rosto do Decano até a parte de trás da sua cabeça.

— São pêssegos, certo? — berrava sem parar. — Você sabe o que acontece com pêssegos que ficam muito tempo parados num lugar? Ficam amassados. Muitas coisas por aqui vão ficar amassadas.

— Sou um mago, sabia? — observou o Decano, com os sapatos pontudos balançando. — Se não fosse pelo fato de ser contra as regras eu usar magia em qualquer situação que não seja por pura defesa, você estaria definitivamente em apuros.

— O que fará, então? — perguntou o condutor, baixando o Decano para ele poder olhar para trás desconfiado.

— É — disse um homem que tentava controlar os cavalos que puxavam uma carroça com madeira. — O que é que tá acontecendo? Tem gente aqui que recebe por hora! — Vamos se mexendo aí na frente! O condutor da carroça de madeira se virou no seu assento e falou para a fila de carroças atrás dele.

— Eu tô tentando. Não é minha culpa, é? Tem um bando de magos cavando no meio da maldita rua! O rosto cheio de lama do arquirreitor apareceu logo acima da beira do buraco.

—Ah, pelo amor dos deuses, Decano, eu lhe disse para resolver o problema! — Sim, eu estava justamente pedindo a este cavalheiro para recuar e ir por outro caminho — respondeu o Decano, com receio de que estivesse começando a sufocar. O vendedor de frutas o virou para que pudesse ver as ruas abarrotadas.

—Já tentou fazer 60 carroças recuarem de uma vez? — perguntou. — Não é fácil. Especialmente quando vocês conseguem fazer as carroças pararem por todo o quarteirão e ninguém consegue se mexer porque tá todo mundo bloqueando o caminho de todo mundo. Certo? O Decano tentou concordar com a cabeça. Ele se questionara sobre o bom senso de se cavar um buraco no cruzamento da rua dos Pequenos Deuses com a Via Ampla, duas das ruas mais movimentadas de Ankh-Morpork. Parecera lógico, na hora. Até o vivo— morto mais persistente ficaria devidamente enterrado sob aquele volume de tráfego. O único problema é que ninguém pensara seriamente sobre a dificuldade de se cavar em duas ruas principais durante o horário de maior movimento no dia.

— Está bem, está bem, o que está acontecendo aqui? A multidão de espectadores abriu passagem para a figura volumosa do sargento Colon. Ele passou entre as pessoas de um jeito que era impossível pará-lo, com a barriga à frente. Quando viu os magos, imersos até a cintura num buraco no meio da avenida, seu enorme rosto vermelho se iluminou.

— O que é isso, afinal? Uma gangue internacional de ladrões de encruzilhadas? Ele estava cheio de satisfação. Sua estratégia de policiamento no longo prazo dava certo! O arquirreitor virou uma pá cheia de argila de Ankh-Morpork sobre as suas botas.

— Não seja tolo, homem — gritou. — Isto é de importância vital.

— Ah, sim. É o que todos dizem — desdenhou o sargento Colon, homem que não é facilmente desviado de uma rota de pensamento, uma vez que tenha aquecido os neurônios. — Aposto que há centenas de aldeias em lugares bárbaros como Klatch que pagariam um bom dinheiro por belas encruzilhadas de prestígio como esta, hein? Ridcully ergueu a cabeça e olhou para ele com o queixo caído.

— O que é que você está tagarelando aí, guarda? — perguntou, apontando seu chapéu pontudo com irritação. — Não me ouviu? Somos magos. Isto é assunto de mago. Então, se puder direcionar o tráfego para dar a volta ao redor de nós, há um bom rapaz...

—... esses pêssegos amassam só de olhar para eles... — disse uma voz atrás do sargento Colon.

— Esses velhos idiotas estão nos segurando há mais de meia hora — reclamou um condutor de gado que perdera havia muito tempo o controle de 40 novilhos, que agora andavam sem rumo

pelas ruas próximas. — Tomara que eles sejam presos. O sargento se deu conta de que havia se colocado, sem perceber, no centro do palco de um drama envolvendo centenas de pessoas, algumas das quais eram magos, e todas elas nervosas.

— O que estão fazendo, então? — perguntou, sem muita firmeza.

— Estamos enterrando um colega. O que parece? — respondeu Ridcully. Os olhos de Colon viraram-se para um caixão aberto ao lado da rua. Windle Poons deu-lhe um breve aceno.

— Mas... ele não está morto... está? — perguntou, com a testa franzida, tentando entender a situação.

— As aparências enganam — disse o arquirreitor.

— Mas ele acabou de acenar para mim — insistiu o sargento, desesperado.

—E... ? — Bem, não é normal um...

— Está tudo bem, sargento — interrompeu Windle. O sargento Colon se aproximou do caixão.

— Não o vi atirando-se no rio, ontem à noite? — perguntou, com o canto da boca.

— Sim, Você foi bastante prestativo.

— E depois você meio que se jogou para fora novamente — continuou o sargento.

— Infelizmente, sim.

— Mas você ficou lá embaixo um tempão.

— Bom, estava muito escuro, sabe. Não conseguia encontrar os degraus. O sargento Colon teve que admitir a lógica do argumento.

— Bom, suponho que esteja morto, então. Ninguém que não estivesse morto conseguiria ficar lá embaixo.

O Orador da Classe pôs a cabeça para fora do buraco.

— Sabe-se que um corpo morto pode se mexer e fazer barulhos depois da morte, sargento — ele entrou na conversa. — É tudo uma questão de espasmo muscular involuntário.

— Na verdade, o Orador da Classe está certo — disse Windle Poons. — Li isso em algum lugar.

— Oh. — O sargento Colon olhou à sua volta. — Certo — concordou, num tom incerto. — Bem... entendo, acho...

— Ok, terminamos — disse o arquirreitor, arrastando-se para fora do buraco. — Está fundo o suficiente. Venha, Windle, descendo.

— Estou realmente muito emocionado, sabe — comentou Windle, deitando-se no caixão. Era uma peça muito boa, da casa funerária da rua Elm. O arquirreitor deixara que ele mesmo escolhesse.

Ridcully pegou um malho. Windle sentou-se novamente. — Todo mundo tendo tanto trabalho...

— É, isso mesmo — concordou Ridcully, olhando ao redor. — Bom... quem está com a estaca? Todos olharam para o Tesoureiro. O Tesoureiro parecia triste. Ele vasculhou um saco.

— Não consegui arrumar nenhuma.

O arquirreitor pôs a mão sobre os olhos.

— Está bem — começou, com calma. — Sabe que não estou surpreso? Nem um pouco surpreso. O que você trouxe? Costelas de carneiro? Uma bela costela de carneiro? — Aipo — disse o Tesoureiro.

— Ele anda estressado — observou o Decano, rapidamente.

— Aipo — repetiu o arquirreitor, com o autocontrole rígido o suficiente para torcer uma ferradura. — Certo.

O Tesoureiro entregou-lhe um rolo verde e empapado. Ridcully o pegou.

— Agora, Windle, quero que você imagine que o que tenho na minha mão...

— Está ótimo — disse Windle.

— Não sei se conseguirei martelar...

— Não vou me importar, lhe garanto.

— Não vai? — O princípio é perfeito. Se você apenas me passar o aipo, mas pensar em martelar uma estaca, provavelmente será suficiente.

— E muito decente da sua parte — agradeceu Ridcully. — Demonstra um espírito muito respeitável.

— Espírito de equipe — observou o Orador da Classe. Ridcully olhou fixamente para ele e empurrou o aipo na direção de Windle, num gesto dramático.

— Tome isto! — Obrigado — disse Windle.

— Agora, vamos colocar a tampa e almoçar. Não se preocupe, Windle, tem que dar certo. Hoje é o último dia do resto da sua vida.

Windle ficou deitado no escuro, ouvindo as marteladas. Houve um baque e um xingamento abafado para o Decano, por não estar segurando a sua ponta do caixão corretamente. Depois, o ruído contínuo de terra caindo sobre a tampa, cada vez mais fraco e distante.

Após algum tempo, um estrondo distante indicava que o tráfego da cidade tinha voltado ao normal. Podia até ouvir vozes abafadas.

Ele bateu na tampa do caixão.

— Dá pra fazer menos barulho? — pediu. — Tem gente aqui embaixo tentando estar morta! Ele ouviu as vozes pararem. Houve som de passos correndo para longe. Windle ficou ali, deitado, por algum tempo. Não sabia por quanto tempo. Tentou interromper todas as funções, mas aquilo apenas o deixou mais desconfortável. Por que era tão difícil morrer? As outras pessoas pareciam conseguir se sair bem, mesmo sem prática. Além disso, sentia uma coceira na perna.

Tentou esticar o braço para coçar, e sua mão tocou algo pequeno e de forma irregular. Conseguiu colocar os dedos em volta.

Parecia uma caixa de fósforos.

No caixão? Alguém achou que ele fumaria um charuto para passar o tempo? Depois de algum esforço, conseguiu tirar uma bota com a outra e ir puxando o objeto para cima até segurá-lo. Isso fez com que houvesse uma superfície áspera para acender o fósforo...

Uma luz sulfurosa preencheu o seu mundinho retangular.

Havia um pedacinho de cartolina preso à parte de dentro da tampa. Ele leu.

Morto? Deprimido?
Com vontade de começar tudo de novo?
Por que não se juntar ao
CLUBE DO RECOMEÇO VIGOROSO
Quintas-feiras, meia-noite, rua Elm, 668
TODOS SÃO BEM-VINDOS

Ele leu novamente.

O fósforo se apagou.

Ele acendeu outro, apenas para confirmar se o que havia lido realmente estava ali.

A mensagem continuava estranha, mesmo depois da terceira leitura: o segundo palito de fósforo apagou, levando consigo o oxigênio que restava. Windle ficou parado durante algum tempo, pensando no que fazer em seguida enquanto acabava com o aipo.

Quem teria imaginado isso? E o finado Windle Poons se deu conta, de repente, de que não existia essa coisa de dizer que o problema era dos outros. E que, exatamente quando você acha que o mundo não liga para você, ele se mostra cheio de singularidades. Sabia, por experiência própria, que os vivos nunca conheciam metade do que acontecia porque se preocupavam muito em ser os vivos. O espectador é quem mais vê o jogo, disse a si mesmo. Os vivos ignoravam as coisas e estranhas e maravilhosas porque a vida era muito cheia de coisas chatas e mundanas. Mas ela era estranha. Tinha coisas como parafusos que se desatarraxavam e pequenas mensagens escritas para os mortos. Ele decidiu descobrir o que estava acontecendo. E depois... se Morte não viesse até ele, ele iria até Morte. Ele tinha os seus direitos, afinal. É. Seria o líder da maior caçada a uma pessoa perdida de todos os tempos.

Windle abriu um sorriso na escuridão.

Perdido — acredita-se que seja Morte.

Hoje era o primeiro dia do resto de sua vida.

E Ankh-Morpork estava a seus pés. Bem, metaforicamente. O único caminho era para cima.

Ele ergueu a mão e procurou o cartão no escuro. Depois de puxá-lo, prendeu-o entre os dentes.

Windle Poons empurrou a ponta do caixão com os pés, empurrou a outra ponta com as mãos e fez força.

A argila empapada de Ankh-Morpork saiu um pouco do lugar.

Windle fez uma pausa para respirar, por força do hábito, e percebeu que não havia necessidade. Ele fez força mais uma vez. A ponta do caixão se estilhaçou. Windle a puxou para si e rasgou o pinho sólido como se fosse papel. Ficou com um pedaço de tábua na mão, que seria uma pá totalmente inútil para qualquer um que não tivesse a força de um zumbi.

Sentando-se à medida que afastava a terra com a sua pá improvisada e empurrando—a para trás com os pés, Windle Poons cavou o caminho para um recomeço vigoroso.

Imagine uma paisagem, uma planície com linhas onduladas.

São os últimos dias do verão na região de grama octarina que se encontra abaixo dos altíssimos picos das Ramtop, e as cores predominantes são ferrugem e dourado. O calor resseca a paisagem. Gafanhotos soltam chiados como os de uma frigideira. Até o ar é quente demais para se mover. É o verão mais quente da memória dos vivos e, nestes lados, isso quer dizer muito e muito tempo...

Imagine um vulto sobre um cavalo, andando devagar por uma estrada que tem uma camada de três centímetros de poeira e fica entre plantações de milho que já prometem uma colheita surpreendentemente farta.

Imagine uma cerca de madeira endurecida e sem brilho. Há um recado preso nela. O sol desbotou as letras, mas ainda é possível ler.

Imagine uma sombra incidindo sobre o recado. É quase possível ouvi-la lendo as duas palavras.

Há uma trilha para fora da estrada, em direção a um pequeno grupo de construções pálidas.

Imagine passos se arrastando.

Imagine uma porta aberta.

Imagine uma sala fria e escura, vista pelo vão aberto da porta. Não é uma sala que as pessoas costumam ocupar por muito tempo. Uma sala para pessoas que vivem fora de casa, mas têm que entrar às vezes, quando escurece. É uma sala para arreios e cachorros, uma sala onde capas de lona ficam penduradas para secar. Há um barril de cerveja perto da porta. O chão é de pedra e, nas vigas do teto, ganchos para toicinho defumado. Há uma mesa limpa que acomodaria 30 homens famintos ao redor.

Não há homem. Não há cachorros. Não há cerveja. Não há toicinho defumado. Houve um silêncio após as batidas na porta e, em seguida, o flap-flap de chinelos batendo na pedra. Finalmente, uma senhora idosa e muito magra, com o rosto da cor e da textura de uma noz, espiou pela abertura da porta.

—Sim?

— O RECADO DIZIA "PROCURA-SE HOMEM".

— Dizia? Dizia? Aquilo está lá desde antes do inverno passado!

— SINTO MUITO. PRECISA DE AJUDA? O rosto enrugado olhou para ele com expressão pensativa.

— Não posso pagar mais de seis centavos por semana, veja bem. O vulto alto que crescia contra a luz do sol parecia pensar no que ouvira.

— SIM — disse, por fim.

— Eu também nem saberia por onde você vai começar seu trabalho. Não temos ninguém para dar uma ajuda direito há três anos. Só contrato os imprestáveis preguiçosos da aldeia quando quero.

— SIM? — Não se importa, então?

— EU TENHO UM CAVALO.

A senhora idosa examinou o estranho. No quintal, havia o cavalo mais impressionante que já vira. Ela apertou os olhos.

— E aquele é o seu cavalo, né?

— SIM.

— Com toda aquela prata no arreio e tudo o mais?

— SIM.

— E você quer trabalhar por seis centavos por semana?

— SIM.

A senhora idosa fez um beicinho. Ela olhou do forasteiro para o cavalo e para a dilapidação em que se encontrava a fazenda. Pareceu chegar a uma decisão, possivelmente no sentido de que alguém que não possuía cavalo não deveria ter muito medo de um ladrão de cavalos.

— Você dormirá no celeiro, entendeu?

— DORMIR? SIM, CLARO. SIM, EU TEREI QUE DORMIR.

— Não poderia deixá-lo dentro de casa, de qualquer forma. Não seria adequado.

—O CELEIRO SERÁ BASTANTE APROPRIADO, POSSO LHE GARANTIR.

— Mas pode entrar em casa para as refeições.

— OBRIGADO.

— Meu nome é senhorita Flitworth.

—SIM.

Ela esperou.

— Imagino que tenha um nome também — ela deu a deixa.

— SIM. ISSO MESMO. Esperou mais uma vez.

— E? — PERDÃO? — Qual é o seu nome? O forasteiro ficou olhando para ela por um momento e depois olhou desesperadamente à sua volta.

— Anda — insistiu a senhorita Flitworth. — Não vou empregar ninguém sem nome, senhor... ? O vulto olhou para cima.

— SENHOR CÉU? — Não existe ninguém que se chame senhor Céu.

— SENHOR... PORTA? Ela aceitou com a cabeça.

— Pode ser. Pode ser senhor Porta. Tinha um camarada que eu conheci que se chamava Portas. Isso. Senhor Porta. E qual é o seu primeiro nome? Não me diga que não tem isso também. Você tem que ser José, João ou Mário, ou algum desses nomes.

— SIM.

— O quê? — UM DESSES.

— Qual? —É... O PRIMEIRO? — Você é José? — SIM? A senhorita Flitworth revirou os olhos.

— Está bem, José Céu...

— PORTA.

— Ah, sim. Desculpe. Está bem, José Porta.

— PODE ME CHAMAR DE ZÉ.

— E você pode me chamar de senhorita Flitworth. Imagino que queira jantar? — QUERO? AH. SIM. A REFEIÇÃO DA NOITE. SIM.

— Você parece meio faminto, para ser sincera. Mais que meio, na verdade. — Ela olhou com os olhos apertados para o vulto. Por algum motivo, era muito difícil ter certeza de como era a aparência de José Porta ou até mesmo lembrar o exato som da sua voz. Era evidente que estava lá e era evidente que havia falado — caso contrário, por que dava para lembrar alguma coisa? — Tem muita gente por esses lados que não usa o nome de nascença — ela disse. — Sempre digo que ninguém ganha nada fazendo perguntas pessoais por aí. Acho que o senhor sabe trabalhar, né, seu Zé Porta? Ainda estou tirando o feno dos prados altos, e terá muito trabalho quando chegar a hora da colheita. Sabe usar foice? José Porta pareceu meditar sobre a pergunta por algum tempo.

Depois disse: — ACHO QUE A RESPOSTA É COM CERTEZA "SIM", SENHORITA FLITWORTH.

Dibbler Cava-A-Própria-Cova também nunca viu algum sentido em fazer perguntas pessoais, pelo menos quando eram dirigidas a ele e eram do tipo "Essas coisas são suas, para você vender?" Mas as pessoas não vinham abordá-lo para reclamar de que vendia propriedade delas, e isso estava bom o bastante. Ele já vendera mais de mil dos pequenos globos, naquela manhã. E contratara um troll para dar conta do fluxo de suprimento vindo da fonte misteriosa no porão.

As pessoas adoravam os globos.

O princípio de funcionamento era risível de tão simples e podia ser compreendido com facilidade pelo cidadão médio de Ankh-

Morpork, após algumas tentativas e erros.

Se você balançasse o globo, uma nuvem de floquinhos de neve subia girando no líquido que havia dentro e assentava com delicadeza sobre uma maquete minúscula de um famoso ponto de referência de Ankh-Morpork. Em alguns globos, era a Universidade, em outros, a Torre de Arte, a Ponte de Latão ou o Palácio do Patrício. Os detalhes eram impressionantes.

Até que não sobrou nenhum. Bem, pensou Cova, é uma pena. Como não tinham tecnicamente pertencido a ele — embora moralmente, é claro, moralmente, fossem dele —, não podia reclamar. Bom, poderia reclamar, é claro, mas somente para si, não a uma pessoa específica. Talvez tudo tenha acontecido da melhor forma, pensando bem. Faça uma pilha grande, venda tudo barato. Fique livre de tudo — seria muito mais fácil distribuí-los com uma atitude de inocência ofendida, quando se dizia: "Quem, eu?" Mas eram muito bonitos mesmo. Exceto, por mais estranho que pareça, pelo que estava escrito neles. No fundo de cada globo, em letras tremidas e amadoras, como se fosse escrito por alguém que nunca vira uma escrita antes e tentava copiar uma. No fundo de cada globo, abaixo do prédio coberto de floquinhos de neve, havia as palavras: Mustrum Ridcully, o arquirreitor da Universidade Invisível, era um autocondimentador incorrigível. [9] Ele tinha um galheteiro próprio e especial que era colocado diante dele em todas as refeições. Continha sal, três tipos de pimenta, quatro tipos de mostarda, quatro tipos de vinagre, quinze tipos diferentes de molho chutney e o seu especial favorito: Molho Wow-Wow, uma mistura de esfuminho maduro, pepino em conserva, alcaparras, mostarda,

manga, figo, Wahooni, essência de anchova, asa-fétida e — o que é bastante significativo — enxofre e salitre para aumentar a potência. Ridcully herdou a fórmula do tio, que, depois de um copo do molho numa refeição farta, certa noite, comeu um biscoito de carvão para forrar o estômago, acendeu o cachimbo e desapareceu em circunstâncias misteriosas, embora seus sapatos tenham sido encontrados no telhado no verão seguinte.

O almoço consistia em carne de carneiro fria. Carneiro ia bem com molho WowWow. Na noite da morte do tio de Ridcully, por exemplo, ele fora a pelo menos cinco quilômetros de distância.

Mustrum amarrou o guardanapo atrás do pescoço, esfregou as mãos e estendeu o braço.

A galheta se mexeu.

Ele estendeu o braço novamente. A galheta deslizou para o lado. Ridcully suspirou.

— Está bem, colegas. Nada de magia à Mesa, vocês conhecem as regras. Quem é que está brincando de encher a paciência? Os outros magos superiores olharam para ele com os olhos arregalados.

— Eu... eu... eu acho que não dá mais para brincar disso — observou o Tesoureiro, que naquele momento apenas tangenciava os limites da sanidade. — Eu... eu... eu acho que perdemos algumas das peças...

Ele olhou ao redor, deu uma risadinha e continuou tentando cortar o seu carneiro com a colher. Os outros magos mantinham as facas longe dele, por enquanto. O galheteiro inteiro flutuou no ar e começou a girar lentamente. Depois explodiu.

Os magos, encharcados de vinagre e de condimentos caros, o observaram feito corujas.

— Provavelmente foi o molho — arriscou o Decano. — Estava definitivamente ficando meio crítico, ontem à noite.

Algo caiu na cabeça do arquirreitor e aterrissou no seu almoço. Era um parafuso preto de ferro com uns cinco centímetros de comprimento.

Outro parafuso abalou o Tesoureiro de leve.

Depois de um ou dois segundos, um terceiro caiu com a ponta para baixo na mesa ao lado da mão do arquirreitor e ficou preso lá.

Os magos olharam para cima.

O Grande Salão era iluminado por um lustre imenso, embora a palavra, associada com tanta frequência a peças de vidro brilhantes e prismáticas, parecesse inapropriada para a coisa enorme, preta, pesada e cheia de sebo que pendia do teto, tão ameaçadora quanto um saldo negativo no banco. Ele comportava mil velas. E ficava diretamente acima da mesa dos magos superiores.

Mais um parafuso caiu com um tinido no chão ao lado da lareira. O arquirreitor pigarreou.

— Corremos? — sugeriu.

O lustre caiu.

Pedaços de mesa e de louça se esfacelaram contra as paredes. Pedacos de sebo letais do tamanho da cabeça de um homem saíram zunindo pela janela. Uma vela inteira, impelida para fora dos destroços a uma velocidade alucinante, foi enterrada na porta, a alguns centímetros de profundidade.

O arquirreitor se desembaraçou dos restos da sua cadeira.

— Tesoureiro! — gritou.

O Tesoureiro se exumou da lareira.

— Sim, arquirreitor? — respondeu, com a voz trêmula.

— O que significou isso? O chapéu de Ridcully ergueu-se de sua cabeça.

Era um chapéu de mago básico, pontudo e com a aba mole, mas adaptado ao estilo de vida expansivo do arquirreitor. Havia iscas artificiais presas nele. Uma besta muito pequena ficava enfiada na fita do chapéu, caso avistasse algo em que atirar enquanto corria. E Mustrum Ridcully percebera que a ponta era do tamanho exato para uma pequena garrafa do Conhaque Muito Velho e Peculiar de Bentinck. Ele era bastante apegado ao seu chapéu. Mas o chapéu já não estava apegado a ele.

Ele deslizou suavemente para o outro lado da sala. Havia um barulho fraco, porém inconfundível, de gargarejo.

O arquirreitor ficou de pé num pulo.

— Dane-se isso — urrou. — Esse negócio custa nove dólares a dose! — Ele deu um salto para pegar o chapéu, errou e continuou tentando até parar no ar, a alguns metros do chão.

O Tesoureiro ergueu a mão, nervoso.

— É possível que seja cupim? — Se isso acontecer mais uma vez — rosou o arquirreitor —, mais uma só vez que seja, está me ouvindo, vou ficar muito nervoso! Ele foi largado no chão ao mesmo tempo que as grandes portas se abriram. Um dos porteiros da faculdade entrou alvoroçado, seguido por um esquadrão da guarda do Palácio do Patrício.

O capitão da guarda olhou para o arquirreitor de cima a baixo com a expressão de alguém que pronuncia a palavra "civil" no mesmo tom que normalmente se diz "barata".

— Você é o chefe daqui? — perguntou.

O arquirreitor alisou o manto e tentou endireitar a barba.

— Sou o arquirreitor desta universidade, sim — respondeu. O capitão da guarda olhou para o salão com curiosidade. Os alunos estavam todos agachados na outra ponta. Comida espirrada cobria a maior parte das paredes até a altura do teto. Havia pedaços de móveis em volta dos destroços do lustre parecendo árvores ao redor do ponto de impacto de um meteoro.

Depois, falou com toda a repugnância de alguém que parou de estudar aos 9 anos, mas ouvira histórias...

— Estava se divertindo com um pouco de bom humor juvenil, sim? Jogando pedaços de pão para o alto, esse tipo de coisa? — Posso saber o significado desta intromissão? — perguntou Ridcully, friamente.

O capitão da guarda apoiou-se na lança.

— Bem, é o seguinte. O Patrício está entrincheirado em seu quarto devido ao fato de que a mobília está zunindo pelo palácio de uma maneira inacreditável. Os cozinheiros não querem voltar para a cozinha devido ao que está ocorrendo lá dentro... Os magos tentaram não olhar para a ponta da lança. Ela começava a se desatarraxar.

— Bem — o capitão continuou, sem dar atenção aos leves ruídos metálicos —, então o Patrício me chama pelo buraco da fechadura, sabe, e me diz: "Douglas, será que você não se

importaria de dar um pulinho até a Universidade e perguntar ao chefe de lá se poderia ter a bondade de vir até aqui, se não estiver muito ocupado?" Mas é claro que posso voltar e dizer a ele que o senhor está envolvido com brincadeiras estudantis, se quiser. A ponta da lança quase saía da haste.

— O senhor está me ouvindo? — perguntou o capitão, desconfiado.

— Hmm? Quê? — respondeu o arquirreitor, tirando os olhos do metal que girava no ar. — Ah, sim. Bom, posso lhe garantir, meu caro, que não somos a causa de...

— Aargh! — Perdão? — A ponta da lança caiu no meu pé! — Caiu? — perguntou Ridcully, num tom inocente. O capitão da guarda pulava num pé só.

— Escutem, mágicos cheios de truques, vocês estão vindo ou não? — perguntou, entre um pulo e outro. — O patrão não está muito feliz. Nem um pouco feliz! Uma grande nuvem disforme de Vida atravessou o Disco, como a água que se acumula atrás de uma represa quando as comportas são fechadas. Sem nenhum Morte para levar a força da vida embora quando terminava, ela não tinha para onde ir. Aqui e ali, ligava-se à terra por meio de atividades poltergeist aleatórias, como a luz rápida e trêmula de relâmpagos de verão antes de uma grande tempestade. Tudo o que existe anseia por viver. Por isso há o ciclo da vida. Esse é o motor que impulsiona as grandes bombas biológicas da evolução. Todas as coisas tentam avançar no caminho evolutivo, seja com garras, tentáculos, ou escorregando aos poucos até o próximo nicho para chegar ao topo — que no geral nunca parece ter valido tanto esforço. Tudo o que

existe anseia por viver. Até mesmo as coisas que não estão vivas. Coisas que possuem uma espécie de subvida, uma vida metafórica, uma quase vida. Agora, do mesmo modo como uma onda de calor repentina gera flores extraordinárias e exóticas... Havia alguma coisa naqueles pequenos globos. Você tinha que pegar e chacoalhar, ver os lindos floquinhos de neve girando e brilhando. Depois, levá-los para casa para colocá-los em cima da lareira.

E esquecê-los.

O relacionamento entre a Universidade e o Patrício, governante absoluto e ditador quase benevolente de Ankh-Morpork, era complexo e sutil. Os magos afirmavam que, por serem servidores de uma verdade superior, não se sujeitariam às leis mundanas da cidade.

O Patrício dizia que, realmente, isso era verdade, mas eles iam, sim, pagar os impostos como qualquer outra pessoa.

Os magos diziam que, por serem seguidores da luz da sabedoria, não deviam nenhuma submissão a homem mortal algum.

O Patrício dizia que isso poderia muito bem ser verdade, mas eles deviam impostos municipais anuais de 200 dólares por cabeça, que deviam ser pagos a cada três meses.

Os magos diziam que a Universidade localizava-se em solo mágico e, portanto, estava isenta de taxaço. De todo modo, não era possível cobrar imposto sobre conhecimento.

O Patrício dizia que era possível. Eram 200 dólares per capita. Se per capita fosse problema, a decapita poderia ser providenciada.

Os magos diziam que a Universidade jamais pagara imposto a autoridades civis. O Patrício dizia que ele não tinha a intenção de

permanecer civil por muito tempo.

Os magos perguntavam: que tal facilitar as condições de pagamento? O Patrício respondia que estava facilitando as condições. Eles não gostariam de saber quais eram as condições mais difíceis.

Os magos diziam que havia um governante do... bem... talvez do Século da Libélula que tentou dar ordens à Universidade. O Patrício poderia dar uma olhada nele, se quisesse.

O Patrício disse que iria. Ele realmente iria.

No fim, ficou combinado que, embora os magos não pagassem, é claro, nenhum imposto, fariam uma doação inteiramente voluntária de, hmm, vamos dizer 200 dólares por cabeça, sem preconceitos, mutatis mutandis, sem restrições, a serem usados para propósitos não-militaristas e aceitáveis para o meio ambiente.

Era essa interação dinâmica de coligações de poder que fazia de Ankh-Morpork um lugar tão interessante, estimulante e, acima de tudo, muito perigoso para se viver. [10] Os magos superiores não costumavam sair muito pelo que Bem-Vindus a Ankh-Morpork provavelmente chamaria de vias expressas aglomeradas e vias secundárias íntimas da cidade, mas era imediatamente óbvio que algo estava errado. Não que as pedras da calçada não voassem pelo ar, às vezes, mas geralmente era porque alguém as havia atirado. Não parecia comum que flutuassem sozinhas.

Uma porta abriu-se de repente e um terno veio para fora, com um par de sapatos dançando abaixo dele e um chapéu flutuando acima da gola vazia. Logo atrás deles vinha um homem muito magro

tentando fazer com uma flanela apanhada às pressas o que exigiria uma calça inteira para ser feito.

— Voltem aqui! — gritou, quando já viravam a esquina. — Ainda me falta pagar sete dólares por vocês! Uma segunda calça saiu correndo pelas ruas e foi atrás deles. Os magos se amontoaram, como um animal assustado com cinco cabeças pontudas e dez pernas, pensando quem seria o primeiro a comentar.

— Isso é assombroso! — disse o arquirreitor.

— Hmm? — perguntou o Decano, tentando dar a entender que via coisas mais assombrosas que aquelas o tempo todo e que, ao chamar a atenção para meras roupas correndo por aí sozinhas, o arquirreitor diminuía todo o vigor da magia.

— Ah, veja bem. Não conheço muitos alfaiates por aqui que incluiriam uma segunda calça na compra de um terno de sete dólares — observou Ridcully.

— Ah — disse o Decano.

— Se ela passar de novo, tente derrubá-la para eu poder ver a etiqueta. Um lençol forçou a passagem por uma janela alta e saiu voando acima dos telhados.

— Sabe de uma coisa — começou o Conferencista sobre Runas Recentes, tentando manter a voz calma e relaxada —, acho que isso não é magia. Não parece magia. O Orador da Classe enfiou a mão em um dos bolsos do manto. Ouviu-se um tinido e um sussurro abafados e um coaxar eventual. Por fim, retirou um cubo de vidro azul—escuro. Tinha um mostrador na frente.

— Você anda por aí com isso no bolso ? — espantou-se o Decano. — Um instrumento valioso como esse? — Que diabos é

isso? — perguntou Ridcully.

— Um aparelho de medição de magia incrivelmente sensível — respondeu o Decano. — Mede a densidade de um campo de magia. Um taumômetro. O Orador da Classe ergueu o cubo com orgulho e apertou um botão do lado de dentro.

Um ponteiro no mostrador oscilou um pouco e parou.

— Estão vendo? — disse o Orador da Classe. — Apenas acontecimentos naturais, sem representar risco ao público.

— Fale mais alto — pediu o arquirreitor. — Não consigo ouvir com todo esse barulho.

Estrondos e gritos vinham das casas dos dois lados da rua. A senhora Evadne Bolinho era médium, além de pequena.

Seu trabalho não lhe exigia muito. Poucas pessoas que morriam em AnkhMorpork demonstravam algum interesse em bater papo com os parentes vivos. Coloque o maior número possível de dimensões místicas entre você e eles, esse era o seu lema. Ela preenchia o tempo entre a costura e o trabalho da igreja — qualquer igreja. A senhora Bolinho gostava muito de religião, pelo menos no modo de ver da senhora Bolinho. Evadne Bolinho não era uma dessas médiuns do tipo "cortina de contas e incenso", em parte porque não suportava incensos, mas principalmente porque era muito boa na sua profissão. Um bom mágico sabe impressionar com uma simples caixa de fósforos e um baralho perfeitamente comum — se quiser examiná-lo, senhor, verá que é um baralho perfeitamente comum. Ele não precisa das mesas dobráveis que beliscam o dedo, nem das cartolas desmontáveis complicadas dos mágicos inferiores. Da mesma forma, a senhora Bolinho não precisava de muitos

acessórios. Até mesmo a bola de cristal produzida em escala industrial permanecia ali apenas para acalmar seus clientes. Na verdade, a senhora Bolinho conseguia ler o futuro numa tigela de mingau de aveia. [11] Ela poderia. Que diria, por exemplo, que você passaria por uma evacuação intestinal dolorida em breve. Receber uma revelação numa frigideira cheia de bacon. Passara a vida inteira mexendo com o mundo espiritual, embora, no caso da senhora Evadne, mexer não seja a palavra adequada. Não era do tipo que mexia com algo. Era mais o caso de bater o pé no mundo espiritual e mandar chamarem o gerente.

Enquanto preparava o seu café da manhã e picava comida de cachorro para Ludimila, ela começou a ouvir vozes.

Eram muito fracas. Não que fosse quase possível escutá-las, porque eram o tipo de voz que as orelhas comuns não conseguem ouvir. Estavam dentro da cabeça dela.

... veja o que está fazendo... onde estou?... para de empurrar aí... Depois se foram.

Foram substituídas por um rangido proveniente do cômodo ao lado. Ela pôs o seu ovo cozido de lado e se desviou da cortina de contas.

O barulho vinha de baixo da capa de estopa sem enfeites e sem frescuras da sua bola de cristal.

Evadne voltou para a cozinha e escolheu uma frigideira pesada. Balançou-a no ar uma ou duas vezes, para sentir o peso, e depois foi engatinhando na direção da bola sob a capa.

Erguendo a frigideira e pronta para esmagar qualquer coisa desagradável, puxou a capa.

A bola dava voltas na sua base.

Evadne a observou por algum tempo. Depois puxou a cortina, relaxou, sentando-se na cadeira, respirou fundo e disse: — Tem alguém aí? A maior parte do teto desmoronou.

Após alguns minutos e algum esforço, a senhora Bolinho conseguiu colocar a cabeça para fora.

— Ludimila! Houve passos suaves no corredor e, depois, algo passou do quintal para dentro. De maneira geral, tratava-se claramente de uma fêmea, até um pouco atraente, que usava um vestido bem comum. Ela parecia sofrer de um caso de pêlo supérfluo que nem todos os aparelhos de barbear cor—de—rosa do mundo poderiam eliminar. Além disso, a tendência da estação eram os dentes e as unhas longas. Esperava-se que a coisa toda fosse rosnar, mas ela falou com voz agradável e definitivamente humana. —Mãe? — Tô aqui embaixo.

A assustadora Ludimila ergueu uma viga enorme e a jogou para o lado com agilidade.

— O que aconteceu? Não estava com a premonição ligada? — Eu tinha desligado para falar com o padeiro. Nossa, acho que torci o tornozelo.

— Vou fazer uma xícara de chá para você, está bem? — Olha lá, você sabe que sempre quebra as xícaras quando é a sua vez.

— Estou melhorando — disse Ludimila.

— Boa menina, mas pode deixar que eu mesma faço. Obrigada assim mesmo. A senhora Bolinho levantou-se, bateu o pé de gesso do avental e disse: — Eles gritaram! Eles gritaram! Todos de uma vez! Modo, o jardineiro da Universidade, capinava o roseiral quando

o gramado antigo e aveludado ao seu lado se ergueu e brotou um Windle Poons resistente e vivaz, que pestanejou diante da luz.

— É você, Modo? — Isso mesmo, senhor Poons — respondeu o anão. — Quer que eu lhe dê uma mãozinha pra subir? — Acho que consigo me virar, obrigado.

— Tenho uma pá no barracão, se quiser.

— Não, está perfeitamente bem. — Windle esticou-se para fora do gramado e bateu a terra que estava nos restos do seu manto. — Sinto muito pelo seu gramado — acrescentou, olhando para o buraco.

— Não tem problema, senhor Poons.

— Levou muito tempo para conseguir deixá-lo assim? — Uns 500 anos, acho.

— Nossa, me desculpe. Queria sair pelos porões, mas parece que fiquei desorientado.

— Não se preocupe com isso, senhor Poons — disse o anão, animado. — Está tudo crescendo que é uma loucura. Vou preencher a grama hoje à tarde e plantar algumas sementes, e 500 anos passarão voando. Espere e verá.

— Do jeito que as coisas vão, provavelmente verei — concordou Windle, mal-humorado. Ele olhou ao redor. — O arquirreitor está aqui? — Eu vi todos indo para o palácio — respondeu o jardineiro.

— Então, acho que vou tomar um banho rápido e trocar de roupa. Não gostaria de incomodar ninguém.

— Ouvi dizer que o senhor não só estava morto, como também enterrado — disse o jardineiro, enquanto Windle arrastava os pés.

— É isso mesmo.

— Não se pode segurar um homem bom, hein? Windle se virou.

— Aliás... onde fica a rua Elm? Modo coçou uma orelha.

— Não é aquela ao lado da estrada da Mina de Melado? — Ah, sim. Lembrei. Modo voltou a capinar.

A natureza circular da morte de Windle Poons não o incomodava muito. Afinal, as árvores pareciam mortas no inverno e floriam com toda a força, novamente, a cada primavera. Sementes velhas e secas iam para a terra, plantas frescas e novas brotavam. Praticamente nada morria por muito tempo. Veja os adubos, por exemplo. Modo acreditava em adubos com a mesma paixão com que outras pessoas acreditavam em deuses. Seus montes de adubo composto inchavam, fermentavam e tinham um brilho tênue no escuro, talvez por causa dos ingredientes misteriosos e possivelmente ilegais. Modo os alimentava, embora nada tenha sido até hoje provado e, de qualquer forma, ninguém estava disposto a cavoucar um deles para ver o que havia dentro. Tudo coisa morta, mas, de alguma forma, viva. E certamente produzia rosas. O Orador da Classe explicara a Modo que as suas roseiras ficavam tão grandes porque eram um milagre da existência, mas Modo acreditava, em segredo, que elas só queriam ficar o mais longe possível dos adubos.

Os montes de composto receberiam algo especial naquela noite. As ervas daninhas estavam realmente muito espertas. Ele nunca vira plantas crescerem tão rápido e com tanto viço. Deve ser por causa do adubo, pensou Modo.

Quando os magos chegaram ao palácio, ele estava num alvoroço. Pedacos de móveis deslizavam pelo teto. Um cardume de talheres, como trutas no meio do ar, passou cintilando pelo

arquirreitor e mergulhou no corredor. O local parecia sob o domínio de um furacão seletivo e meticuloso.

Outras pessoas já haviam chegado. Incluindo um grupo vestido de modo muito parecido com os magos, embora houvesse diferenças importantes para o bom observador.

— Sacerdotes? — espantou-se o Decano. — Aqui? Antes de nós? Os dois grupos começaram muito discretamente a tomar posições que deixavam suas mãos livres.

— Para que eles servem? — perguntou o Orador da Classe. Houve uma queda perceptível na temperatura metafórica. Um tapete passou flutuando. O olhar do arquirreitor cruzou com o do enorme sacerdote-chefe do Cego Io, que, como sacerdote superior do deus superior do panteão tortuoso do Disco, era a coisa mais próxima que se tinha em Ankh-Morpork de um porta-voz para assuntos religiosos.

— Crédulos tolos — resmungou o Orador da Classe.

— Trapaceiros sem deus — disse um coroinha, espiando por trás do corpo volumoso do sacerdote-chefe.

— Idiotas ingênuos!

— Escória ateia!

— Serviçais idiotas!

— Mágicos infantis!

— Sacerdotes sanguinários!

— Magos intrometidos!

Ridcully ergueu uma sobrancelha. O sacerdote-chefe balançou a cabeça bem devagar.

Eles deixaram os dois grupos rogando pragas um ao outro, a uma distância segura, e andaram com ar casual até uma parte da

sala comparativamente calma, onde, ao lado da estátua de um dos predecessores do Patrício, se viraram e se encararam novamente.

— Então... como vão as coisas no ramo de encher a paciência de deus? — perguntou Ridcully.

— Fazemos o melhor com humildade. Como vai a intromissão perigosa nas coisas que o homem não deve tentar compreender? — Razoáveis, razoáveis — Ridcully tirou o chapéu e enfiou a mão dentro da ponta. — Aceita um trago de alguma coisa? — O álcool é uma armadilha para o espírito. Aceita um cigarro? Creio que vocês se permitem.

— Não eu. Se eu fosse lhe dizer o que essa coisa faz para os seus pulmões... Ridcully desenroscou a pontinha do chapéu e derramou uma dose generosa de conhaque dentro dela.

— Então, o que está acontecendo? — Um de nossos altares saiu flutuando e caiu sobre a nossa cabeça.

— Um lustre se desatarraxou sozinho. Está tudo se desatarraxando. Sabe que vi um terno passar correndo, quando vinha para cá? Duas calças por sete dólares! — Hmm. Você viu a etiqueta? — Está tudo pulsando também. Já notou como está tudo pulsando? — Achamos que fossem vocês.

— Não é magia. Será que os deuses não estão mais descontentes do que de costume? — Aparentemente, não.

Atrás deles, os sacerdotes e os magos gritavam cara a cara. O sacerdote-chefe chegou um pouco mais perto.

— Acho que eu teria forças suficientes para controlar e vencer apenas uma pequena armadilha. Não me sinto assim desde que a senhora Bolinho fazia parte da minha congregação.

— Senhora Bolinho? O que é uma senhora Bolinho? — Você tem... coisas medonhas das Dimensões do Calabouço e coisas do tipo, não? Ameaças terríveis da sua profissão descrente? — Sim.

— Nós temos uma pessoa chamada senhora Bolinho. Ridcully olhou para ele com curiosidade.

— Não pergunte — disse o sacerdote, estremeando. — Apenas fique feliz por nunca ter que descobrir.

Ridcully passou o conhaque para ele em silêncio.

— Somente aqui entre nós dois — começou o sacerdote —, você tem alguma hipótese sobre tudo isso? Os guardas estão tentando remover sua alteza. Você sabe que ele vai querer respostas. Nem mesmo tenho certeza de que sei as perguntas.

— Nem magia, nem deuses — comentou Ridcully. — Pode me passar a armadilha de volta? Obrigado. Nem magia, nem deuses. Não sobram muitas opções, certo? — Será que não existe algum tipo de magia que você não conhece? — Se existe, não conhecemos.

— Está certo — admitiu o sacerdote.

— Será que os deuses não estão se envolvendo com coisas anti-religiosas sem ninguém saber? — perguntou Ridcully, agarrando-se à última possibilidade. — Será que alguns deles não tiveram algum desentendimento ou algo assim? Não andaram mexendo com maçãs douradas ou algo do tipo? — Está tudo muito tranquilo no front dos deuses, no momento — observou o sacerdote-chefe. Seus olhos estavam vidrados enquanto falava, como se lesse um roteiro dentro da cabeça. — Hyperopia, a deusa dos sapatos, acha que Sandelfon, o deus dos corredores, é o irmão gêmeo que Grune, o deus das frutas fora de estação, não vê há muitos anos. Quem pôs o bode na

cama de Offler, o Deus Crocodilo? Estaria Offler forjando uma aliança com Sek Sete Mãos? Enquanto isso, Hoki o Piadista anda às voltas com as suas artimanhas...

— Sim, sim, está bem. Nunca consegui me interessar por essa coisa toda. Atrás deles, o Decano tentava impedir que o Conferencista sobre Runas Recentes tentasse transformar o sacerdote de Offler, o Deus Crocodilo, num conjunto de malas combinadas, e o Tesoureiro estava com um sangramento forte no nariz por causa de um golpe de sorte de um incensório.

— O que nós temos que apresentar aqui é uma frente unida. Certo? — De acordo — disse o sacerdote-chefe.

— Certo. Por enquanto.

Um pequeno tapete fez uma curva senoidal na altura dos olhos. O sacerdote-chefe passou a garrafa de conhaque de volta.

— Aliás, a mãe disse que você não tem escrito para ela ultimamente — ele lembrou.

— E... — Os outros magos teriam ficado surpresos diante do olhar de constrangimento penitente do seu arquirreitor. — Ando ocupado. Sabe como é.

— Ela disse para não me esquecer de lhe dizer que espera nós dois para o almoço de Réveillon dos Porcos.

— Não esqueci — disse Ridcully, carrancudo. — Estou ansioso.

— E se virou para o pega pra capar atrás deles.

— Parem com isso, colegas.

— Irmãos! Contenham-se! — gritou o sacerdote-chefe.

O Orador da Classe soltou a cabeça do sumo sacerdote do Culto de Hinki. Alguns párocos pararam de chutar o Tesoureiro. Houve

uma arrumação de roupas geral, uma busca por chapéus e um surto de tosses de constrangimento.

— Assim está melhor — disse Ridcully. — Agora, sua eminência, o sacerdote-chefe, e eu decidimos... O Decano lançou um olhar furioso para um bispo muito pequeno.

— Ele me chutou! Você me chutou! — O! Não chutei, não, meu filho.

— Chutou, sim, senhor — sussurrou o Decano. — De lado, para ninguém ver! —... decidimos... — repetiu Ridcully, encarando o Decano — buscar uma solução para os presentes distúrbios num espírito de fraternidade e boa vontade, e isso inclui você, Orador da Classe.

— Não deu! Ele me empurrou.

— Ora! Que você seja perdoado! — disse o diácono de Thrume, com firmeza. Houve um estrondo acima deles. Uma chaise-longue desceu galopando as escadas e despedaçou a porta do salão.

—Acho que, talvez, os guardas ainda estejam tentando libertar o Patrício — comentou o sacerdote-chefe. — Parece que até as suas passagens secretas se trancaram.

— Todas elas ? — Achei que o danado tivesse passagens em todo lugar — disse Ridcully.

— Todas trancadas — confirmou o sacerdote-chefe. — Todas elas.

— Quase todas — corrigiu uma voz atrás dele.

A expressão de Ridcully não mudou quando ele se virou, apenas foi adicionada uma leve cobertura extra.

Parecia que um vulto saía pela parede. Era humano, mas só por um descuido. Magro, pálido e todo vestido de preto empoeirado, o Patrício sempre fazia Ridcully pensar num flamingo de pedra, se existisse um flamingo preto e com a paciência de uma pedra.

— Ah, lorde Vetinari. Ficou muito feliz que esteja ileso.

— Falarei com os senhores no Escritório Oblongo — disse o Patrício. Atrás dele, um painel na parede deslizou de volta para onde estava sem fazer barulho.

— Eu... hã... creio que haja vários guardas lá em cima, tentando libertar... — começou o sacerdote-chefe.

O Patrício acenou para ele com uma mão magra.

— Nem sonharia interrompê-los. Assim, eles têm algo para fazer e se sentem importantes. Caso contrário, só têm que ficar parados o dia todo fazendo cara de mau e controlando a bexiga. Venham por aqui.

Os líderes dos outros grêmios de Ankh-Morpork apareciam sozinhos ou aos pares, enchendo a sala aos poucos.

O Patrício permanecia sentado com ar sombrio e olhava para os papéis sobre a mesa enquanto eles discutiam.

— Bom, não somos nós — disse o chefe dos alquimistas.

— As coisas sempre voam pelos ares quando vocês estão por perto — duvidou Ridcully.

— Sim, mas apenas por causa de reações exotérmicas imprevisíveis.

— As coisas sempre explodem — traduziu o suplente do chefe dos alquimistas, sem levantar a cabeça.

— Elas podem ir para os ares, mas depois descem novamente. Não ficam flutuando ou, por exemplo, começam a se desatarraxar — insistiu o chefe, franzindo a testa numa expressão de advertência.

— De todo modo, por que faríamos isso? Vou lhe contar, minha oficina está um inferno! Tem coisa zunindo para todo lado! Um pouco antes de sair, uma peça de vidro enorme e muito cara se quebrou em estilhaços! — Isso, proveta pra dar uma resposta afiada — disse uma voz sem graça. Os corpos apinhados chegaram para o lado e revelaram o secretário-geral e Chefe Alvo de Zombaria do Grêmio de Imbecis e Gracejadores. Ele se retraiu diante da atenção de todos, mas se retraía o tempo todo, de qualquer jeito. Parecia um homem cujo rosto fora o ponto de impacto de muitos pudins, cuja calça fora lavada muitas vezes com água sanitária, cujos nervos se desintegrariam completamente diante do som de mais um whoopee-cushion? [12] Os outros líderes de grêmios tentavam ser legais com ele da mesma forma como as pessoas tentam ser legais com alguém que está de pé sobre a borda de um edifício muito alto.

— Como assim, Geoffrey? — perguntou Ridcully, no tom mais gentil que conseguiu.

O Imbecil engoliu seco.

— Bom, assim — murmurou —, os estilhaços são afiados e proveta é uma peça de vidro apropriada para operações alquímicas. Eu disse proveta, que lembra aproveita, e afiada, que também significa perspicaz ou exasperada. Ele aproveitou pra dar uma resposta afiada. Entendeu? É um jogo de palavras. Hum... Não foi muito bom, né? O arquirreitor olhou para olhos que pareciam dois ovos moles.

— Ah, um trocadilho. É claro. Ho, ho, ho. Ele acenou com a mão para encorajar os outros.

— Ho, ho, ho — disse o sacerdote-chefe.

— Ho, ho, ho — repetiu o líder do Grêmio dos Assassinos.

— Ho, ho, ho — emendou o chefe dos alquimistas. — E, sabe, o que faz com que seja ainda mais engraçado é que, na verdade, era um alambique.

— Então, o que vocês estão me dizendo — disse o Patrício, enquanto mãos atenciosas ajudavam o Imbecil a sair — é que nenhum de vocês é responsável por esses eventos? Ele lançou um olhar significativo para Ridcully enquanto falava. O arquirreitor estava prestes a responder quando seu olhar foi preso por um movimento na mesa do Patrício.

Havia uma pequena maquete do palácio dentro de um globo de vidro. Ao lado, uma faca corta-papel.

A faca dobrava—se lentamente.

— E então? — insistiu o Patrício.

— Nós não — respondeu Ridcully, num tom pouco expressivo. O Patrício seguiu o seu olhar.

A faca corta-papel já estava curva como um arco. O Patrício passou a vista pela multidão encabulada até encontrar o capitão Doxie da Guarda Municipal de Vigília Diurna.

— Será que você não pode fazer alguma coisa? — perguntou.

— É... Tipo o quê, senhor? A faca? É... Acho que poderia prendê-la por estar se curvando.

Lorde Vetinari ergueu as mãos para o céu.

— Então! Não é magia! Não são os deuses! Não são as pessoas! O que é? E quem vai pôr um fim nisso? Quem é que eu vou chamar? Meia hora depois o pequeno globo desaparecera. Ninguém notou. Ninguém nunca nota.

A senhora Bolinho sabia quem chamar.

— Você está aí, Um-Homem-Balde?—Balde? — perguntou.

Depois se protegeu, apenas por precaução.

Uma voz petulante e aguda escoou pelo ar.

onde você esteve? não consigo me mexer aqui! A senhora Bolinho mordeu o lábio. Uma resposta tão direta significava que seu guia espiritual estava preocupado. Quando não tinha nada em mente, passava cinco minutos falando sobre búfalos e grandes espíritos brancos, embora, se Um-Homem-Balde chegasse perto de algum espírito branco, o beberia. Ninguém pode saber o que faria com um búfalo. E não parava de colocar hum e vixi na sua fala.

— Como assim? *aconteceu catástrofe ou algo assim? alguma peste de dez segundos?* — Não. Acho que não.

a pressão está forte aqui, sabe. o que é que está atrasando tudo? — Como assim? *calabocacalaboca0calaboca* estou tentando falar com a moça! esse grupinho aí, vamos fazer menos barulho! ah, *é? quem disse...*

A senhora Bolinho percebeu outras vozes tentando abafar o som da voz dele.

— Um-Homem-Balde! *selvagem bárbaro, é? quer saber o que este selvagem bárbaro vai dizer a você? é? olha, já estou por aqui há 100 anos, tá! não tenho que ouvir esse tipo de conversa*

de alguém que ainda está morno! está bem. já chega, seu... Sua voz foi ficando distante.

A senhora Bolinho ficou quieta.

A voz dele voltou.

... ah, é? ah, é? bom, talvez você fosse grande quando era vivo, meu amigo, mas aqui e agora você é só um lençol com dois buracos! ah, você não gosta disso, é...

— Ele vai começar a brigar de novo, mãe — disse Ludimila, que permanecia encolhida ao lado do fogão. — Ele sempre chama as pessoas de "meu amigo" um pouco antes de bater nelas.

A senhora Bolinho suspirou.

— E parece que ele vai brigar com muita gente — insistiu Ludimila.

— Ah, está bem. Pega um vaso para mim. Um barato, olha lá. As pessoas suspeitam bastante, mas, em geral, não sabem que todas as coisas estão associadas a uma forma espiritual que, com o seu fim, passa a existir por pouco tempo no espaço frio entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Isso é importante.

— Não, esse, não. Esse era da sua vó.

Essa existência espectral não dura muito tempo sem uma consciência que a mantenha coesa, mas, dependendo do que você tenha em mente, ela pode durar tempo suficiente.

— Esse serve. Nunca gostei da estampa.

A senhora Bolinho tirou um vaso alaranjado com peônias das patas da filha.

— Ainda está aí, Um-Homem-Balde? — perguntou.

... vou fazer você se arrepender do dia em que morreu, seu chorão...

— Pega.

Ela derrubou o vaso sobre o fogão. Ele se espatifou.

Um minuto depois, houve um som vindo do Outro Lado. Se um espírito sem corpo acertasse outro espírito sem corpo com o fantasma de um vaso, teria feito um som igual a esse.

está bem — disse a voz de Um-Homem-Balde. — *de onde veio esse tem mais, falou?* As Bolinho, mãe e filha peluda, fizeram sinal positivo com a cabeça uma para a outra.

Quando Um-Homem-Balde falou novamente, sua voz gotejava uma satisfação pretensiosa.

só um pouco de desentendimento a respeito de hierarquias, só resolvendo uma questão de espaço pessoal, estamos com muitos problemas aqui, senhora Bolinho, é tipo uma sala de espera...

Houve um vozerio agudo de outros queixosos sem corpo.

... será que poderia dar um recado, por favor, para o senhor...

... diga a ele que tem um saco de moedas na borda da chaminé...

... Agnes não pode ficar com o faqueiro depois do que ela disse da nossa Molly...

... não deu tempo de dar comida pro gato, alguém poderia ir... calabocacalabocacalaboca! — Isso foi Um-Homem-Balde mais uma vez. — *vocês não têm a menor noção, hein? desde quando isso é conversa de fantasma? dar comida pro gato? por que não dizem "estou muito feliz aqui e aguardando para que vocês se juntem a*

mim"? ... olha, se mais alguém se juntar a nós, a gente vai ter que ficar na cabeça um do outro...

não é essa a questão, não é essa a questão, só isso que estou dizendo, quando você é espírito, tem certas coisas que tem que dizer, senhora Bolinho? — Sim? você tem que contar sobre isso para alguém. A senhora Bolinho concordou com a cabeça.

— Agora vocês todos vão embora. Estou tendo uma das minhas dores de cabeça. A bola de cristal se apagou.

— E aí? — perguntou Ludimila.

— Não vou contar isso pra nenhum sacerdote — ponderou com firmeza. Não que a senhora Bolinho não fosse uma mulher religiosa. Ela era, como já deu para perceber, uma mulher realmente muito religiosa. Não havia um templo, igreja, mesquita ou conjunto de pedras em pé, em qualquer lugar da cidade, que ela não tivesse visitado em algum momento. Como resultado, era mais temida do que um novo Iluminismo. A mera visão do corpo pequeno e gordo da senhora Bolinho na soleira da porta era suficiente para deixar a maioria dos sacerdotes morta de medo no meio da sua invocação. Morto. Essa era a questão. Todas as religiões possuíam opiniões muito firmes sobre falar com os mortos. Assim como a senhora Bolinho. Diziam que era pecado. A senhora Bolinho dizia que era apenas uma cortesia comum.

Isso costumava gerar um debate eclesiástico ardente, que terminava com a senhora Bolinho passando ao sacerdote-chefe o que ela chamava de "carão". Havia tantos carões passados por ela que era surpreendente ela ainda ter algum carão para continuar

seguindo sua vida. Mas, por estranho que pareça, quanto mais carão ela passava, mais ela tinha.

Também havia a questão de Ludimila. Ludimila era um problema. O finado senhor Bolinho, que os deuses o tenham, nunca chegou sequer a assobiar para a lua cheia em toda a sua vida. A senhora Bolinho tinha suspeitas obscuras de que Ludimila era um regresso ao passado distante da família nas montanhas ou, talvez, tinha contraído os genes quando criança. Ela tinha certeza absoluta de que sua mãe mencionara com seriedade o fato de que o tio-avô Erasmus às vezes tinha que fazer as refeições debaixo da mesa. De todo modo, Ludimila era uma jovem correta e ereta por três a cada quatro semanas, e uma loba peluda que se comportava perfeitamente bem durante o resto do tempo. Os sacerdotes geralmente não conseguiam ver a coisa por esse ponto de vista. Porque, sempre que a senhora Bolinho se desentendia com qualquer sacerdote [13] que fizesse a moderação entre ela e os deuses, ela já era responsável, devido à força de sua personalidade, pelos arranjos de flores, limpeza do altar e do templo, lavagem da pedra sacrificial, "virginar" o vestígio honorífico, consertar o genuflexório e todos os outros papéis coadjuvantes religiosos essenciais, e sua saída resultava no caos total. A senhora Bolinho abotoou o casaco até o pescoço.

— Isso não vai dar certo — comentou Ludimila.

— Vou tentar os magos. Eles têm que ser avisados — disse a senhora Bolinho. Ela tremia, sentindo-se importante, como uma pequena bola de futebol enfurecida.

— É, mas você disse que eles nunca ouvem.

— Tenho que tentar. E você, o que está fazendo fora do seu quarto? — Ah, mãe. Você sabe que eu odeio aquele quarto. Não tem nenhuma necessidade...

— Todo cuidado é pouco. Digamos que você põe na cabeça sair correndo atrás das galinhas dos outros? O que os vizinhos iam dizer?

— Nunca senti a menor vontade de correr atrás de galinhas, mãe — disse Ludimila, cansada.

— Ou correr atrás das carroças, latindo.

— Isso é cachorro, mãe.

— Volta pro seu quarto, se tranca lá, seja uma boa menina e vê se vai costurar alguma coisa.

— Você sabe que não consigo segurar as agulhas direito, mãe.

— Tenta, pela sua mãe.

— Está bem, mãe — concordou Ludimila.

— E não fique perto da janela. Não queremos incomodar as pessoas.

— Está bem, mãe. E não se esqueça de ligar a sua premonição. Você sabe que a sua vista não é mais a mesma.

A senhora Bolinho viu a filha subir as escadas. Depois saiu, trancou a porta da frente e partiu confiante na direção da Universidade Invisível, onde, ela ouviu dizer, havia muita coisa absurda de todo tipo.

Qualquer um que a observasse avançando pela rua teria percebido um ou dois detalhes estranhos. Apesar do seu andar torto, ninguém esbarrava nela. Ninguém desviava, ela simplesmente não estava onde as pessoas estavam. A certa altura, hesitou e entrou num beco. No momento seguinte, um barril rolou para fora de uma

carroça que era descarregada em frente a uma taverna e bateu na calçada, onde ela estaria. Saiu do beco e passou pelo barril espatifado, murmurando consigo mesma.

A senhora Bolinho passava muito tempo murmurando. Sua boca estava em movimento constante, como se tentasse tirar uma semente presa nos dentes de trás. Ela chegou aos portões altos e pretos da Universidade e hesitou mais uma vez, como se ouvisse uma voz interior.

Depois deu um passo para o lado e esperou.

José Porta deitou no escuro do palheiro e esperou. Podia ouvir os eventuais ruídos equinos de Pituco, logo abaixo — um movimento suave, um ranger de dentes. José Porta. Agora, ele tinha um nome. É claro que sempre teve um nome, mas recebera um nome pelo que personificava, não por quem era. José Porta. Tem uma sonoridade boa e sólida. Senhor José Porta. Zé Porta, ilmo. senhor Zeca P. Não. Zeca não. José Porta acomodou-se melhor na palha. Pôs a mão dentro do manto e retirou uma ampulheta dourada. Havia — era muito perceptível — menos areia na parte de cima. Guardou-a de volta.

Então, havia o "sono". Sabia o que era. As pessoas faziam isso durante muito tempo. Elas se deitavam e o sono acontecia. Presume-se que tenha algum propósito. Ficou atento para o tal momento com interesse. Teria que submetê-lo a uma análise. A noite deslizou para o outro lado do mundo, perseguida com calma por um novo dia.

Havia uma agitação no galinheiro do outro lado do pátio.

— Cócoriii... é...

José Porta olhava fixamente para o teto do celeiro.

— Cócori... é...

Uma luz cinzenta infiltrava-se pelas fendas.

No entanto, momentos atrás havia a luz avermelhada do pôr do sol! Seis horas haviam evaporado.

José puxou a ampulheta para fora. Sim. O nível encontrava-se definitivamente mais baixo. Enquanto esperava para ter a experiência do sono, algo roubara parte da sua... da sua vida. E ele perdera totalmente a experiência...

— Có... cori... é...

Ele desceu do celeiro e se viu no meio da névoa fina da manhã. As galinhas mais velhas o observaram com atenção quando espiou dentro da casa delas. Um galo velho e com ar bastante embaraçado olhou para ele com raiva e virou para o outro lado.

Houve um som metálico proveniente da casa. Um aro de ferro de barril velho estava pendurado na porta, e a senhorita Flitworth batia nele com uma concha, com movimentos vigorosos.

Ele se aproximou em silêncio para examinar.

—PARA QUE ESTÁ FAZENDO O BARULHO, SENHORITA FLITWORTH? Ela deu uma volta com a concha meio erguida.

— Minha nossa, você deve andar como um gato! — DEVO? — Quero dizer que não o ouvi. — Ela recuou e o olhou de cima para baixo.

— Ainda tem alguma coisa estranha em você que eu não consigo identificar direito, Zé Porta. Queria saber o que é.

O esqueleto de 2,15 metros a observou, impassível. Ele sentiu que não havia nada que pudesse dizer.

— O que você quer de café da manhã? — perguntou a velha. — Não que vá fazer alguma diferença, porque é mingau de aveia.

Depois ela pensou: ele deve ter comido, porque a tigela estava vazia. Por que não consigo me lembrar? E tinha a questão da foice. Ele olhou para ela como se nunca tivesse visto uma antes. Ela mostrou os detalhes da lâmina e do cabo. Ele olhou com educação.

— COMO FAZ PARA AFIÁ-LA, SENHORITA FLITWORTH? — Já está bastante afiada, minha nossa.

— COMO FAZ PARA AFIÁ-LA AINDA MAIS? — Não dá. Já está afiada e pronto. Não dá pra ficar mais afiada que isso. Ele passou a foice no ar de um lado para o outro, fazendo um som de silvo decepcionante.

E havia o capim também.

O campo de feno estava alto, na colina perto da fazenda, acima da plantação de milho. Ela o observou por algum tempo.

Era a técnica mais interessante que já vira. Nem imaginava que fosse tecnicamente possível.

Finalmente, ela disse: — Está ótimo. Você tem ritmo e tudo o mais.

— OBRIGADO, SENHORITA FLITWORTH.

— Mas por que uma folha por vez? José Porta ficou olhando para a fileira reta de hastes por algum tempo.

— EXISTE OUTRA MANEIRA? — Você pode cortar várias de uma vez, sabe.

— NÃO. NÃO. UMA FOLHA DE CADA VEZ. UMA VEZ, UMA FOLHA.

— Não vai cortar muitas desse jeito — observou a senhorita Flitworth.

— CORTO TODAS, ATÉ A ÚLTIMA, SENHORITA FLITWORTH.

—É? — PODE CONFIAR EM MIM NESSE ASSUNTO.

A senhorita Flitworth o deixou trabalhando e voltou para a casa da fazenda. Ela parou em frente à janela e observou o vulto distante e misterioso por algum tempo, enquanto se movia pela colina.

O que será que ele fazia?, pensou. Ele tem um passado. Deve ser um desses homens misteriosos, imagino. Talvez tenha participado de algum roubo e esteja foragido. Já cortou uma fileira inteira. Uma de cada vez, mas de alguma forma mais rápido do que um homem passando por cima de uma faixa inteira... A única coisa que a senhorita Flitworth lia era o Almanaque do Fazendeiro e Catálogo de Sementes, que podia ficar um ano inteiro no banheiro, se ninguém passasse muito mal. Além das informações calmas e racionais sobre as fases da Lua e semeaduras, tinha a terrível tendência para relatar em detalhes diversos assassinatos em massa, roubos cruéis e desastres naturais que ocorriam com a humanidade, com o seguinte teor: "15 de junho, Ano do Arminho Improvisado: nesse dia, há 150 anos, um Homem assassinado por banho Grotesco de Goulash em Quirm" ou [14] "morrem nas mãos de Chume, o Famigerado Lança-Arenques".

O importante em tudo isso é que essas coisas aconteceram muito longe e, possivelmente, por meio de alguma intervenção divina. As únicas coisas que costumavam acontecer nas redondezas eram o eventual roubo de uma galinha e um eventual troll errante. É claro que também havia assaltantes e bandidos nas colinas, mas

eles se davam bem com os atuais moradores e eram essenciais para a economia local. Mesmo assim, ela sentia que estaria mais segura com alguém por perto.

O vulto misterioso na colina já estava adiantado na segunda fileira. Atrás dele, o capim cortado definhava no sol.

— TERMINEI, SENHORITA FLITWORTH.

— Vai dar comida pra porca, então. Ela se chama Nancy.

— NANCY — repetiu José, revirando a palavra dentro da boca como se estivesse tentando vê-la por todos os ângulos.

— Era o nome da minha mãe.

—VOU DAR COMIDA PARA A PORCA NANCY, SENHORITA FLITWORTH.

Para a senhorita Flitworth, parecia que haviam passado apenas alguns segundos.

— TERMINEI, SENHORITA FLITWORTH.

Ela olhou para ele com os olhos apertados. Depois, devagar e com ar de ponderação, limpou as mãos num pano, foi até o quintal e seguiu para o chiqueiro. Nancy estava afundada até os olhos na tina de lavagem.

Ela se perguntou exatamente qual comentário deveria fazer. Finalmente, disse: — Muito bem. Muito bem. Você... você... você realmente trabalha... rápido.

—SENHORITA FLITWORTH, POR QUE O GALO NÃO CANTA DIREITO? — Ah, o Cirilo é assim mesmo. Não tem memória muito boa. Ridículo, né? Queria que ele cantasse certo.

José Porta encontrou um pedaço de giz na velha oficina da fazenda, localizou um pedaço de papelão no meio do entulho e levou

algum tempo escrevendo com muito cuidado. Depois, apoiou a placa na frente do galinheiro e pôs Cirilo de frente para ela.

— ISTO VOCÊ VAI LER.

Cirilo apertou os olhos míopes para enxergar o "Cocoricó" escrito em letras góticas carregadas. Em algum lugar do seu cérebro minúsculo de galo formou-se o entendimento muito distinto e racional de que era melhor ele aprender a ler muito rápido. José Porta recostou-se no meio do feno e pensou no seu dia. Parecia ter sido um dia bastante cheio. Ele cortou grama, deu comida a animais e consertou uma janela. Encontrara um macacão velho pendurado no celeiro que parecia muito mais apropriado a um José Porta do que um manto costurado com escuridão absoluta. Então o vestiu. E a senhorita Flitworth lhe dera um chapéu de palha de aba larga. Ele arriscou a caminhada de quase um quilômetro até a cidade. Não era sequer uma cidade de um só cavalo. Se alguém tivesse um cavalo, eles o teriam comido. Os moradores pareciam ganhar a vida roubando as roupas lavadas uns dos outros. Havia uma praça da cidade, que era ridícula. Na verdade, não passava de uma encruzilhada ampliada, com uma torre de relógio. E havia uma taverna. Ele entrou. Após a pausa inicial, durante a qual a mente das pessoas teve que se reestruturar para dar espaço a ele, elas foram hospitaleiras com cautela. As notícias correm ainda mais rápido nas videiras com poucas uvas.

— Você deve ser o novo homem lá da senhorita Flitworth — disse o barman. — O tal de senhor Porta, ouvi falar.

— PODE ME CHAMAR DE ZÉ.

—Ah? Antes era uma fazenda bem arrumada, há muito tempo. Nunca pensamos que a velha garota ia ficar.

— Ah — concordaram alguns velhos perto da lareira.

—AH.

— Novo por aqui, então? — perguntou o barman.

O silêncio repentino dos outros homens no bar parecia um buraco negro.

— NÃO EXATAMENTE.

— Já esteve por aqui antes, é? — SÓ DE PASSAGEM.

— Dizem que a velha senhorita Flitworth é doida — comentou um dos vultos num dos bancos perto da parede enegrecida de fumaça.

— Mas tem a mente afiada como uma faca, veja bem — emendou outro freguês encurvado.

— Ah, sim. A mente dela é afiada. Mas não deixa de ser doida.

— E dizem que ela tem caixas cheias de tesouro naquele salão velho.

— Ela é avarenta com dinheiro, isso eu sei.

— Isso é uma prova. Gente rica é sempre avarenta.

— Está bem. Mente afiada e rica. Mas não deixa de ser doida.

— Não dá pra ser doida e rica. Você é excêntrico, se for rico. O silêncio voltou e pairou. José Porta procurou desesperadamente alguma coisa para dizer. Ele nunca tinha sido muito bom em conversa fiada. Nunca tinha tido muita oportunidade de praticar.

O que as pessoas diziam em momentos como este? Ah, sim.

— VOU PAGAR UMA BEBIDA PARA TODO MUNDO

— anunciou.

Mais tarde, ensinaram-lhe um jogo que consistia em uma mesa com buracos e redes nas pontas, e bolas esculpidas na madeira com muita habilidade. Parecia que as bolas tinham que bater umas nas outras e entrar nos buracos. Chama-se Bola na Caçapa. Ele jogou bem. Na verdade, jogou com perfeição. No começo, não sabia como não jogar. Mas, depois que ouviu os outros se lamentando algumas vezes, ele se corrigiu e passou a cometer erros com precisão meticulosa. Quando lhe ensinaram dardo, já estava ficando muito bom com eles. Quanto mais erros cometia, mais as pessoas gostavam dele. Então, arremessava os pequenos dardos leves com frieza e precisão, sem deixar nenhum deles cair a menos de 30 centímetros do alvo que apontavam com insistência. Até fez um deles ricochetear na cabeça de um prego e numa lamparina para cair na cerveja de alguém, o que fez um dos homens mais velhos rir tanto que teve que ser carregado para fora para tomar um ar fresco. Eles o chamaram de Grande Zezinho.

Ninguém nunca o havia chamado assim antes.

Que noite estranha.

Houve um momento ruim, no entanto. Ele ouviu uma vozinha dizer "aquele homem é um esqueleto" e, quando se virou, viu uma criança pequena de pijama olhando para ele do alto do bar, não aterrorizada, mas com um espanto fascinado. O dono do bar, que

José agora sabia se chamar Lifton, deu uma risada nervosa e pediu desculpas.

— É só o jeito dela. Cada coisa que as crianças dizem, hein? Anda, volta pra cama, Sal. E pede desculpas pro senhor Porta.

— Ele é um insqueleto com roupas — insistiu a criança. — Por que a bebida não escorre toda? Ele quase entrou em pânico. Seus poderes intrínsecos falhavam, então. As pessoas geralmente não conseguiam vê-lo — ocupava um ponto cego nos sentidos delas, preenchido por elas em algum lugar da mente com algo que preferissem encontrar. Mas a falta de capacidade dos adultos de vê-lo claramente não era resistente a essas declarações insistentes, e ele pôde sentir o constrangimento ao seu redor. Então, a tempo, a mãe da criança veio do quarto dos fundos e levou-a embora. Ainda se ouviu reclamações abafadas com coisas do tipo "... um insqueleto com todos os ossos..." desaparecendo perto do patamar da escada.

O tempo todo, o relógio antigo acima da lareira fazia tiquetaque, tiquetaque e arrancava os segundos da sua vida que, até pouco tempo antes, pareciam ser tantos... Ele ouviu uma batida fraca na porta do celeiro, abaixo do palheiro. Ouviu a porta sendo empurrada.

— Você está decente, Zé Porta? — perguntava a voz da senhorita Flitworth no escuro.

José Porta analisou o significado da frase dentro do contexto.

— SIM? — arriscou.

— Trouxe um leite quente para você.

— SIM? — Anda, vem rápido. Senão vai esfriar.

José Porta desceu a escada de madeira com cuidado. A senhorita Flitworth segurava uma lamparina e tinha um xale em volta dos ombros.

— Tem canela. Meu Ralph sempre gostou de canela. — Ela suspirou. José Porta percebia indiretas e insinuações do mesmo modo como um astronauta percebe as diferentes zonas climáticas abaixo dele. São todas visíveis, estão lá, todas expostas para análises e todas completamente separadas da experiência real.

— OBRIGADO.

A senhorita Flitworth olhou ao redor.

— Você realmente se acomodou bem aqui — disse, animada.

—SIM.

Ela puxou o xale para cima dos ombros.

— Vou voltar para casa, então. Pode trazer a caneca de volta pela manhã. Ela saiu depressa para a escuridão da noite.

José Porta levou a bebida até a parte de cima do palheiro. Colocou-a sobre uma viga baixa, sentou-se e ficou observando-a até esfriar e a vela apagar. Depois de algum tempo, deu-se conta de um insistente som sibilante. Pegou a ampulheta dourada e a colocou no outro canto do palheiro, debaixo de uma pilha de feno. Não fez diferença alguma.

Windle Poons apertava os olhos para ver os números das casas — cem Pinheiros Contadores haviam morrido só para aquela rua — e depois percebeu que não precisava fazer isso. Viu que se fazia de míope por hábito e resolveu melhorar a visão. O número 668 demorou um pouco para ser achado porque estava no segundo andar, acima de uma alfaiataria. A entrada localizava-se numa

passagem lateral. Havia uma porta de madeira no fundo do beco. Sobre a sua tinta descascada alguém pendurara uma placa que dizia: "Entre! Entre!! O Clube do Recomeço Vigoroso. Estar Morto é apenas o Começo!!!" A porta abriu-se de frente para um lance de escadas que cheirava a tinta velha e moscas mortas. Os degraus rangiam mais que os joelhos de Windle. Alguém desenhara nas paredes. A fraseologia era exótica, mas o tom geral parecia bastante familiar: Assombrações do mundo, rebelem-se, Vocês não têm Nada a perder, a não ser as suas Correntes, e a Maioria Silenciosa quer o Direito dos Mortos e o Fim do vitalismo já!! No alto havia um patamar com uma porta aberta. Um dia, alguém pendurara um lampião a óleo no teto, mas parecia que não era aceso havia milhares de anos. Uma aranha velha, possivelmente vivendo dos restos do óleo, o observava em estado de alerta no seu ninho.

Windle olhou para o cartão mais uma vez, respirou fundo pelo hábito e bateu à porta.

O arquirreitor voltou furioso para a Faculdade, com os outros se arrastando desesperadamente atrás dele.

— Quem ele vai chamar?! Nós somos os magos, aqui! — É, mas não sabemos o que está acontecendo, sabemos? — perguntou o Decano.

— Então vamos descobrir! — gritou Ridcully. — Não sei quem ele vai chamar, mas não tenho dúvida alguma de quem eu vou chamar.

Ele fez uma parada brusca. Os outros magos amontoaram—se perto dele.

— Ai, não — começou o Orador da Classe. — Isso não, por favor! — Não é nada de mais — disse Ridcully. — Nada com que se preocupar. Li tudo a respeito, ontem à noite, pra dizer a verdade. Dá para usar três lascas de madeira e...

— Por centímetro cúbico de sangue de rato — completou o Orador da Classe, desanimado. — Mas nem é preciso usar isso. Você pode usar duas lascas de madeira e um ovo. Mas tem que ser um ovo fresco.

— Por quê? — Acho que o rato se sente melhor.

— Não, estou falando do ovo.

— Ah, quem vai saber como o ovo se sente? — Bom — interrompeu o Decano —, é perigoso. Sempre desconfiei de que ele só fica no octograma por causa da aparência do troço. Odeio quando fica olhando para a gente como se estivesse contando.

— É — concordou o Orador da Classe. — Não precisamos fazer isso. Conseguimos superar a maioria dos problemas. Dragões, monstros. Ratos. Lembra dos ratos, no ano passado? Pareciam estar em toda parte. Lorde Vetinari não queria nos escutar de jeito nenhum. Pagou mil peças de ouro para aquele tratante de calça justa vermelha e amarela se livrar deles.

— Mas deu certo — lembrou o Conferencista sobre Runas Recentes.

— É claro que deu certo — confirmou o Decano. — E funcionou em Quirm e Sto Lat, também. E teria sumido com eles, em Pseudópolis também, se alguém não o tivesse reconhecido. O tal de senhor Maurício e seus Roedores Letrados! — Não adianta tentar mudar de assunto — disse Ridcully.

— Faremos o Ritual de AshKente. Certo? — E evocaremos Morte — comentou o Decano. — Ai, ai...

— Não há nada de errado com Morte — continuou Ridcully.

— Sujeito profissional. Muito trabalho a fazer. Líquido e certo. Ponta firme, não tem erro. Ele deve saber o que está acontecendo.

— Ai, ai — repetiu o Decano.

Eles chegaram ao portão. A senhora Bolinho deu um passo a frente, bloqueando o caminho do arquirreitor .

Ridcully ergueu as sobrancelhas.

O arquirreitor não é o tipo de homem que sente um prazer especial em ser grosseiro e rude com as mulheres. Ou, para dizer de outra forma, ele era grosseiro e rude com absolutamente todas as pessoas, sem levar em conta o sexo, o que era uma espécie de igualdade no trato. E, se a seguinte conversa não tivesse sido travada entre uma pessoa que ouvia o que o outro dizia alguns segundos antes de dizê-lo e uma pessoa que nunca ouvia o que as pessoas diziam, tudo poderia ter sido muito diferente. Ou talvez não. A senhora Bolinho começou com uma resposta.

— Eu num sou sua filha! — exclamou.

— E quem é você, minha filha? — perguntou o arquirreitor .

— Ora, isso num é modo de se falar com uma pessoa respeitável — disse a senhora Bolinho.

— Não há necessidade de se ofender.

— Ai, droga. É isso que eu tô fazendo? — perguntou a senhora Bolinho.

— Madame, por que é que a senhora está me respondendo antes mesmo que eu diga alguma coisa? — O quê? — O que você

está querendo dizer? — O que você tá querendo dizer? — O quê? Eles ficaram se olhando, presos num beco sem saída intransponível da conversa. Então, a senhora Bolinho se deu conta.

— Estou com premonições prematuras novamente. Ela enfiou o dedo no ouvido e o balançou fazendo um ruído. — Agora, está tudo bem. A razão... Mas Ridcully já tinha se cansado.

— Tesoureiro, faça o favor de dar uma moeda para esta mulher e dizer que pode cuidar da sua vida.

— O quê? — espantou-se ela, tomada repentinamente por uma raiva sem limite.

— Tem gente demais fazendo esse tipo de coisa, hoje em dia — comentou Ridcully ao Decano, enquanto andavam.

— São as pressões e o estresse da vida na cidade grande — explicou o Orador da Classe. — Li isso em algum lugar. Atinge as pessoas de maneiras estranhas. Eles atravessaram uma das cancelas do grande portão e o Decano a fechou na cara da senhora Bolinho.

— Pode ser que ele não venha — ponderou o Orador da Classe, enquanto atravessavam o pátio. — Ele não veio para a festa de despedida do pobre Windle.

— Ele virá para o Rito — disse Ridcully. — Ele não receberá apenas um convite, receberá um convite com um maldito RSVP! [14] — Ah, ótimo. Adoro xerez — animou-se o Tesoureiro. [15] — Cala a boca, Tesoureiro.

Havia um beco em algum lugar das Sombras, que era a parte mais cheia de becos de uma cidade cheia de becos.

Algo pequeno e brilhante rolou para dentro dele e desapareceu na escuridão. Após algum tempo, ouviram-se leves ruídos metálicos.

A atmosfera no escritório do arquirreitor encontrava-se muito fria. Por fim, o Tesoureiro disse, com a voz trêmula: — Será que ele está ocupado? — Cala a boca — disseram os magos, em uníssono.

Algo acontecia. O chão na parte de dentro do octograma mágico desenhado a giz estava esbranquiçado, congelando.

— Nunca ficou assim antes — observou o Orador da Classe.

— Está tudo errado — começou o Decano. — Deveríamos usar velas, caldeirões, alguma coisa borbulhando em caçarolas, purpurina, fumaça colorida...

— O Rito não precisa de nenhuma dessas coisas — discordou Ridcully, incisivo.

— O Rito pode não precisar, mas eu preciso — murmurou o Decano. — Fazê-lo sem a parafernália certa é como ficar totalmente sem roupa para tomar banho.

— É o que eu faço — disse Ridcully.

— Hunf. Bom, cada um é cada um, é claro, mas tem gente que gosta de pensar que mantemos um padrão.

— Será que ele está de férias? — perguntou o Tesoureiro.

— Ah, sim — zombou o Decano. — Em alguma praia? Tomando alguns drinques gelados e usando um boné escrito "Me beija rápido"? — Espera aí, espera aí. Alguém está vindo — sussurrou o Orador da Classe. O fraco contorno de um vulto encapuzado apareceu acima do octograma. Ele tremulava sem parar, como se fosse visto através do ar superaquecido.

— É ele — disse o Decano.

— Não é — discordou o Conferencista sobre Runas Recentes. — É só um manto cin... não há nada no...

Ele parou.

O vulto virou-se lentamente. E foi preenchido, indicando alguém que o usava, mas ao mesmo tempo dava a sensação de algo oco, como se não passasse de uma forma para algo sem forma própria. O capuz permanecia vazio.

O vazio observou os magos por alguns segundos e depois se voltou para o arquireitor. Ele disse: "Quem é você?" Ridcully engoliu seco.

— É... Mustrum Ridcully. O arquireitor .

O capuz balançou afirmativamente. O Decano enfiou o dedo no ouvido e sacudiu. O manto não falava. Nada era ouvido. Era como se depois você tivesse a lembrança repentina do que havia deixado de ser dito e não soubesse como aquilo chegou lá. O capuz disse: "Você é um ser superior neste mundo?" Ridcully olhou para os outros magos. O Decano o olhou fixamente.

— Bem... sabe... sim... O primeiro entre iguais, essas coisas... sim... — Ridcully conseguiu dizer.

Foi dito a ele: "Trazemos uma boa notícia".

— Boa notícia? Boa notícia? — Ridcully ficou aborrecido depois de encarar o olhar fixo do vulto sem olhar. — Ah, que ótimo. Isso é uma boa notícia. Foi dito a ele: "Morte se aposentou".

— Perdão? Foi dito a ele: "Morte se aposentou".

— Oh? Isso é... uma notícia... — disse Ridcully, incerto. — É... Como? Como... exatamente? Foi dito a ele: "Pedimos desculpas pela recente queda nos padrões".

— Queda? — perguntou o arquireitor, agora totalmente perplexo. — Bem... é... não tenho certeza de que houve uma... quer

dizer, é claro que o camarada estava sempre perambulando por aí, mas na maior parte do tempo nós quase não... Foi dito a ele: "Tudo tem sido irregular demais".

— Tem? Tem sido? Ah, bem, não pode haver irregularidades — concordou o arquirreitor .

Foi dito a ele: "Deve ter sido terrível".

— Bom, eu... isto é... imagino que nós... não tenho certeza... deve? Foi dito a ele: "Mas, agora, o encargo foi removido. Alegrem-se. É só. Haverá um curto período de transição, até que um candidato apropriado se apresente, e então serão retomados os serviços normais. Enquanto isso, pedimos desculpas por qualquer inconveniência inevitável causada por efeitos desnecessários à vida". O vulto estremeceu e começou a desaparecer.

O arquirreitor balançou as mãos, desesperado.

— Espere! Não pode simplesmente ir embora desse jeito! Ordeno que fique! Que serviços? O que significa tudo isso? Quem é você? O capuz virou-se para ele e disse: "Não somos nada".

— Isso não ajuda! Qual é o seu nome? "Somos o esquecimento." O vulto desapareceu.

Os magos ficaram em silêncio. O gelo no octograma começou a sublimar de volta ao ar.

— Uh-oh — disse o Tesoureiro.

— Curto período de transição? É isso o que está ocorrendo? — perguntou o Decano.

O chão estremeceu.

— Uh-oh — repetiu o Tesoureiro.

— Isso não explica por que todas as coisas estão vivendo uma vida própria — comentou o Orador da Classe.

— Espera aí... espera aí — começou Ridcully. — Se as pessoas estão chegando ao fim da vida e deixando o corpo e tudo o mais, mas Morte não as está levando embora...

— Isso quer dizer que estão fazendo fila aqui — emendou o Decano.

— Sem ter para onde ir.

— Não só as pessoas — ponderou o Orador da Classe. — Devem ser todas as coisas. Todas as coisas que morrem.

— Enchendo o mundo de força vital — completou Ridcully. Os magos falavam num tom monótono. A mente de todos eles se adiantava na conversa, em direção ao horror distante da conclusão.

—Andando por aí sem nada para fazer — disse o Conferencista sobre Runas Recentes.

— Fantasmas.

— Atividade poltergeist.

— Minha nossa.

— Mas, espera aí — interrompeu o Tesoureiro, que conseguira acompanhar os acontecimentos. — Por que isso deveria nos preocupar? Não temos nada a temer dos mortos, temos? Afinal, são apenas pessoas que estão mortas. São apenas pessoas normais. Pessoas como nós.

Os magos pararam para pensar sobre isso. Olharam uns para os outros. E começaram a gritar, todos ao mesmo tempo.

Ninguém se lembrou da parte sobre os candidatos apropriados. A fé é uma das forças orgânicas mais poderosas do multiverso. Ela

pode não mover montanhas, exatamente. Mas pode criar alguém que o faça. As pessoas entendem a fé de forma errada. Pensam que funciona de trás para a frente. Pensam que a sequência é: primeiro, objeto, depois, fé. Na verdade, funciona do modo contrário.

A fé se move pelo firmamento parecendo montes disformes de argila, espiralando-se no torno do ceramista. Assim os deuses são criados, por exemplo. Eles claramente têm que ser criados pelas pessoas que acreditam neles, porque um breve resumo da vida da maioria dos deuses sugere que suas origens certamente não poderiam ser divinas. Tendem a fazer exatamente as mesmas coisas que as pessoas fariam se pudessem, especialmente no que diz respeito a ninfas, chuvas de ouro e a derrota dos inimigos. A fé cria outras coisas.

Ela criou Morte. Não a morte, meramente um termo técnico para um estado causado pela ausência prolongada de vida, mas Morte, a personalidade. Ele evoluiu, por assim dizer, com a vida. Assim que uma coisa viva teve a mais tênue consciência da ideia de se tornar de repente uma coisa não-viva, lá estava Morte. Ele era Morte muito antes que os humanos refletissem sobre ele. Só adicionaram a forma e toda a coisa da foice e do manto a uma personalidade que já tinha milhões de anos de idade.

Agora, ele se fora. Mas a fé não para. A fé segue acreditando. E, como o foco da fé fora perdido, novos focos surgiram. Pequenos, por enquanto, não muito poderosos. As mortes particulares de cada espécie, não mais unificadas, mas específicas. No riacho, com escamas pretas, nadava o novo Morte das Efeméridas. Nas florestas,

invisível, uma criatura apenas de som, flutuava o chop-chop-chop do Morte das Arvores.

No deserto, uma concha escura e vazia fez um movimento intencional, um centímetro acima do chão... o Morte das Tartarugas.

O Morte da Humanidade não se encontrava completo, ainda. Os humanos conseguem acreditar em coisas muito complexas.

É como a diferença entre "pronta entrega" e "sob medida". Os sons metálicos pararam de sair do beco.

Houve silêncio. O silêncio muito ponderado de algo que não faz barulho algum. Finalmente, houve um som desafinado, muito leve, que desapareceu na distância.

— Não fique parado na porta, meu amigo. Não bloqueie o corredor. Entre. Windle Poons pestanejou na escuridão.

Quando seus olhos se acostumaram a ela, percebeu que havia um semicírculo de cadeiras numa sala empoeirada que não tinha outros móveis. Todas as cadeiras estavam ocupadas.

No centro — no foco, por assim dizer, do semicírculo — havia uma mesinha sobre a qual alguém se sentara. Todos avançavam na direção de Windle, com a mão erguida e um grande sorriso no rosto.

— Não diga, deixa eu adivinhar — disseram. — Você é um zumbi, certo? — É... — Windle Poons nunca vira ninguém com a pele tão pálida quanto as peles que via. Nem usando roupas que pareciam ter sido lavadas com gilete e cheiravam como se não apenas alguém tivesse morrido com elas, mas como se ainda as estivesse usando. Nem ostentando um broche com a expressão "100% Cinza".

— Não sei — ele respondeu. — Acho que sim. Só que me enterraram, sabe, e tinha este cartão... — Ele o estendeu, como se fosse um escudo.

— Claro que tinha. Claro que tinha — disse um vulto.

Ele vai querer que eu aperte a sua mão, pensou Windle. Se eu o fizer, sei que vou terminar com mais dedos do que quando comecei. Ai, caramba. Será que ficarei desse jeito? — E estou morto — emendou, sem graça.

—E de saco cheio de ser humilhado, hein? — perguntou a figura de pele esverdeada. Windle apertou sua mão com muito cuidado.

— Bem, não exatamente de saco...

— Meu nome é Shoe. Reg Shoe.

— Poons. Windle Poons. É...

— É, é sempre a mesma coisa — começou Reg Shoe, num tom amargo. — Quando você está morto, as pessoas não querem nem saber, certo? Agem como se você tivesse uma doença terrível. A morte pode acontecer a qualquer um, certo? — Pessoal, eu deveria ter imaginado. É...

— Sim, eu sei como é. Diga a alguém que você está morto e a pessoa te olha como se tivesse visto um fantasma — continuou o senhor Shoe. Windle percebeu que conversar com o senhor Shoe era muito semelhante a conversar com o arquirreitor. Na verdade, o que você dizia não importava, porque ele não ouvia. Só que, no caso de Mustrum Ridcully, era porque ele simplesmente não estava nem aí. Reg Shoe, por sua vez, completava o seu lado da conversa em algum lugar de sua própria mente.

— É, está certo — concordou Windle, desistindo.

— Nós já estávamos terminando, na verdade — observou o senhor Shoe. — Deixe-me apresentá-lo. Pessoal, este é... — Ele hesitou.

— Poons. Windle Poons.

—Irmão Windle. Vamos recebê-lo com uma grande saudação para um recomeço vigoroso.

Houve um coro constrangido de "olá". Um jovem grande e bastante peludo, no fim da fileira, encarou Windle e revirou os olhos amarelados num gesto teatral de solidariedade.

— Este é o irmão Artur Piscadela...

— Conde Naesferatoe — corrigiu uma voz feminina, de repente.

— E a irmã Doreen, quer dizer, condessa Naesferatoe, claro...

— Encantado, tenho certeza — disse a voz feminina, e a mulherzinha atarracada ao lado do conde atarracado estendeu a mão pesada. O conde deu um sorriso preocupado para Windle. Ele parecia usar um traje de ópera feito para um homem muito maior que ele.

— E o irmão Schleppel...

A cadeira estava vazia. Uma voz grave, no escuro debaixo dela, disse: — Boa noite.

— E o irmão Lupino. — O jovem musculoso e peludo com longos caninos e orelhas pontudas deu um aperto de mão vigoroso em Windle.

— E a irmã Drull e o irmão Gorper. E o irmão Ixolita. Windle apertou algumas variações sobre o tema mão. O irmão Ixolita entregou-lhe um papelzinho amarelo. Nele, liase a palavra: OoooEeeeOoooEeeeOoooEEEEe.

— Sinto muito que não haja mais gente aqui, nesta noite — disse o senhor Shoe.

— Faço o que posso, mas, infelizmente, algumas pessoas parecem não estar preparadas para fazer o esforço.

— É... pessoas mortas? — perguntou Windle, ainda olhando para o papel.

— Eu chamo de pessoas apáticas — observou o senhor Shoe, amargurado. — Como é que o movimento vai progredir, se as pessoas ficarem deitadas o tempo todo? Lupino começou a fazer movimentos frenéticos de "não o provoque" atrás da cabeça do senhor Shoe, mas Windle não conseguiu se conter a tempo.

— Que movimento? — perguntou.

— Dos Direitos dos Mortos — respondeu o senhor Shoe de imediato. — Vou lhe dar um panfleto.

— Mas, certamente... é... as pessoas mortas não têm direitos — disse Windle. No canto do seu campo visual, viu Lupino tapar os olhos.

— E não ficam mortas de raiva por isso — completou Lupino, com expressão totalmente séria. O senhor Shoe o encarou fixamente.

— Pessoas apáticas — repetiu. — É sempre a mesma coisa. Você faz de tudo pelas pessoas e elas simplesmente o ignoram. Você sabia que podem dizer o que quiserem sobre você e tomar as suas propriedades apenas porque está morto? E podem...

— Eu achava que a maioria das pessoas, quando morria, simplesmente... sabe... morria — comentou Windle.

— É pura preguiça. Elas só não querem fazer esforço. Windle nunca vira ninguém tão abatido. Reg Shoe pareceu encolher alguns centímetros.

— Há quanto tempo é um morto-vivo, Vindle? — perguntou Doreen, com frágil vivacidade.

— Quase nada — respondeu Windle, aliviado com a mudança de tom. — Devo dizer que é diferente do que imaginava.

— Você se acostuma — disse Artur Piscadela, de pseudônimo conde Naesferatoe, melancólico. — Ser um morto-vivo é assim. Tão fácil quanto cair de um penhasco. Somos todos mortos-vivos aqui.

Lupino tossiu.

— Exceto Lupino — corrigiu Artur.

— Sou mais o que se pode chamar de morto-vivo honorário — disse Lupino.

— Por ser um lobisomem — explicou Artur.

— Achei que fosse um lobisomem assim que o vi — comentou Windle, concordando.

— Toda lua cheia. Infalível — concordou Lupino.

— Você começa a uivar e os pelos crescem — disse Windle. Todos balançaram a cabeça negativamente.

— É... não — começou Lupino. — Sou mais do tipo que para de uivar e parte do meu pelo cai por algum tempo. É embaraçoso pra caramba.

— Mas achei que, com a lua cheia, seus instintos selvagens de lobisomem sempre...

— O problema de Lupino — interrompeu Doreen — é que tem uma abordagem contrária, sabe.

— Em termos técnicos, sou um lobo. É ridículo, na verdade. Toda lua cheia me transformo num homem-lobo. No resto do tempo, sou apenas um... lobo.

— Minha nossa. Deve ser um problema terrível.

— As calças são a pior parte — disse Lupino.

— É... são? — Ah, sim. Sabe, para os lobisomens humanos, não tem problema. Eles ficam com as próprias roupas. Quer dizer, podem ficar um pouco rasgadas, mas, ao menos, estão à mão, certo? Já eu, quando vejo a lua cheia, de repente estou andando e falando e definitivamente encrocado devido à grande falta de calças. Então tenho que andar com uma escondida em algum lugar. O senhor Shoe...

— ... pode me chamar de Reg...

— ... me deixa guardar uma calça no lugar onde ele trabalha.

— Eu trabalho na casa funerária da rua Elm. Não tenho vergonha. Vale a pena, para salvar um irmão ou uma irmã.

— Perdão? — disse Windle. — Salvar? — Sou eu quem prende o cartão no fundo da tampa — explicou o senhor Shoe.

— Nunca se sabe. Vale a pena tentar.

— E geralmente dá certo? — perguntou Windle. Ele olhou para a sala. Seu tom de voz deve ter sugerido que a sala era razoavelmente grande e havia apenas oito pessoas nela. Nove, se incluísse a voz debaixo da cadeira, que pode se supor que pertencia a uma pessoa.

Doreen e Artur se entreolharam.

— Deu certo para Artore — disse Doreen.

— Desculpe — começou Windle —, não pude deixar de me perguntar... Vocês dois são... é... vampiros, por acaso? — Isso

mesmo — assentiu Artur. — Infelizmente.

— Rá! Você non deveria falar assim — reprimiu—o Doreen, com altivez. — Deveria ter orgulha do sua linhagem nobre.

— Orgulha? — repetiu Artur.

— Você foi mordido por um morcego ou algo assim? — perguntou Windle rapidamente, com receio de ser a causa de algum atrito familiar.

— Não, por um advogado. Tenho uma carta, está vendo? Com uma gota de cera bacana e tudo o mais. Blá blá blá... tatataravô... blá blá blá... único parente vivo... blá blá... talvez sejamos os primeiros a oferecer o mais genuíno... blá blá blá. Num minuto, eu era Artur Piscadela, um homem com futuro promissor no negócio de hortifrutigranjeiros, e no minuto seguinte descobro que sou Artur, conde Naesferatoe, dono de 50 acres de parede de despenhadeiro do qual até uma cabra poderia cair, um castelo que até as baratas haviam abandonado e um convite do burgomestre para dar um pulinho na aldeia, qualquer dia, para discutir 300 anos de impostos atrasados.

— Detesto advogados — disse a voz debaixo da cadeira. Ela tinha uma sonoridade triste e profunda. Windle tentou aproximar as pernas de sua própria cadeira.

— Era uma castelo muito bom — comentou Doreen.

— Um maldito amontoado de pedras se esfarelado, isso sim — discordou Artur.

— Tinha belas vistas.

— É, através de todas as paredes — ironizou Artur, abrindo uma porta levadiça naquela avenida da conversa. — Eu devia ter

imaginado, antes mesmo de irmos lá ver. Então eu daria meia-volta com a carroça, certo? Pensaria... bom... são quatro dias perdidos bem no meio da nossa estação mais movimentada. Não vou mais pensar nisso. Quando vi, estava acordando no escuro, dentro de uma caixa, e encontrei uns palitos de fósforo. Acendi um, e havia um cartão a dez centímetros do meu nariz. Estava escrito...

— "Você não tem que fechar os olhos para isso" — completou o senhor Shoe, com orgulho. — Esse foi um dos meus primeiros.

— Não foi meu culpa — disse Doreen, com firmeza. — Você já estava deitado e rígido havia três dias.

— O sacerdote levou um susto, isso eu sei.

— Hunfi Sacerdotes! — repetiu o senhor Shoe. — São todos iguais. Sempre dizendo que você viverá novamente, depois que morrer. Mas tente fazer isso e verá a cara que eles fazem! — Também não gosto de sacerdotes — resmungou a voz debaixo da cadeira. Windle se perguntou se mais alguém a ouvia.

— Não vou esquecer o olhar atordoado do reverendo Welegare — disse Artur, com tristeza. — Frequentava aquele templo fazia 30 anos. Eu era respeitado na comunidade. Agora, só de pensar em pôr os pés num estabelecimento religioso, sinto uma dor em toda a minha perna.

— É, mas ele não precisava ter dito o que disse quando você empurrou a tampa — começou Doreen. — Além disso, é sacerdote. Não deveria conhecer esse tipo de palavra.

— Eu gostava daquele templo — continuou Artur, com saudades. — Era algo para se fazer às quartas.

Windle Poons se deu conta de que Doreen havia milagrosamente adquirido a habilidade de usar as concordâncias de maneira correta.

— E a senhora é uma vampira também, senhora Pis... perdão... condessa Naesferatoe? — perguntou, com educação.

A condessa sorriu.

— Meu nossa, sim.

— Por casamento — explicou Artur.

— Isso é possível? Achei que tivesse que ser por mordida. A voz debaixo da cadeira deu uma risadinha de deboche.

— Não vejo por que eu deva morder a minha esposa após 30 anos de casado e ponto final.

— Todo mulher deveria compartilhar as hobbies do marido. É o que mantém o casamento interessante.

— Quem quer um casamento interessante? Eu nunca disse que queria um casamento interessante. Esse é o problema das pessoas, hoje. Esperar que coisas como um casamento sejam interessantes. E não é um hobby, aliás — reclamou Artur. — Essa coisa de vampirismo não é tudo o que dizem, sabe. A gente não pode sair à luz do dia, não pode comer alho, não pode se barbear direito...

— Por que não pode se... — começou Windle.

— Não dá pra usar espelho — interrompeu Artur. — Eu achava que se transformar em morcego seria interessante, mas as corujas por aqui são de matar. E quanto ao... sabe... com o sangue... bem... — A voz dele falhou.

— Artore nunca foi bom em conhecer os pessoas — explicou Doreen.

— E a pior parte é ter que usar traje a rigor o tempo todo — reclamou Artur. Ele olhou para Doreen de rabo de olho. — Tenho certeza de que não é obrigatório.

— É muito importante manter as padrões — disse Doreen. Além do seu sotaque de vampiro que ia e vinha, ela decidira complementar o traje a rigor de Artur com o que considerava apropriado para uma vampira: vestido preto justo, cabelo preto e longo com um bico no meio e uma maquiagem muito pálida. A natureza a havia projetado para ser pequena e rechonchuda, com cabelo crespo e personalidade expansiva. Havia sinais definitivos de conflito.

— Eu deveria ter ficado naquele caixão — disse Artur.

— Ah, não — discordou o senhor Shoe. — Isso é escolher a saída mais fácil. O movimento precisa de gente como você, Artur. Tínhamos que dar o exemplo. Lembre-se do nosso lema.

— Qual lema, Reg? — perguntou Lupino, desanimado. — Temos tantos.

— "Morto-vivo, sim. João-ninguém, nem morto!" — Está vendo, a intenção dele é boa — observou Lupino, depois que a reunião se desfez.

Ele e Windle andavam pela madrugada cinzenta. Os Naesferatoc haviam saído mais cedo para estar em casa antes que a luz do dia desencadeasse ainda mais problemas em Artur, e o senhor Shoe saíra para, segundo ele, se manifestar numa reunião.

— Ele vai até o cemitério atrás do Templo dos Deuses Menores e grita — explicou Lupino. — Ele chama isso de despertar as consciências, mas acho que nem ele tem tanta certeza assim.

— Quem estava debaixo da cadeira? — perguntou Windle.

— Aquele é o Schleppel. Achamos que ele é um bicho-papão.

— Bichos-papões são mortos-vivos? — Ele não diz.

— Vocês nunca o viram? Achava que bichos-papões se escondiam debaixo das coisas e... é... atrás das coisas, e meio que pulavam em cima das pessoas.

— Ele sabe se esconder bem. Acho que não gosta de pular nos outros. Windle parou para pensar nisso. Um bicho-papão com agorafobia parecia completar o conjunto.

— Veja só — disse, num tom vago.

— Nós só fazemos parte do clube para deixar Reg feliz — explicou Lupino. — Doreen disse que ele ficaria muito mal, se saíssemos. Sabe qual é a pior parte? — Diga.

— Às vezes, ele leva um violão e faz a gente cantar músicas como "As Ruas de Ankh-Morpork" e "Nós Vamos Superar". [16] É horrível.

— Não sabem cantar, né? — Cantar? Cantar não é o problema. Já viu um zumbi tentando tocar violão? Ajudá-lo a encontrar os dedos depois é constrangedor. — Lupino suspirou. — Aliás, a irmã Drull é um ghoul. [17] Se ela lhe oferecer alguma das suas tortinhas de carne, não aceite. Windle lembrou-se de uma senhora tímida e indistinta num vestido cinza disforme.

— Minha nossa. Quer dizer que ela usa carne humana para fazê-los? — O quê? Ah, não. É que ela não sabe cozinhar muito bem.

—Ah.

— E o irmão Ixolita é, provavelmente, o único banshee no mundo com problema de fala. Em vez de ficar sentado no telhado e gritar quando as pessoas estão prestes a morrer, ele apenas escreve um bilhete e passa por debaixo da porta... Windle lembrou-se de um rosto comprido e triste.

— Ele me deu um, também.

— Nós tentamos encorajá-lo. Ele é muito envergonhado. Ele jogou o braço e arremessou Windle contra um muro.

— Silêncio! — O quê? Lupino revirou os olhos. Suas narinas se alargaram.

Gesticulando para que Windle ficasse onde estava, o homem-lobo foi andando devagar e em silêncio pelo beco, até chegar a uma junção com outro beco ainda menor e mais desagradável. Ele parou por um momento e depois estendeu a mão peluda na esquina. Ouviu-se um uivo. A mão de Lupino voltou segurando um homem que se debatia. Enormes músculos peludos se mexiam sob a camisa rasgada de Lupino enquanto o homem era erguido à altura dos caninos.

— Você estava esperando para nos atacar, não estava? — perguntou Lupino.

— Quem, eu... ? — Eu senti o seu cheiro — disse Lupino, com calma.

— Eu nunca... Lupino suspirou.

— Lobos não fazem esse tipo de coisa, sabe. O homem estava dependurado.

— Ah, sério mesmo? — É tudo combate no mano a mano, presa com presa, garra contra garra. Você não encontra lobos espreitando

atrás de pedras, prontos para assaltar um texugo que esteja passando.

— Posso fugir? — Você gostaria que eu cortasse a sua garganta? O homem encarou os olhos amarelos e calculou as suas chances contra um homem de mais de dois metros, com dentes como aqueles.

— Tenho escolha? — perguntou.

— Meu amigo aqui — começou Lupino, apontando para Windle — é um zumbi...

— Bom, não sei nada sobre zumbis de verdade, acho que você tem que comer uma espécie de peixe e uma raiz para ser um zum...

—... e você sabe o que os zumbis fazem com as pessoas, não sabe? O homem tentou balançar afirmativamente a cabeça, ainda que o punho de Lupino estivesse bem abaixo do seu queixo.

— Siingh — conseguiu dizer.

— Ele vai olhar bem para você e, se algum dia o vir novamente...

— Espera aí — murmurou Windle.

— ... vai atrás de você. Não vai, Windle? — Hã? Ah, sim. Isso mesmo. Como um raio — concordou Windle, sem jeito. — Agora, seja um bom rapaz e saia correndo. Certo? — Zerto — disse o aspirante a assaltante. Ele estava pensando: Kh olhar! Paregh de linze! Lupino o soltou. O homem alcançou o chão de paralelepípedo, olhou aterrorizado para Windle pela última vez e saiu correndo.

— É... o que os zumbis fazem com as pessoas? Acho que é melhor eu saber.

— Eles as fazem em pedacinhos, como se fossem uma folha de papel seco.

— Ah? Tá bom — disse Windle. Eles caminharam em silêncio. Windle pensava: por que eu? Centenas de pessoas devem morrer nesta cidade, todos os dias. Aposto que não têm esse problema. Elas simplesmente fecham os olhos e, quando acordam, estão nascendo como outra pessoa ou em alguma espécie de céu ou, imagino, possivelmente algum tipo de inferno. Ou vão participar de um banquete com os deuses no seu salão, o que nunca pareceu uma ideia muito boa. Os deuses são legais à sua maneira, mas não o tipo de pessoas com quem um homem decente gostaria de fazer uma refeição. Os Ben budistas acreditam que você apenas se torna muito rico. Algumas religiões klatchianas dizem que você vai para um lindo jardim cheio de mulheres jovens, o que não soa muito religioso para mim... Windle se viu pensando em como pedir cidadania klatchiana após a morte. Naquele momento, os paralelepípedos foram ao seu encontro. Essa, geralmente, é uma forma poética de dizer que alguém caiu de cara no chão. Nesse caso, os paralelepípedos realmente foram se encontrar com ele. Formaram um chafariz, depois um círculo no ar acima do beco, por um momento, e caíram como pedras. Windle ficou olhando fixamente para eles. Lupino também.

—Taí uma coisa que não se vê muito — disse o homem-lobo, após algum tempo. — Acho que nunca vi pedras voando, antes.

— Ou caindo como pedras — concordou Windle, e cutucou uma delas com a ponta da bota. Ela parecia perfeitamente feliz com o papel que a gravidade escolhera para ela.

— Você é mago...

— Era mago.

— Você era mago. O que causou isso? — Provavelmente foi um fenômeno inexplicável. Há muitos deles ocorrendo por aí, por alguma razão. Queria saber por quê.

Ele empurrou uma pedra mais uma vez. Ela não demonstrou inclinação para sair do lugar.

— Melhor eu ir andando — disse Lupino.

— Como é ser um homem-lobo? — perguntou Windle. Lupino encolheu os ombros.

— Solitário — respondeu.

— Hummm? — Você não se encaixa, sabe. Quando sou um lobo, eu lembro como é ser um homem e vice-versa. Tipo... quer dizer... às vezes... às vezes, certo, quando estou em forma de lobo, corro para as colinas... No inverno, sabe, quando tem uma lua crescente no céu, uma camada dura de neve, e as colinas não têm fim... E os outros lobos... bem... Eles sentem como é, é claro, mas não sabem, como eu sei. Sentir e saber, ao mesmo tempo. Ninguém mais sabe como é isso. Essa é a parte ruim. Saber que não existe mais ninguém... Windle percebeu que estava à beira de um poço de mágoas. Nunca sabia o que dizer em momentos como esse. Lupino se animou.

— Por falar nisso... como é ser um zumbi? — É normal. Não é muito ruim. Lupino acenou com a cabeça.

— A gente se vê — disse, e saiu com passos largos.

As ruas enchiam enquanto a população de Ankh-Morpork começava a sua troca de turnos informal entre o pessoal da noite e

o pessoal do dia. Todos se esquivavam de Windle. As pessoas não trombam com zumbis quando podem evitar. Ele chegou aos portões da Universidade, agora abertos, e seguiu para o seu quarto. Precisaria de dinheiro, se fosse se mudar dali. Havia economizado bastante, ao longo dos anos. Fizera um testamento? Estivera um pouco confuso, nos últimos dez anos ou mais. Pode ser que tenha feito. Teria ficado tão confuso a ponto de deixar todo o seu dinheiro para si? Esperava que sim. Não havia praticamente nenhum caso de alguém que conseguisse contestar o próprio testamento...

Ele ergueu a tábua do piso ao pé da cama e retirou um saco de moedas. Lembrou que guardava dinheiro para a velhice.

Havia um diário. Um diário que durou cinco anos, lembrou-se. Então, em termos técnicos, Windle desperdiçara cerca de... ele fez um cálculo rápido... sim, cerca de três quintos do seu dinheiro.

Ou mais, se parasse para pensar. Afinal, não havia muita coisa nas páginas. Windle não fizera nada sobre o que valesse a pena escrever durante anos, ou pelo menos nada de que conseguisse se lembrar à noite. Havia apenas as fases da lua, listas de festivais religiosos e uma eventual bala grudada na página.

Havia mais alguma coisa embaixo do piso. Ele passou a mão no espaço empoeirado e encontrou duas esferas lisas. Retirou-as e olhou para elas, perplexo. Balançouas e observou os floquinhos de neve. Leu as palavras e reparou que pareciam mais terem sido desenhadas do que escritas. Estendeu o braço e pegou o terceiro objeto. Era uma pequena roda de metal torta. Apenas uma pequena roda de metal. Ao lado dela, uma esfera quebrada.

Windle ficou olhando fixamente para elas.

É claro que andara um pouco fora do juízo normal nos últimos 30 anos da sua vida, e talvez tenha usado a cueca por cima da calça e babado um pouco, mas... ele colecionava souvenirs? E rodinhas? Alguém tossiu atrás dele.

Windle largou os objetos misteriosos no buraco e olhou ao redor. O quarto encontrava-se vazio, mas parecia haver uma sombra atrás da porta aberta.

—Alô? Uma voz grave e que ecoava, mas muito diferente, disse:
— Sou eu, senhor Poons.

A testa de Windle franziu com o esforço para se lembrar.

— Schleppel? — Isso mesmo.

— O bicho-papão? — Isso mesmo.

— Atrás da minha porta? — Isso mesmo.

— Por quê? — É uma porta amistosa.

Windle foi até a porta e a fechou com cuidado. Não havia nada atrás dela, a não ser gesso velho, embora ele tenha imaginado sentir um movimento no ar.

— Estou debaixo da cama, agora, senhor Poons — disse a voz de Schleppel. — O senhor não se importa, não é? — Bem, não. Acho que não. Mas você não deveria estar no armário de alguém? Era onde os bichos-papões costumavam se esconder, quando eu era garoto.

— É difícil achar um bom armário, senhor Poons. Windle suspirou.

— Está bem. A parte de baixo da cama é sua. Sinta-se em casa ou qualquer coisa do tipo.

— Eu preferiria voltar a espreitar atrás da porta, senhor Poons, se não fizer diferença pro senhor.

— Ah, está bem.

— Se importa de fechar os olhos por um instante? Windle fechou os olhos com obediência. Houve outro movimento no ar.

— Pode olhar agora, senhor Poons.

Windle abriu os olhos.

— Nossa — disse a voz de Schleppel —, tem até um cabide para casacos aqui atrás.

Windle viu as pontas de metal da armação da sua cama se desatarraxarem. Um tremor balançou o chão.

— O que está acontecendo, Schleppel? — perguntou.

— Acúmulo de forças vitais, senhor Poons.

— Quer dizer que você sabe? — Ah, sim. Ei... uau... tem uma fechadura, uma maçaneta, uma chapa de metal e tudo o mais, aqui atrás...

— Como assim, um acúmulo de força vital? — ... e as dobradiças, essas cromadas, são muito boas, nunca tive uma porta com...

— Schleppel! — Só força vital, senhor Poons. Sabe como é. Um tipo de força que há nas coisas que estão vivas? Achei que vocês, magos, soubessem esse tipo de coisa. Windle Poons abriu a boca para dizer algo do tipo "é claro que sabemos", antes de prosseguir com diplomacia até descobrir de que diabos o bicho-papão falava, mas depois se lembrou de que não precisava mais agir desse jeito. Isso é o que teria feito se estivesse vivo. Apesar do que proclamava

Reg Shoe, era muito difícil se sentir orgulhoso quando morto. Um pouco inflexível, sim, mas não orgulhoso.

— Nunca ouvi falar. Pra que ela está se acumulando? — Não sei. Muito fora de estação. Era para estar se extinguindo agora. O chão tremeu novamente. Depois a tábua solta do chão que havia escondido a pequena fortuna de Windle rachou e começaram a brotar lascas.

— Como assim, fora de estação? — perguntou.

— Tem muito na primavera — explicou a voz atrás da porta. — Botando os narcisos pra fora do solo, esse tipo de coisa.

— Nunca ouvi falar — repetiu Windle, fascinado.

— Pensei que vocês, magos, sabiam tudo sobre todos os assuntos. Windle olhou para o seu chapéu de mago. O enterro e as passagens subterrâneas tinham feito um estrago, mas, depois de mais de um século de uso, ele já não era o suprassumo da alta costura mesmo.

— Tem sempre alguma coisa para se aprender.

Mais um amanhecer. Cirilo, o galinho, agitou-se no poleiro. As palavras escritas a giz brilhavam à luz tênue. Ele se concentrou. Respirou fundo.

— Rococicód! Agora que o problema de memória fora resolvido, havia apenas a dislexia. Nos campos altos ventava muito, e o sol se encontrava próximo e forte. José Porta andava de um lado para o outro, sobre a grama cortada da colina, feito a agulha da máquina de costura sobre um tecido verde.

Ele se perguntava se alguma vez já sentira o vento e a luz do sol. Sim, já sentira, já devia ter sentido. Mas nunca os havia

vivenciado daquela forma. O modo como o vento o empurrava, o modo como o sol o aquecia. O modo como era possível sentir o Tempo passar. E ser carregado com ele.

Foi possível ouvir uma batida tímida à porta do celeiro.

— SIM? — Venha aqui embaixo, Zé Porta.

Ele desceu a escada na escuridão e abriu a porta com cautela. A senhorita Flitworth protegia uma vela com a mão.

— Hum — ela disse.

— PERDÃO? — Pode vir para a casa, se quiser. Para passar a noite. Não a noite toda, é claro. Quer dizer, não gosto de pensar em você aqui, sozinho, quando eu tenho uma lareira e tudo o mais.

José Porta não era bom em interpretar expressões faciais. Era uma habilidade que nunca precisara. Ficou olhando para o sorriso paralisado, preocupado, suplicante da senhorita Flitworth como um babuíno procurando o significado na Pedra de Rosetta.

— OBRIGADO.

Ela foi embora depressa.

Quando ele chegou à casa, ela não estava na cozinha. José Porta seguiu um barulho de algo raspando e arranhando até um corredor estreito. Passou por uma porta baixa. A senhorita Flitworth encontrava-se de quatro na pequena sala mais adiante, toda agitada, acendendo o fogo da lareira.

Ela ergueu a cabeça, exaltada, quando ele educadamente bateu na porta aberta.

— Nem vale a pena pôr um fósforo aí só pra uma pessoa — ela murmurou, explicando-se constrangida. — Sente-se. Vou fazer um

chá pra nós. José Porta se dobrou para sentar numa das cadeiras estreitas perto do fogo e olhou para a sala ao seu redor.

Era uma sala incomum. Quaisquer que fossem os seus usos, parecia que constituir uma moradia não era um deles. Enquanto a cozinha parecia uma espécie de espaço externo com um telhado e o centro das atividades da fazenda, a sala lembrava mais um mausoléu do que qualquer outra coisa.

Ao contrário da crença geral, José Porta não estava muito familiarizado com decorações fúnebres. As mortes normalmente não ocorriam em túmulos, exceto em casos raros e muito infelizes. Ao ar livre, no fundo de rios, em tubarões a caminho do fundo do mar, em muitos quartos, sim — em túmulos, não.

Seu negócio era separar o germe de trigo da alma do joio do corpo mortal, e geralmente era concluído muito antes de qualquer um dos rituais associados a — se você parar para pensar — uma forma respeitosa de remoção de lixo. Mas a sala lembrava os túmulos daqueles reis que queriam levar tudo com eles. José Porta sentou-se com as mãos sobre os joelhos, olhando ao redor. Primeiro, havia os enfeites. Mais bules de chá do que se poderia imaginar possível. Cães de porcelana com olhar fixo. Estranhos suportes para bolo. Uma mistura de estátuas e pratos decorados com breves mensagens alegres: Lembrança de Quirm, Vida Longa e Felicidade. Cobriam todas as superfícies planas num estado de total democracia, de modo que um castiçal de prata antigo e bastante valioso se encontrava ao lado de um cachorro de porcelana colorido e brilhante com um osso na boca e uma expressão de estupidez censurável.

Quadros escondiam as paredes. Muitos eram pintados em tons escuros e representavam bois deprimidos num terreno pantanoso com nevoeiro. Na verdade, os ornamentos quase encobriam a mobília, mas não se perdia nada com isso. Além das duas cadeiras sobrecarregadas com o peso das capas acumuladas, o resto da mobília parecia não ter nenhum uso que não fosse sustentar os enfeites. Havia mesas altas por toda parte. O chão era formado por camadas de tapetes de crochê. Alguém gostara muito de fazer tapetes de crochê. Acima de tudo, ao redor de tudo e permeando tudo havia o cheiro.

Era o cheiro de longas tardes tediosas.

Sobre um aparador coberto com um pano havia dois baús de madeira pequenos ao lado de um maior. Devem ser as famosas caixas cheias de tesouro, pensou. Ele notou um tiquetaque.

Havia um relógio na parede. Alguém, um dia, teve o que deve ter sido considerado a ideia maravilhosa de fazer um relógio em formato de coruja. Quando o pêndulo balançou, os olhos da coruja foram para trás e para a frente de um jeito que alguém muito carente poderia ter considerado bem-humorado. Depois de algum tempo, os seus próprios olhos balançavam em solidariedade.

A senhorita Flitworth entrou apressada com uma bandeja carregada. Fez alguns movimentos indistintos realizando a cerimônia alquímica de preparação do chá, passando manteiga nos bolinhos, arrumando os biscoitos, pendurando a pinça de açúcar no pote... Ela se sentou. Depois, como se tivesse ficado num estado de repouso por 20 minutos, suspirou de modo quase ofegante: — Bem... isso não é ótimo? — SIM, SENHORITA FLITWORTH.

— Não tenho uma oportunidade para abrir a sala de visitas há muito tempo.

—NÃO.

— Desde que perdi meu pai.

Por um momento, José Porta se perguntou se ela perdera o falecido senhor Flitworth ali na sala de visitas. Talvez ele tenha feito um movimento errado entre os enfeites. Então se lembrou da forma engraçada como os humanos colocam as coisas.

—AH.

— Ele costumava sentar-se bem nessa cadeira, lendo o almanaque. José Porta tentou puxar da memória.

— UM HOMEM ALTO — arriscou. — DE BIGODE? SEM A PONTA DO DEDO MINDINHO DA MÃO ESQUERDA? A senhorita Flitworth olhou fixamente para ele por cima da xícara.

— Você o conheceu? — ACHO QUE O ENCONTREI UMA VEZ.

— Ele nunca falou de você — observou, com um sorriso malicioso. — Não pelo nome. Não como José Porta.

— NÃO ACHO QUE TERIA FALADO DE MIM — disse José Porta, devagar.

— Tudo bem. Eu sei de tudo. Papai fazia um pouco de contrabando também. Bom, esta fazenda não é grande. Não dá para garantir o sustento. Ele sempre dizia que a pessoa tem que fazer o que pode. Imagino que você estava na mesma área de negócios dele. Tenho lhe observado. Era da mesma área, com certeza.

José Porta esforçou-se para pensar.

— TRANSPORTES EM GERAL.

— Parece que era isso, sim. Você tem família, Zé? — UMA FILHA.

— Que ótimo.

— INFELIZMENTE PERDEMOS O CONTATO.

— É uma pena — disse a senhorita Flitworth, e pareceu ser sincera. — A gente se divertia muito, aqui, nos velhos tempos. Isso quando o meu menino estava vivo, é claro.

— VOCÊ TEVE UM FILHO? — perguntou José, que começava a não entender. Ela o encarou com olhar penetrante.

— Eu o convido a parar para pensar na palavra "senhorita". A gente leva essas coisas a sério por aqui.

— PEÇO DESCULPAS.

— Não, o nome dele era Rufus. Era contrabandista, como papai. Mas não tão bom, tenho que admitir. Era mais artístico. Costumava me dar várias coisas do estrangeiro, sabe. Algumas joias, coisas do tipo. A gente saía pra dançar. As panturrilhas dele eram muito boas, eu me lembro. Gosto de ver homens com pernas boas. Ela ficou olhando para o fogo por algum tempo.

— Sabe... um dia ele não voltou mais. Pouco antes do dia do nosso casamento. Papai disse que ele nunca deveria ter tentado atravessar as montanhas tão perto do inverno, mas eu sei que queria fazer isso para me trazer um bom presente. E queria fazer dinheiro para impressionar papai porque o papai era contra...

Ela pegou o atizador e bateu no fogo com mais violência do que ele merecia.

— Enfim, algumas pessoas disseram que ele fugiu para Farferee ou AnkhMorpork ou outro lugar, mas eu sei que ele não faria uma

coisa dessas. O olhar penetrante que ela lançara para José Porta o pregara à cadeira.

— O que você acha, Zé Porta? — perguntou, num tom incisivo. Ele sentiu bastante orgulho de si por perceber a pergunta implícita na pergunta.

—SENHORITA FLITWORTH, AS MONTANHAS ÀS VEZES SÃO MUITO TRAIÇOEIRAS NO INVERNO.

Ela pareceu aliviada.

— É o que eu sempre disse. E sabe de uma coisa, Zé Porta? Sabe o que eu pensei? — NÃO, SENHORITA FLITWORTH.

— Era um dia antes do nosso casamento, como eu disse. Um dos pôneis de carga dele voltou sozinho, e então os homens foram lá e encontraram a avalanche... e sabe o que eu pensei? Pensei: isso é ridículo. É uma coisa idiota. Terrível, não? Ah, eu pensei outras coisas depois, claro, mas a primeira coisa foi que o mundo não precisava agir como se fosse uma espécie de livro. Não é algo terrível para se pensar? —EU MESMO NUNCA CONFIEI EM DRAMAS, SENHORITA FLITWORTH.

Ela não ouvia.

— E eu pensei: o que a vida espera, agora, é que eu ande à toa pela casa com o vestido de noiva por um ano e endoideça completamente. É isso o que ela quer que eu faça. Ha.! Ah, sim! Então eu pus o vestido no saco de roupas velhas e convidei todo mundo para o café-da-manhã de casamento, porque é um crime deixar que comida boa seja desperdiçada. Ela atacou o fogo mais uma vez e depois o encarou com outro olhar de um megawatt.

— Acho que é sempre muito importante ver o que é real e o que não é, você não acha?

— SENHORITA FLITWORTH? —Sim?

— A SENHORITA SE IMPORTA SE EU PARAR O RELÓGIO? Ela ergueu a cabeça e olhou para a coruja de olhar espantado.

— O quê? Ah. Por quê?

— INFELIZMENTE, ELE ME DÁ NOS NERVOS.

— Ele não faz muito barulho, faz? José Porta queria dizer que cada tique-taque era como a batida de uma clava de ferro em pilares de bronze.

— É SÓ UM TANTO IRRITANTE, SENHORITA FLITWORTH.

— Bom, pode pará-lo, se quiser, não tenha dúvida. Só dou corda nele pela companhia.

José Porta levantou-se agradecido, passou com cuidado pela floresta de ornamentos e segurou o pêndulo em forma de pinha. A coruja de madeira o encarou com o olhar fixo e o tiquetaque parou, pelo menos no reino do som comum. Ele tinha consciência de que, em outro lugar, a batida do Tempo continuava, apesar de tudo. Como é que as pessoas conseguiam suportar? Elas deixavam o Tempo entrar em suas casas como se fosse um amigo.

Ele se sentou novamente.

A senhorita Flitworth havia começado a tricotar ferozmente. O fogo sussurrava na lareira.

José Porta recostou-se na cadeira e ficou olhando para o teto.

— Seu cavalo tá se divertindo?

— PERDÃO?

— Seu cavalo. Ele parece estar se divertindo no prado — repetiu a senhorita Flitworth.

— AH, SIM.

— Correndo pra todo lado como se nunca tivesse visto grama.

— ELE GOSTA DE GRAMA.

— E você gosta de animais. Deu pra perceber.

José Porta concordou com a cabeça. Suas reservas de bate-papo, nunca muito abundantes, haviam se esgotado.

Ele ficou sentado em silêncio durante as horas seguintes, segurando os braços da cadeira, até a senhorita Flitworth anunciar que ia se deitar. Então ele voltou para o celeiro e dormiu.

José Porta não notara a sua aproximação. Mas lá estava ele, um vulto acinzentado flutuando na escuridão do celeiro.

De alguma forma, conseguira pegar a ampulheta dourada.

Ele disse: "José Porta, houve um engano".

O vidro se estilhaçou. Delicados segundos de ouro cintilaram no ar por um momento e depois caíram.

Ele disse: "Volte. Você tem trabalho a fazer. Houve um engano". O vulto desapareceu.

José Porta concordou com a cabeça. É claro que houvera um engano. Qualquer um poderia ver que houvera um engano. Ele sabia desde o começo que houvera um engano. Ele jogou o macacão num canto e vestiu o manto de escuridão absoluta. Bem, fora uma experiência. E, tinha que admitir, uma experiência que não queria reviver. Era como se um peso enorme fosse removido. Será que estar vivo era realmente daquele jeito? A sensação de falta de conhecimento fazendo a gente seguir em frente? Como é que as

peessoas conseguiam viver assim? E, apesar disso, viviam, e até pareciam conseguir se divertir quando, certamente, a única conduta razoável seria o desespero. Impressionante. Sentir que é uma criaturinha viva minúscula no meio do sanduíche de dois abismos de trevas. Como é que as pessoas suportavam estar vivas? Obviamente, você tinha que nascer para a coisa.

Morte pôs a sela no seu cavalo e saiu cavalgando acima dos campos. As plantações de milho estendiam-se em ondas distantes, como o mar. A senhorita Flitworth teria que encontrar outra pessoa para ajudá-la na colheita. Isso era esquisito. Havia um sentimento ali. Arrependimento? Era isso? Mas quem sentia isso era José Porta, e José Porta estava... morto. Nunca estivera vivo. Ele voltara a ser o que era antes, em segurança, onde não havia nenhum sentimento nem arrependimento.

Nunca arrependimento algum.

Agora, estava no seu escritório, e isso era estranho porque não conseguia se lembrar exatamente de como chegara lá. Num minuto sobre o cavalo, no outro dentro do escritório com os seus livros, ampulhetas e instrumentos.

E era maior do que lembrava. As paredes se esquivavam nos cantos da visão. Aquilo era coisa de José Porta. É claro que o escritório pareceria grande para José Porta e, provavelmente, ainda havia um pedacinho dele que persistia. O que tinha que fazer era se manter ocupado. Concentrar-se no seu trabalho. Já havia algumas ampulhetas de vidas na sua mesa. Ele não se lembrava de tê-las colocado ali, mas isso não fazia diferença, o importante era prosseguir com o trabalho... Ele pegou a mais próxima e leu o nome.

— Locofivóó! A senhorita Flitworth sentou-se na cama. Às margens dos sonhos, ouvira um outro barulho, que deve ter despertado o galinho.

Ela mexeu nervosamente num fósforo até conseguir acender a vela, depois tateou debaixo da cama e seus dedos encontraram o punho de um alfanje que tinha sido muito usado pelo falecido senhor Flitworth durante as suas viagens de negócios pelas montanhas.

Desceu correndo as escadas, que rangiam a cada passo, e saiu para o frio da madrugada.

Hesitou diante da porta do celeiro e depois a empurrou, deixando apenas uma abertura suficiente para entrar rápido.

— Seu Porta? Ela ouviu um ruído no meio da palha e, depois, um silêncio alerta.

— SENHORITA FLITWORTH? — Você chamou? Estou certa de que ouvi alguém gritar o meu nome. Houve mais ruído, e a cabeça de José Porta apareceu na beirada do piso superior do palheiro.

— SENHORITA FLITWORTH.

— Sim. Quem você achou que fosse? Você está bem?

— É... SIM. SIM, CREIO QUE SIM.

— Tem certeza de que está bem? Você acordou Cirilo.

— SIM. SIM. FOI SÓ UM... PENSEI QUE... SIM.

Ela assoprou a vela. Já havia luz do amanhecer suficiente para enxergar.

— Bem, se tem certeza... Agora levante, posso servir o mingau. José Porta recostou-se na palha até sentir que podia confiar nas

pernas para carregá-lo, depois desceu e cambaleou pelo quintal até a casa da fazenda.

Ele não disse nada enquanto ela colocava o mingau com a concha na tigela à sua frente e a inundava com o creme. Até que não pôde mais se conter. Não sabia como fazer as perguntas, mas precisava muito das respostas.

— SENHORITA FLITWORTH?

— Sim?

— O QUE É... À NOITE... QUANDO VOCÊ VÊ COISAS, MAS NÃO SÃO AS COISAS REAIS? Ela parou, panela de mingau numa mão e concha na outra.

— Está falando de sonhar? — perguntou.

— ISSO É SONHAR? — Você não sonha? Achei que todo mundo sonhasse.

— SOBRE COISAS QUE VÃO ACONTECER?

— Isso é premonição, na verdade. Eu nunca acreditei nisso. Você está querendo me dizer que não sabe o que são sonhos?

— NÃO. NÃO. CLARO QUE NÃO.

— O que é que está te preocupando, Zé?

— DE REPENTE, ENTENDI QUE NÓS VAMOS MORRER.

Ela o observou pensativa.

— Bom, todo mundo entende. E você tem sonhado com isso, é? Todo mundo se sente assim, às vezes. Eu não me preocuparia, se fosse você. A melhor coisa a fazer é se manter ocupado e agir com ânimo, é o que eu sempre digo.

— MAS NÓS VAMOS ACABAR!

— Ah, não sei quanto a isso. Tudo depende do tipo de vida que você teve, imagino.

— PERDÃO?

— Você é um homem religioso?

— ESTÁ DIZENDO QUE O QUE ACONTECE COM VOCÊ DEPOIS QUE MORRE É O QUE VOCÊ ACREDITA QUE ACONTECERÁ?

— Seria bom se fosse assim, não? — ela sorriu.

— MAS, VEJA BEM, EU SEI NO QUE EU ACREDITO. EU ACREDITO EM... NADA.

— Nós estamos tão melancólicos hoje, não? A melhor coisa que você poderia fazer, agora, era terminar esse mingau. É bom pra você. Dizem que fortalece os ossos. José Porta olhou para a tigela.

— PODE ME SERVIR UM POUCO MAIS ? José Porta passou a manhã cortando madeira. Era monotonamente agradável. Ficar cansado. Isso era importante. Ele deve ter dormido antes da noite passada, mas se sentia tão cansado que não sonhou. E estava determinado a não sonhar mais. O machado subia e caía sobre as toras de madeira como o mecanismo de um relógio. Não! Como o mecanismo de um relógio, não! A senhorita Flitworth tinha várias panelas no fogo quando ele entrou.

— O CHEIRO ESTÁ BOM — José disse de modo espontâneo, estendendo a mão na direção de uma tampa de panela que sacudia. A senhorita Flitworth virou para trás.

— Não toque! Você não vai querer esse negócio! É para os ratos.

— OS RATOS NÃO ACHAM A PRÓPRIA COMIDA?

— Pode apostar que sim. Por isso daremos uma coisinha extra para eles antes da colheita. Alguns montinhos disto aqui pelos buracos e... nada de ratos. José Porta levou algum tempo para entender o que era dito, mas, quando isso aconteceu, foi como megalíticos se encaixando.

— ISSO É VENENO?

— Essência de espicão misturada com aveia. É infalível.

— E ELES MORREM?

— É instantâneo. Caem direto com as pernas pra cima. Vamos comer pão com queijo — emendou —, não vou cozinhar grandes refeições duas vezes por dia. À noite, comeremos frango. Por falar em galinha, na verdade... venha... Ela retirou um cutelo de açougueiro da prateleira e saiu para o quintal. Cirilo, o franguinho, olhou-a com desconfiança do alto do monte de esterco. Seu harém — formado por galinhas gordas e um tanto velhas que ciscavam a poeira — pulou sem firmeza na direção da senhorita Flitworth, na correria das galinhas que parece elástico frouxo de calcinha em qualquer lugar. Ela abaixou rápido e catou uma. A ave observou José Porta com olhar radiante e estúpido.

— Você sabe depenar galinha? — perguntou a senhorita Flitworth. O olhar de José foi dela para a galinha.

— MAS NÓS DAMOS COMIDA PARA ELAS — ele disse, sem ação.

— Isso mesmo. Depois, elas nos alimentam. Esta já não bota ovos há meses. É assim que funciona, no mundo das galinhas. O senhor Flitworth torcia o pescoço delas, mas eu nunca peguei o jeito

da coisa. Com o cutelo é uma bagunça, e elas ainda correm um pouco, mas que morrem, morrem. E sabem disso.

José Porta pensou nas opções que tinha. A galinha o encarara com um olhinho redondo. As galinhas são muito mais burras que os humanos e não possuem os sofisticados filtros mentais que os impedem de ver o que está de fato na sua frente. Ela sabia onde estava e quem olhava para ela.

Ele pensou na vidinha simples dela e viu os seus últimos segundos se esvaírem. Nunca matara. Havia retirado vida, mas apenas quando ela já acabara. Há uma diferença entre roubar e pegar uma coisa que você encontrou.

— O CUTELO NÃO — ele disse, esgotado. — ME DÊ A GALINHA. Ele virou as costas por um momento e depois entregou o corpo mole para a senhorita Flitworth.

— Muito bem — ela disse, e voltou para a cozinha. José Porta sentiu o olhar acusador de Cirilo sobre ele.

Ele abriu a mão. Um pontinho de luz pairou acima da sua palma. Ele o soprou suavemente, e o ponto desapareceu.

Depois do almoço, espalharam o veneno de rato. Ele se sentiu um assassino. Muitos ratos morreram.

Entre as passagens abaixo do celeiro — na mais funda, cavada havia muito tempo por ancestrais roedores já esquecidos —, algo surgiu na escuridão. Parecia ter dificuldade para decidir que forma tomar.

Começou como uma massa disforme de queijo altamente suspeito. Essa forma pareceu não funcionar.

Depois, tentou algo que lembrava muito um yorkshire pequeno e faminto. Essa também foi rejeitada.

Por um momento, foi uma arapuca de ferro. Ficou claro que não era adequada. Prosseguiu procurando novas ideias e, para sua surpresa, uma ideia chegou de modo suave, como se não viesse de muito perto. Não era tanto uma forma, mas a lembrança de uma forma.

Ele a provou e viu que, por um lado, era totalmente errada para o trabalho, mas, de um modo muito satisfatório, era a única forma que poderia assumir. E foi trabalhar.

Naquela noite, os homens praticavam arco-e-flecha no campo. José Porta havia garantido, com muita cautela, a reputação local de pior arqueiro em toda a história do arco e flecha. Não passou pela cabeça de ninguém que acertar flechas nos chapéus dos espectadores curiosos atrás dele deveria exigir, logicamente, muito mais habilidade do que simplesmente fazê-las atravessar um alvo bastante grande a meros 50 metros de distância. Era impressionante o número de amigos que se podia fazer quando era ruim em alguma coisa, desde que fosse tão ruim a ponto de ser engraçado. Assim, permitiam que ele se sentasse num banco em frente à taverna, com os velhos.

Na casa ao lado, faíscas saíam da chaminé da oficina do ferreiro da aldeia, espiralando contra o crepúsculo. Ouvia-se um barulho violento de marteladas por detrás de suas portas fechadas. José Porta se perguntou por que as portas da oficina ficavam sempre fechadas. A maioria dos ferreiros trabalhava com a porta aberta, de

modo que as oficinas parecessem uma sala de reunião não oficial da aldeia. Este era um apaixonado pelo trabalho...

— Olá, insqueleto. Ele deu um giro.

A criancinha da casa o observava com o olhar mais penetrante que ele já vira.

— Você é um insqueleto, não é? Eu sei, por causa dos ossos.

— VOCÊ ESTÁ ENGANADA, CRIANCINHA.

— E, sim. As pessoas viram insqueletos quando morrem. Não têm que andar por aí depois.

— HA, HA, HA. OLHEM SÓ ESTA CRIANÇA.

— Por que você está andando por aí, então? José Porta olhou para os velhos. Eles pareciam concentrados no esporte.

— VOU LHE DIZER UMA COISA — disse desesperadamente.

— SE VOCÊ FOR EMBORA, EU LHE DOU UMA MOEDA.

— Eu tenho uma máscara de insqueleto pra quando a gente sai pedindo melado na Noite do Bolinho das Almas. É de papel. A gente ganha balas. José Porta cometeu o erro que milhões de pessoas já haviam cometido antes, com crianças pequenas, em circunstâncias semelhantes. Ele decidiu usar a razão.

— OLHA, SE EU REALMENTE FOSSE UM ESQUELETO, GAROTINHA, TENHO CERTEZA DE QUE ESSES SENHORES AQUI DIRIAM ALGO A RESPEITO. Ela olhou bem para os velhos na outra ponta do banco.

— Eles também são quase insqueletos. Acho que não iam querer ver mais um. Ele desistiu.

— TENHO QUE ADMITIR QUE VOCÊ ESTÁ CERTA NESSE PONTO.

— Por que você não cai aos pedaços?

— NÃO SEI. NUNCA CAÍ.

— Já vi insqueletos de pássaros e outras coisas, e todos eles caem aos pedaços.

— TALVEZ PORQUE ELES SEJAM O QUE ALGO FOI, ENQUANTO ISTO É O QUE EU SOU.

— O boticário que faz remédios lá em Chambly tem um insqueleto num gancho cheio de arames pra segurar os ossos — disse a criança, com o ar de alguém que comunica uma informação obtida após atenta investigação.

— EU NÃO TENHO ARAMES.

— Tem diferença entre insqueleto vivo e morto? — SIM.

— O que ele tem é um insqueleto morto, não é? — SIM.

— O que estava dentro de alguém? — SIM.

— Ugh. Eca.

A criança ficou com o olhar distante voltado para a paisagem por algum tempo e disse: — Estou com meias novas.

—É? — Pode ver, se quiser.

Um pé imundo estendeu-se para inspeção.

— ORA, ORA. VEJAM SÓ. MEIAS NOVAS.

— Minha mãe tricotou com ovelha.

— NOSSA.

Ela inspecionou o horizonte mais uma vez.

— Você sabia... você sabia... que hoje é sexta-feira? — SIM.

— Achei uma colher.

José Porta percebeu que aguardava com expectativa. Não estava acostumado com pessoas que não conseguiam se concentrar

em algo por mais de três segundos.

— Você trabalha lá na senhorita Flitworth?

— SIM.

— Meu pai disse que você já está se sentindo em casa, lá. José Porta não conseguiu pensar numa resposta porque não sabia o que aquilo significava. Era mais uma daquelas afirmações vazias que os humanos faziam e que, na verdade, eram apenas um disfarce para algo mais sutil, o que geralmente ficava claro pelo tom de voz ou um olhar, nenhum dos quais era feito pela criança.

— Meu pai disse que ela disse que tem caixas de tesouros.

— TEM? — Eu tenho dois centavos.

— MINHA NOSSA.

—Sal! Os dois olharam quando a senhora Lifton apareceu à porta.

— Hora de ir pra cama. Pare de incomodar o senhor Porta.

— AH, NÃO SE PREOCUPE PORQUE ELA NÃO ESTÁ...

— Diga boa noite, já.

— Como os insqueletos dormem? Eles não podem fechar os olhos porque... Ele ouviu as vozes delas, abafadas, dentro da taverna.

— ... você não pode chamar o senhor Porta disso porque... ele é... muito... ele é muito magro...

— Tudo bem. Ele não é do tipo que está morto.

A voz da senhora Lifton tinha o tom preocupado bastante comum de alguém que não consegue acreditar na evidência vista pelos próprios olhos.

— Talvez ele só esteja muito doente.

— Eu acho é que ele já ficou mais doente do que podia ter ficado. José Porta voltou para casa pensativo.

Havia uma luz acesa na cozinha da casa da fazenda, mas ele foi direto para o celeiro, subiu a escada para o mezanino e se deitou.

Podia adiar os sonhos, mas não conseguia fugir das lembranças. Ficou olhando para a escuridão.

Após algum tempo, se deu conta dos passinhos rápidos e se virou. Uma corrente de fantasmas em forma de ratos passou saltitando pela viga do telhado logo acima da sua cabeça, desaparecendo na medida em que corriam, e logo não restou nada além do som do galope.

Eles foram seguidos por uma... forma.

Ela tinha cerca de 15 centímetros de altura. Usava um manto preto. Segurava uma pequena foice com a pata de esqueleto. Um focinho branco-marfim com frágeis bigodes acinzentados projetava-se para fora do capuz sombrio. José Porta estendeu a mão e a pegou. Ela não resistiu e ficou de pé na palma da sua mão, encarando-o de profissional para profissional.

José Porta disse: —E VOCÊ É... ? O Morte dos Ratos disse: — QUEEK.

— EU ME LEMBRO DE QUANDO VOCÊ ERA UMA PARTE DE MIM. O Morte dos Ratos guinchou mais uma vez.

José Porta remexeu no bolso do macacão. Ele colocara um pouco do almoço ali. Ah, sim.

— IMAGINO QUE VOCÊ QUEIRA MATAR ESSE RESTO DE QUEIJO? O Morte dos Ratos pegou o queijo com graça.

José Porta lembrou que uma vez visitara um velho — só uma vez — que passara quase a vida toda trancado na cela de uma torre por algum suposto crime e treinara passarinhos para lhe fazerem companhia durante sua prisão perpétua. Eles faziam cocô na sua cama e comiam a sua comida, mas ele os tolerava e sorria quando entravam e saíam voando entre as grades das janelas altas. Morte se perguntara, naquele momento, por que alguém faria algo assim.

— NÃO VOU ATRASÁ-LO. IMAGINO QUE TENHA O QUE FAZER, RATOS PARA ENCONTRAR. SEI COMO É.

Agora ele entendia.

Colocou o vulto de volta na viga e se deitou na palha.

— APAREÇA SEMPRE QUE ESTIVER DE PASSAGEM. José Porta voltou a olhar para a escuridão.

Sono. Ele podia senti-lo rondando. Sono, com o bolso cheio de sonhos. Ele ficou deitado no escuro e resistiu.

Os gritos da senhorita Flitworth fizeram com que se levantasse num pulo e, para o seu alívio momentâneo, continuaram. A porta do celeiro abriu-se com força.

— Zé! Venha rápido! Ele desceu correndo a escada.

— O QUE ESTÁ ACONTECENDO, SENHORITA FLITWORTH? —
Alguma coisa está pegando fogo! Eles atravessaram o quintal correndo até a estrada. O céu acima da aldeia encontrava-se vermelho.

— Venha! — MAS NÃO É INCÊNDIO NOSSO.

— Será de todo mundo! O fogo se espalha feito louco no sapê! Eles chegaram a um arremedo de praça da cidade. A taverna já

estava em chamas, o sapê zunia para as estrelas com um milhão de fagulhas entrelaçadas.

— Olha as pessoas paradas — apontou a senhorita Flitworth, num tom ríspido.

— Tem a bomba d'água, baldes em toda a parte, por que as pessoas não pensam? Havia um tumulto longe dali. Alguns dos clientes tentavam impedir Lifton de correr para dentro do prédio. Ele gritava com as pessoas.

— A menina ainda está lá dentro — disse a senhorita Flitworth.
— Foi isso o que ele disse? — SIM.

As chamas formavam cortinas em todas as janelas superiores.

— Tem que haver um jeito. Talvez a gente consiga achar uma escada...

— NÃO DEVERÍAMOS.

— O quê? Temos que tentar. Não podemos deixar as pessoas lá dentro! —VOCÊ NÃO ENTENDE. MEXER NO DESTINO DE UM INDIVÍDUO PODERIA DESTRUIR O MUNDO TODO.

A senhorita Flitworth olhou para ele como se ele tivesse enlouquecido.

— Que espécie de lixo é esse? — ESTOU QUERENDO DIZER QUE EXISTE UMA HORA PARA CADA UM MORRER.

Ela ficou olhando sem piscar, depois levou a mão para trás e deu um tapa sonoro no rosto dele.

Era mais duro do que imaginava. Ela deu um grito e chupou as juntas dos dedos.

— Você sai da minha fazenda hoje à noite, Zé Porta — ordenou, entre dentes. — Entendeu? — Depois se virou de repente e correu

na direção da bomba d'água. Alguns dos homens haviam levado ganchos longos para puxar a palha do telhado. A senhorita Flitworth organizou um time para erguer uma escada até uma das janelas dos quartos, mas, quando conseguiram convencer um homem a subir com a rápida proteção de um cobertor molhado, a parte de cima da escada já estava em chamas. José Porta observava as chamas.

Ele enfiou a mão no bolso e retirou a ampulheta dourada. A luz do fogo refletia um brilho vermelho no vidro. Ele a guardou novamente.

Parte do telhado cedeu.

— QUEEK.

José Porta olhou para baixo. Um pequeno vulto com manto marchou entre as suas pernas e atravessou as chamas do vão da porta com ar afetado. Alguém gritou algo a respeito de barris de conhaque.

José Porta enfiou a mão no bolso e retirou a ampulheta mais uma vez. O seu sibilo se sobrepôs ao estrondo das chamas. O futuro fluía para o passado, e havia muito mais passado que futuro, mas ele ficou estarecido ao perceber que, o tempo todo, o futuro fluía através do agora.

Ele o colocou de volta com cuidado.

Morte sabia que mexer com o destino de um indivíduo poderia destruir o mundo inteiro. Ele sabia disso. Esse conhecimento estava embutido nele. Para José Porta, notou, aquilo era um monte de bobagens.

— AI, DROGA.

E atravessou o fogo.

— Hum. Sou eu, Bibliotecário — disse Windle, tentando gritar através do buraco da fechadura. — Windle Poons. — Ele tentou bater um pouco mais. — Por que ele não responde? — Não sei — respondeu uma voz atrás dele.

— Schleppel? — Sim, senhor Poons.

— Por que está atrás de mim? — Tenho que ficar atrás de alguma coisa, senhor Poons. Ser um bicho-papão é isso.

— Bibliotecário? — chamou Windle Poons, batendo mais um pouco.

— Ook.

— Por que não quer me deixar entrar?

— Ook.

— Mas eu preciso fazer uma consulta.

— Ook ook! — Bom, sim. Estou. O que isso tem a ver? — Ook! — Isso... isso não é justo!

— O que ele está dizendo, senhor Poons?

— Não quer me deixar entrar porque estou morto!

— Isso é típico. É o tipo de coisa que Reg Shoe está sempre falando, sabe.

— Tem mais alguém que entende de força vital?

— Tem a opção da senhora Bolinho, acho. Mas ela é meio esquisita.

— Quem é a senhora Bolinho? — Então Windle percebeu o que Schleppel acabara de dizer. — Bom, você é um bicho-papão...

— Nunca ouviu falar na senhora Bolinho? — Não.

— Acho que ela não se interessa por magia... O senhor Shoe diz que não deveríamos falar com ela. Ela explora os mortos, ele diz.

— Como? — Ela é médium. Na verdade, está mais para pequena.

— Mesmo? Ótimo, vamos falar com ela. E... Schleppel? — Sim? — Me dá arrepios sentir que você está atrás de mim o tempo todo.

— Fico muito perturbado quando não estou atrás de alguma coisa, senhor Poons.

— Não pode espreitar atrás de alguma outra coisa? — O que o senhor sugere? Windle parou para pensar.

— Sim, pode ser que funcione — ponderou, calmamente —, se encontrarmos uma chave de fenda.

Modo, o jardineiro, permanecia ajoelhado, cobrindo as mudas de dalias com adubo vegetal, quando ouviu um ruído rítmico de algo raspando e batendo atrás dele, como alguém tentando mover um objeto pesado.

Ele virou a cabeça.

— 'Noite, seu Poons. Ainda morto, dá pra ver.

— 'Noite, Modo. Você deixa esse lugar uma beleza.

— Tem alguém andando com uma porta atrás do senhor, seu Poons.

— É, eu sei.

A porta se movia aos poucos pela passagem. Quando passou por Modo, deu um giro desajeitado sobre o eixo, como se quem quer que a estivesse carregando tentasse se manter o mais atrás dela possível.

— É uma espécie de porta de segurança — explicou Windle. Ele parou. Havia algo errado. Não sabia ao certo o que era, mas de repente havia alguma coisa muito errada, como quando se ouve

uma nota dissonante numa orquestra. Ele examinou a visão na sua frente.

— O que é isso onde você está colocando as ervas daninhas? — perguntou. Modo olhou para a coisa ao seu lado.

— Bom, não? Encontrei ao lado dos montes de adubo composto. Meu carrinho de mão quebrou, eu olhei para cima e lá...

— Nunca vi nada parecido — comentou Windle. — Quem será que faria uma cesta grande com arame? E essas rodas não parecem grandes o suficiente.

— Mas dá pra empurrar bem pelo cabo — explicou Modo.

— Fico impressionado que alguém queira jogar uma coisa dessas fora. Por que alguém jogaria fora uma coisa assim, seu Poons? Windle ficou olhando fixamente para o carrinho. Não conseguia deixar de sentir que era observado por ele. Ele pensou alto: — Talvez tenha chegado aí sozinho.

— Isso mesmo, seu Poons! Ele queria um pouco de paz, eu acho! — disse Modo. — Só o senhor, mesmo! — É — concordou Windle, preocupado. — Dá essa impressão mesmo. Ele saiu andando pela cidade, consciente das raspagens e batidas da porta atrás dele.

Se há um mês alguém tivesse dito pra mim, pensou, que, alguns dias depois de morto, eu estaria andando pela rua seguido por um bicho-papão tímido escondido atrás de uma porta... nossa, eu teria dado risada da pessoa.

Não, não teria. Eu teria dito "Hã?" e "O quê?" e "Fala mais alto!" e não teria entendido nada mesmo assim.

Ao seu lado, alguém latiu.

Um cachorro olhava para ele. Um cachorro muito grande. Na verdade, a única razão pela qual podia ser chamado de cachorro, e não de lobo, é que todo mundo sabe que não se veem lobos na cidade.

Ele pestanejou. Windle pensou: não teve lua cheia ontem à noite.

— Lupino? — arriscou.

O cachorro acenou com a cabeça.

— Consegue falar? O cachorro balançou a cabeça.

— Então, o que fará agora? Lupino encolheu os ombros.

— Quer vir comigo? Ele fez outro gesto que quase transmitiu o seguinte pensamento: por que não? O que mais eu tenho pra fazer? Se alguém tivesse dito, há um mês, pensou Windle, que, alguns dias depois que morresse, eu estaria andando pela rua seguido por um bicho-papão tímido escondido atrás de uma porta e acompanhado por uma espécie de versão invertida de lobisomem... nossa, eu provavelmente teria dado risada da pessoa. Depois que ela repetisse o que falou algumas vezes, é claro. Em voz alta.

O Morte dos Ratos arrebanhou o último dos clientes, muitos dos quais estavam no sapê, e os conduziu entre as chamas até o lugar, qualquer que fosse, para onde iam os bons ratos.

Ele levou um susto ao ver um vulto queimando e forçando passagem entre a bagunça incandescente de vigas caídas e tábuas aos pedaços. Quando subiu as escadas ardentes, o vulto retirou algo dos restos das suas roupas desintegradas e o segurou com cuidado entre os dentes.

O Morte dos Ratos não esperou para ver o que aconteceria em seguida. Embora fosse, sob alguns aspectos, tão antigo quanto o primeiro proto-rato, também tinha menos de um dia de idade e ainda engatinhava como um Morte. Além disso, era possível que notasse que um barulho surdo e grave que fazia o prédio estremecer era o som de conhaque começando a ferver nos barris.

O problema do conhaque fervendo é que ele não fica fervendo por muito tempo. A bola de fogo lançou pedacinhos de taverna a meio quilômetro de distância. Chamas inflamadas saíram dos buracos onde antes eram as portas e as janelas. As paredes explodiram. Vigas incandescentes zuniram sobre as cabeças. Algumas se enterraram em telhados próximos, iniciando mais incêndios.

O que restou foi apenas um brilho de arder os olhos.

E pequenas poças de sombras, dentro do brilho.

Elas se mexeram e correram juntas, formando o contorno de um vulto alto caminhando para a frente, carregando algo.

Ele passou em meio à multidão ardente e caminhou com dificuldade pela estrada escura e fria, na direção da fazenda. As pessoas se recompuseram e o seguiram, andando pela escuridão como a cauda de um misterioso cometa.

José Porta subiu as escadas até o quarto da senhorita Flitworth e deitou a criança sobre a cama.

— ELA DISSE QUE HAVIA UM BOTICÁRIO EM ALGUM LUGAR PERTO DAQUI.

A senhorita Flitworth abriu caminho entre as pessoas no alto da escada.

— Tem um em Chambly — ela disse. — Mas há uma bruxa no caminho para Lancre.

— NADA DE BRUXAS. NADA DE MAGIA. MANDE CHAMAR O BOTICÁRIO. TODOS OS OUTROS VÃO EMBORA.

Não era uma sugestão. Não era nem uma ordem. Era simplesmente uma afirmação incontestável.

A senhorita Flitworth balançou os bracinhos magros para as pessoas.

— Andem, acabou! Xô! Estão todos no meu quarto! Vamos, pra fora! — Como ele conseguiu? — alguém perguntou, atrás da multidão. — Ninguém teria conseguido sair de lá com vida! Nós vimos tudo explodir! José Porta virou-se devagar.

— FICAMOS ESCONDIDOS NA ADEGA.

— Pronto! Viram? — disse a senhorita Flitworth. — Na adega. Faz sentido.

— Mas a taverna não possui... — começou o desconfiado e parou. José Porta o encarava com olhar penetrante.

— Na adega — se corrigiu. — É. Certo. Inteligente.

— Muito inteligente — concordou a senhorita Flitworth. — Agora vão embora todos vocês.

Ele a ouviu enxotar as pessoas escada abaixo até voltarem ao escuro da noite. A porta bateu. Não a ouviu subir de volta com uma bacia de água fria e um pano. A senhorita Flitworth também sabia andar de leve, quando queria.

Ela entrou e fechou a porta.

— Os pais vão querer vê-la. A mãe está desmaiada, e o Grande Henry do moinho botou o pai pra dormir quando ele tentou correr

para as chamas, mas logo estarão aqui.

Ela se curvou e passou o pano na testa da menina.

— Onde ela estava? — ESCONDIDA DENTRO DE UM ARMÁRIO.

— Escondida do incêndio? José Porta deu de ombros.

— Fico impressionada que tenha encontrado alguém no meio de tanto calor e fumaça.

— ACHO QUE PODE CHAMAR ISSO DE JEITINHO.

— E nem uma marca nela.

José Porta ignorou o tom de questionamento na sua voz.

— MANDOU ALGUÉM TRAZER O BOTICÁRIO? — Sim.

— ELE NÃO DEVE LEVAR NADA EMBORA.

— Como assim? — FIQUE AQUI QUANDO ELE VIER. NÃO RETIREM NADA DESTE QUARTO.

— Que bobagem. Por que ele levaria alguma coisa? O que ele iria levar? — É MUITO IMPORTANTE. AGORA, PRECISO DEIXÁ-LAS.

—Aonde vai? — PARA O CELEIRO. HÁ COISAS QUE PRECISO FAZER. TALVEZ NÃO HAJA MUITO TEMPO.

A senhorita Flitworth ficou olhando para a pequena figura sobre a cama. Sentia que a situação se encontrava muito fora do seu alcance, e tudo o que podia fazer era esperar.

— Ela parece estar apenas dormindo — disse, sem ação. — O que há de errado com ela? José Porta parou diante da escada.

— ELA ESTÁ VIVENDO UM TEMPO EMPRESTADO.

Tinha uma forja antiga atrás do celeiro, que não era usada havia anos. Mas, agora, luzes vermelhas e amarelas saíam de lá para o quintal, pulsando como um coração. Como um coração, havia uma batida rítmica. A cada baque, as luzes ficavam azuis.

A senhorita Flitworth entrou devagar pela porta aberta. Se ela fosse o tipo de pessoa que fazia juramentos, teria jurado que não fizera nenhum barulho que pudesse ser ouvido por cima do estalo do fogo e das marteladas, mas José Porta se virou, agachado, segurando uma lâmina curva na sua frente.

— Sou eu! Ele relaxou, ou pelo menos passou a um nível diferente de tensão.

— Que diabos está fazendo? Ele olhou para a lâmina nas mãos como se a visse pela primeira vez.

— PENSEI EM AFIAR A FOICE, SENHORITA FLITWORTH.

— A 1 da manhã? Ele olhou confuso para a foice.

— ELA FICA CEGA DO MESMO JEITO DE MADRUGADA, SENHORITA FLITWORTH.

Então ele bateu com ela na bigorna.

— E EU NÃO CONSIGO AFIÁ-LA O SUFICIENTE! — Acho que o calor pode ter afetado você — ela sugeriu, e estendeu a mão para segurar o braço dele. — Além do mais, parece afiada o suficiente para... — começou e parou. Ela passou os dedos pelo osso do braço dele. E os retirou por um momento, depois o segurou.

José Porta estremeceu.

A senhorita Flitworth não continuou hesitando. Em 75 anos, enfrentara guerras, crises, inúmeros animais doentes, algumas epidemias e milhares de pequenas tragédias cotidianas. Um esqueleto com depressão não entrava sequer na lista das dez Piores Coisas que vira.

— Então, é você.

— SENHORITA FLITWORTH, EU...

— Sempre soube que um dia você viria.

— ACHO QUE TALVEZ...

— Sabe, esperei a maior parte da minha vida por um cavaleiro num cavalo de batalha branco. — A senhorita Flitworth abriu um sorriso largo. — Que papel de boba eu fiz, hein? José Porta sentou-se na bigorna.

— O boticário veio. Ele disse que não podia fazer nada. Disse que ela estava bem. Só não conseguimos acordá-la. E, sabe, ficamos horas para conseguir abrir a mão dela. Estava fechada com muita força.

— EU DISSE QUE NÃO ERA PARA RETIRAREM NADA! — Está tudo bem, está tudo bem. Deixamos que ficasse segurando aquilo.

— ÓTIMO.

— O que era? — O MEU TEMPO.

— Perdão? — O MEU TEMPO. O TEMPO DA MINHA VIDA.

— Parece um cronômetro muito caro. José Porta pareceu surpreso.

— SIM. DE CERTO MODO. EU DEI A ELA UM POUCO DO MEU TEMPO.

— Por que você precisa de tempo? — TODAS AS COISAS VIVAS PRECISAM DE TEMPO. QUANDO ACABA, ELAS MORREM. QUANDO ACABAR, ELA MORRERÁ. E EU MORREREI TAMBÉM. DAQUI A ALGUMAS HORAS.

— Mas você não pode...

— POSSO. E DIFÍCIL EXPLICAR.

— Levanta.

— O QUÊ? — Eu disse levanta. Eu quero me sentar.

José Porta deu espaço para ela na bigorna. A senhorita Flitworth se sentou.

— Então você vai morrer.

— SIM.

— E não quer morrer.

—NÃO.

— Por que não? Ele olhou para ela como se ela estivesse louca.

— PORQUE AÍ NÃO HAVERÁ NADA. PORQUE NÃO EXISTIREI MAIS.

— É isso o que acontece com os humanos também? — ACHO QUE NÃO. PARA VOCÊS É DIFERENTE. VOCÊS TÊM TUDO MAIS BEM ORGANIZADO.

Os dois ficaram sentados olhando para o brilho fraco dos carvões na forja.

— Então pra que estava afiando a lâmina da foice? — perguntou a senhorita Flitworth.

—ACHEI QUE TALVEZ EU PUDESSE... RESISTIR...

— Já funcionou alguma vez? Quero dizer, com você? — GERALMENTE, NÃO. ÀS VEZES, AS PESSOAS ME DESAFIAM A ENTRAR NUM JOGO. APOSTANDO A VIDA DELAS, SABE.

— Já ganharam alguma vez? — NÃO. NO ANO PASSADO, ALGUÉM CONSEGUIU TRÊS AVENIDAS E TODAS AS EMPRESAS.

— O quê? Que jogo é esse? — NÃO ME LEMBRO. "BANCO DE IMÓVEIS", ACHO.

— Espera aí. Se você é você, quem virá para buscá-lo? — MORTE. ONTEM À NOITE, ISTO ME FOI PASSADO DEBAIXO DA PORTA.

Morte abriu a mão e mostrou um papelzinho sujo no qual a senhorita Flitworth conseguiu ler, com alguma dificuldade, a palavra: oooEEEeeOOOooooEEeeeOOOooooEEeee.

— RECEBI A MENSAGEM MAL ESCRITA DO BANSHEE.

A senhorita Flitworth olhou para ele com a cabeça tombada para o lado.

— Mas... corrija-me se eu estiver errada, mas...

— O NOVO MORTE.

José Porta pegou a lâmina.

— ELE SERÁ HORRÍVEL.

A lâmina entortou nas suas mãos. Uma luz azul tremeluziu ao longo do corte.

— EU SEREI O PRIMEIRO.

A senhorita Flitworth ficou olhando para a luz, como se estivesse fascinada.

— Horrível como, exatamente? — O QUE VOCÊ PODE IMAGINAR DE MAIS HORRÍVEL? —Oh.

— EXATAMENTE ASSIM.

A lâmina inclinava-se para um lado e para o outro.

— E aparecerá para a criança também — lembrou a senhorita Flitworth.

— SIM.

— Acho que não lhe devo nenhum favor, senhor Porta. Acho que ninguém no mundo inteiro lhe deve favor algum.

— PODE SER QUE ESTEJA CERTA.

— Veja bem, a vida tem uma ou duas coisas pelas quais devemos nos responsabilizar. Sejam justos.

— NÃO SABERIA O QUE DIZER.

A senhorita Flitworth olhou-o mais uma vez, com atenção, avaliando a situação.

— Há um amolador de arenito muito bom lá no canto.

— JÁ USEI.

— E uma pedra de afiar com óleo no armário.

— JÁ USEI ISSO TAMBÉM.

Ela achou que dava para ouvir um som quando a lamina se movia. Uma espécie de gemido fraco da tensão do ar.

— E ainda não está afiada o suficiente? José Porta suspirou.

— TALVEZ NUNCA FIQUE AFIADA O SUFICIENTE.

— Vamos lá, homem. Não faz sentido desanimar — incentivou-o a senhorita Flitworth. — Enquanto houver vida... né? — ENQUANTO HOUVER VIDA NÉ O QUÊ? — Haverá esperança? — HAVERÁ? — Com certeza.

José Porta passou o dedo ossudo no corte.

— ESPERANÇA? — Resta mais alguma coisa a tentar? José balançou a cabeça. Ele tentara diversas emoções, mas esta era nova.

— PODERIA ME TRAZER UMA PEÇA DE AÇO? Uma hora havia passado.

A senhorita Flitworth remexeu no seu saco de roupas velhas.

— O que falta? — perguntou.

— O QUE JÁ TENTAMOS ATÉ AGORA? — Vejamos... juta, morim, linho... e cetim? Toma um pedaço. José Porta pegou o trapo e o passou suavemente pela lâmina. A senhorita Flitworth chegou ao fundo do saco e retirou uma amostra de pano branco.

— SIM? — Seda — observou, num tom suave. — Seda pura branca. Coisa boa. Nunca foi usada.

Ela se recostou e ficou olhando para o tecido.

Após algum tempo, ele o retirou com jeito dos seus dedos.

— OBRIGADO.

— Ora, ora — ela disse, saindo do transe. — É isto, não? Quando ele virou a lâmina, ela fez um barulho, vuummm. O fogo da forja quase morria, mas a lâmina refletiu a luz do seu fio.

— Afiada na seda. Quem acreditaria? — E AINDA CEGA.

José Porta olhou para a oficina escura ao seu redor e, de repente, correu para um dos cantos.

— O que você achou? — TEIA DE ARANHA.

Ouviram-se um gemido longo e agudo, como o de formigas sendo torturadas.

— Adiantou alguma coisa? — AINDA CEGA DEMAIS.

Ela viu José Porta sair da oficina e correu atrás dele. Ele parou no meio do quintal, segurando a foice com a lâmina voltada para a brisa fraca da madrugada. Ela fez um zunido.

— Como é que uma lâmina pode ficar mais afiada que isso, pelo amor dos céus? — DÁ PARA FICAR MAIS AFIADA QUE ISTO.

No galinheiro, Cirilo, o galinho, acordou e fixou os olhos embaçados nas letras traiçoeiras escritas a giz no papelão. Ele respirou fundo.

— Fococicó! José Porta olhou para o horizonte na direção da borda e, com expressão especulativa, para a pequena colina atrás da casa. Ele disparou, com as pernas estalando acima do chão.

A nova luz do dia espirrou sobre o mundo. A luz do Disco é velha, lenta e pesada. Espalhava-se sobre a paisagem como um ataque da cavalaria. Um ou outro vale a deixava mais lenta por um momento e, aqui e ali, uma cadeia de montanhas diminuía a sua intensidade até que ela se derramava sobre os cumes e descia os declives mais distantes. Atravessava o mar, acompanhava o movimento das ondas na praia e acelerava sobre as planícies, impelida pelo empurrão do sol.

No lendário continente escondido de Xxxx, em algum lugar próximo da borda, existe uma colônia perdida de magos que usam rolhas penduradas na aba dos chapéus pontudos e se alimentam apenas de pitu. Ali, a luz ainda está fresca e selvagem, quando chega do espaço, e eles navegam na agitada interface entre a noite e o dia. Se um deles fosse carregado por milhares de quilômetros para o interior do continente, no crepúsculo, teria visto — quando a luz batesse com força sobre o planalto — um boneco de pauzinhos subindo com dificuldade uma pequena colina no trajeto da manhã. Ele atingiu o topo pouco antes de a luz chegar, respirou fundo e depois se agachou e deu um giro, sorrindo.

Ergueu uma lâmina comprida com os braços estendidos.

A luz bateu... se dividiu... se espalhou aos poucos...

Não que o mago tivesse prestado muita atenção, porque estaria distraído com a preocupação de ter que andar os 5 mil quilômetros na volta para casa. A senhorita Flitworth estava ofegante quando o novo dia chegava aos poucos. José Porta permanecia absolutamente imóvel, apenas a lâmina se movia entre os seus dedos enquanto ele mudava os seus ângulos em relação à luz.

Finalmente, parecia satisfeito.

Ele se virou e experimentou fazê-la zunir pelo ar.

A senhorita Flitworth pôs as mãos na cintura.

— Ah, faça-me o favor...

Ela parou.

Ele agitou a lâmina mais uma vez.

Lá no poleiro, Cirilo esticou o pescoço careca para mais uma tentativa. José Porta abriu um sorriso e girou a lâmina na direção do som.

Então baixou a lâmina.

— AGORA ESTÁ AFIADA.

Seu sorriso se desfez, ou pelo menos se desfez o quanto era possível. A senhorita Flitworth virou-se, seguindo a linha do seu olhar até onde ela cruzava uma névoa fraca acima dos milharais.

Parecia um manto cinza-claro vazio, mas que ainda assim mantinha a forma de quem o usava, como se uma roupa no varal fosse atravessada por uma brisa. Ele oscilou por um momento e desapareceu.

— Eu o vi.

— NÃO ERA O. ERAM OS.

— Os o quê?

— ELES SÃO COMO... —José Porta fez um gesto vago com a mão

— EMPREGADOS. SENTINELAS. AUDITORES. INSPETORES.

A senhorita Flitworth apertou os olhos.

— Inspetores? Como o Fiscou?

— IMAGINO QUE SIM...

O rosto da senhorita Flitworth se iluminou.

— Por que não disse antes?

— PERDÃO?

— Meu pai sempre me fazia prometer nunca ajudar o Fiscau. Só de pensar no Fiscau, ele dizia ficar com vontade de se deitar um pouco. Dizia haver morte e impostos, e os impostos eram piores porque a morte ao menos não acontecia todos os anos. A gente tinha que sair da sala quando ele começava a falar do Fiscau. Criaturas sórdidas. Sempre investigando, perguntando o que você tem escondido debaixo da pilha de lenha, atrás de quadros secretos no porão e outras coisas do tipo, que não são do interesse de absolutamente ninguém.

Ela soltou ar pelo nariz.

José Porta ficou impressionado. A senhorita Flitworth realmente conseguia dar à palavra "fiscal", que tinha duas vogais e um encontro consonantal, toda a peremptoriedade da palavra "escória".

— Você deveria ter contado que estavam atrás de você desde o começo. O Fiscau não tem muitos amigos por estas bandas, sabe. No tempo do meu pai, qualquer Fiscau que viesse se intrometendo sozinho, a gente amarrava pesos nos pés dele e atirava no lago.

— MAS O LAGO SÓ TEM ALGUNS CENTÍMETROS DE PROFUNDIDADE, SENHORITA FLITWORTH.

— É, mas era divertido ver eles descobrirem isso. Você devia ter falado. Todo mundo achou que você tinha alguma coisa com imposto de renda.

— NÃO. NÃO IMPOSTO.

— Bom... Eu não sabia que havia um Fiscau Lá Em Cima.

— SIM, DE CERTO MODO.

Ela se aproximou devagar.

— Quando ele virá?

— HOJE À NOITE. NÃO SEI DIZER EXATAMENTE. DUAS PESSOAS ESTÃO VIVENDO O MESMO TEMPO. ISSO TORNA AS COISAS INCERTAS.

— Eu não sabia que as pessoas podiam dar um pouco da sua vida a outras.

— ACONTECE O TEMPO TODO.

— Tem certeza mesmo de que é hoje à noite?

— SIM.

— E essa lâmina funcionará?

— NÃO SEI. E UMA CHANCE EM UM MILHÃO.

— Ah. — Ela parecia pensar em algo. — Você tem o resto do dia livre, então?

— SIM?

— Então pode começar a fazer a colheita.

— O QUÊ? — Vai te manter ocupado. Tirar as coisas da sua mente. Além do mais, estou te pagando seis centavos por semana. E seis centavos são seis centavos.

A casa da senhora Bolinho também ficava na rua Elm. Windle bateu à porta. Depois de algum tempo, uma voz abafada gritou:

— Tem alguém aí? — Bata uma vez para dizer sim — ajudou Schleppel. Windle ergueu a tampa da caixa de correio.

— Com licença? Senhora Bolinho? A porta abriu.

A senhora Bolinho não era como Windle esperava. Ela era grande, mas não no sentido de ser gorda. Apenas tinha a

constituição em escala levemente maior que o normal, o tipo de pessoa que, com o passar do tempo, vai se curvando aos poucos e parece estar protestando contra alguma coisa quando se estica sem querer. E tinha um cabelo magnífico. Coroava a sua cabeça e escorria para trás dela feito uma capa. Também possuía orelhas ligeiramente pontudas e dentes que, embora fossem brancos e muito bonitos, refletiam a luz de maneira perturbadora. Windle ficou impressionado com a velocidade com que seus sentidos intensificados de zumbi chegaram a uma conclusão. Ele olhou para baixo. Lupino permanecia sentado em posição superereta. Excitado demais até para balançar o rabo.

— Acho que você não poderia ser a senhora Bolinho — observou Windle.

— Você está procurando a minha mãe — disse a menina. — Mãe! Tem um senhor aqui! Um resmungo distante tornou-se um resmungo mais próximo, e a senhora Bolinho surgiu ao lado da filha como uma pequena lua saindo da sombra planetária.

— O que é que você quer? Windle deu um passo para trás. Diferentemente da filha, a senhora Bolinho era bem baixa e quase perfeitamente circular. Ao contrário da filha, cuja postura como um todo era dedicada a fazer com que parecesse menor, aparecia chamando toda a atenção para si. Isso se dava em grande parte por causa do seu chapéu, o qual — ficou sabendo depois — usava o tempo todo, com a dedicação de um mago. Ele era enorme, preto e tinha coisas penduradas, como asas de pássaro, cerejas de cera e alfinetes. Carmem Miranda poderia ter usado esse chapéu no funeral de um continente. A senhora Bolinho viajava sob ele como a cesta

viaja sob o balão. As pessoas geralmente se pegavam conversando com o chapéu.

— Senhora Bolinho? — perguntou Windle, fascinado.

— Tô aqui embaixo — sua voz tinha tom de reprovação. Windle baixou o olhar.

— Essa sou eu.

— Estou falando com a senhora Bolinho? — Sim, eu sei.

— Meu nome é Windle Poons.

— Eu sabia disso também.

— Sou mago, sabe...

— Está bem, mas vê se limpa o pé.

— Posso entrar? Windle Poons parou. Ele tocou de novo as últimas frases da conversa por meio de cliques na sala de controle do seu cérebro. E depois sorriu.

— Isso mesmo — disse a senhora Bolinho.

— A senhora por acaso é uma vidente nata?

— Em geral, cerca de dez segundos, seu Poons. Windle hesitou.

— Cê tem que fazer a pergunta — disse rapidamente a senhora Bolinho. — Eu fico com enxaqueca quando as pessoas pegam a mania de num fazer as perguntas depois que eu já previ e respondi.

— Até onde a senhora consegue prever o futuro? Ela fez sinal positivo com a cabeça.

— Está bem, então — começou, aparentemente mais sossegada, e levou-o pelo corredor até uma sala de estar minúscula.

— E o papão pode entrar, só que terá que deixar a porta do lado de fora e ir para o porão. Num suporte papões andando pela casa.

— Nossa, faz séculos que não entro num porão de verdade — comentou Schleppel.

— Tem aranha lá dentro — observou a senhora Bolinho.

—Uau! — E o senhor gostaria de uma xícara de chá — ela disse para Windle. Outra pessoa teria dito: "Imagino que você queira uma xícara de chá" ou "Aceita uma xícara de chá?" Mas ela tinha afirmado.

— Sim, por favor. Eu adoraria uma xícara de chá.

— Não deveria — repreendeu a senhora Bolinho. — Esse negócio acaba com os dentes.

Windle decifrou essa.

— Dois torrões de açúcar, por favor.

— É normal.

— É uma bela casa, senhora Bolinho — comentou Windle, com a cabeça a mil. O costume da senhora Bolinho de responder às perguntas enquanto ainda se formavam no cérebro da pessoa sobrecarregava os cérebros mais ativos.

— Ele morreu há dez anos.

— É... — começou Windle, mas a pergunta já estava na sua laringe. — Creio que o senhor Bolinho esteja bem de saúde? — Tá tudo bem. Eu falo com ele de vez em quando.

— Sinto muito — disse Windle.

— Tudo bem, se isso te faz sentir melhor.

— Hum, senhora Bolinho... Estou achando um pouco confuso. A senhora poderia... desligar... o seu conhecimento prévio... ? Ela consentiu com a cabeça.

— Desculpa. Fico acostumada a deixar ligado. Também, fico só com a Ludimila e o Um-Homem-Balde. É um espírito — acrescentou. — Sabia que cê ia perguntar isso.

— Sim, ouvi dizer que os médiuns possuem guias espirituais nativos.

— Ele? Ele num é guia, é tipo espécie de fantasma quebra—galho. Num suporto essas coisas de cartas, trombetas, tabuleiro, viu? E acho ectoplasma nojento. Num aceito isso aqui em casa. De jeito nenhum. Num dá pra tirar do carpete, sabe. Nem com vinagre.

— Minha nossa.

— Nem gemido. Num suporto. Nem ficar se metendo com o sobrenatural. Num é natural o sobrenatural. Num aceito.

— Hum — começou Windle, cauteloso. — Há quem pense que ser médium é um pouco... sabe... sobrenatural? — O quê? O quê? Gente, morta num tem nada de sobrenatural. Que absurdo. Todo mundo morre mais cedo ou mais tarde.

— Espero que sim, senhora Bolinho.

— O que o senhor tá querendo, seu Poons? Não tô fazendo previsões, então o senhor terá que me dizer.

— Quero saber o que está acontecendo, senhora Bolinho. Ouviu-se um baque surdo embaixo dos pés e o leve som de felicidade de Schlepel.

— Oh. Uau! Tem rato também! — Eu fui até lá e tentei avisar vocês, magos — disse a senhora Bolinho, com ar afetado. — E ninguém quis ouvir. Eu sabia que num iam querer, mas eu tinha que tentar, senão não teria sabido.

— Com quem você falou? — Com o grandão de vestido vermelho e um bigode que parece que ele tá tentando inguli um gato.

— Ah, o arquirreitor — confirmou Windle, categórico.

— E tinha um gordo enorme. Anda que nem pato.

— É, anda mesmo, né? Esse era o Decano.

— Eles me chamaram de "minha filha". Me disseram para cuidar da minha vida. Não vejo por que devo ficar ajudando magos que me chamam de minha filha quando estou tentando ajudar.

— Infelizmente, os magos não costumam ouvir. Eu nunca ouvi durante 130 anos.

— Por que não? — Pra não ouvir as besteiras que eu estava dizendo, acho. O que está acontecendo, senhora Bolinho? Pode me dizer. Posso ser um mago, mas sou um mago morto.

— Bom...

— Schlepell me disse que era tudo devido à força vital.

— Está acumulando, sabe? — O que significa isso? — Tem mais energia vital do que deveria ter. A coisa fica... — ela fez um gesto vago com as mãos —... quando as coisas estão como se estivessem numa balança, só que não tem o mesmo dos dois lados...

— Desequilíbrio? A senhora Bolinho, que parecia ler um manuscrito distante, concordou com a cabeça.

— É, uma coisa dessas... Sabe, às vezes acontece só um pouco, aí dá fantasma porque a vida não está mais no corpo, mas também não foi embora... No inverno, dá menos porque ela meio que diminui e volta na primavera... E algumas coisas a concentram... Modo, o jardineiro da Universidade, cantarolava uma musiquinha enquanto

empurrava o estranho carrinho até sua pequena área particular, entre a Biblioteca e o prédio da Magia de Alta Energia, [18] com um carregamento de ervas, rumo ao cantinho dos adubos compostos.

Parecia haver muita animação por ali naquele momento. Certamente era interessante trabalhar com aqueles magos.

Trabalho de equipe, isso era o que acontecia. Eles buscavam o equilíbrio cósmico, as harmonias universais e as estabilidades dimensionais, e ele cuidava para que os pulgões ficassem longe das rosas.

Modo ouviu um tinido metálico e espiou por cima do monte de ervas.

— Mais um? Um cesto de arame reluzente sobre rodinhas permanecia parado no caminho. Será que os magos o compraram para ele? O primeiro fora bastante útil, embora seja um pouco difícil de manejar. Cada rodinha parecia querer ir em uma direção diferente. Devia haver algum truque.

Este seria bom para carregar bandejas de sementes. Ele puxou o segundo carrinho para o lado e ouviu, atrás dele, um som que, se tivesse que ser escrito e ele soubesse escrever, provavelmente teria escrito algo como "glop". Os magos superiores sabem que o propósito correto da magia é formar uma pirâmide social com os magos no topo, fazendo grandes refeições, mas, na verdade, o prédio da MAE ajudou a proporcionar um dos alimentos mais raros do universo: a antimassa. A massa comum é preparada algumas horas antes de ser comida. A antimassa é criada algumas horas depois da refeição e, conseqüentemente, existe de trás para frente no tempo. Quando preparada de maneira correta, atinge as papilas

gustativas exatamente no mesmo momento, criando uma verdadeira explosão de sabor. Ela custa 5 mil dólares a garfada ou um pouco mais, se estiver incluso o custo da limpeza do molho de tomate nas paredes depois. Modo virou-se, viu o maior dos montes de adubo composto pulsando no escuro e disse: — Olha o que eu trouxe para o seu lanche! E depois viu que ele se movia.

— Alguns lugares também... — disse a senhora Bolinho.

— Mas por que ela estaria se acumulando? — perguntou Windle.

— É como um temporal, entende? Sabe quando você tem aquela sensação de comichão antes de uma tempestade? É o que está acontecendo.

— Sim, mas por quê, senhora Bolinho? — Bom... O Um-Homem-Balde disse que nada está morrendo.

— O quê? — Maluco, não? Ele disse que muitas vidas estão acabando, mas não vão embora. Simplesmente ficam aqui.

— O quê, como fantasmas? — Não apenas fantasmas. Só... é como poças d'água. Quando há muitas poças, fica igual ao mar. De qualquer modo, só há fantasmas de pessoas. Não existem fantasmas de repolho.

Windle Poons recostou-se na cadeira. Teve a visão de um vasto tanque de vida, um lago alimentado por milhões de afluentes de vida curta conforme as coisas vivas chegavam ao fim do seu tempo. A força vital vazava quando a pressão aumentava. Vazando para todos os lados possíveis.

— A senhora acha que eu poderia ter uma palavrinha com o Um... — ele começou, mas depois parou.

Ele se levantou e correu até o console da lareira da senhora Bolinho.

— Há quanto tempo a senhora tem isto, senhora Bolinho? — perguntou, pegando um objeto de vidro.

— Isso? Comprei ontem. Lindo, não? Windle balançou o globo. Era quase idêntico aos que apareceram sob o piso do seu quarto. Flocos de neve subiram rodopiando e baixaram sobre uma maquete primorosa da Universidade Invisível.

Aquilo o fez lembrar muito de alguma coisa. Bem, é claro que o prédio o fazia lembrar da Universidade, mas a forma da coisa como um todo... havia uma alusão a... fazia ele pensar em...

... café da manhã? — Por que isto está acontecendo? — perguntou meio que para si mesmo. — Essas malditas coisinhas estão aparecendo em todo lugar.

Os magos atravessaram o corredor correndo.

— Como se faz para matar fantasmas? — Como é que eu vou saber? Não é uma pergunta muito frequente! — Tem que exorcizá-lo, acho.

— O quê? Pulando pra cima e pra baixo, correndo sem sair do lugar, esse tipo de coisa? O Decano estava preparado para essa.

— Isso seria com "E" e "T", arquirreitor . Não acho que se deva sujeitá-los a um., é... esforço físico.

— Diria que não, homem. Não precisamos de fantasmas saudáveis passando de um lado para o outro.

Eles ouviram um grito horripilante. Que ecoou entre os pilares e arcos sombrios e foi interrompido de repente.

O arquirreitor parou de súbito. Os magos chocaram-se contra ele.

— Parecia um grito horripilante — disse. — Sigam-me! Ele correu e virou a esquina.

Houve uma batida metálica e muitos palavrões.

Uma coisa pequena e listrada de vermelho e amarelo, com presas minúsculas penduradas e três pares de asas, virou a esquina voando e passou a toda velocidade acima da cabeça do Decano, fazendo um barulho que parecia o de uma minisserra circular.

— Alguém sabe o que era aquilo? — perguntou o Tesoureiro, com a voz fraca. A coisa sobrevoou os magos e desapareceu na escuridão do telhado. — E eu gostaria que ele não xingasse.

— Vamos — insistiu o Decano. — E melhor vermos o que aconteceu com ele.

— Precisamos mesmo? — perguntou o Orador da Classe. Eles espiaram do canto da parede. O arquirreitor estava se sentando, esfregando o tornozelo.

— Quem foi o idiota que deixou isto aqui? — Deixou o quê? — perguntou o Decano.

— Essa maldita coisa de rodinhas que parece uma cesta de arame — disse o arquirreitor. Ao lado dele, uma criatura roxa minúscula que lembrava uma aranha se materializou no ar e correu na direção de uma fenda. Os magos não a notaram.

— Que coisa de rodinhas que parece uma cesta de arame? — perguntaram os magos, em uníssono.

Ridcully olhou ao redor.

— Eu poderia ter jurado... — começou. Houve mais um grito. Ridcully ficou de pé com dificuldade.

— Vamos, homens! — disse, mancando na frente com postura heróica.

— Por que todo mundo corre na direção de um grito horripilante? — murmurou o Orador da Classe. — É contrário ao bom senso.

Eles andaram depressa pelo claustro e saíram no pátio quadrangular. Uma forma circular e escura agachava-se no centro da grama antiga. Um vapor saía dela em porções pequenas e fétidas.

— O que é isto? — Não pode ser um monte de adubo composto no meio da grama, pode? — Modo ficará muito chateado.

O Decano examinou mais de perto.

— É... especialmente porque, creio eu, isso é o pé dele saindo de baixo do monte.

O monte girou na direção dos magos e fez um barulho glop, glop. Depois começou a andar.

— Está bem, então — começou Ridcully, esfregando as mãos esperançoso —, qual de vocês tem uma palavra mágica pronta pra ser usada? Os magos bateram nos bolsos, constrangidos.

— Bom, então vou atrair a atenção dele enquanto o Tesoureiro e o Decano tentam puxar Modo pra fora.

— Ah, ótimo — concordou o Decano, sem forças.

— Como é que se atrai a atenção de um monte de adubo? — perguntou o Orador da Classe. — Eu diria que ele nem sabe o que é isso.

Ridcully tirou o chapéu e deu um passo à frente com cautela.

— Monte de porcaria! — rosnou.

O Orador da Classe suspirou e tapou os olhos. Ridcully agitava o chapéu na frente do monte.

— Lixo biodegradável! — Entulho verde infeliz? — arriscou o Conferencista sobre Runas Recentes, tentando ajudar.

— Esse é o segredo — disse o arquirreitor . — Enfurecer o bicho. (Atrás dele, uma variedade um pouco diferente de criatura parecida com uma vespa surgiu no ar e saiu zunindo.) O monte de adubo deu um bote no chapéu.

— Monte de esterco! — Minha nossa — exclamou o Conferencista sobre Runas Recentes, chocado. O Decano e o Tesoureiro rastejaram, agarraram um pé do jardineiro cada um e puxaram. Modo escorregou para fora do monte.

— Ele comeu as roupas dele! — disse o Decano.

— Mas ele está bem? — Ainda está respirando — confirmou o Tesoureiro.

— E, se tiver sorte, perdeu totalmente o olfato — comentou o Decano. O monte apanhou o chapéu de Ridcully. Houve um glop. A ponta do chapéu desapareceu.

— Ei, ainda tinha meia garrafa aí dentro! — Ridcully gritou. O Orador da Classe o segurou pelo braço.

— Vamos, arquirreitor ! O monte girou e deu um bote na direção do Tesoureiro. Os magos recuaram.

— Não é possível que seja inteligente, é? — perguntou o Tesoureiro.

— Tudo o que ele faz é se mexer devagar e comer as coisas — observou o Decano.

— Coloque um chapéu pontudo nele, e seria um membro do corpo docente — disse o arquirreitor .

O monte foi atrás deles.

— Eu não chamaria isso de se mexer devagar — corrigiu-se o Decano. Eles olharam para o arquirreitor com expectativa.

— Corram! Embora a maior parte do corpo docente fosse formada por homens corpulentos, eles atingiram velocidade razoável na corrida pelo claustro, lutaram uns com os outros para passar pela porta, a fecharam com força e apoiaram o corpo nela. Pouquíssimo tempo depois, ouviram um baque pesado e lento do outro lado.

— Escapamos dessa — tranquilizou-se o Tesoureiro. O Decano olhou para baixo.

— Acho que há uma coisa atravessando a porta, arquirreitor — disse em voz bem baixa.

— Não seja doido, homem, estamos todos apoiados nela.

— Eu não quis dizer atravessando, quis dizer... atravessando... O arquirreitor deu uma fungada.

— O que está queimando? — Suas botas, arquirreitor — respondeu o Decano.

Ridcully olhou para baixo. Uma poça verde-amarelada espalhava-se sob a porta. A madeira chamuscava, as pedras do piso sibilavam e a sola de couro de suas botas estava definitivamente em apuros. Ele podia se sentir ficando mais baixo. Remexeu nos cadarços e deu um salto sem impulso para uma parte seca do piso.

— Tesoureiro! — Sim, arquirreitor ? — Me dê as suas botas! — O quê? — Homem, eu ordeno que me dê suas malditas botas! Desta vez, uma criatura comprida com quatro pares de asas, duas em cada

extremidade, e três olhos passou a existir acima da cabeça de Ridcully e caiu sobre seu chapéu.

—Mas...

— Eu sou o seu arquirreitor ! — Sim, mas...

— Acho que as dobradiças já eram — observou o Conferencista sobre Runas Recentes.

Ridcully olhou em volta desesperado.

— Nos reagrupamos no Grande Salão. Faremos uma retirada estratégica para as posições previamente preparadas.

— Quem as preparou? — perguntou o Decano.

— Vamos prepará-las quando chegarmos lá — explicou o arquirreitor , rangendo os dentes. — Tesoureiro! As botas! Já! Eles chegaram às portas de folhas duplas do Grande Salão exatamente quando a porta atrás deles meio que desabou, meio que se dissolveu. As portas do Grande Salão eram bem mais resistentes. Ferrolhos e trancas foram arrastados para a posição mais segura.

— Tirem tudo das mesas e façam uma pilha com elas na frente da porta — gritou Ridcully.

— Mas ele come madeira — lembrou o Decano.

Houve um gemido proveniente do corpo pequeno de Modo, que fora escorado contra uma cadeira. Ele abriu os olhos.

— Rápido! — disse Ridcully. — Como se faz para matar um monte de adubo composto? — Hum, acho que não é possível, seu Ridcully, senhor — respondeu o jardineiro.

— E fogo? Eu poderia conseguir uma bola de fogo — arriscou o Decano.

— Não funcionaria. Ele é muito empapado — ponderou Ridcully.

— Ele está bem aí fora! Está comendo a porta! Está comendo A porta — proclamou o Conferencista sobre Runas Recentes.

Os magos afastaram-se mais, em direção ao fundo do salão.

— Espero que não coma madeira demais — disse Modo atordoado, demonstrando preocupação genuína. — Eles são o diabo, perdoem meu klatchianês, se você coloca muito carbono neles. Vai causar um aquecimento excessivo.

— Sabe que este é exatamente o momento certo para uma palestra sobre a dinâmica da elaboração de adubo composto, Modo — ironizou o Decano. Os anões não sabem o significado da palavra "ironia".

— Bom, está bem, então. ã-ham. O equilíbrio certo das matérias, dispostas em camadas de modo correto, de acordo com...

— Lá se vai a porta — disse o Conferencista sobre Runas Recentes, movendo-se desajeitado na direção dos outros.

Um morro de móveis começou a andar para a frente.

O arquirreitor olhou desesperadamente pelo salão, perdido. Então seu olhar foi atraído por uma garrafa pesada, num dos aparadores.

— Carbono. É como carvão, não? — Como é que eu vou saber? Não sou alquimista — respondeu o Decano, com desprezo.

O monte de adubo apareceu no meio dos escombros. Emanava um vapor. O arquirreitor olhou comovido para a garrafa de molho Wow-Wow. Tirou a rolha. Deu uma fungada profunda.

— Os cozinheiros aqui não sabem fazer isso direito, sabe. Vou ter que esperar semanas para receber mais da minha terra.

Ele atirou a garrafa no monte que avançava. O monte desapareceu na massa em ebulição.

— A urtiga é sempre útil — continuou Modo, atrás dele. — Elas acrescentam ferro. E confrei... bom... confrei nunca é demais. Para os minerais, entende? Eu mesmo sempre pensei que uma pequena quantidade de erva-carpinteira... Os magos espiaram por cima de uma mesa virada de cabeça para baixo. O monte tinha parado de se mexer.

— Será que sou eu ou ele está ficando maior? — perguntou o Orador da Classe.

— E parecendo mais feliz? — emendou o Decano.

— Está com um cheiro horrível— disse o Tesoureiro.

— Pudera. E aquela garrafa de molho estava quase cheia — lembrou o arquirreitor, com tristeza. — Eu tinha acabado de abri-la.

— A Natureza é uma coisa maravilhosa, se você for parar pra pensar — observou o Orador da Classe. — Vocês não precisam me olhar desse jeito. Fiz apenas uma observação.

— Há momentos em que... — começou Ridcully, e depois o monte de adubo explodiu.

Não foi um estrondo nem um estampido. Foi a erupção mais úmida e mais corpulenta da história da flatulência terminal. Chamas vermelho-escuras com extremidades pretas trovejaram até o teto. Pedacos do monte foram lançados pelo salão e se esparramaram, molhando as paredes.

Os magos espiaram por trás da trincheira, agora cheia de folhas de chá. Um talo de repolho caiu de leve na cabeça do Decano.

Ele viu uma pequena mancha borbulhante sobre o piso.

Um sorriso formou-se aos poucos no seu rosto.

—Uau.

Os outros magos foram saindo da trincheira. O fluxo de adrenalina realizou seu encanto sedutor. Eles também sorriram, e começaram a dar soquinhos de brincadeira nos ombros uns dos outros.

— Engole o molho picante! — bradou o arquirreitor .

— Encurralamos você, lixo fermentado! — Nós arrebentamos ou arrebentamos? — o Decano balbuciou, feliz.

— Você quer dizer "ou não arrebentamos". E não sei se um monte de adubo pode ser arre... — o Orador da Classe começou, mas a maré de excitação ia contra ele.

— Esse monte nunca mais vai se meter com magos — bradou o Decano, que estava ficando empolgado. — Nós somos sagazes e não perdoamos e...

— Tem mais três lá fora, o Modo disse — avisou o Tesoureiro. Eles ficaram em silêncio.

— Nós poderíamos pegar os nossos cajados, não? — sugeriu o Decano. O arquirreitor cutucou um pedaço de monte estourado com a ponta da bota.

— Coisas mortas ganhando vida — murmurou. — Não estou gostando disso. O que virá em seguida? Estátuas andando? Os magos ergueram a cabeça e olharam para as estátuas de arquirreitores mortos que se enfileiravam pelo Grande Salão e, na verdade, pela maioria dos corredores da Universidade. A Universidade existia havia milhares de anos, e a média de tempo

que um arquirreitor ficava no cargo chegava a cerca de 11 meses, portanto, havia estátua de sobra.

— Sabe, eu realmente queria que você não tivesse dito isso — comentou o Conferencista sobre Runas Recentes.

— Foi só um pensamento — disse Ridcully. — Venham, vamos dar uma olhada nesses outros montes.

— É! — animou-se o Decano, agora tomado por um machismo descontrolado e nada típico de um mago. — Somos maus! É! Somos maus? O arquirreitor ergueu as sobrancelhas e depois se virou para os outros magos.

— Nós somos maus? — perguntou.

— É... Eu estou me sentindo razoavelmente mau — respondeu o Conferencista sobre Runas Recentes.

— Eu sou definitivamente muito mau, acho — disse o Tesoureiro. — É o fato de estar sem botas que causa isso — acrescentou.

— Eu ficarei mau se todo mundo ficar — avisou o Orador da Classe. O arquirreitor virou-se para o Decano.

— E, parece que somos todos maus.

— Yo! — gritou o Decano.

— Yo o quê? — perguntou Ridcully.

— Não é yo o quê, é só yo — disse o Orador da Classe, atrás dele. — É um cumprimento de rua, um sinal afirmativo entre determinados grupos militares joviais e característico de rituais masculinos de vínculo.

— O quê? O quê? É como "tudo joia"? — insistiu Ridcully.

— Imagino que sim — concordou o Orador da Classe, relutante. Ridcully ficou satisfeito. Ankh-Morpork nunca oferecera muitas possibilidades para a caça. Ele jamais achou que fosse possível se divertir tanto dentro da universidade.

— Certo. Vamos pegar aqueles montes! —Yo! — Yo! —Yo! — Ioiô.

— Ridcully suspirou.

— Tesoureiro? — Sim, arquirreitor ? — Tente entender, é só isso o que eu peço.

As nuvens amontoaram-se sobre as montanhas. José Porta subiu e desceu o primeiro campo da plantação usando uma das foices comuns da fazenda. A mais afiada fora guardada temporariamente, no fundo do celeiro, para evitar que ficasse cega por convecção de ar. Alguns dos arrendatários da senhorita Flitworth o seguiram, amarrando os feixes e empilhando-os. A senhorita Flitworth nunca contratara um homem por tempo integral, José Porta soubera. Ela ia trazendo mais ajuda na medida em que fosse precisando, para economizar centavos.

— Nunca vi um homem cortar milho com uma foice — disse um deles. — É trabalho pra foicinho.

Eles pararam para almoçar e comeram à sombra de uma cerca viva. José Porta nunca prestara muita atenção nos nomes e no rosto das pessoas, além do necessário para o trabalho. O milho estendia-se pela colina. A plantação era formada por pés de milho individuais e, aos olhos de um pé, o outro pode até ser muito impressionante, com uma dúzia de pequenos maneirismos divertidos e característicos

que o diferenciam de todos os outros. Mas, para o ceifador, todos os pés de milho são, a princípio... apenas pés de milho.

Agora, começava a perceber as pequenas diferenças.

Havia William Batoque, Tramela Wheels e Duque Bottom-ley. Todos homens velhos, José Porta podia concluir, com pele que parecia couro. Havia homens e mulheres jovens na aldeia, mas, em certa idade, pareciam ficar velhos de uma vez, sem passar por estágios intermediários. Depois ficavam velhos por muito tempo. A senhorita Flitworth dissera que, para inaugurar um cemitério naquela região, tiveram que bater na cabeça de alguém com a pá.

William Batoque cantava enquanto trabalhava, dando início àquele longo lamento nasalado que significava que uma canção folk estava prestes a ser perpetrada. Tramela Wheels nunca dizia nada. Por isso, segundo Batoque, o chamavam de Tramela. José Porta não conseguiu entender a lógica disso, ainda que parecesse óbvio para os outros. Duque Bottomley recebera o nome de pais preocupados com a ascensão social, mas com ideias muito simplistas sobre estruturas de classe. Seus irmãos eram Fidalgo, Conde e Rei. Naquele momento, permaneciam sentados, enfileirados à sombra da cerca viva, adiando a hora em que teriam que voltar a trabalhar. Um som de gargarejo veio do fim da fileira.

— Até que o verão não foi tão ruim — disse Batoque. — E o tempo tá bom pra colheita, pra variar.

— Ah... muito chá ainda vai rolar por baixo da xícara — observou Duque. — Ontem à noite vi uma aranha fazendo a teia ao contrário. É sinal certo de que vem uma tempestade horrorosa.

— Não sei como as aranhas sabem esse tipo de coisa. Tramela Wheels passou uma grande moringa de barro para José Porta. Um pouco do conteúdo derramou-se.

— O QUE É ISSO? — Suco de maçã — respondeu Batoque. Os outros riram.

— AH. BEBIDA ALCOÓLICA DESTILADA FORTE, DADA DE MANEIRA BEM—HUMORADA A RECÉM-CHEGADOS DESPREVENIDOS, DE MODO A PROPORCIONAR UM DIVERTIMENTO COMUM QUANDO ELE FICAR

EMBRIAGADO SEM SE DAR CONTA.

— Nossa mãe — disse Batoque. José Porta deu um gole prolongado.

— E eu vi andorinhas voando baixo — continuou Duque. — E as perdizes estão seguindo pra floresta. E tem muito caramujo por aí. E...

— Não acho que qualquer desses bichos sabe patavina de meteorologia — ponderou Batoque. — Acho que você anda por aí dizendo coisas pra eles. Hein, rapazes? Tempestade forte chegando, dona Aranha, então faz alguma coisa folclorística. José Porta deu mais um gole.

— QUAL É O NOME DO FERREIRO DA ALDEIA? Batoque acenou com a cabeça.

— É o Ned Simnel, lá do lado do prado. É claro que ele tá muito ocupado. Por causa da colheita e tudo o mais.

— TENHO UM TRABALHO PARA ELE.

José Porta levantou-se e caminhou na direção da porteira.

—Zé? Ele parou.

— SIM? — Você pode deixar o conhaque aqui, então.

A forja da aldeia estava escura e abafada com o calor. Mas José Porta tinha visão muito boa.

Alguma coisa se moveu no meio de um complicado monte de metal. Revelou— se a parte de baixo de um homem. A parte de cima

encontrava-se em algum lugar dentro da maquinaria, de onde vinha um ou outro grunhido.

Uma mão apareceu de repente quando José Porta se aproximou.

— Certo. Me passa uma embrioca de três oitavos. José olhou à sua volta. Havia uma variedade de ferramentas espalhadas pela forja.

— Anda, anda — disse a voz, de algum lugar dentro da máquina. José Porta escolheu um pedaço de metal com um formato qualquer e o colocou na mão. A ferramenta foi puxada para dentro. Houve um barulho metálico e um grunhido.

— Eu disse embrioca. Isto não é uma... — houve um som estridente de metal cedendo — meu dedão, meu dedão, você me fez... — houve um clangor — Aargh! Agora foi a minha cabeça. Olha o que você me fez. A mola de engrenagem soltou-se do rotor do mancai de novo, tá vendo? — NÃO. DESCULPE.

Houve uma pausa.

— É você, jovem Egbert? — NÃO, SOU EU, O VELHO JOSÉ PORTA.

Houve uma série de barulhos de batidas e sons metálicos à medida que a parte de cima do humano se desembaraçava da maquinaria. Revelou-se pertencer a um jovem de cabelos cacheados pretos, rosto preto, camisa preta e avental preto. Ele passou um pano no rosto, deixando uma mancha cor-de-rosa, e piscou para tirar o suor dos olhos.

— Quem é você? — O GRANDE ZEZINHO? QUE TRABALHA PARA A SENHORITA FLITWORTH? — Ah, sim. O homem do

incêndio? Herói do momento, ouvi falar. Toca aqui. Ele estendeu a mão preta. José olhou para ela com expressão vaga.

— DESCULPE, MAS AINDA NÃO SEI O QUE É UMA EMBRIOCA DE TRÊS OITAVOS.

— Estou falando da mão, senhor Porta.

José Porta hesitou e pôs a mão na palma do rapaz. Os olhos envoltos em óleo ficaram parados por um momento, enquanto o cérebro desconsiderava o sentido do tato, e depois o ferreiro sorriu.

— Meu nome é Simnel. O que você acha, hein? — É UM BOM NOME.

— Não, estou falando da máquina. Bastante engenhosa, hein? José Porta examinou-a com incompreensão e educação. Parecia, à primeira vista, um moinho portátil que fora atacado por um inseto enorme. A segunda vista, era como uma câmara de tortura itinerante para uma Inquisição que quisesse dar umas voltas e tomar um ar fresco. Misteriosos braços articulados saíam de vários ângulos. Havia correias e molas compridas. A coisa toda estava montada sobre rodas com pontas de metal.

— E claro que, parada, não está vendo ela na sua melhor forma. Ela precisa de um cavalo para puxá-la. Pelo menos por enquanto. Tenho uma ou duas ideias bastante radicais nesse sentido — acrescentou, com ar sonhador.

— É UMA ESPÉCIE DE INVENTO? Simnel pareceu ligeiramente ofendido.

— Prefiro o termo máquina. Ela vai revolucionar os métodos de cultivo agrícola e arrastá-los à força para o Século do Morcego de Frutas. Meu pessoal tem esta forja há 300 anos, mas Ned Simnel

não pretende passar o resto da vida pregando pedaços de metal torto em cavalos, posso lhe garantir.

José olhou para ele com expressão vaga. Depois se curvou e olhou debaixo da máquina. Havia dúzias de pequenas foices aparafusadas a uma grande roda horizontal. Um engenhoso sistema articulado levava a potência das rodas, por meio de uma sequência de roldanas, até um arranjo de ventoinhas com braços de metal. Ele começou a ter uma sensação horrorosa sobre a coisa à sua frente, mas perguntou assim mesmo.

— Bom, o centro de tudo isso é este eixo do excêntrico — disse Simnel, satisfeito com o interesse. — A força mecânica sobe por esta roldana aqui, e os excêntricos movem os braços suspensos, que são essas coisas, e o circuito de cardadura, operado pelo mecanismo recíproco, desce exatamente quando o obturador com garras cai nesta fenda aqui e, claro, ao mesmo tempo, as duas bolas de latão vão girando, as folhas emplumadas conduzem a palha enquanto os grãos caem com o auxílio da gravidade sobre a esteira com fuso e vão para dentro da canoura. Simples.

— E A EMBRIOCA DE TRÊS OITAVOS ?

— Ainda bem que você me lembrou — Simnel buscou entre o entulho, no chão, pegou um objeto pequeno e serrilhado e o atarraxou numa peça protuberante do mecanismo.

— Parte muito importante. Ela evita que o came elíptico escorregue gradualmente pelo eixo do êmbolo e se enganche na ranhura da rosca, o que leva a resultados desastrosos, você pode imaginar.

Simnel chegou para trás e passou as mãos num pano, deixando-as ligeiramente mais oleosas.

— Vou chamá-la de Ceifadeira Mista.

José Porta sentiu-se muito velho. Ele era muito velho, na verdade. Mas nunca se sentira tão velho assim. Em algum lugar no canto escuro da sua alma sentia que sabia, sem que o ferreiro tivesse que explicar, o que a Ceifadeira Mista deveria fazer.

—OH.

— Vamos fazer um teste com ela hoje à tarde, lá no grande campo do velho Peedbury. Parece muito promissor, devo dizer. Neste momento, seu Porta, o senhor está olhando para o futuro.

— SIM.

José Porta passou os dedos pela estrutura.

— E A COLHEITA PROPRIAMENTE? — Hum? O que tem ela? — O QUE ELA VAI ACHAR DISSO? ELA FICARÁ SABENDO? Simnel franziu o nariz.

— Sabendo? Sabendo? Ela não ficará sabendo de nada. Milho é milho.

— E SEIS CENTAVOS SÃO SEIS CENTAVOS.

— Exatamente — concordou Simnel, hesitante. — O que é que o senhor queria? O vulto alto e desconsolado passou o dedo pelo mecanismo cheio de óleo.

— Seu Porta? — PERDÃO? AH, SIM. TINHA ALGO PARA VOCÊ FAZER...

Ele saiu da oficina e voltou quase imediatamente com alguma coisa embrulhada em seda. Desembrulhou-a com cuidado.

Ele havia feito um cabo novo para a lâmina — não um cabo reto, como o que usavam nas montanhas, mas pesado e com duas curvas, comum nas planícies.

— Você quer que ela seja malhada? Um prego novo? Substituição de parte do metal? José Porta balançou a cabeça.

— QUERIA QUE ELA FOSSE MORTA.

— Morta? —SIM. TOTALMENTE. CADA PARTE DESTRUÍDA. PARA QUE ESTEJA ABSOLUTAMENTE MORTA.

—Bela foice — observou Simnel. — Parece uma pena. Você manteve uma boa afiação nela...

— NÃO TOQUE NELA! Simnel pôs o dedo na boca.

— Engraçado, podia jurar que não toquei nela. Minha mão estava a centímetros de distância. Bom, mas está afiada mesmo.

Ele a balançou no ar.

— Sim.

Parou, pôs o dedo mindinho no ouvido e virou um pouco para os lados.

— Tem certeza de que sabe o que quer? - perguntou. José Porta repetiu o seu pedido num tom solene. Simnel deu de ombros.

— Bom, acho que eu poderia derretê-la e queimar o cabo.

— SIM.

— Bom, está bem. A foice é sua. No fundo, você está certo. Isto é tecnologia antiga. Redundante.

— RECEIO QUE ESTEJA CERTO.

Simnel apontou o polegar encardido para a Ceifadeira Mista. José Porta sabia que era feita apenas de metal e lona e, portanto,

não poderia estar espreitando. Mas estava espreitando. Além disso, o fazia com afetação indiferente e metálica.

— Você poderia convencer a senhorita Flitworth a comprar uma dessas para o senhor, seu Porta. Seria perfeita para uma fazenda de um homem só, como aquela. Posso vê-la lá no alto, na brisa, com as correias estalando e os braços de pulverização oscilando...

—NÃO.

— Faça isso. Ela pode pagar. Dizem que tem caixas cheias de tesouro dos velhos tempos.

—NÃO! — E... — Simnel hesitou. O último "NÃO" continha uma ameaça mais certa do que o rangido de gelo fino sobre um rio fundo. Ele dizia que ir pouco adiante seria a coisa mais imprudente que Simnel poderia fazer.

— Tenho certeza de que o senhor sabe o que quer — murmurou.

—SIM.

— Então... será só... ah... digamos... um quarto de penny pela foice — disse Simnel, rapidamente. — Sinto muito, mas gastará muito carvão, sabe, e aqueles anões não param de aumentar o preço do...

— AQUI ESTÁ. TEM QUE SER FEITO ATÉ HOJE À NOITE. Simnel não discutiu. Discutir significaria a permanência de José Porta na forja, e ele começava a desejar bastante que isso não acontecesse.

— Ótimo, ótimo.

— VOCÊ ENTENDEU? — Certo. Certo.

— ADEUS — José Porta disse, num tom solene, e saiu. Simnel fechou as portas depois que ele saiu e se apoiou nelas.

Ufa. Ótimo sujeito, é claro, todo mundo estava falando nele, só que depois de alguns minutos na sua presença dava uma sensação de apreensão, como se alguém estivesse passando por cima do seu túmulo, apesar de ele nem ter sido cavado ainda. Ele andou de um lado para o outro do chão oleoso, encheu a chaleira de chá e a colocou num canto da oficina. Pegou uma chave de parafuso para fazer alguns ajustes finais na Ceifadeira Mista e olhou para a foice encostada na parede. Foi até ela na ponta dos pés e se deu conta de que andar na ponta dos pés era uma coisa incrivelmente idiota de se fazer. Ela não estava viva. Não podia ouvir. Apenas parecia afiada.

Ele ergueu a chave de parafuso e se sentiu culpado. Mas o senhor Porta tinha dito... bem, o senhor Porta tinha dito algo muito estranho, usando palavras erradas para se referir a um mero implemento. Mas não poderia fazer nenhuma objeção quanto a isso. Simnel baixou a chave com tudo.

Não houve resistência alguma. Poderia jurar, mais uma vez, que a chave tinha sido ceifada e partida ao meio, como se fosse feita de pão, a alguns centímetros do corte da lâmina.

Ele se perguntou se algo poderia ser tão afiado a ponto de começar a possuir não apenas uma ponta afiada, mas a própria essência da afiação, um campo de afiação absoluto que chegava a se estender além dos últimos átomos de metal.

— Maldito fogo do inferno! Depois se lembrou de que aquilo era uma imagem piegas e supersticiosa demais para um homem que sabia chanfrar uma embrioca de três oitavos. Com um sistema de articulação recíproca, você sabe onde está pisando. Ou ele funciona,

ou não funciona. E você certamente não tinha que lidar com mistérios.

Ele olhou para a Ceifadeira Mista com orgulho. É claro que era preciso um cavalo para puxá-la. Isso estragava um pouco as coisas. Os cavalos pertenciam ao passado. O futuro pertencia à Ceifadeira Mista e a seus descendentes, que fariam do mundo um lugar mais limpo e melhor. Era apenas uma questão de tirar o cavalo da equação. Já tentara um mecanismo de corda, mas ele não tinha potência suficiente. Talvez se tentasse enrolar um... Atrás dele, a água da chaleira começou a ferver e apagou o fogo. Simnel foi andando no meio da fumaça do vapor. Esse era o maldito problema, sempre. Toda vez que alguém tentava se concentrar para pensar um pouco, vinha alguma distração sem sentido para interromper.

A senhora Bolinho as cortinas.

— Quem, exatamente, é Um-Homem-Balde? — perguntou Windle.

Ela acendeu algumas velas e se sentou.

—Ele pertencia a uma daquelas tribos bárbaras de Howandaland — ela respondeu de forma breve.

— Nome muito estranho, Um-Homem-Balde.

— Não é o nome dele completo — explicou a senhora Bolinho, num tom misterioso. — Agora temos que dar as mãos. — Ela olhou para ele pensativa. — Precisamos de mais alguém.

— Eu poderia chamar Schleppel.

— Não admito papão debaixo da minha mesa tentando ver a minha roupa de baixo. Ludimila! — gritou. Depois de alguns

instantes, a cortina de contas que dava para a cozinha foi puxada para o lado e a jovem que abrira a porta para Windle entrou.

— Sim, mãe? — Senta, menina. Precisamos de mais um para a sessão.

— Sim, mãe.

A menina sorriu para Windle.

— Esta é Ludimila — apresentou a senhora Bolinho, de maneira breve.

— Encantado, sem dúvida — disse Windle. Ludimila deu a ele o sorriso luminoso e cristalino aperfeiçoado por aqueles que aprenderam há muito tempo a não demonstrar os próprios sentimentos.

— Já nos vimos uma vez — comentou Windle. Deve ser pelo menos o segundo dia de lua cheia, pensou. Todos os sinais quase desapareceram. Quase. Ora, ora...

— Ela é a minha vergonha — disse a senhora Bolinho.

— Mãe, prossiga, por favor — pediu Ludimila, sem rancor.

— Dêem as mãos — pediu a senhora Bolinho.

Eles estavam sentados à meia-luz. Windle sentiu a mão da senhora Bolinho sendo puxada.

— Esqueci o copo — ela disse.

— Pensei, senhora Bolinho, que a senhora não aceitava tabuleiros para contatos espirituais e esse tipo de... — começou Windle. Eles ouviram um barulho de gargarejo proveniente do aparador. A senhora Bolinho pôs um copo cheio de um líquido sobre a mesa e se sentou novamente.

— Eu não.

O silêncio tomou conta do ambiente mais uma vez. Windle pigarreou com nervosismo.

Finalmente, a senhora Bolinho disse: — Está bem, Um-Homem-Balde, a gente sabe que cê tá aqui. O copo se mexeu. O líquido amarelo-âmbar agitou-se levemente.

Uma voz sem corpo disse, trêmula: *meus cumprimentos, cara-pálida, diretamente do paraíso próspero dos índios...*

— Pode parar com isso. Todo mundo sabe que você foi atropelado por uma carroça na rua do Melado porque estava bêbado, Um-Homem-Balde. *não é minha culpa, não é minha culpa, é minha culpa que meu bisavô se mudou pra cá? tinha o direito de ter sido destroçado até a morte por um leão da montanha ou um mamute gigante ou algo assim, meu direito de morte me foi negado.*

— O seu Poons aqui quer te fazer uma pergunta, Um-Homem-Balde. *ela está feliz aqui e esperando que o senhor venha se juntar a ela* — disse Um-Homem-Balde.

— Quem? — perguntou Windle.

Isso pareceu confundir Um-Homem-Balde. Aquela era uma fala que geralmente satisfazia as pessoas sem necessidade de mais explicações. *quem você gostaria que fosse?* — perguntou, com cautela, — *pode me dar minha bebida, agora?* — Ainda não, Um-Homem-Balde — respondeu a senhora Bolinho. *bom, eu tô precisando, tá cheio pra caramba aqui.*

— O quê? — começou Windle, rapidamente. — De espíritos, você quer dizer? *tem centenas deles aqui* — confirmou a voz de Um-Homem-Balde. Windle ficou decepcionado.

— Só centenas? Não parece muita coisa.

— Não é muita gente que vira espírito — explicou a senhora Bolinho. — Pra ser um espírito, você tem que ter... tipo... uma questão séria a ser resolvida, ou uma vingança terrível a realizar, ou um desígnio cósmico do qual você é apenas uma pequena peça. *ou uma sede cruel*— completou Um-HOMEM-BALDE.

— Quer ouvir o que ele tem a dizer? *eu queria ficar no mundo do espírito, ou até do vinho e da cerveja, hungh. hungh. hungh.*

— O que acontece com a força vital quando as coisas param de viver? — perguntou Windle. — É isso o que está causando todo esse problema? — Conta pro homem — pediu a senhora Bolinho quando Um-HOMEM-BALDE pareceu relutante para responder.

de que problema cê tá falando? — Coisas se desatarraxando. Roupas correndo por aí sozinhas. Todo mundo se sentindo mais vivo. Esse tipo de coisa.

isso? isso não é nada. sabe, a força vital vaza pra onde puder, não precisa se preocupar com isso.

Windle pôs a mão sobre o copo.

— Mas tem uma coisa com que eu deveria me preocupar, não tem? — disse, sem se alterar. — Tem a ver com as lembrancinhas de vidro. *não queria dizer.*

— Diga a ele, sim.

Era a voz de Ludimila — grave, mas, de algum modo, atraente. Lupino a observava atentamente. Windle sorriu. Essa era uma das vantagens de estar morto. Você percebia coisas que os vivos ignoravam.

Um-HOMEM-BALDE soava agudo e petulante.

o que ele vai fazer, se eu disser a ele? posso ter montes de problemas por esse tipo de coisa.

— Bom, pode confirmar, se eu acertar? — sugeriu Windle.

si-imm, talvez.

— Você não precisa dizer nada — explicou a senhora Bolinho. — Só bata duas vezes para sim e uma para não, como nos velhos tempos.

ah, está bem.

— Vai em frente, seu Poons — encorajou-o Ludimila. Ela tinha o tipo de voz em que Windle tinha vontade de passar a mão.

Ele limpou a garganta.

— Eu acho... — começou. — Quer dizer, acho que elas são uma espécie de ovo. Eu pensei... por que café-da-manhã? E depois eu pensei... ovos... Toc.

— Oh. Bom, talvez tenha sido uma ideia muito boba...

desculpa, era uma vez pra sim ou duas vezes pra sim? — Duas!
— gritou a médium.

TOC. TOC.

— Ah — suspirou Windle. — E eles dão cria a coisas com rodas? duas vezes pra sim, né? — Isso! TOC. TOC.

— Achei que era. Achei que era! Achei uma debaixo do piso do meu quarto que tentou dar cria onde não havia espaço suficiente! — disse Windle, exultante. Depois franziu a testa. — Mas dar cria a quê? Mustrum Ridcully entrou rápido no seu escritório e pegou o cajado de mago no suporte acima da lareira. Lambeu o dedo e tocou a parte de cima do cajado com cuidado. Havia uma pequena faísca octarina e um cheiro de lata oleosa. Ele voltou para a porta.

Depois virou devagar porque seu cérebro acabara de conseguir analisar os conteúdos tumultuados do escritório e notar alguma estranheza.

— Que diabos isso tá fazendo aqui? Ele cutucou a coisa com a ponta do cajado. Ela fez um barulho metálico e rolou um pouco.

Parecia, de modo vago, mas não muito, o tipo de coisa que as arrumadeiras costumam empurrar com um monte de esfregões, panos de chão e outras coisas. Ridcully fez uma anotação mental que dizia para levá-lo para a camareira. Depois se esqueceu.

— Essas malditas coisas de rodinhas que parecem cestas de arame estão por toda parte — murmurou.

Com a palavra "malditas", algo que parecia uma garrafa azul, com arcadas que caberiam na boca de um gato, flutuou loucamente examinando o local onde estava e depois saiu voando atrás do arquirreitor desatento.

As palavras dos magos têm poderes. E os palavrões têm poderes. E, como a força vital praticamente se cristalizava' no ar, tinha que encontrar meios de dar vazão à sua energia onde quer que pudesse.

Cidades. — disse Um-Homem-Balde. — *acho que são ovos de cidades.* Os magos superiores reuniram-se novamente no Grande Salão. Até o orador da Classe sentia certa excitação. Considerava-se falta de educação usar magia contra outros magos, e usá-la contra civis era falta de espírito esportivo. Fazia bem sentir um pouco de entusiasmo correto de vez em quando. O arquirreitor passou a vista por eles.

— Decano, por que está cheio de listras no rosto? — perguntou.

— Camuflagem, arquirreitor.

— Camuflagem, é? — Yo, arquirreitor.

— Ah, está bem. Desde que esteja feliz consigo mesmo, é isso o que importa. Eles se arrastaram pelo espaço do terreno que fora o pequeno território de Modo. Ao menos a maioria deles se arrastou. O Decano avançou numa sequência de saltos com giros, encostando-se na parede de vez em quando e dizendo "Hut! Hut! Hut!" em voz baixa. Ficou totalmente desanimado quando viu que os outros montes de adubo permaneciam parados onde Modo os havia feito. O jardineiro, que seguia os magos de perto e fora quase esmagado pelo Decano duas vezes, andou entre eles irrequieto por algum tempo.

— Estão só na moita — observou o Decano. — Vamos explodir logo esses malditos...

— Não estão nem quentes, ainda — comentou Modo. —Aquele ali deve ser o mais velho.

— Quer dizer que não temos nada para combater? — perguntou o arquirreitor. O chão tremeu sob os pés deles e houve um leve ruído estridente, que vinha do claustro. Ridcully franziu a testa.

— Alguém está empurrando aquelas malditas coisas que parecem cestas de arame de novo. — Tinha uma dentro do meu escritório nesta noite.

— Hã — começou o Orador da Classe. — E uma no meu quarto. Abri o guarda-roupa e lá estava ela.

— No seu guarda-roupa? Pra que você pôs ela lá dentro? — perguntou Ridcully.

— Não fui eu. Eu disse a vocês. Provavelmente foram os alunos. É o senso de humor esquisito deles. Um deles pôs uma escova de cabelo na minha cama uma vez.

— Eu caí em cima de uma há pouco tempo — disse o arquirreitor. — Depois, quando procurei por ela, alguém tinha levado embora.

O ruído estridente ficou mais próximo.

— Está bem, Seu Assim Chamado Espertalhão — ameaçou Ridcully, batendo o cajado uma ou duas vezes na palma da mão, num gesto significativo. Os magos recuaram e se encostaram na parede.

O carrinho propulsor fantasma estava quase em cima deles.

Ridcully rosnou e pulou para fora do esconderijo.

— Arrá, meu caro... maldito fogo do inferno! — Não queira me fazer de tola — avisou a senhora Bolinho. — Cidades não são vivas. Sei que tem gente que diz que são, mas não estão falando sério. Windle Poons virou uma das bolas de neve na mão.

— Ela deve estar botando milhares delas. Mas é claro que nem todas sobreviveriam. Caso contrário, estaríamos até aqui de cidades, certo? — O senhor está nos dizendo que essas bolinhas dão cria a lugares muito grandes? — perguntou Ludimila.

Não logo de cara. Tem o estágio de mobilidade antes.

— Uma coisa com rodas — sugeriu Windle.

isso mesmo, estou vendo que você já sabe.

— Acho que eu sabia, mas não entendia. E o que acontece depois do estágio de mobilidade? *não sei.*

Windle se levantou.

— Então está na hora de descobrir.

Ele olhou para Ludimila e Lupino. Ah. Sim. E por que não? você pode ajudar alguém que cruza o seu caminho, sua vida — ou o que quer que seja —, não terá sido em vão.

Ele ficou curvado e deixou a voz um pouco trêmula.

— Mas as minhas pernas andam bastante inseguras ultimamente. Seria mesmo um grande favor se alguém pudesse me ajudar. A senhorita poderia me levar até a Universidade, mocinha? — Ludimila não sai muito de casa por causa da saúde dela... — começou a senhora Bolinho rapidamente.

— Não tem absolutamente nenhum problema — interrompeu Ludimila. — Mãe, você sabe que já faz um dia inteiro que passou a lua che...

— Ludimila! — Bom, mas faz.

— Não é seguro para uma jovem andar pelas ruas hoje em dia — observou a senhora Bolinho.

— Mas o cachorro maravilhoso do seu Poons espantaria até o mais perigoso dos criminosos — insistiu Ludimila.

Com a deixa, Lupino latiu para ajudar e implorou. A senhora Bolinho olhou para ele com expressão crítica.

— Ele certamente é um animal muito obediente — disse, relutante.

— Está combinado, então — aproveitou Ludimila. — Vou pegar o meu xale. Lupino rolou no chão. Windle o cutucou com o pé.

— Seja bonzinho.

Um-Homem-Balde deu uma tossida sugestiva.

— Está bem, está bem — disse a senhora Bolinho. Ela pegou uma caixa de fósforos no aparador, acendeu um na unha e jogou dentro do copo de uísque. Ele queimou com uma chama azul e, em algum lugar do mundo espiritual, o espectro de um “cowboy duplo durou o tempo suficiente”.

Quando Windle Poons saiu da casa, pensou ter ouvido uma voz espiritual cantar. O carrinho parou. Ele se apoiou sobre uma das rodas, depois outra, como se observasse os magos. Fez uma manobra rápida para mudar de direção e saiu girando as rodas a toda velocidade.

— Pega! — berrou o arquirreitor.

Ele mirou o cajado e lançou uma bola de fogo que transformou uma pequena área de pavimento de pedras em algo amarelo borbulhante. O carrinho em alta velocidade balançou forte, mas conseguiu seguir em frente, com uma das rodinhas chacoalhando e soltando um guincho.

— É das Dimensões do Calabouço! — gritou o Decano. — Destruam a cesta desgraçada! O arquirreitor pôs a mão no ombro dele para acalmá-lo.

— Não seja doido. As Coisas do Calabouço têm muito mais tentáculos e tal. Não têm cara de coisa fabricada.

Eles se viraram com o som de mais um carrinho. Descia uma passagem lateral chacoalhando despreocupadamente, parou quando viu ou percebeu os magos e fez uma imitação respeitável de um carrinho que acabara de ser deixado ali por alguém. O Tesoureiro foi se arrastando até ele.

— Não adianta ficar desse jeito. Sabemos que pode se mexer.

— A gente vimos você — disse o Decano.

O carrinho manteve uma postura discreta.

— Ele não pode estar pensando — ponderou o Conferencista sobre Runas Recentes. — Não tem espaço para um cérebro.

— Quem disse que está pensando? — perguntou o arquirreitor. — A única coisa que ele faz é se mexer. Quem precisa de cérebro pra isso? Pitu se mexe. Ele passou os dedos pela estrutura de metal.

— Na verdade, os pitus são bastante intel... — começou o Orador da Classe.

— Cala a boca — interrompeu Ridcully. — Hum. Mas isto foi fabricado? — É arame — observou o Orador da Classe. — Arame é algo que tem que ser fabricado. E tem as rodas. Quase nada que é natural tem rodas.

— E que assim, de perto, parece...

— ... tudo uma coisa só — emendou o Conferencista sobre unas Recentes, que se ajoelhou de modo doloroso para examinar melhor. — Como uma unidade. Feita toda de uma única porção e matéria. Como se uma máquina tivesse sido cultivada. Mas isso é ridículo.

— Talvez. Não há uma espécie de cuco nas Ramtop que constrói relógios para serem usados como ninho? — perguntou o Tesoureiro.

— Sim, mas isso é só um ritual para conquistar parceiras — respondeu o Conferencista sobre Runas Recentes. — Além do mais, estão sempre marcando a hora errada.

O carrinho deu um salto num espaço deixado entre os magos e teria conseguido escapar, se não fosse pelo fato de que o espaço era ocupado pelo Tesoureiro, que deu um grito e pulou para dentro da

cesta. O carrinho não parou, e saiu chacoalhando na direção dos portões.

O Decano ergueu o cajado. O arquirreitor o segurou.

— Você pode atingir o Tesoureiro.

— Só uma bolinha de fogo, vai? — É tentador, mas não. Vamos. Atrás dele. —Yo! — Como quiser.

Os magos amontoaram-se na perseguição. Atrás deles, até agora despercebido, um rebanho inteiro de palavrões do arquirreitor flutuava alvoroçado e zumbia. E Windle Poons liderava uma pequena delegação até a Biblioteca.

O Bibliotecário da Universidade Invisível saiu correndo com pressa, apoiando as juntas dos dedos no chão, quando a porta estremeceu com as batidas estrondosas.

— Sei que você está aí dentro — era a voz de Windle Poons.

— Tem que nos deixar entrar. É um assunto de importância vital.

— Ook.

— Não vai abrir as portas?

— Ook!

— Então não me dá outra alternativa...

Blocos de cimento antigos moveram-se para o lado lentamente. A argamassa caiu aos pedaços. Parte da parede cedeu, deixando Windle Poons de pé diante de um buraco com o formato de Windle Poons. Ele tossiu no meio da poeira.

— Odeio ter que fazer isso. Não posso deixar de pensar que satisfaz o preconceito popular.

O Bibliotecário pulou nos ombros dele. Para a surpresa do orangotango, isso fez pouca diferença. Um orangotango de 130 kg

geralmente tinha um efeito notável sobre o ritmo com que as pessoas avançavam, mas Windle o usava como se fosse um colar.

— Acho que o que procuramos é História Antiga. Será que você poderia parar de tentar arrancar a minha cabeça? O Bibliotecário olhou à sua volta enlouquecido. Era uma técnica normalmente infalível.

Então, arreganhou as narinas.

O Bibliotecário não tinha sido sempre um símio. Uma biblioteca mágica é um lugar perigoso para trabalhar, e ele fora transformado num orangotango por consequência de uma explosão mágica. Era um humano bastante inofensivo, embora agora as pessoas tivessem se acostumado tanto com sua nova forma que poucas se lembravam disso. Mas, com a mudança, veio a chave para um conjunto de sentidos e memórias raciais. A mais profunda, mais importante, mais arraigada de todas tinha a ver com formas. Remontava ao nascimento da sapiência. Formas com focinhos, dentes e quatro patas eram, na mente do símio em evolução, definitivamente classificadas como Más Notícias. Um lobo muito grande atravessara o buraco na parede, seguido por uma mulher jovem e atraente. A recepção de sinais do Bibliotecário ficou temporariamente fundida.

— Além disso — continuou Windle —, é bem possível que eu possa amarrar os seus braços para trás.

— Eeek!

— Ele não é um lobo comum. É melhor acreditar nisso.

— Ooook? Windle baixou o volume da voz.

— E ela pode não ser uma mulher, em termos técnicos — acrescentou. O Bibliotecário olhou para Ludimila. Suas narinas

arreganharam-se mais uma vez. Ele franziu a testa.

— Oook? — tudo bem, posso ter sido um pouco grosseiro. Mas deixe pra lá, ele é um bom sujeito.

O Bibliotecário abriu as mãos e se largou no chão, mantendo Windle entre ele e Lupino.

Windle tirou fragmentos de argamassa dos restos de seu manto.

— Precisamos descobrir coisas sobre a vida das cidades. Especificamente, precisamos saber...

Houve um leve ruído estridente.

Uma cesta de arame rolou com indiferença perto da estante de livros gigantesca mais próxima. Estava cheia de livros. Parou assim que percebeu que foi vista, esforçando-se para parecer que nunca se movera.

— O estágio de mobilidade — sussurrou Windle Poons.

A cesta de arame tentou andar devagar para trás sem parecer que se movia. Lupino rosnou.

— Era disso que o Um-Homem-Balde falava? — perguntou Ludimila. O carrinho desapareceu. O Bibliotecário soltou um grunhido e foi atrás dele.

— Ah, sim. Algo que se tornaria uma coisa útil — respondeu Windle, com animação súbita e quase enlouquecida. — Assim que funcionaria. Primeiro, uma coisa que você queira manter e guardar em algum lugar. Milhares não conseguiriam as condições certas, mas isso não importaria, porque haveria milhares. O estágio seguinte seria algo acessível que chegasse a qualquer lugar e ninguém pensaria que teria chegado lá sozinho. Mas está tudo acontecendo

na hora errada! — Mas como uma cidade pode estar viva? Ela só é feita de coisas mortas! — disse Ludimila.

—Assim como as pessoas. Vai por mim. Eu entendo. Mas acho que você está certa. Isso não deveria acontecer. E tudo por causa dessa força vital extra... está... está tombando o equilíbrio. Está transformando algo que não é real em realidade. E está acontecendo muito antes do que deveria e muito depois...

Eles ouviram o grito agudo do Bibliotecário. O carrinho surgiu em outro corredor de prateleiras. As rodas eram um borrão. Ele se dirigia para o buraco na parede, com o orangotango se segurando nele com a mão rígida e balançando atrás como se fosse uma bandeira muito plana.

O lobo deu um salto.

— Lupino! — gritou Windle.

Mas, desde os tempos em que o primeiro homem das cavernas fez uma fatia de tronco de árvore rolar ladeira abaixo, os animais caninos sempre tiveram uma necessidade racial profunda de seguir qualquer coisa sobre rodas. Lupino já tentava abocanhar o carrinho.

Sua mandíbula fechou-se sobre uma roda. Houve um uivo, um grito do Bibliotecário, e símio, lobo e cesta de arame viraram um amontoado contra a parede.

— Oh, coitadinho! Olhem pra ele! Ludimila correu e se ajoelhou ao lado do lobo ferido.

— Passou bem em cima das patas dele, olha! — E provavelmente perdeu alguns dentes — considerou Windle. Ele ajudou o Bibliotecário a se levantar. Havia um brilho vermelho nos olhos do símio. Aquela coisa tentara roubar seus livros. Essa era a

melhor prova que um mago poderia ter de que os carrinhos não tinham cérebro.

Ele estendeu o braço e arrancou as rodas do carrinho com um puxão.

— Olé — disse Windle.

— Oook? — Não, não "com leite". [19] A cabeça de Lupino era embalada no colo de Ludimila. Ele perdera um dente, e seu pelo estava uma bagunça. Abriu um olho amarelado e fez um olhar conspiratório para Windle enquanto suas orelhas eram acariciadas. Esse é um cachorro de sorte, pensou Windle, que abusará da sorte estendendo uma pata e gemendo.

— Certo — começou Windle. —Agora, Bibliotecário... você ia nos ajudar, acho.

— Pobre cachorro corajoso — disse Ludimila. Lupino ergueu a pata de um jeito patético e gemeu.

Sobrecarregada com a forma deplorável do Tesoureiro, a outra cesta de arame não conseguiu atingir a velocidade de sua falecida colega. Uma das rodas se arrastava sem utilidade. A cesta pendia de maneira arriscada de um lado para o outro e quase tombou quando se lançou de lado entre os portões.

— Estou vendo claramente! Estou vendo claramente! — gritou o Decano.

— Não faça isso! Você pode acertar o Tesoureiro! — berrou Ridcully. — Pode danificar algum patrimônio da Universidade! Mas o Decano não conseguia ouvir devido ao estrondo da testosterona pouco habitual. Uma bola de fogo verde incandescente atingiu o carrinho inclinado. O ar se encheu de rodas voadoras.

Ridcully respirou fundo.

— Seu imbecil! — gritou.

A palavra que ele proferiu não era conhecida dos magos que não tinham sido criados no interior rude como ele e não sabiam nada dos pontos mais específicos da criação de animais. Mas ela ganhou existência a alguns centímetros do seu rosto. Era gorda, redonda, preta e brilhante, com sobrancelhas horríveis. Soprou contra ele um som grosseiro, vibrando a língua entre os dentes, e saiu voando para se juntar ao pequeno enxame de xingamentos.

— Que bosta era aquilo? Uma coisa menor materializou—se ao lado da sua orelha. Ridcully apanhou o seu chapéu.

— Merda! — o enxame aumentou um pouco mais. — Alguma coisa acabou de me picar! Um grupo de palavras feias fez uma tentativa destemida de se libertar. Ele tentou esmagá-las sem sucesso.

— Saiam daqui, suas p... — começou.

— Não fale! — interrompeu o Orador da Classe. — Cala a boca! Ninguém jamais tinha mandado o arquirreitor calar a boca.

Calar a boca era uma coisa que acontecia com os outros. Ele calou a boca devido ao choque.

— Toda vez que você fala um palavrão, ele ganha vida — disse rápido o Orador da Classe. — Coisinhas assustadoras com asas surgem no ar.

— Merda de bosta maldita! Pop. Pop.

O Tesoureiro saiu engatinhando dos destroços emaranhados do carrinho de arame. Encontrou o seu chapéu pontudo, bateu a poeira dele, franziu a testa e retirou uma rodinha de dentro dele. Seus

colegas não pareciam prestar muita atenção. Ele ouviu o arquirreitor dizer: — Mas eu sempre fiz isso! Não há nada de errado com um bom palavrão, faz o sangue circular melhor. Cuidado, Decano, a por...

— Você não pode dizer outra coisa? — gritou o Orador da Classe, por cima do zunido e do gemido do enxame.

— Como o quê? — Como... ah... como... caramba.

— Caramba? — É, ou talvez caca.

— Caca? Você quer que eu diga caca?.

O Tesoureiro foi se arrastando até o grupo. Discutir sobre detalhes insignificantes em momentos de emergência dimensional era um traço familiar no mundo da magia.

— A senhora Whitlow, a governanta, sempre diz "Putz!" quando deixa alguma coisa cair — ele tentou ajudar.

O arquirreitor virou-se para ele.

— Ela pode dizer putz — começou, entre dentes —, mas o que ela quer dizer mesmo é mer...

Os magos se abaixaram. Ridcully conseguiu se conter.

— Ai, droga — disse, com tristeza. Os palavrões pousaram suavemente no seu chapéu.

— Eles gostaram de você — observou o Decano.

— Você é o pai deles — concordou o Conferencista sobre Runas Recentes. Ridcully fez uma expressão mal-humorada. — Que me... meninos bobos, podem parar de se divertir à custa do seu arquirreitor e descobrir que bo... coisa está acontecendo, Os magos olharam para o ar com expectativa. Nada apareceu.

— Esta se saindo bem — elogiou o Conferencista sobre Runas Recentes. — Continue assim.

— Droga droga droga. Putz putz putz. Caca caquinha cacona. — Ele balançou a cabeça. — Não adianta nada, não alivia nem um pouco os meus sentimentos.

— Mas limpou o ar, pelo menos — disse o Tesoureiro. Eles notaram a sua presença pela primeira vez. Olharam para os restos do carrinho.

— Coisas zumbindo por aí — ponderou Ridcully. — Coisas ganhando vida. Eles ergueram a cabeça quando ouviram um rangido repentino e familiar. Mais duas cestas com rodinhas atravessavam a praça chacoalhando do lado de fora dos portões. Uma estava cheia de frutas. A outra tinha frutas até a metade e uma criança gritando por cima.

Os magos ficaram olhando de boca aberta. Uma fila de pessoas corria atrás dos carrinhos. Um pouco à frente, com os cotovelos cortando o ar, uma mulher desesperada e decidida passou com passos pesados pelos portões da Universidade. O arquirreitor agarrou um homem corpulento que se arrastava atrás da multidão com determinação.

— O que aconteceu? — Eu estava colocando uns pêssegos naquela coisa que parecia uma cesta quando ela pulou e saiu correndo de mim! — E a criança? — Sei lá. Uma mulher estava com uma das cestas e comprou uns pêssegos comigo e aí...

Todos se viraram. Uma cesta saiu chacoalhando de dentro de um beco, viu as pessoas, virou com habilidade e atravessou a praça a toda velocidade.

— Mas por quê? — perguntou Ridcully.

— Elas são tão práticas para colocar as coisas, né? — disse o homem. — Tenho que pegar aqueles pêssegos. Você sabe como eles amassam.

— E estão todas indo na mesma direção — observou o Conferencista sobre Runas Recentes. — Alguém mais notou isso? — Atrás deles! — gritou o Decano. Os outros magos, confusos demais para discutir, saíram correndo atrás dele.

_ Não... — começou Ridcully, e percebeu que não tinha jeito. Ele estava perdendo a iniciativa. Formulou cuidadosamente o grito de guerra mais bem-educado de toda a história dos eufemismos editoriais.

_ Que se danem, caramba! — gritou, e correu atrás do Decano. José Porta trabalhou durante a longa tarde cansativa, à frente de uma fila de amarradores e empilhadores.

Até que se ouviu um grito, e os homens correram até a cerca viva. O grande campo de lago Peedbury ficava bem em frente. Seus colonos passavam com a Ceifadeira Mista pela porteira.

José juntou-se aos outros, debruçando-se na cerca. O vulto distante de Simnel podia ser visto dando instruções. Um cavalo assustado foi atrelado novamente aos varais. O ferreiro subiu no pequeno assento de metal no meio da maquinaria e pegou as rédeas. O cavalo andou para frente. Os braços suspensos desdobraram-se. As telas começaram a girar, e o fuso da esteira provavelmente estava virando, mas isso não tinha importância porque alguma outra coisa em algum lugar fez "clonc" e tudo parou. Da multidão na cerca viva chegavam gritos de "Desce pra

ordenhar!", "Conseguimos uma, mas a ponta caiu", "Mais dois centavos e o jumento vai subir!" e outras honrosas frases espirituosas.

Simnel desceu, conversou em voz baixa com Peedbury e seus homens e desapareceu no meio da máquina por um momento.

— Isso não vai voar nunca! — A carne de vitela vai ficar barata amanhã! Desta vez, a Ceifadeira Mista andou alguns metros até as telas rotatórias partirem ao meio.

A essa altura, alguns dos homens mais velhos na cerca se curvavam de tanto rir.

— Qualquer ferro-velho, tá seis centavos o quilo! — Manda buscar a outra, essa já quebrou! Simnel desceu mais uma vez. Assobios distantes chegavam aos seus ouvidos enquanto ele soltava a tela e a substituía por uma nova. Ele os ignorou. Sem tirar os olhos da cena à sua frente, José Porta tirou uma pedra afiada do bolso e começou a amolar sua foice, vagaroso e concentrado. Além do tinido distante das ferramentas do ferreiro, o schip-schip da pedra no metal era o único som no ar pesado.

Simnel subiu de volta na Ceifadeira e acenou com a cabeça para o homem que guiava o cavalo.

— Lá vamos nós de novo! — Mais uma chance pro Skylark? — Pede pra ir ao banheiro... Os gritos foram diminuindo.

Meia dúzia de pares de olhos seguiram a Ceifadeira Mista campo acima, olharam fixamente quando ela virou perto do morro e a viram voltar. Ela passou dando estalos, alternando e oscilando.

No limite do campo, deu uma volta perfeita.

E passou zumbindo mais uma vez.

Depois de algum tempo, um dos espectadores disse: — É o tipo de coisa que não veio pra ficar, ouça bem o que eu digo.

— Tá certo. Quem é que vai querer uma geringonça dessa? — disse outro.

— Claro. E é igual a um relógio grande. Não faz nada além de subir e descer pelo campo...

— ... muito rápido...

— ... cortando o milho desse jeito e debulhando as espigas...

— Já percorreu três fileiras.

— Caramba! — Quase não dá pra ver as peças se mexerem! O que você tá achando, Zé? Zé? Eles olharam ao redor.

Ele estava na metade da segunda fileira, mas acelerando.

A senhorita Flitworth abriu a porta deixando uma pequena fresta.

— Sim? — perguntou, desconfiada.

— É o José Porta, senhorita Flitworth. Nós o trouxemos pra casa. Ela abriu mais a porta.

— O que aconteceu com ele? Dois homens entraram desajeitados, arrastando os pés e tentando sustentar um corpo meio metro mais alto que eles. Ele ergueu a cabeça e olhou confuso para a senhorita Flitworth, apertando os olhos.

— Não sei o que deu nele — disse Duque Bottomley.

— Ele é danado pra trabalhar — observou William Batoque. — A senhorita está fazendo bom proveito do dinheiro que gasta com ele, senhorita Flitworth.

— Será a primeira vez que isso acontece por aqui, então — ela disse, num tom ácido.

— Subiu e desceu o campo feito um louco, tentando vencer aquela geringonça do Ned Simnel. Foi preciso quatro de nós pra amarrar tudo. E ele quase venceu.

— Deita ele no sofá.

— A gente disse pra ele que tava fazendo muito esforço naquele solão... — Duque esticou o pescoço para olhar dentro da cozinha, só para verificar se não havia joias e objetos preciosos saindo pelas gavetas do armário.

A senhorita Flitworth apareceu na sua frente.

— Tenho certeza de que disseram. Obrigado. Agora imagino que queiram ir logo pra casa.

— Se tiver algo que a gente possa fazer...

— Eu sei onde vocês moram. E também sei que não pagam o aluguel há cinco anos. Tchau, senhor Batoque.

Ela os acompanhou até a porta e a bateu na cara deles. Depois deu meia-volta.

— Que diabos andou aprontando, senhor Assim-Chamado José Porta?

— ESTOU SENTINDO UM CANSAÇO QUE NÃO QUER PASSAR.

José Porta apertou o crânio.

— ALÉM DISSO, BATOQUE ME DEU UM SUCO ENGRAÇADO DE MAÇÃ FERMENTADA POR CAUSA DO CALOR, E AGORA ESTOU PASSANDO MAL.

— Não me surpreende. Ele faz isso lá no mato. As maçãs não são nem a metade.

— NUNCA PASSEI MAL. NEM FIQUEI CANSADO.

— Faz parte de estar vivo.

— COMO É QUE OS HUMANOS AGUENTAM?

— Bom, o suco de maçã fermentado pode ajudar.

José Porta sentou-se e ficou olhando com tristeza para o chão.

— MAS NÓS TERMINAMOS O CAMPO — disse, com uma pontinha de satisfação. — TUDO ENSACADO EM PILHAS, OU TALVEZ O CONTRÁRIO. Ele apertou o crânio mais uma vez.

— AARGH.

A senhorita Flitworth desapareceu na área de serviço. Houve o rangido de uma bomba. Ela voltou com um pano úmido e um copo de água.

— TEM UMA SALAMANDRA AÍ DENTRO!

— Prova de que está fresca — disse a senhorita Flitworth, [20] pescando o anfíbio e soltando-o no chão de pedras. Ele entrou correndo numa fenda. José Porta tentou se levantar.

— AGORA QUASE ENTENDO POR QUE ALGUMAS PESSOAS DESEJAM MORRER. TINHA OUVIDO FALAR EM DOR E SOFRIMENTO, MAS NÃO TINHA COMPREENDIDO COMPLETAMENTE O QUE SIGNIFICAVAM.

A senhorita Flitworth espiou através da janela empoeirada. As nuvens que se haviam acumulado durante toda a tarde se elevavam sobre as colinas, cinzentas, com um toque ameaçador de amarelo. O calor pressionava como se fosse por maldade.

— Está chegando uma grande tempestade.

— ISSO VAI ATRAPALHAR A MINHA COLHEITA?

— Não, depois ela vai secar.

— COMO ESTÁ A CRIANÇA? José Porta abriu a mão. A senhorita Flitworth ergueu as sobrancelhas. A ampulheta dourada estava lá,

com a parte de cima quase vazia. Mas cintilava entrando e saindo do campo de visão.

— Como você está com ela? Ela está lá em cima! Ela a segurava como... — ela se atrapalhou —... como alguém segura alguma coisa com muita força.

— AINDA ESTÁ. MAS TAMBÉM ESTÁ AQUI. OU EM QUALQUER LUGAR. É SÓ UMA METÁFORA, AFINAL.

—O que ela está segurando parece bem real.

— SÓ PORQUE UMA COISA É UMA METÁFORA NÃO QUER DIZER QUE NÃO PODE SER REAL.

A senhorita Flitworth notou um leve eco na voz, como se as palavras fossem ditas por quase duas pessoas, mas não exatamente em sincronia.

— Quanto tempo você tem?

— UMA QUESTÃO DE HORAS.

— E a foice?

— DEI INSTRUÇÕES PRECISAS AO FERREIRO.

Ela franziu a testa.

— Não estou dizendo que o jovem Simnel é um mau rapaz, mas tem certeza de que ele fará o que mandou? É pedir muito, de um homem como ele, que destrua uma coisa como aquela.

— EU NÃO TINHA ESCOLHA. A PEQUENA FORNALHA DAQUI NÃO É BOA O SUFICIENTE.

— É uma foice danada de afiada.

— TEMO QUE NÃO ESTEJA AFIADA O SUFICIENTE.

— Ninguém nunca testou ela em você?

— NÃO TEM UM DITADO, DESTE MUNDO NADA SE LEVA?

—Tem.

— QUANTAS PESSOAS ACREDITARAM NELE DE VERDADE? —Eu me lembro de ter lido uma vez sobre uns reis pagãos no deserto, em algum lugar, que construíam pirâmides enormes e colocavam todo tipo de coisa dentro delas. Até barcos. Até garotas com calças transparentes e algumas tampas de panela. Não vai me dizer que isso está certo.

— NUNCA TIVE MUITA CERTEZA SOBRE O QUE ESTÁ CERTO. NÃO TENHO CERTEZA DE QUE EXISTA UM CERTO. OU ERRADO. APENAS HÁ LUGARES PARA SE ESTAR.

— Não, o certo é certo, e o errado é errado — discordou a senhorita Flitworth.

— Eu fui criada para saber a diferença.

— POR UM CONTRABANDISTA.

— Um o quê? — UM TRANSPORTADOR DE CONTRABANDO.

— Não há nada errado com o contrabando! — ESTOU APENAS OBSERVANDO QUE ALGUMAS PESSOAS PENSAM DIFERENTE.

— Essas pessoas não contam! — MAS...

Um relâmpago riscou o céu em algum lugar perto da colina. O trovão sacudiu a casa, alguns tijolos da chaminé caíram chacoalhando até a lareira. As janelas estremeceram com uma pancada violenta.

José Porta atravessou a sala e abriu a porta.

Pedras de granizo do tamanho de ovos de galinha quicaram nos degraus da entrada, para dentro da cozinha.

— OH. QUE DRAMA.

— Ai, que inferno! A senhorita Flitworth protegeu-se debaixo do braço dele.

— E de onde veio o vento?

— DO CÉU? — perguntou José Porta, surpreso com a agitação repentina.

— Vamos! — Ela voltou correndo para a cozinha e vasculhou o armário, procurando um lampião de vela e palitos de fósforo.

— MAS VOCÊ DISSE QUE IA SECAR.

— Com uma tempestade normal, sim. Com uma desse tamanho? Acabará com tudo! Vamos encontrar tudo espalhado pela colina amanhã de manha! Ela acendeu a vela rápido e voltou correndo. José Porta ficou olhando para a tempestade. A palha passava zunindo, rolando no vendaval.

— ACABAR COM TUDO? MINHA COLHEITA? — Ele se esticou.

— QUE DROGA.

O granizo fazia um estrondo no telhado da oficina do ferreiro. Ned Simnel bombeou os foles da fornalha até o centro dos carvões ficar branco, com um leve toque de amarelo.

O dia tinha sido bom. A Ceifadeira Mista trabalhara melhor do que ele ousara sonhar. O velho Peedbury insistira em ficar ela para usar em mais uma plantação, no dia seguinte, e por isso o ela fora deixada no campo, com uma lona impermeável por cima, amarrada por baixo de forma segura. No dia seguinte, ensinaria um dos homens a usá-la e começaria a trabalhar num novo modelo, mais avançado. O sucesso estava garantido. O futuro encontrava-se definitivamente à sua frente.

Resolvido isso, tinha a questão da foice. Foi até a parede onde ela permanecia pendurada. Meio misterioso, aquilo. Lá estava o instrumento mais impressionante que já vira. Não dava sequer para deixá-la cega. Sua afiação estendia-se para além do próprio gume. Ainda assim, tinha que destruí-la. Qual era a lógica disso? Ned Simnel era um grande defensor da lógica, de um tipo especializado de lógica.

Talvez José Porta apenas quisesse se livrar dela, e isso era compreensível porque, até mesmo naquele momento, quando estava pendurada de modo bastante inofensivo na parede, ela parecia irradiar afiação. Havia uma tênue luz violeta em volta da lâmina, resultante de correntes de ar na oficina, levando moléculas de ar sem sorte para serem mortas por mutilação.

Ned Simnel retirou-a do suporte com muito cuidado.

Sujeito estranho esse José Porta. Disse que queria ter total certeza de que ela estaria totalmente morta. Como se fosse possível matar uma coisa. De todo modo, como era possível alguém destruí-la? Ah, o cabo queimaria, e o metal viraria cinza e, se ele se esforçasse bastante, finalmente não haveria nada além de um pequeno monte de cinzas e pó. Isso era o que o cliente queria. Por outro lado, podia-se presumir que seria possível destruí-la apenas retirando a lâmina do cabo... Afinal, deixaria de ser uma foice, se fizessem isso com ela. Passaria a ser apenas, bem... aço. Certamente seria possível fazer uma foice com eles, mas também se poderia fazê-lo com as cinzas e o pó, se você soubesse como fazer. Ned Simnel ficou bastante satisfeito com essa linha de raciocínio. Afinal de contas, José Porta nem sequer pedira provas de que a

coisa seria... é... morta. Ele mirou com cuidado e usou a foice para cortar a ponta da bigorna. Sinistro. Afição total.

Desistiu. Não era justo. Não se podia pedir a alguém como ele que destruísse uma coisa daquelas. Era uma obra de arte.

Melhor que isso. Era uma obra artesanal.

Ele caminhou até uma pilha de madeira, do outro lado da oficina, e enfiou a foice atrás do monte, bem fora do caminho. Houve um guincho breve e desanimado. Mesmo assim, ficaria tudo certo. Devolveria o quarto de penny para José na manhã seguinte.

O Morte dos Ratos materializou-se atrás do monte de madeira, na oficina do ferreiro, e marchou até o montinho triste de pelos que tinha sido um rato que passou no caminho da foice.

O fantasma estava de pé, apreensivo. Ele não parecia muito feliz em vê-lo.

— Queek? Queek? — QUEEK — explicou o Morte dos Ratos.

— Queek?? — QUEEK — confirmou o Morte dos Ratos.

— [alisou os bigodes] [contraíu o nariz] ? O Morte dos Ratos balançou a cabeça.

— QUEEK.

O rato ficou desanimado. O Morte dos Ratos colocou a pata ossuda, mas não completamente insensível, em seu ombro.

— QUEEK.

O rato concordou com tristeza. A vida fora boa na forja. Os cuidados de Ned com a limpeza eram praticamente inexistentes, e ele era provavelmente o campeão mundial de esquecimento de restos de sanduíches. O rato encolheu os ombros e marchou atrás do pequeno vulto de manto. Não que tivesse alguma opção.

As pessoas corriam pelas ruas. A maioria corria atrás de carrinhos. A maioria dos carrinhos se encontrava cheia de qualquer coisa que as pessoas tinham achado conveniente carregar em carrinhos: madeira para lenha, crianças, compras. E não mais se esquivavam, mas se moviam cegamente, todos na mesma direção. Seria possível parar um carrinho virando-o ao contrário, porque suas rodas ficavam girando de maneira louca e inútil. Os magos viram alguns indivíduos entusiasmados tentando destruí-los mas os carrinhos eram praticamente indestrutíveis — eles se dobravam, mas não quebravam, e, mesmo se só tivessem uma única roda, faziam uma tentativa corajosa de seguir em frente.

— Olhem aquele! — exclamou o arquirreitor. — Está com as minhas roupas sujas! São as minhas roupas mesmo! Que caca de brincadeira! Ele saiu andando no meio da multidão e enterrou o cajado nas rodas do carrinho, derrubando-o.

— Não dá para mirar nada com segurança, com esses civis em todo lugar — reclamou o Decano.

— São centenas de carrinhos! — disse o Conferencista sobre Runas Recentes.

— Parece uma praga! [21] Sai de perto de mim, sua... sua cesta! Ele agitou o cajado diante de um carrinho inconveniente.

A maré de cestas com rodinhas fluía para fora da cidade. Os humanos que estavam lutando começavam a ir embora aos poucos ou caíam sob as rodas cambaleantes. Apenas os magos permaneceram no fluxo, gritando uns com os outros e atacando o enxame prateado com seus bastões. Não que a magia não funcionasse. Até que funcionava bem. O movimento certo com o

cajado poderia transformar um carrinho em milhares de pequenos intrincados quebra-cabeças de arame. Mas de que adiantava? Um minuto depois, outros dois passavam rolando por cima do irmão atacado.

Ao redor do Decano, os carrinhos esguichavam, virando gotículas de metal.

— Ele está pegando o jeito mesmo, não — observou o Orador da Classe enquanto o Tesoureiro virava mais uma cesta, deixando-a com as costas no chão.

— Ele com certeza está dizendo muito Yo — concordou o Tesoureiro. O próprio Decano não sabia quando tinha sido mais feliz. Durante 60 anos, obedecera todas as regras autorreguladoras da magia e, de repente, se divertia como nunca. Jamais percebera que, lá no fundo, sempre quis fazer as coisas esguicharem. O fogo saltava da ponta do seu cajado. Alças, pedaços de arame e rodas que giravam de forma patética caíam tinindo à sua volta. O que tornava tudo ainda melhor era o fato de que os alvos não acabavam nunca. Uma segunda onda de carrinhos, espremidos num espaço menor, tentava avançar por cima dos que ainda estavam em contato com o chão. Não dava certo, mas tentavam assim mesmo. E tentavam desesperadamente, porque uma terceira onda já esmagava e destruía tudo enquanto passava por cima deles. Só que não se poderia usar a palavra "tentavam". Ela sugeriria uma espécie de esforço consciente, de possibilidade de que houvesse também o "não tentavam". Alguma coisa no movimento implacável, o modo como batiam uns nos outros quando apareciam de repente, sugeria

que as cestas de arame tinham tanta escolha na questão quanto a água tem ao descer um declive.

— Yo! — gritou o Decano. Magia em estado bruto batia no metal entrançado e trabalhoso. Choviam rodas.

— Engula taumaturgia quente, seu f... — começou o Decano.

— Não xingue! Não xingue! — gritou Ridcully, por cima do barulho. Ele tentou esmagar um Filho-da-Mãe que flutuava em torno do seu chapéu. — Não se sabe o que isso pode virar! — Saco! — gritou o Decano.

— Não está adiantando! É como se tentássemos conter o mar — reclamou o Orador da Classe. — Meu voto é para voltarmos para a Universidade e escolhermos alguns encantos bem fortes.

— Boa ideia — concordou Ridcully. Ele ergueu a cabeça e viu a parede de metal retorcido que avançava. — Alguma ideia sobre como fazer isso? — Yo! Danadinho! — exclamou o Decano. Ele mirou o cajado mais uma vez. Ele fez um barulhinho chocho que, se tivesse que ser escrito, poderia ser pfffft. Uma faísca fraca saiu da ponta e bateu no chão.

Windle Poons fechou mais um livro com força. O Bibliotecário recuou.

— Nada! Vulcões, tsunami, ira dos deuses, magos intrometidos... Não quero saber como outras cidades foram mortas, quero saber como elas acabaram... O Bibliotecário amontoou mais uma pilha de livros na mesa de leitura. Outro fator positivo de estar morto — Windle estava descobrindo — era a habilidade com as linguagens. Ele conseguia entender o sentido das palavras sem saber o significado. Estar morto não era como estar dormindo,

afinal. Era como acordar. Ele olhou para o outro canto da Biblioteca, onde faziam um curativo na pata de Lupino.

— Bibliotecário? — perguntou com voz suave.

— Ook? —Você mudou de espécie durante a sua vida... O que você faria se, suponhamos, descobrisse algumas pessoas que... bem, digamos que houvesse um lobo que se transformasse em lobisomem na lua cheia e uma mulher que virasse mulher-lobo na lua cheia... entende? Chegando à mesma forma, mas por direções diferentes? E se eles se encontrassem. O que você diria a eles? Você deixaria que resolvessem as coisas sozinhos?

— Ook — respondeu o Bibliotecário instantaneamente.

— É tentador.

— Ook.

— A senhora Bolinho não ia gostar, no entanto.

— Eeek ook.

— Você está certo. Poderia ter dito de forma menos vulgar, mas está certo. Todo mundo tem que resolver seus problemas.

Ele suspirou e virou a página. Arregalou os olhos.

— A cidade de Kahn Li. Já ouviu falar? O "Grimório Acredite-se-Quiser de Stripfettle". Diz aqui... "carrinhos... ninguém sabia de onde vinham... com tantos usos possíveis, que homens eram contratados para agrupá-los e trazê-los para a cidade... de repente, como num acúmulo de criaturas... os homens os seguiram e eis que havia uma nova cidade do outro lado dos muros, uma cidade feita de lojinhas de comerciantes para dentro das quais os carrinhos se dirigiam... "

Ele virou a página.

— Parece estar dizendo...

Ainda não entendi direito, ele disse a si mesmo. Um-Homem-Balde acha que estamos falando sobre a procriação de cidades. Mas isso não parece estar certo. Uma cidade é viva. Digamos que você fosse um grande gigante lento, como um Pinheiro Contador, e olhasse para uma cidade. Você veria prédios crescerem. Veria invasores serem expelidos. Veria que a cidade estava viva, mas não veria as pessoas porque elas se movem rápido demais. A vida de uma cidade, aquilo que a impulsiona, não é uma espécie de força misteriosa. A vida da cidade são as pessoas. Ele virou as páginas distraidamente, sem olhar de verdade... Então temos as cidades — criaturas grandes e sedentárias, que crescem a partir de um local e quase não se movem por milhares de anos. Elas se reproduzem enviando pessoas para colonizarem novas terras. Elas mesmas só ficam ali paradas. Estão vivas, mas apenas do mesmo modo que uma água-viva está viva. Ou um vegetal dos mais animados. Afinal, chamamos Ankh-Morpork de a Grande Wahooni...

E onde há grandes coisas vivas e lentas, há coisas pequenas e rápidas para comê-las... Windle Poons sentiu as células cerebrais arderem. As conexões foram feitas. O pensamento corria por novos canais. Será que realmente pensava direito quando estava vivo? Duvidava. Ele tinha sido apenas um monte de reações complicadas presas a terminações nervosas com tudo, desde reflexões inúteis sobre a próxima refeição até lembranças aleatórias e distraídas, no meio do caminho entre ele e um pensamento de verdade.

Ela cresceria dentro da cidade, onde fica quente e protegida. Depois irromperia para fora da cidade e construiria... algo, não uma

cidade de verdade, mas uma cidade falsa... que suga as pessoas, a vida, fora do hospedeiro...

A palavra que procuramos é predador.

O Decano ficou olhando para o seu cajado sem acreditar. Ele o chacoalhou e mirou novamente.

Desta vez, o som por escrito seria pfw. t.

Olhou para cima. Uma onda encrespada de carrinhos, da altura dos telhados, estava a ponto de cair sobre ele.

— Oh... carvalho — disse, dobrando os braços acima da cabeça. Alguém agarrou a parte de trás do seu manto e o puxou quando os carrinhos bateram no chão.

— Vamos — começou Ridcully. — Se corrermos, ficaremos na frente deles.

— Minha magia acabou! Minha magia acabou! — exclamou o Decano.

— Ela vai acabar ainda mais se você não correr — avisou o arquirreitor. Tentando se manter juntos, trombando uns nos outros, os magos cambalearam na frente dos carrinhos. Torrentes de carrinhos lançavam-se para fora da cidade, atravessando os campos.

— Sabe o que isso me lembra? — disse Ridcully, enquanto se esforçavam para correr.

— Diga — murmurou o Orador da Classe.

— A migração dos salmões.

— O quê? — Não no Ankh, é claro. Não acho que um salmão conseguiria subir o nosso rio...

— A menos que andasse — observou o Orador da Classe.

—... mas já vi salmões aos montes, em alguns rios. Lutando para seguir em frente. O rio inteiro fica parecendo uma corrente de prata.

—Ótimo, ótimo — comentou o Orador da Classe. —Pra que eles faziam isso? — Bom... tudo tem a ver com a procriação.

—Nojento. E pensar que a gente tem que beber água — disse o Orador da Classe.

— Certo, estamos num local aberto. E hora de passar a perna neles — sugeriu Ridcully. — E só procurarmos um espaço aberto e...

— Acho que não — discordou o Conferencista sobre Runas Recentes. Todas as direções se encontravam preenchidas por muralhas de carrinhos lutando, seguindo em frente, rangendo.

— Eles estão vindo nos pegar! Eles estão vindo nos pegar! — gritou o Tesoureiro. O Decano agarrou o cajado dele.

— Ei, esse é meu! O Decano o empurrou e explodiu as rodas de um carrinho que vinha na frente dos outros.

— Esse cajado é meu! Os magos recuaram, de costas uns para os outros, no meio de um círculo de metal que se fechava.

— Eles não combinam com a cidade — observou o Conferencista sobre Runas Recentes.

— Sei o que você quer dizer — concordou Ridcully. — Forasteiros.

— Alguém aí trouxe um encanto voador hoje? — perguntou o Orador da Classe. O Decano mirou mais uma vez e derreteu uma cesta.

— O cajado que você está usando é meu, sabia? — Cala a boca, Tesoureiro — mandou o arquirreitor. — Decano, você não vai chegar

a lugar algum acabando com um por um. Certo, rapazes? Queremos causar estrago no maior número possível deles. Lembrem-se: explosões violentas e descontroladas... Os carrinhos avançavam.

—Ai! Ai! A senhorita Flitworth cambaleava pela escuridão úmida e ruidosa. Pedras de granizo estalavam sob seus pés. Trovões bombardeavam os céus.

— Elas ardem, não?

— ELAS ECOAM.

José Porta apanhou um feixe de milho que passou carregado pelo vento e o empilhou com os outros. A senhorita Flitworth passou correndo por ele, curvando-se sob uma carga de milho. [22] Os dois trabalharam firmemente, atravessando o campo no meio do temporal para apanhar a colheita antes que o vento e o granizo a levassem embora. Os relâmpagos brilhavam no céu. Não era uma tempestade normal. Era uma guerra.

— Vai cair uma chuvarada em um minuto — gritou a senhorita Flitworth, por cima do barulho. — Nunca conseguiremos chegar ao celeiro! Vai buscar uma lona ou algo do tipo! Será suficiente por uma noite! José Porta concordou e correu pela escuridão úmida na direção da casa da fazenda. Os raios caíam com tanta frequência pelos campos que o ar fazia um chiado, e um halo luminoso pairava acima da cerca viva.

Lá estava Morte.

Ele o viu crescendo à sua frente, uma forma esquelética parada numa posição, prestes a se erguer, com o manto batendo e chacoalhando ao vento. A tensão tomou conta dele, tentando forçá-lo a correr e, ao mesmo tempo, prendendo-o ao chão. Morte invadiu

a sua mente e se congelou ali, bloqueando qualquer pensamento que não fosse a voz minúscula e íntima que dizia, muito calma: — ENTÃO, ISTO É PAVOR.

Em seguida, Morte desapareceu quando os relâmpagos diminuíram e reapareceu quando um novo raio estourou na colina ao lado.

A voz interna e tranquila acrescentou: — MAS POR QUE ELE NÃO SE MEXE? José Porta avançou lentamente. Não houve resposta da coisa que permanecia agachada.

Depois ele se deu conta de que a coisa do outro lado da cerca era apenas um amontoado de costelas, fêmures e vértebras sob um manto, sob um ponto de vista, mas, se olhada de modo um pouco distinto, era igualmente apenas um conjunto de braços suspensos e articulados e de alavancas recíprocas coberto por uma lona que agora era carregada para longe.

A Ceifadeira Mista estava na sua frente.

José Porta deu um sorriso horrível. Pensamentos que não eram de José Porta surgiram na sua mente. Ele deu um passo à frente.

A parede de carrinhos cercava os magos.

O último movimento de um cajado derreteu um buraco, imediatamente preenchido por mais carrinhos.

Ridcully virou-se para os colegas. Estavam com o rosto vermelho, mantos rasgados e vários golpes com excesso de entusiasmo haviam resultado em barbas chamuscadas e chapéus queimados.

— Ninguém tem mais nenhum encanto sobrando? Eles fizeram muita força para pensar.

— Acho que consigo me lembrar de um — respondeu o Tesoureiro, hesitante.

—Anda logo, homem. Vale a pena tentar qualquer coisa num momento como este.

O Tesoureiro estendeu a mão. Fechou os olhos. Murmurou algumas sílabas em voz baixa.

Houve um breve lampejo de luz octarina e...

— Ah — começou o arquirreitor. — E só isso? — "Buquê Surpreendente de Eringyas" — disse o Tesoureiro, com os olhos brilhantes e fazendo movimentos bruscos. — Não sei por quê, mas é um que sempre consegui fazer. Tem que ter um jeitinho, acho.

Ridcully encarou o enorme ramalhete de flores preso ao punho do Tesoureiro.

— Mas não é, ousou observar, inteiramente útil neste momento. O Tesoureiro olhou para as paredes que se aproximavam e seu sorriso se desfez.

— Imagino que não.

— Mais alguém tem alguma ideia? — perguntou Ridcully. Não houve resposta.

— Belas rosas, aliás — elogiou o Decano.

— Foi rápido — observou a senhorita Flitworth quando José Porta chegou à pilha de feixes arrastando uma lona impermeável.

— FOI MESMO, NÃO? — murmurou, sem demonstrar qualquer pensamento enquanto ela o ajudava a arrastar a lona sobre a pilha e a prendê-la com pedras. O vento batia na lona, tentando arrancá-la das mãos dele. Seria o mesmo que tentar arrancar uma montanha com um sopro.

A chuva varria os campos, entre retalhos de névoa que cintilavam com energias elétricas azuis.

— Nunca vi uma noite como esta — comentou a senhorita Flitworth. Houve mais um estrondo de trovão. Uma camada de relâmpago tremulou no horizonte.

A senhorita Flitworth agarrou o braço de José Porta.

— Aquilo não é... um vulto na colina? — perguntou. — Acho que eu vi um... contorno.

— NÃO. É SOMENTE UM ARTIFÍCIO MECÂNICO.

Houve outro clarão.

— Sobre um cavalo? — perguntou a senhorita Flitworth. Um terceiro relâmpago queimou no céu. Desta vez não deixou dúvidas. Havia um vulto montado num cavalo na colina mais próxima. Encapuzado. Segurando uma foice com o orgulho de um soldado que segura a lança.

— FAZENDO POSE. José Porta se virou para a senhorita Flitworth. — FAZENDO POSE. NUNCA FIZ NADA DISSO. PARA QUE FAZER UMA COISA DESSAS? QUAL É O OBJETIVO? Ele abriu a mão. A ampulheta de ouro apareceu.

— Quanto tempo você ainda tem? — TALVEZ UMA HORA. TALVEZ MINUTOS.

— Vamos, então! José Porta ficou onde estava, olhando a ampulheta.

— Eu disse vamos! — NÃO VAI DAR CERTO. EU ESTAVA ERRADO QUANDO PENSEI QUE DARIA. MAS NÃO VAI DAR. HÁ CERTAS COISAS QUE NÃO SE PODE EVITAR. NÃO SE PODE VIVER PARA SEMPRE.

— Por que não? José Porta pareceu chocado.

— COMO ASSIM? — Por que não se pode viver para sempre? — NÃO SEI. POR CAUSA DA SABEDORIA CÓSMICA? — O que a sabedoria cósmica sabe sobre isso? Agora, pode vir, por favor? O vulto na colina não havia se mexido.

A chuva transformara a poeira em lama fina. Eles deslizaram pela encosta, atravessaram o quintal correndo e entraram na casa.

— EU DEVERIA TER ME PREPARADO MELHOR. EU TINHA PLANOS...

— Mas tinha a colheita.

— SIM.

— Tem algum jeito de fazer barricadas na porta ou algo assim? — VOCÊ SABE O QUE ESTA DIZENDO? — Bom, pense em alguma coisa! Nunca nada funcionou contra você? — NÃO — respondeu José Porta, com leve toque de orgulho.

A senhorita Flitworth espiou pela janela e se jogou de forma dramática contra a parede ao lado.

— Ele se foi! — AQUILO AINDA NÃO É ELE.

— Ele se foi. Pode estar em qualquer lugar.

— AQUILO PODE ATRAVESSAR A PAREDE.

Ela correu e olhou fixamente para ele.

— ESTA BEM. TRAGA A CRIANÇA. ACHO QUE TEMOS QUE SAIR DAQUI. — Uma ideia lhe ocorreu. Ele se animou um pouco. — AINDA TEMOS ALGUM TEMPO. QUE HORAS SÃO? — Não sei. Você fica parando os relógios o tempo todo.

— MAS AINDA NÃO É MEIA-NOITE? — Eu diria que não passa de 11h15.

— ENTÃO NÓS TEMOS 45 MINUTOS.

— Como pode ter certeza? —POR CAUSA DO DRAMA, SENHORITA FLITWORTH. O TIPO DE MORTE QUE FAZ POSE CONTRA A LUZ DO HORIZONTE E SE ILUMINA COM OS CLARÕES DOS RELÂMPAGOS – começou José Porta, em tom de desaprovação — NÃO APARECE ÀS 11H25, SE PUDER APARECER À MEIA-NOITE.

Ela concordou, pálida, e subiu as escadas. Depois de um ou dois minutos, retornou com Sal enrolada num cobertor.

— Ainda num sono profundo.

— ISSO NÃO É SONO.

A chuva havia parado, mas a tempestade ainda marchava pelas colinas. O ar fazia um chiado, ainda parecendo quente como num forno. José Porta guiou o caminho passando pelo galinheiro, onde Cirilo e seu harém de galinhas idosas permaneciam empoleirados no escuro, todos tentando ocupar os mesmos poucos centímetros de poleiro. Havia um brilho verde tênue pairando sobre a chaminé da casa da fazenda.

— Chamamos aquilo de Fogo da Mãe Carey— disse a senhorita Flitworth. — é um presságio.

— PRESSÁGIO DE QUÊ?

— O quê? Ah, não pergunte a mim. Só um presságio, acho. Um pressentimento básico. Aonde vamos?

— PARA A CIDADE.

— Para ficar perto da foice? — SIM.

Ele entrou no celeiro. Após algum tempo, saiu levando Pituco, com a sela e o arreio. Montou, depois se inclinou para puxá-la junto da criança adormecida para cima do cavalo, na sua frente.

— SE EU ESTIVER ERRADO — acrescentou —, ESTE CAVALO A LEVARÁ AONDE QUER QUE VOCÊ QUEIRA IR.

— Não quero ir a lugar nenhum, a não ser à minha casa! — AONDE QUISEIR IR.

Pituco iniciou um trote quando entraram na estrada que levava à cidade. O vento arrancava as folhas das árvores, que passavam

por eles rolando e entravam na estrada. Um ou outro clarão de relâmpago atravessava o céu sibilando.

A senhorita Flitworth olhou para a colina do outro lado da Fazenda.

—Zé...

— EU SEI.

— ... está lá de novo...

— EU SEI.

— Por que não está perseguindo a gente? — ESTAMOS SEGUROS ATÉ A AREIA ACABAR DE CAIR.

— Quando a areia acabar, você morre? — NÃO. QUANDO A AREIA ACABAR EU DEVERIA MORRER. ESTAREI NO ESPAÇO ENTRE A VIDA E A POS-VIDA.

— Zé, parece que a coisa que estava montando... Achei que fosse um cavalo mesmo, só que muito magro, mas...

— É UM CORCEL DE ESQUELETO. IMPRESSIONANTE, MAS NADA PRÁTICO. EU JÁ TIVE UM, MAS A CABEÇA CAIU.

— Você caiu do cavalo, eu diria.

— HA. HA. ENGRAÇADÍSSIMO, SENHORITA FLITWORTH.

— Acho que a esta altura você pode parar de me chamar de senhorita Flitworth.

— RENATA? Ela se assustou.

— Como sabia o meu nome? Oh. Você provavelmente o viu por escrito, certo? — ENTALHADO.

— Numa dessas ampulhetas? — SIM.

— Com essas areias do tempo escorrendo? — SIM.

— Todo mundo tem uma? — SIM.

— Você sabe quanto tempo eu...? — SIM.

— Deve ser muito estranho saber... as coisas que você sabe...

— NÃO ME PERGUNTE.

— Isso não é justo, sabe. Se soubéssemos quando vamos morrer, viveríamos melhor.

— SE AS PESSOAS SOUBESSEM QUANDO VÃO MORRER, ACHO QUE NEM VIVERIAM.

— Ah, muito gnômico. E o que você sabe sobre a vida, Zé Porta? — TUDO.

Pituco trotou por uma das poucas ruas da pequena cidade e pelas pedras do pavimento da praça. Não havia ninguém por perto. Em cidades como Ankh-Morpork, meia-noite é apenas noite, porque não há madrugadas urbanas, somente noites que vão se transformando em amanhecer. Mas aqui as pessoas regulavam a vida por meio de coisas como o pôr do sol e cantos de galo com erros de pronúncia. Meia-noite significava meia-noite. Mesmo com a tempestade espreitando nas colinas, a praça permanecia silenciosa. O tique-taque do relógio da torre, imperceptível ao meio-dia, agora parecia ecoar nos prédios.

Quando se aproximaram, algo zunia nas suas vísceras cheias de engrenagens. O ponteiro dos minutos moveu-se com um ruído metálico e estremeceu até parar no nove. Um alçapão abriu-se na superfície externa do relógio, e duas pequenas figuras mecânicas vibraram com postura presunçosa e deram uma pancadinha num pequeno sino, aparentando grande esforço.

Ting-ting-ting As figuras formaram uma fila e voltaram oscilando para dentro do relógio.

— Elas estão aí desde que eu era menina. O tataravô do senhor Simnel as construiu. Eu sempre me perguntava o que faziam entre as badaladas, sabe. Achava que tinham uma casinha lá dentro ou algo assim.

— ACHO QUE NÃO. SÃO APENAS COISAS. NÃO ESTÃO VIVAS.

— Humm. Bom, estão aí há centenas de anos. Talvez a vida seja algo que você adquire, digamos assim? — SIM.

Eles esperaram em silêncio, a não ser pelo baque eventual do ponteiro dos minutos escalando a noite.

— Foi... muito bom ter ficado com você por perto lá em casa, Zé Porta. Ele não respondeu.

— Me ajudando com a colheita e tudo o mais.

— FOI... INTERESSANTE.

— Foi um erro eu ter atrasado você só por causa de um monte de milho.

— NÃO. A COLHEITA É IMPORTANTE.

José Porta estendeu a palma da mão. A ampulheta apareceu.

— Ainda não consigo entender como você faz isso.

— NÃO É DIFÍCIL.

O zunido da areia cresceu até tomar conta da praça.

— Quer dizer as últimas palavras? — SIM. EU NÃO QUERO IR.

— Bom, sucinto, pelo menos.

José Porta ficou surpreso quando notou que ela tentava segurar a sua mão. Acima dele, os ponteiros da meia-noite se juntaram. O relógio fez um zumbido. A porta se abriu. Os robzinhos marcharam para fora. Pararam com um clique dos dois lados do sino das horas,

fizeram uma reverência um para o outro e ergueram seus martelos. Dong.

Depois se ouviu o som de um cavalo trotando.

A senhorita Flitworth percebeu que os cantos da sua visão eram preenchidos por manchas roxas e azuis, como os clarões deixados por imagens residuais sem ter havido nenhuma imagem antes.

Se ela sacudisse a cabeça rápido e olhasse de rabo de olho, podia ver pequenas formas vestidas de cinza pairando perto dos muros.

Os Fiscais, pensou. Vieram para se certificar de que tudo aconteça.

—Zé? Ele fechou a mão com a ampulheta dourada.

— AGORA VAI COMEÇAR.

O tropel ficou mais alto e ecoou nos prédios atrás deles.

— LEMBRE-SE: VOCÊ NÃO ESTÁ CORRENDO PERIGO. José Porta afastou-se na escuridão.

Depois reapareceu por um momento.

— PROVAVELMENTE — acrescentou, e recuou no breu.

A senhorita Flitworth sentou-se nos degraus do relógio, embalando o corpo da menina sobre os joelhos.

— Zé? - arriscou.

Um vulto montado chegou à praça cavalgando.

Estava realmente sobre um cavalo de esqueleto. Chamas azuis estalaram sobre os ossos da criatura quando ela se aproximou. A senhorita Flitworth se viu questionando se era um esqueleto de verdade, impulsionado, de algum modo, por algo que tinha sido a parte interna de um cavalo, ou uma criatura em forma de esqueleto

com vida própria. Era uma sequência de pensamentos ridícula de acompanhar, mas era melhor do que ficar pensando na realidade horrível que se aproximava.

Ele era lavado ou apenas recebia um bom polimento? Seu cavaleiro apeou. Era muito mais alto que José Porta, mas a escuridão do manto escondia qualquer detalhe. Segurava algo que não parecia exatamente uma foice, mas poderia ser uma descendente da foice, assim como até o instrumento cirúrgico mais sofisticado tem algum graveto entre os ancestrais. Estava muito distante de qualquer ferramenta que tivesse tocado uma palha.

O vulto aproximou-se da senhorita Flitworth devagar, foice sobre o ombro, e parou.

— *Onde está Ele?* — Não sei de quem está falando. E se eu fosse você, rapaz, daria comida pro cavalo.

O vulto pareceu ter dificuldade para digerir a informação, mas finalmente demonstrou chegar a uma conclusão. Ele segurou a foice à frente e olhou para a criança.

— *Eu O encontrarei. Mas antes... Ele se enrijeceu.*

Uma voz atrás dele disse: — LARGA A FOICE. E VAI VIRANDO DEVAGAR.

Alguma coisa dentro da cidade, pensou Windle. As cidades crescem cheias de pessoas, mas também estão cheias de comércio, lojas, religiões e... Isso é uma estupidez, disse a si mesmo. São apenas coisas. Não são vivas. Talvez a vida seja algo que se adquire.

Parasitas e predadores, mas não do tipo que ataca os animais e vegetais. Uma espécie de ser metafórico, grande, lento, vivendo fora da cidade. Mas elas se incubam nas cidades, como aqueles... como

se chamam? Aquelas vespas modernas e desagradáveis. Ele conseguia se lembrar, assim como conseguia se lembrar de tudo, de quando era estudante e lia sobre criaturas que colocavam seus ovos dentro de outras criaturas. Durante meses, depois disso, recusara omeletes e caviar, só por precaução. E os ovos ficavam... parecidos com a cidade, de certo modo, assim os cidadãos os levariam para casa. Como os ovos do cuco.

Quantas cidades será que morreram no passado? Infestadas por parasitas, como um recife de corais cercado de estrelas-do-mar. Apenas ficavam vazias, perdiam qualquer que fosse a alma que tivessem.

Ele se levantou.

—Aonde foi todo mundo, Bibliotecário?

— Oook oook.

— E típico deles. Eu teria feito isso. Sair correndo sem pensar. Que os deuses os abençoem e os ajudem, se conseguirem encontrar tempo para eles no meio das suas eternas brigas de família.

Depois ele pensou: bom, e agora? Já pensei, agora o que vou fazer? Sair correndo, é claro. Mas devagar.

O centro do monte de carrinhos não era mais visível. Algo acontecia. Um brilho tênue e azulado pairava acima da imensa pirâmide de metal retorcido e, de vez em quando, clarões de relâmpagos saíam de dentro da pilha. Carrinhos batiam nela como asteroides crescendo ao redor do núcleo de um novo planeta, mas alguns faziam algo diferente. Seguiam para túneis que se abriam na estrutura e desapareciam no núcleo brilhante. Depois houve uma movimentação na ponta da montanha, e algo forçou passagem pelo

metal quebrado. Era um prego reluzente, sustentando um globo com cerca de dois metros de diâmetro. Não fez quase nada durante um ou dois minutos. Quando a brisa o secou, ele rachou e desmoronou.

Objetos brancos caíam em forma de cascata, eram levados pelo vento e desciam como um chafariz sobre Ankh-Morpork e as multidões de curiosos. Um deles ziguezagueou suavemente acima dos telhados e pousou nos pés de Windle Poons quando ele saía da Biblioteca aos trancos.

LIQUIDAÇÃO! LIQUIDAÇÃO!! LIQUIDAÇÃO!!!

COMEÇA AMANHÃ!!!

DESCONTOS INCRÍVEIS!!!!

Ainda estava úmido e havia algo escrito nele. Pelo menos, era uma tentativa de escrita. Parecia a estranha inscrição orgânica das bolas com flocos de neve - palavras criadas por algo que não estava nem um pouco familiarizado com palavras: Windle chegou aos portões da Universidade. As pessoas passavam sem parar. Ele conhecia os cidadãos da sua cidade. Veriam qualquer coisa. Eram loucos por qualquer coisa que estivesse escrita com mais de um ponto de exclamação no final. Ele sentiu que era observado e virou-se. Um carrinho o olhava de dentro de um beco. Ao ser notado, deu ré e saiu zunindo.

— O que está acontecendo, senhor Poons? — perguntou Ludimila. Havia algo de irreal na expressão dos transeuntes. Eles tinham uma expressão de expectativa estática.

Não era preciso ser mago para saber que alguma coisa estava errada. Os sentidos de Windle tinham feito um dínamo.

Lupino pulou sobre uma folha de papel e a trouxe para ele. Windle balançou a cabeça com tristeza. Cinco pontos de exclamação, o sinal certo de uma mente insana. Então ele ouviu a música. Lupino se sentou sobre as patas traseiras e uivou.

No porão sob a casa da senhora Bolinho, Schleppeel, o bicho-papão, parou no meio do caminho entre ele e seu terceiro rato e escutou.

Então, terminou a refeição e foi até a sua porta.

Conde Artur Piscadela Naesferatoe trabalhava na cripta.

Pessoalmente, poderia viver – ou reviver, ou desviver, ou o que quer que fizesse – sem uma cripta. Mas eles tinham que ter uma cripta. Doreen fora muito categórica a respeito da cripta. Ela daria estilo ao lugar, disse. Era necessário ter uma cripta e uma catacumba, caso contrário o resto da sociedade dos vampiros olharia para você de cima dos caninos para baixo.

Essas coisas nunca eram ditas para quem começa a ser vampiro. Nunca dizem que você terá que construir a própria cripta com tábuas de compensado compradas na Loja de Materiais de Construção de Gizinho o Troll. Não era algo que acontecia com a maioria dos vampiros, Artur refletiu. Não com os vampiros de verdade. O próprio conde Jugular, por exemplo. Não, um figurão como ele teria alguém para fazer isso. Quando os aldeões chegavam para botar fogo na sua casa, não viam o conde em pessoa descendo até o portão para derrubar a ponte levadiça. Ah, não. Ele dizia apenas "Igor", como se dissesse "Igor, só passe a espada, rápido".

Hã. Bem, deixaram um anúncio na agência empreiteira do senhor Keeble havia meses. Cama, três refeições por dia e uma

mãozinha, se necessário. Nem uma demonstração de interesse. E as pessoas dizendo que há tanto desemprego por aí. Era de deixar qualquer um furioso.

Ele pegou mais uma tábua e a mediu, fazendo careta ao desdobrar a régua. As costas de Artur doíam por ele ter cavado o fosso. Isso era outra coisa com que um vampiro de luxo não teria que se preocupar. O fosso já vinha pronto. E a coisa tinha repercussões, porque os outros vampiros não tinham uma rua logo em frente, e a velha senhora Pivey reclamando de um lado, e uma família de trolls do outro, com a qual Dorren não falava. Portanto, os outros não ficavam com um fosso que só ia até o fundo do quintal. Artur caía dentro dele toda hora.

E também tinha a mordida no pescoço das mulheres jovens. Ou melhor, não tinha. Artur estava sempre pronto para pensar no ponto de vista da outra pessoa, mas tinha certeza de que as mulheres jovens entravam na vida dos vampiros de algum modo, por mais que Doreen não concordasse. Com penhoares diáfanos. Artur não sabia ao certo o que eram penhoares diáfanos, mas havia lido em algum lugar e sentia que definitivamente tinha que ver um, antes de morrer... ou qualquer coisa assim...

Os outros vampiros não pegavam a esposa falando com sotaques estranhos. O motivo era que um vampiro normal falava com sotaque naturalmente. Artur suspirou.

Aquilo não era vida, ou meia-vida, ou pós-vida, ou o que quer que fosse. Ser um vendedor de frutas e verduras no atacado, de classe média-baixa, numa posição social de alta classe.

Então a música entrou filtrada pelo buraco na parede que ele fizera para colocar a janela com grades.

— Ai — disse, e apertou a mandíbula. — Doreen? Reg Shoe bateu no palanque portátil.

— ... e, deixem-me dizer, não deitaremos nem deixaremos que a grama cresça sobre a nossa cabeça - berrava. - Então, qual é o plano de sete etapas para a Igualdade de Oportunidades com os vivos, vocês me perguntam? O vento soprava a grama seca do cemitério. A única criatura que parecia prestar alguma atenção a Reg era um corvo solitário. Reg Shoe deu de ombros e baixou o volume da voz.

— Você poderia ao menos fazer um esforço — disse para o outro mundo como um todo. — Aqui estou eu, dando um duro danado — fez um gesto para ilustrar —, e será que ouço uma palavra de agradecimento? Ele fez uma pausa, por via das dúvidas.

O corvo, um dos maiores e mais gordos que infestavam os telhados da Universidade, pôs a cabeça para o lado e olhou para Reg Shoe pensativo.

— Sabe de uma coisa, às vezes tenho vontade de desistir... O corvo limpou a garganta.

Reg Shoe virou-se.

— Diga uma palavra, apenas uma maldita palavra... Então ele ouviu a música. Ludimila arriscou tirar as mãos dos ouvidos.

— Que horrível! O que é isso, senhor Poons? Windle tentou puxar os restos do chapéu para cima das orelhas.

— Não sei. Poderia ser música. Pra quem nunca ouviu música. Não havia notas. Havia ruídos enfileirados que podiam ter a intenção

de ser notas, agrupados do mesmo modo como alguém que desenhasse um mapa de um país que nunca vira. Hnyip. Ynyip. Hwyyomp.

— Está vindo de fora da cidade — observou Ludimila. — Onde estão indo... todas... as pessoas... Não é possível que estejam gostando, é? — Não consigo imaginar por que gostariam.

— E que... o senhor se lembra do problema dos ratos, no ano passado? Aquele homem que disse ter uma flauta que tocava música que só os ratos conseguiam escutar? — Sim, mas não era verdade, era tudo uma fraude. Tratava-se apenas do **Fabuloso Maurício e seus Roedores Letrados...**

— Mas digamos que pudesse ser verdade? Windle balançou a cabeça.

— Música para atrair humanos? E aí que você quer chegar? Mas não pode ser verdade. Não está nos atraindo. Muito pelo contrário, posso lhe garantir.

— Sim, mas você não é humano... exatamente — disse Ludimila. — E... — Ela parou e ficou com o rosto vermelho.

Windle deu um tapinha no seu ombro.

— Bem observado. Bem observado — foi tudo o que ele conseguiu pensar.

— O senhor sabe, não sabe?— ela perguntou, sem erguer o rosto.

—Sim. Não acho que seja nada para se envergonhar, se isso ajudar em alguma coisa.

— Minha mãe disse que seria horrível se alguém, um dia, descobrisse! — Isso provavelmente depende de quem descobrir —

disse Windle, olhando para Lupino.

— Por que o seu cachorro está olhando para mim desse jeito? — perguntou Ludimila.

— Ele é muito inteligente.

Windle tateou dentro do bolso, jogou uns punhados de terra fora e retirou a sua agenda. Vinte dias para a próxima lua cheia. Ainda assim, seria algo para se aguardar ansiosamente.

O monte de escombros de metal começou a desmoronar. Carrinhos zuniam à sua volta, e uma enorme multidão de cidadãos de Ankh-Morpork formava um grande círculo, tentando espiar lá dentro. A música antimusical enchia o ar.

— Lá está o senhor Dibbler — observou Ludimila, enquanto forçavam caminho entre as pessoas submissas.

— O que ele está vendendo desta vez? — Acho que não está tentando vender nada, senhor Poons.

— Isso é ruim? Se for, provavelmente estamos em sérios apuros. A luz azul brilhava de dentro de um dos buracos no monte. Pedacos de carrinhos quebrados tinham no chão feito folhas de metal.

Windle abaixou—se com dificuldade e pegou um chapéu pontudo. Estava amassado, parecia que muitos carrinhos haviam passado por cima dele, mas ainda era reconhecível como algo que, por direito, deveria estar na cabeça de alguém.

— Tem mago lá dentro.

Uma luz prateada refletiu no metal. Ela se movia como óleo. Windle estendeu a mão, e uma faísca pesada deu um salto e afundou nos seus dedos.

— Hum. Muito potencial também...

Então ele ouviu o grito dos vampiros.

— Ooeeey, senhor Poons! Ele se virou. Os Naesferatoe iam para cima dele.

— Gostaríamos... quer dizer, gostaríamos de ter chegado antes, só que...

— ... eu não conseguia encontrar a maldita abotoadura — resmungou Artur, demonstrando agitação e nervosismo. Ele usava uma cartola articulada que era boa na parte articulada, mas lamentável no quesito chapéu. Artur parecia olhar para o mundo de baixo de uma sanfona.

— Oh, olá — cumprimentou Windle. Havia algo terrivelmente fascinante na dedicação dos Piscadela ao vampirismo impecável.

— E quem é o mocinha? — perguntou Doreen, sorrindo para Ludimila.

— Perdão? — disse Windle. —Quê? — Doreen, quer dizer, a condessa perguntou quem é ela — Artur ajudou, cansado.

— Eu entendi o que eu disse — esbravejou Doreen, no tom normal de alguém criado em Ankh-Morpork e não em alguma fortaleza transilvânica. — Francamente, se deixasse por sua conta, não teríamos nenhum padrão...

— Meu nome é Ludimila.

— Encantada — disse a condessa Naesferatoe, estendendo a mão, que seria magra e pálida caso não fosse rosada e gordinha.

— E sempre um prazerr conhecerr sangue fresca. Se algum dia desejar um biscoito de cachorro quando estiver andando por aí, nosso porta estar sempre aberto. Ludimila virou para Windle Poons.

— Não está escrito na minha testa, está? — Eles são um tipo de pessoa especial — comentou Windle, com delicadeza.

— Dá pra perceber — respondeu Ludimila, de modo franco.

— Não conheço quase ninguém que use cartola o tempo todo.

— Você tem que ter a capa — observou o conde Artur. — Para as asas, sabe. Tipo...

Ele abriu a capa com um gesto dramático. Houve um breve ruído de implosão, e um morcego gordinho pairou no ar. Ele olhou para baixo, deu um guincho nervoso e mergulhou de cara no chão. Doreen o catou pelos pés e tirou a poeira dele.

— Ele está tendo que dormir com a janela aberta a noite toda, ao que eu me oponho — disse, de modo confuso. — Queria que parassem com aquela música! Estou ficando com dor de cabeça.

Houve outro whoomph. Artur reapareceu de cabeça para baixo e pousou de cabeça.

— É a descida, sabe — explicou Doreen. — É como uma impulsão, algo assim. Se ele não começa ao menos da altura de uma casa, não consegue atingir uma boa velocidade no ar.

— Não consigo atingir uma boa velocidade no ar — repetiu Artur, levantando-se com dificuldade.

— Com licença — disse Windle —, a música não está afetando vocês? — Está me dando nos nervos, isso sim — respondeu Artur. — O que não é uma coisa boa para vampiros, não preciso nem dizer.

— O senhor Poons acha que ela causa alguma coisa nas pessoas — observou Ludimila.

— Dá nos nervos de todo mundo? — arriscou Artur. Windle olhou para a multidão. Ninguém prestava atenção no pessoal do

Recomeço Vigoroso.

— Parece que estão esperando alguma coisa — sugeriu Doreen.

— Quer dizer, algum coisa.

— É assustador — comentou Ludimila.

— Não há nada de errado com assustador — interferiu Doreen. -

Nós somos assustadores.

— O senhor Poons quer entrar no monte — disse Ludimila.

— Boa ideia. Pede pra desligarem essa música maldita — pediu Artur.

— Mas você pode morrer! — exclamou Ludimila. Windle bateu as mãos e esfregou-as, pensativo.

— Ah, é aí que estamos melhor que os outros. Ele andou até a incandescência. Nunca vira uma luz tão brilhante. Parecia emanar de todo lugar, indo atrás de toda e qualquer sombra e erradicando-a sem piedade. Era muito mais forte que a luz do sol, sem ser nada parecida com ela — havia uma linha azul que cortava a visão como uma faca.

— Você está bem, conde? — perguntou.

— Estou, estou — respondeu Artur. Lupino rosnou.

Ludimila cutucou um emaranhado de metal.

— Tem alguma coisa debaixo disso, sabe. Parece... mármore. Mármore laranja.

— Ela passou a mão sobre a superfície. — Mas é quente. Mármore não deveria ser quente, não é? — Não pode ser mármore. Não pode haver tanto mármore assim no mundo... na mundo — observou Doreen. — Tentamos comprar mármore para o cripta — ela experimentou o som das palavras e acenou para si mesma —,

sim, o cripta. Esses anões deveriam apanhar, com o preço que cobram. E uma desgraça.

— Não acho que foram anões que construíram isto — discordou Windle. Ele se ajoelhou desajeitadamente para examinar o chão.

— Eu diria que não, aqueles tipinhos preguiçosos. Pediram quase 70 dólares para fazer a nossa cripta. Não pediram, Artur? — Quase 70 dólares.

— Não acho que alguém o construiu — continuou Windle, tranquilo. Fendas. Deveria haver fendas, pensou. Cantos e coisas assim, onde uma placa se junta à outra. Não deveria ser inteiriço. E levemente grudento.

— Então o Artur fez ele mesmo.

— Fiz eu mesmo.

Ah. Aqui tem um canto. Bom, não exatamente um canto. O mármore ficou claro, como uma janela que dava para outro espaço muito iluminado. Havia coisas lá dentro, indistintas e parecendo derretidas, mas nenhuma passagem até elas. A conversa dos Piscadela passava acima dele enquanto ele seguia se arrastando.

— ... é mais uma galeria, na verdade. Mas tem um Calabouço dentro, mesmo se você tiver que sair para o corredor para fechar a porta direito... Ter origem nobre significava todo tipo de coisa, pensou Windle. Para algumas pessoas, significava não ser vampiro. Para outras, era um conjunto decorativo de morcegos de gesso na parede.

Ele passou o dedo pela substância clara. O mundo ali era todo formado por retângulos. Havia quinas, e o corredor tinha painéis claros dos dois lados. A não música tocava o tempo todo.

Aquilo não poderia ser algo vivo, poderia? A vida era mais... arredondada.

— O que você acha, Lupino? Lupino latiu.

— Hum. Não ajuda muito.

Ludimila ajoelhou-se e pôs a mão no ombro de Windle.

— O que você quis dizer com "ninguém o construiu"? — perguntou. Windle coçou a cabeça.

— Não tenho certeza... mas acho que talvez ele tenha sido... expelido.

— Expelido? Do quê? Por quê? Eles olharam para cima. Um carrinho passou zunindo em um corredor lateral e saiu deslizando por outro corredor do outro lado da passagem.

— Eles? — perguntou Ludimila.

— Eu diria que não. Acho que eles são mais como empregados. Como formigas. Abelhas numa colmeia, talvez.

— O que é o mel? — Não tenho certeza. Mas ainda não está pronto. Acho que as coisas ainda não foram terminadas. Ninguém toca em nada.

Eles seguiram andando. A passagem abriu-se para uma área ampla, iluminada, em forma de cúpula. Escadas levavam a andares superiores e inferiores, e havia um chafariz e um canteiro com plantas em vasos que pareciam saudáveis demais para ser reais.

— Não é lindo? — perguntou Doreen.

— Não dá pra deixar de pensar que deveria haver gente — observou Ludimila.

— Muita gente.

— Deveria haver ao menos magos — murmurou Windle Poons.
— Meia dúzia de magos não desaparece simplesmente.

Os cinco aproximaram-se. Passagens do tamanho da que haviam acabado de atravessar poderiam acomodar alguns elefantes andando lado a lado.

— Vocês acham que seria uma boa ideia voltar lá para fora? — perguntou Doreen.

— Em que isso ajudaria? — disse Windle.

— Bem, a gente ia sair daqui.

Windle se virou, contando. Cinco das passagens cintilavam em distâncias iguais para fora da área em forma de cúpula.

— Possivelmente é a mesma coisa acima e abaixo — comentou alto.

— E muito limpo aqui — observou Doreen, nervosa. — Não é limpo, Artur? — E muito limpo.

— Que barulho é esse? — perguntou Ludimila.

— Que barulho? — Esse barulho. Como alguém sugando alguma coisa. Artur olhou em volta, interessado.

— Não sou eu.

— São as escadas — explicou Windle.

— Não seja tolo, senhor Poons. Escadas não sugam. Windle olhou para baixo.

— Essas, sim.

Elas eram pretas, como um rio inclinado. Quando as substâncias escuras fluíam por debaixo do chão, se curvavam ganhando formas que lembravam degraus e que subiam a inclinação até desaparecerem novamente sob o chão, algum lugar acima. Quando

os degraus surgiam, faziam um barulho lento, rítmico, um chlup-chlup como o de alguém investigando uma cavidade dental especialmente incômoda.

— Sabe — começou Ludimila —, isso é provavelmente a coisa mais desagradável que já vi.

— Já vi coisas piores — comentou Windle. — Mas isso é bem ruim. Vamos subir ou descer? — Você quer ficar em cima deles? — Não, mas os magos não estão neste andar, e ou subimos ou escorregamos por um corrimão. Você já olhou para o corrimão de perto? Eles olharam para o corrimão.

— Eu acho — disse Doreen, nervosa — que descer é mais a nossa cara. Eles desceram em silêncio. Artur caiu no ponto em que os degraus deslizantes eram sugados de volta para dentro do chão.

— Tive uma sensação horrível de que eles iam me puxar para baixo — justificou-se e, depois, olhou à sua volta.

— É grande — concluiu. — Espaçoso. Eu faria maravilhas aqui embaixo com um papel de parede com efeito de pedra.

Ludimila foi andando até a parede mais próxima.

— Sabe, tem mais grama do que eu já vi na vida, mas essas partes claras se parecem um pouco com lojas. Isso faz sentido? Uma grande loja cheia de lojas? — E que ainda não estão prontas — completou Windle.

— Perdão? — Só pensando alto. Consegue ver qual é a mercadoria? Ludimila pôs a mão acima dos olhos.

— Parece apenas um monte de cores e brilho.

— Avise se você vir um mago. Alguém gritou.

— Ou ouvir um mago, por exemplo — acrescentou Windle. Lupino foi pulando até um corredor e desapareceu. Windle saiu de imediato cambaleando atrás dele. Alguém permanecia deitado de costas, tentando desesperadamente repelir alguns carrinhos. Eram maiores do que os que Windle vira antes, e tinham um reflexo dourado.

— Ei! — gritou.

Eles pararam de tentar espetar a pessoa deitada e fizeram uma manobra na direção dele.

— Oh — ele disse quando aumentaram a velocidade.

O primeiro esquivou-se da mandíbula de Lupino e deu uma chifrada em cheio nos joelhos de Windle, derrubando-o. Quando o segundo passou por ele, ergueu a mão furiosamente, segurou em qualquer parte do metal e puxou com força. Uma roda saiu girando, e o carrinho capotou e bateu na parede.

Windle ergueu-se com dificuldade, a tempo de ver Artur pendurado sem alternativa na alça de outro carrinho enquanto mais dois giravam em volta, numa valsa centrífuga enlouquecida.

— Solta! Solta! — gritou Doreen.

— Não dá! Não dá! — Bom, faça alguma coisa! Houve um estouro de influxo de ar. De repente, o carrinho não estava mais fazendo força contra o peso de um empresário de meia-idade do ramo das frutas e legumes, mas apenas contra um pequeno morcego apavorado. O carrinho voou para cima de uma pilastra de mármore, ricocheteou, bateu numa parede e caiu de costas, com as rodas girando no ar.

— As rodas! — gritou Ludimila. — Arranquem as rodas! — Eu faço isso — disse Windle. — Você ajuda Reg.

— Esse aí é o Reg? — perguntou Doreen.

Windle apontou o polegar na direção da parede mais distante. As palavras "Antes tarde do que nun" acabaram num traço de tinta desesperado.

— Dê uma parede e uma lata de tinta para ele, e ele não sabe mais em que mundo está — comentou Doreen.

— Ele só pode escolher entre dois — disse Windle, jogando as rodas do carrinho no chão. — Lupino, fique de olho pra ver se aparece mais algum. As rodas eram afiadas como lâminas de patins de gelo. Ele definitivamente sentia as pernas estraçalhadas. Como seria a cura? Reg Shoe recebeu auxílio para se sentar.

— O que está acontecendo? — perguntou. — Ninguém mais entrava, então eu descii aqui para ver de onde vinha a música e, quando fui ver, tinha umas rodas... Conde Artur retornou à forma aproximadamente humana, olhou à sua volta orgulhoso, percebeu que ninguém prestava atenção nele e desanimou.

— Pareciam bem mais fortes que os outros — observou Ludimila. — Maiores, mais malvados e cheios de pontas afiadas.

— Soldados — explicou Windle. — Vimos os operários. Agora tem os soldados. Igual às formigas.

— Eu tinha uma criação de formigas quando era jovem — comentou Artur, que atingira o chão com um impacto muito forte e se encontrava em situação duvidosa com a natureza da realidade.

— Espera aí — começou Ludimila. — Eu entendo de formigas. Tem formiga no nosso quintal. Se tem operárias e soldados, então

deve ter uma...

— Eu sei. Eu sei — interrompeu Windle.

— ... veja bem, a gente chama de criação, mas nunca vi as formigas criando nada...

Ludimila encostou-se na parede.

— Ela deve estar em algum lugar próximo.

— Acho que sim — concordou Windle.

— Como você acha que ela é? — ... o que você faz é pegar dois pedaços de vidro e algumas formigas...

— Não sei. Como eu poderia saber? Mas os magos devem estar em algum lugar perto dela.

— Não entendo por que você se preocupa com eles — disse Doreen. — Eles te enterraram vivo só porque estava morto.

Windle olhou para cima ao ouvir o som de rodas. Uma dúzia de cestas guerreiras virou a esquina e entrou em formação militar.

— Eles acharam que faziam a melhor coisa — explicou Windle.

— E o que as pessoas geralmente acham. E impressionante as coisas que parecem ser uma boa ideia na hora.

O novo Morte esticou-se.

— *Ou...?* — AH. É...

José Porta deu um passo para trás, virou e saiu correndo.

Aquilo era apenas, como ele sabia, adiar o inevitável. Mas viver, afinal, não era isso? Ninguém jamais correria dele depois que tivesse morrido. Muito haviam tentado antes de morrer, geralmente com grande inventividade. Mas a reação normal de um espírito lançado de súbito de um mundo ao outro era ficar parado e esperançoso. Para que correr, afinal? Não que alguém soubesse para onde correr.

O fantasma José Porta sabia para onde corria.

A oficina de Ned Simnel encontrava-se trancada à noite, embora isso não representasse um problema. Nem vivo, nem morto, o espírito de José Porta atravessou a parede num mergulho.

O fogo era uma incandescência pouco visível, baixando dentro da forja. A oficina estava cheia de escuridão morna.

O que ela não continha era o fantasma de uma foice.

José Porta olhou ao redor desesperado.

— QUEEK? Havia um pequeno vulto com um manto escuro sentado numa viga acima dele. Gesticulava freneticamente na direção de um canto. Ele viu um cabo escuro atrás da pilha de madeira. Tentou puxá-lo com dedos agora tão materiais quanto uma sombra.

— ELE DISSE QUE IRIA DESTRUÍ-LA PARA MIM! O Morte dos Ratos encolheu os ombros com uma expressão solidária.

O novo Morte atravessou a parede segurando a foice com as duas mãos. Avançou na direção de José Porta.

Houve ruídos de panos. A oficina estava cheia de mantos cinzentos. José Porta deu um sorriso de pavor.

O novo Morte parou, fazendo uma pose dramática à luz fraca da forja. Ele fez um movimento pendular.

Quase perdeu o equilíbrio.

— Não é pra você se abaixar! José Porta mergulhou na parede mais uma vez e correu pela praça, crânio abaixado, pés espectrais sem fazer som algum no chão de pedras. Aproximou-se do pequeno grupo perto do relógio.

— NO CAVALO! VAI!

— O que está acontecendo? O que está acontecendo?

— NÃO DEU CERTO! A senhorita Flitworth olhou para ele em pânico, mas pôs a criança inconsciente em cima de Pituco e subiu atrás dela. José Porta desceu a mão com tudo na anca do cavalo. Ali houve contato — Pituco existia em todos os mundos.

—VAI! Ele não olhou em volta e disparou pela estrada que levava à fazenda. Uma arma! Algo que ele pudesse segurar! A única arma no mundo dos mortos-vivos encontrava-se nas mãos do novo Morte.

Enquanto José Porta corria, percebeu um leve ruído de estalos agudos. Olhou para baixo, e viu que o Morte dos Ratos tentava alcançá-lo. Ele lhe deu um guincho encorajador.

José atravessou o portão da fazenda derrapando e encostou-se no muro. Ouviu o estrondo distante da tempestade. Fora isso, silêncio. Ele relaxou um pouco e se arrastou com cuidado pelo muro na direção dos fundos da casa da fazenda.

Bateu os olhos em alguma coisa metálica. Encostada na parede, onde os homens da aldeia a haviam deixado quando o trouxeram, estava a sua foice. Não aquela que preparara com capricho, mas a que tinha usado na colheita. O corte que tinha era apenas o adquirido na pedra de amolar e no afago das hastes de milho, mas era uma forma conhecida, e ele experimentou pegá-la. Suas mãos passaram através dela.

— *Quanto mais longe correr, mais próximo fica.* O novo Morte saiu das sombras sem pressa.

— *Você deveria saber disso* — acrescentou. José Porta se esticou.

— *Vamos nos divertir.*

— DIVERTIR? O novo Morte avançou. José Porta recuou.

— *Sim. Apanhar um Morte equivale a alcançar o fim de 1 bilhão de vidas inferiores.*

— VIDAS INFERIORES? ISTO NÃO É UM JOGO! O novo Morte hesitou.

— *O que é um jogo?* José Porta sentiu a centelha minúscula de esperança.

— EU PODERIA LHE MOSTRAR...

A ponta do cabo da foice o atingiu por baixo do queixo, empurrando-o contra a parede, onde deslizou até o chão.

— *Detectamos um truque. Não escutamos. O ceifador não ouve a colheita.* José Porta tentou se levantar.

O cabo da foice o acertou de novo.

— *Não cometeremos os mesmos erros.*

José Porta olhou para cima. O novo Morte segurava a ampulheta dourada, e a parte de cima estava vazia. Ao redor deles, a paisagem se modificou, ficou avermelhada, começou a tomar a aparência irreal da realidade vista do outro lado...

— *Seu tempo acabou, senhor José Porta. O novo Morte ergueu o capuz.* Não havia rosto ali. Não havia sequer um crânio. Uma fumaça espiralava-se sem forma entre o manto e uma coroa dourada. José Porta apoiou-se nos cotovelos.

— UMA COROA! — sua voz estremeceu de raiva. — EU NUNCA USEI UMA COROA!

— VOCÊ NUNCA QUIS SER REI.

— *Você nunca quis ser rei.* Morte levantou a foice. Então o antigo Morte e o novo Morte perceberam que o ruído sibilante da passagem do tempo não havia, na verdade, parado.

O novo Morte hesitou e pegou a ampulheta dourada.

Ele a balançou.

José Porta olhou para o rosto vazio debaixo da coroa. Havia uma expressão de perplexidade ali, mesmo sem nenhuma feição para formá-la. A expressão pairava sozinha no ar.

Ele viu a coroa se virar.

A senhorita Flitworth permanecia parada com as mãos erguidas e separadas, olhos fechados. Entre as suas mãos, no ar à sua frente, pairava o contorno tênue de uma ampulheta, com a areia derramando com grande fluência.

Os Mortes conseguiram distinguir, no vidro, o nome escrito com linhas finas e curvas: Renata Flitworth.

A expressão sem feições do novo Morte atingiu uma perplexidade extrema. Ele se virou para José Porta.

— *Para VOCÊ?* Mas José Porta já se erguia e se estendia com a ira dos reis. Ele levou a mão para trás, grunhindo, vivendo um tempo emprestado, e suas mãos se fecharam em torno da foice da colheita.

O Morte coroado viu a foice se aproximar e ergueu sua própria arma, mas possivelmente não havia quase nada no mundo que

pudesse parar a lâmina gasta que atravessava o ar, adquirindo um corte de fúria e vingança que ia além de qualquer definição de afiação. Ela atravessou o metal sem perder velocidade.

— NADA DE COROAS — disse José Porta, olhando diretamente para a fumaça.

— NADA DE COROAS. APENAS A COLHEITA.

O manto dobrou-se em volta da sua lâmina. Houve um leve gemido, que se estendeu além dos limites da audição. Uma coluna negra como o negativo da luz partiu do chão até desaparecer entre as nuvens.

Morte aguardou por um momento e, com cautela, cutucou o manto com o pé. A coroa, levemente retorcida, rolou um pouco para fora antes de evaporar.

— OH — disse, sem dar muita importância.

— QUE DRAMA.

Ele foi até a senhorita Flitworth e juntou suas mãos com delicadeza. A imagem da ampulheta desapareceu. A neblina azul e lilás nos cantos da visão se foi, e a realidade sólida voltou a fluir.

Lá na cidade, o relógio terminou de bater à meia-noite. A velha mulher tremia. Morte estalou os dedos diante dos seus olhos.

— SENHORITA FLITWORTH? RENATA?

— Eu... eu não sabia o que fazer, e você disse que não era difícil e... Morte foi até o celeiro. Quando saiu, usava seu manto preto. Ela permanecia parada no mesmo lugar.

— Eu não sabia o que fazer — repetiu, possivelmente não para ele. — O que aconteceu? Está tudo acabado? Morte olhou ao redor. O quintal estava cheio de formas cinzentas.

— PROVAVELMENTE, NÃO.

Outros carrinhos apareceram atrás da fileira de soldados. Pareciam os pequenos operários prateados, apenas com um ou outro brilho pálido e dourado de guerreiros.

— Deveríamos recuar até as degraus — sugeriu Doreen.

— Acho que é para lá que querem que a gente vá — observou Windle.

— Por mim, tudo bem. Mesmo assim, não diria que essas rodas conseguiriam passar pelos degraus, não? — E não dá exatamente para lutar até a morte — disse Ludimila. Lupino se mantinha perto dela, o olhar amarelo fixo nas rodas que avançavam lentamente.

— Sorte seria uma ótima coisa — comentou Windle. Eles chegaram até os degraus móveis. Ele olhou para cima. O alto da escada que subia se encontrava apinhado de carrinhos, mas o caminho para o andar de baixo parecia livre.

— Será que poderíamos encontrar outro caminho para subir? — perguntou Ludimila, esperançosa.

Eles foram para a escada móvel. Atrás deles, os carrinhos movimentavam-se para bloquear o caminho de volta.

Os magos estavam no andar de baixo. Permaneciam tão imóveis entre as plantas nos vasos e os chafarizes que Windle passara por eles supondo, a princípio, que fossem alguma espécie de estátua ou mobília esotérica.

O arquirreitor estava com um nariz vermelho falso e segurava bexigas. A seu lado, o Tesoureiro fazia malabarismo com bolas coloridas, mas como uma máquina, com o olhar voltado para o nada.

O Orador da Classe encontrava-se um pouco distante, com duas tábuas de sanduíches. As letras delas não estavam totalmente acabadas, mas Windle poderia jurar pela própria vida após a morte que estava escrito algo como PROMOÇÃO!!!! Os outros magos permaneciam amontoados feito bonecos nos quais não tivessem dado corda. Cada um tinha um grande crachá retangular sobre o manto. A conhecida escrita orgânica começava a formar uma palavra que parecia ser: segurança embora o motivo pelo qual ela fazia isso fosse um mistério total. Os magos certamente não pareciam muito seguros.

Windle estalou os dedos na frente do olhar abatido do Decano. Não houve resposta.

— Ele não está morto — observou Reg Shoe.

— Apenas descansando — concordou Windle. — Desligado. Reg deu um empurrão no Decano. Os magos cambalearam para a frente e pararam titubeando, balançando.

— Bom, nunca conseguiremos tirá-los daqui — disse Artur.

— Não desse jeito. Não pode despertá-los? — Acenda uma pena debaixo do nariz deles — sugeriu Doreen.

— Acho que isso não funcionará — ponderou Windle. Ele baseou a sua afirmação no fato de que Reg Shoe se encontrava quase debaixo do nariz deles, e qualquer pessoa cuja estrutura nasal não conseguisse detectar a presença do senhor Shoe certamente não reagiria a uma mera pena queimando. Ou a algo muito pesado jogado de grande altura, caso isso fosse cogitado.

— Senhor Poons — chamou Ludimila.

— Eu conheci um golem que parecia com ele — comentou Reg Shoe. — Igualzinho a ele. Sujeito grande, feito de argila. E um golem basicamente é isso. Você só tem que escrever uma palavra sagrada especial nele pra dar a partida.

— O quê, tipo "segurança"?

— Poderia ser.

Windle examinou o Decano.

— Não — disse, por fim —, ninguém tem tanta argila assim.

— Ele olhou em volta deles.

— Temos que descobrir de onde vem a maldita música.

— Onde os músicos estão escondidos, você quer dizer? — Acho que não há músicos.

— Tem que ter músicos, irmão — observou Reg. — É por isso que se chama música.

— Em primeiro lugar, isso não se parece com nenhuma música que eu já tenha escutado. Em segundo lugar, sempre achei que eram necessários lampiões a querosene ou velas para se ter luz. Aqui não tem nada disso e, ainda assim, tem luz brilhando por toda parte — disse Windle.

— Senhor Poons? — chamou Ludimila de novo, cutucando-o.

—Sim? — Estão vindo mais carrinhos.

Eles bloqueavam as cinco passagens que davam num espaço central.

— Não há nenhuma escada para baixo — observou Windle.

— Talvez esteja... ela esteja... em uma das partes de vidro — sugeriu Ludimila.

— Nas lojas? — Acho que não. Elas não parecem prontas. De todo modo, isso não está certo... Lupino rosnou. Os pregos cintilavam nos carrinhos da frente, mas eles não tinham pressa para atacar.

— Devem ter visto o que fizemos com os outros — comentou Artur.

—É. Mas como poderiam ter visto? Isso foi no andar de cima — disse Windle.

— Bem, talvez falem uns com os outros.

— Como podem falar? Como podem pensar? Não pode haver cérebro num monte de arames — duvidou Ludimila.

— As formigas e abelhas não pensam, nesse sentido — lembrou Windle. — São apenas controladas...

Ele olhou para cima. Eles olharam para cima.

— Está vindo de algum lugar no teto — ele continuou. — Temos que encontrá-la agora! — Há apenas painéis de luz — disse Ludimila.

— Outra coisa! Procurem por alguma coisa de onde ela poderia estar vindo! — Está vindo de todo lugar! — O que quer que esteja pensando em fazer — começou Doreen, pegando um vaso de planta e segurando-o como se fosse uma clava —, espero que faça rápido.

— O que é aquela coisa preta e redonda lá em cima? — perguntou Artur.

—Onde? — Ali — Artur apontou.

— Ok, Reg e eu vamos ajudá-lo a subir, venha...

— Eu? Mas eu não suporto lugares altos! — Achei que você pudesse se transformar num morcego.

— Sim, mas num morcego muito nervoso! — Pare de reclamar. Certo... um pé aqui, agora a mão aqui, coloque o pé sobre o ombro de Reg...

— E pare por aí — disse Reg.

— Não estou gostando disso! — Artur resmungou enquanto o erguiam. Doreen parou de encarar os carrinhos que se aproximavam aos poucos.

— Artur! Noblesse oblige!

— O quê? E alguma espécie de código de vampiros? — sussurrou Reg.

— Significa algo do tipo: um conde tem que fazer o que tiver que ser feito — respondeu Windle.

— Conde! — gritou Artur, balançando de modo arriscado. — Eu nunca devia ter escutado aquele advogado! Devia ter desconfiado que nada de bom pode sair de um envelope marrom e comprido! Eu não consigo alcançar essa coisa de jeito nenhum! — Você não pode pular? — sugeriu Windle.

— Você não pode cair morto? — Não.

— E eu não vou pular!

— Voe, então. Transforme-se num morcego e voe.

— Não consigo ganhar velocidade! — Vocês poderiam jogá-lo para o alto — disse Ludimila. — Sabe, como se fosse um dardo de papel.

— Para com isso! Eu sou um conde! — Acabou de dizer que não queria ser — observou Windle, num tom suave.

— No chão eu não quero ser, mas, se é para ser arremessado como se fosse um frisbee...

— Artur! Faça o que o senhor Poons está mandando! — Não vejo por que...

— Artur! Era surpreendente como Artur era pesado em forma de morcego. Windle o segurou pelas orelhas como se fosse uma bola de boliche disforme e tentou mirar.

— Lembre-se... eu sou uma espécie em extinção! — o conde guinchou quando Windle trazia o braço de volta.

Foi um lançamento preciso. Artur bateu as asas até o disco no teto e o segurou firme com as garras.

— Consegue tirá-lo do lugar? —Não! — Então segure firme e se transforme de novo.

—Não! — Nós pegamos você! —Não! — Artur! — gritou Doreen, cutucando com sua clava improvisada um carrinho que avançava.

—Ai, está bem.

Houve uma visão momentânea de Artur Piscadela se agarrando desesperadamente ao teto. Depois ele caiu sobre Windle e Reg com o disco apertado contra o peito.

A música parou de forma abrupta. Uma tubulação cor-de-rosa saiu pelo buraco arrebitado acima deles e caiu enrolada sobre Artur, fazendo-o parecer um prato muito barato de espaguete com almôndegas. Os chafarizes pareceram funcionar ao contrário por um momento e secaram.

Os carrinhos pararam. Os que estavam atrás bateram nos da frente, e houve um coro de fortes ruídos patéticos.

A tubulação ainda derramava para fora do buraco. Windle pegou uma parte. Tinha um tom de cor-de-rosa desagradável e era pegajosa.

— O que o senhor acha que é? — perguntou Ludimila.

— Eu acho que é melhor sairmos daqui agora. O chão tremeu.

O chafariz esguichou vapor.

— Ou até antes — acrescentou Windle.

O arquirreitor soltou um gemido. O Decano curvou-se para a frente. Os outros magos permaneciam eretos, mas só isso.

— Eles estão saindo — observou Ludimila. — Mas acho que não vão conseguir usar a escada.

— Acho que ninguém deveria pensar em usar a escada — disse Windle. — Olhe para ela.

Os degraus móveis não se moviam. A escada preta brilhava na iluminação sem sombras.

— Entendo o que quer dizer. Seria mais fácil andar em areia movediça.

— Seria provavelmente mais seguro.

— Será que tem uma rampa? Deve haver alguma passagem para os carrinhos se deslocarem.

— Boa ideia.

Ludimila encarou os carrinhos. Eles se moviam de forma confusa e sem rumo.

—Acho que tenho uma melhor ainda... — disse, e agarrou uma alça que passava por ela.

O carrinho resistiu por um momento e, por falta de qualquer instrução contrária, sossegou com obediência.

— Os que conseguirem andar vão andar, e os que não conseguirem serão empurrados. Vamos, vovô. — Isso foi dirigido ao Tesoureiro, que foi induzido a cair dentro do carrinho. Ele disse um

"yo" bem fraco e fechou os olhos novamente. O Decano foi colocado à força por cima dele. [23] — Agora, para onde? — perguntou Doreen.

Algumas placas do piso dobraram-se para cima. Um pesado vapor cinzento começou a emanar.

— Tem que ser para algum lugar no final do corredor — respondeu Ludimila.

— Vamos.

Artur olhou para baixo e viu a névoa se enrolando em volta dos seus pés.

— Como será que ela consegue fazer isso? É extremamente difícil conseguir um material que faça isso. Nós tentamos, sabe, deixar a nossa cripta mais... mais com cara de cripta, mas a casa só fica cheia de fumaça, e as cortinas pegam fogo...

— Vamos, Artur. Estamos indo.

— Não acham que causamos estragos demais, acham? Talvez seja melhor deixarmos um bilhete...

— É, eu posso escrever alguma coisa na parede, se quiserem — sugeriu Reg. Ele pegou a alça de um carrinho operário que se debatia e, com um pouco de satisfação, arrebentou-o contra uma pilastra até as rodas caírem. Windle viu o Clube do Recomeço Vigoroso seguir até o corredor mais próximo, empurrando uma variedade de magos em liquidação.

— Ora, ora, ora. Tão simples. Era tudo o que tínhamos que fazer. Quase nenhum drama.

Ele saiu andando e parou.

Tubos cor-de-rosa se arrastavam pelo chão e se enroscaram nas suas pernas. Mais placas do piso saltavam no ar. Os degraus se despedaçaram, revelando o tecido escuro, denteado e, acima de tudo, vivo que era o responsável pelo seu movimento. As paredes pulsavam e cediam para dentro, o mármore rachou e revelou o rosa e o roxo que estavam por baixo.

É claro, pensou uma pequena parte calma da mente de Windle, que nada disso é real de verdade. Prédios não são coisas vivas. Tudo não passa de uma metáfora, só que, no momento, as metáforas são como velas numa fábrica de fogos de artifício. Dito isso, que tipo de criatura é a Rainha? Como uma abelha rainha, só que também é a colmeia. Como uma mosca d'água, que constrói, se não me engano, uma concha com pedaços de pedras e outras coisas para se camuflar. Ou como um argonauta, que acrescenta coisas à sua concha na medida em que vai crescendo. E muito parecida, a julgar pelo modo como o chão está se rasgando, com uma estrela-do-mar muito nervosa. Como será que as cidades se defenderiam contra esse tipo de coisa? As criaturas geralmente desenvolvem alguma espécie de defesa contra predadores. Venenos, espinhos, ferrões e coisas assim.

Aqui e agora, eu provavelmente represento isso. O velho e espinhoso Windle Poons.

Pelo menos posso cuidar para que os outros saiam bem. Vamos fazer com que a minha presença seja notada...

Ele se abaixou, encheu as duas mãos com tubos pulsantes e puxou. O grito de fúria da Rainha foi ouvido até na Universidade. As nuvens da tempestade corriam na direção da colina. Elas se

acumularam formando rapidamente uma massa enorme. Relâmpagos soltavam clarões em algum lugar no centro.

— TEM MUITA VIDA POR AÍ. NÃO QUE EU ESTEJA EM CONDIÇÕES DE RECLAMAR. ONDE ESTÁ A CRIANÇA?

— Eu a coloquei na cama. Ela está dormindo. Só um sono comum.

Um raio caiu na colina, com um trovão. Ele foi seguido por um estrondo metálico violento em algum lugar entre eles e a colina.

Morte suspirou.

— AH. MAIS DRAMA.

Ele deu a volta no celeiro para obter uma boa visão dos campos escuros. A senhorita Flitworth o seguiu muito perto dos seus calcanhares, usando-o como um escudo contra qualquer que fosse o terror do lado de fora.

Um brilho azul estalou atrás de uma cerca viva distante. Estava se mexendo.

— O que é isso?

— ERA A CEIFADEIRA MISTA.

— Era? O que é agora? Morte olhou para os vigilantes que se aproximavam.

— UMA POBRE DERROTADA.

A Ceifadeira corria pelos campos encharcados, braços de pano zunindo e alavancas movendo-se dentro de um nimbo azul eletrizado. Os varais da máquina balançavam inutilmente no ar.

— Como ela pode andar sem cavalo? Ela estava com o cavalo, ontem!

— ELA NÃO PRECISA DE CAVALO.

Ele olhou para os vigilantes cinzentos. Havia fileiras deles.

— Pituco ainda está no quintal. Vamos!

—NÃO.

A Ceifadeira Mista acelerou na direção deles. O schip-chip das suas lâminas se transformou num lamento.

— Ela está brava porque você roubou a lona dela?

— NÃO FOI SÓ ISSO QUE EU ROUBEI.

Morte deu um sorriso largo para os vigilantes. Ele pegou a sua foice, virou as mãos e, quando tinha certeza de que olhavam fixamente para ele, deixou-a cair no chão. Depois cruzou os braços.

A senhorita Flitworth deu um puxão nele.

— O que você pensa que está fazendo?

— DRAMA.

A Ceifadeira chegou ao portão do quintal e o atravessou numa nuvem de poeira.

— Tem certeza de que vamos ficar bem? Morte acenou com a cabeça.

— Bom. Está tudo bem, então.

As rodas da Ceifadeira viraram um borrão.

— PROVAVELMENTE.

E então...

... alguma coisa no mecanismo, que fez "clonc".

Depois a Ceifadeira continuou andando, mas aos pedaços. Faíscas pulavam dos eixos. Algumas roscas e braços que conseguiram se manter fixos deram trancos violentos girando para fora da confusão lenta e atropelada. O círculo de lâminas se soltou, foi esmigalhado pelo maquinário e saiu deslizando pelos campos.

Houve um estrondo, um tilintar e o último boing isolado, equivalente sonoro do famoso par de botas cheio de fumaça.

E depois silêncio.

Morte abaixou-se com calma e pegou um fuso com uma aparência complicada que rodopiava perto dos seus pés. Ele tinha se dobrado formando um ângulo reto. A senhorita Flitworth espiou por trás dele.

— O que aconteceu?

— ACHO QUE O CAMELÍPTICO ESCORREGOU AOS POUCOS PELO EIXO DO EMBOLO E SE PRENDEU NA RANHURA DA ROSCA, COM RESULTADOS DESASTROSOS.

Morte lançou um olhar desafiador para os vigilantes cinzentos. Um a um, começaram a desaparecer. Ele pegou a foice.

— AGORA TENHO QUE IR.

A senhorita Flitworth estava horrorizada.

— O quê? Assim, sem mais nem menos?

— SIM. EXATAMENTE ASSIM. TENHO MUITO TRABALHO A FAZER.

— E não vou mais vê-lo? Quer dizer...

— AH, SIM. EM BREVE. — Ele procurou as palavras certas e desistiu. — PROMETO.

Morte puxou o manto para cima e pôs a mão no bolso do seu macacão de José Porta, que ainda usava por baixo.

— QUANDO O SENHOR SIMNEL VIER JUNTAR OS PEDAÇOS, AMANHÃ DE MANHÃ, PROVAVELMENTE PROCURARÁ ISTO — ele disse, e soltou uma coisa pequena e chanfrada na mão dela.

— O que é isto? — UMA EMBRIOCA DE TRÊS OITAVOS.

Morte andou até o cavalo e se lembrou de alguma coisa.

— E ELE ME DEVE UM QUARTO DE PENNY.

Ridcully abriu um olho. As pessoas andavam de um lado para o outro confusas. Havia luzes e agitação. Muitas pessoas falavam ao mesmo tempo. Ele parecia estar sentado num carrinho de bebê muito desconfortável, com estranhos insetos zunindo em volta.

Podia ouvir o Decano reclamando, gemidos que só poderiam vir do Tesoureiro e a voz de uma moça. As pessoas eram atendidas, mas ninguém prestava atenção nele. Bem, se atendiam as pessoas, também seria atendido, sim. Ele tossiu alto.

— Vocês poderiam experimentar — disse para o mundo cruel de forma geral — colocar um pouco de conhaque entre os meus lábios.

Uma aparição surgiu acima dele segurando uma lamparina sobre a cabeça. Era um rosto tamanho M dentro de uma pele tamanho GG. E disse: — Oook? — parecendo preocupado.

— Ah, é você — disse Ridcully. Ele tentou se sentar rápido, com medo de que o Bibliotecário tentasse a respiração boca a boca.

Lembranças confusas agitavam-se em seu cérebro. Conseguia se lembrar de um muro de metal tilintante, e depois tudo co-de-rosa, e... música. Música sem fim, projetada para transformar o cérebro vivo em requeijão.

Ele se virou. Havia um prédio atrás dele cercado por uma multidão de pessoas. Era atarracado e se prendia ao solo de maneira estranhamente animal, como se fosse possível que uma ala do prédio se erguesse e houvesse o pop, pop, pop de ventosas se soltando. Uma luz jorrava para fora dele e um vapor saía pelas suas portas.

— Ridcully acordou! Apareceram mais rostos. Ridcully pensou: não é Noite do Bolinho das Almas, então não estão usando máscaras. Ah, droga. Atrás deles, ouviu o Decano dizer: — Voto para que a gente prepare o Reorganizador Sísmico de Herpétio e o arremesse pela porta. Chega de problemas.

—Não! Estamos perto demais dos muros da cidade. Só precisamos deixar o Ponto Atrator de Antigum no lugar certo...

— Ou a Surpresa Incendiária de Pulafossa, quem sabe? — Essa era a voz do Tesoureiro. — Queima tudo, é a melhor maneira...

— Ah, é? Ah, é? E o que você sabe sobre tática militar? Você nem sabe dizer "yo" direito! Ridcully segurou as laterais do carrinho.

— Alguém se importaria em me dizer que p... que caca está acontecendo? Ludimila abriu caminho entre os membros do Clube do Recomeço Vigoroso.

— Você tem que impedi-los, arquirreitor! Eles estão falando em destruir a loja grande! Mais recordações desagradáveis instalaram-se na mente de Ridcully.

— Boa ideia.

— Mas o senhor Poons ainda está lá dentro! Ridcully tentou focalizar o prédio iluminado.

— O que, o falecido Windle Poons? — Artur voltou voando quando percebemos que ele não estava conosco e disse que Windle lutava com alguma coisa que tinha saído das paredes! Vimos muitos carrinhos, mas eles não se incomodaram conosco! Ele nos ajudou a sair!

— O quê, o falecido Windle Poons?

— Não pode usar magia para fazer o lugar em pedaços com um dos seus magos lá dentro!

— O que, o falecido Windle Poons?

—Sim!

— Mas ele está morto. Não está? Ele disse que estava.

— Ha! — exclamou alguém que tinha bem menos pele do que Ridcully gostaria que tivesse. — Típico. Isso é vitalismo descarado, isso sim. Aposto que salvariam alguém lá de dentro, se a pessoa estivesse viva.

— Mas ele queria... ele não tinha muito interesse em... ele... — Ridcully começou. Tudo estava muito além dele, mas para pessoas como Ridcully isso não importava. Ridcully era uma pessoa simplória. O que não significa burro. Significa apenas que só conseguia pensar direito sobre as coisas se cortasse todos os pedaços complicados das extremidades.

Ele se concentrou no único fato principal. Alguém que era, tecnicamente, um mago se encontrava em perigo. Ele conseguia se identificar com a situação. Era familiar. Esse negócio todo de vivo ou morto poderia esperar.

Mas tinha outra questão menor que o incomodava.

— ... Artur?... voou?...

—Olá.

Ridcully virou a cabeça. E piscou devagar.

— Belos dentes, hein.

— Obrigado — agradeceu Artur Piscadela.

— São todos seus, é?

— Ah, sim.

— Impressionante. Imagino que escove regularmente, claro.

— Sim?

— Higiene. É o mais importante.

— Então, o que você vai fazer? — perguntou Ludimila.

— Bom, vamos entrar lá e trazer ele — respondeu Ridcully. O que é que tinha aquela garota? Ele sentiu um impulso estranho de passar a mão na cabeça dela. — Vamos arrumar alguma magia e tirar ele de lá. Sim. Decano! —Yo! — Vamos entrar lá e pegar o Windle.

— Quê? — disse o Orador da Classe. — Vocês devem estar loucos! Ridcully tentou parecer o mais cheio de dignidade possível, dada a situação.

— Lembre-se de que sou o seu arquirreitor! — gritou.

— Então o senhor deve estar louco, arquirreitor! — insistiu o Orador da Classe. Ele baixou o volume da voz. — Além do mais, ele é um morto-vivo. Não sei como se pode salvar a vida de um morto0vivo. É uma espécie de contradição em termos.

— Uma dicotomia — explicou o Tesoureiro, tentando ajudar.

— Ah, acho que não requer procedimento cirúrgico.

—De todo modo, nós não tínhamos enterrado ele? — perguntou o Conferencista sobre Runas Recentes.

— E agora vamos desenterrá-lo de volta — disse o arquirreitor.
— E provavelmente um milagre da existência.

— Como o picles — emendou o Tesoureiro, contente.

Nem os membros do Clube do Recomeço Vigoroso sabiam o que pensar.

— Eles fazem isso em algumas regiões de Howandaland — explicou o Tesoureiro. — Fazem uns potes grandes, grandes mesmo, de um pickles especial e enterram no solo por meses para fermentar. O resultado é uma maravilha picante...

— Me diz uma coisa — Ludimila sussurrou para Ridcully. — É assim que os magos geralmente se comportam? — O Orador da Classe é um exemplo magnífico. Tem o mesmo alcance imediato da realidade que um desenho recortado no papelão. Fico orgulhoso de ter ele no time. — Ele esfregou as mãos. — Ok, rapazes. Voluntários? — Yo! Aê! — bradou o Decano, que já estava num mundo completamente diferente.

— Seria negligente, no meu encargo, se deixasse de ajudar um irmão — ofereceu-se Reg Shoe.

— Ook.

— Você? Não podemos levar você — disse o Decano, encarando o Bibliotecário. — Você não sabe nada sobre táticas de guerrilha.

— Ook! — insistiu o Bibliotecário, fazendo um gesto surpreendentemente compreensível para indicar que, por outro lado, o que ele não sabia sobre táticas de orangotango poderia muito bem ser escrito nos restos socados e muito reduzidos, por exemplo, do Decano.

— Quatro de nós deve ser o suficiente — ponderou o arquirreitor.

— Eu nunca sequer o ouvi dizer "Yo" — murmurou o Decano. Ele tirou o chapéu — algo que os magos normalmente não fazem, a menos que queiram tirar algo de dentro — e o entregou para o

Tesoureiro. Depois rasgou uma tira fina da barra do manto, segurou-a com as duas mãos num gesto dramático e a amarrou na testa.

— Faz parte do ethos — explicou, em resposta à pergunta muda e penetrante dos outros. — É o que os guerreiros do Continente Contrapeso fazem antes de ir para a batalha. E tem que gritar... — Ele tentou se lembrar de alguma leitura remota. — ... é... bonsai. E. Bonsai! — Eu achava que isso significava cortar partes das árvores para elas ficarem pequenas — observou o Orador da Classe.

O Decano hesitou. Ele não tinha muita certeza, para dizer a verdade. Mas um bom mago nunca deixava a incerteza se tornar um empecilho.

— Não, é definitivamente bonsai. — Ele pensou um pouco mais e se animou.

— Porque tudo isso faz parte do bushido. Tipo... árvores pequenas. Bush-i-do. É. Faz sentido, se você parar pra pensar. [24] — Mas você não pode gritar "bonsai!" aqui — disse o Conferencista sobre Runas Recentes. — Temos uma formação cultural totalmente diferente. Seria inútil. Ninguém saberia o que você quer dizer.

— Vou tentar dar um jeito. — Ele notou Ludimila parada com o queixo caído.

— Isso é conversa de mago.

— É, é mesmo? — ironizou Ludimila. — Eu nunca teria imaginado. O arquirreitor tinha saído do carrinho e começou a experimentar empurrá-lo para trás e para frente. Geralmente levava um bom tempo para que uma ideia nova se assentasse por completo na mente de Ridcully, mas ele sentiu de modo instintivo que havia

muitas utilidades diferentes para um cesto de arame com quatro rodas.

— Nós vamos ou ficaremos aqui parados a noite toda fazendo curativos nas nossas cabeças?

— Yo! — gritou o Decano.

— Yo? — disse Reg Shoe.

— Ook!

— Isso foi um yo? — perguntou o Decano, desconfiado.

— Ook.

— Bom... está bem, então.

Morte permanecia sentado no alto de uma montanha. Não era especialmente alta, nem deserta, nem sinistra. Não era um lugar onde bruxas nuas participavam de sabás. As bruxas do Disco em geral não aceitavam tirar mais roupa do que o absolutamente necessário para o trabalho a ser realizado. Não havia assombrações ali. Nenhum homenzinho nu sentado no topo distribuindo sabedoria, porque a primeira coisa que o homem verdadeiramente sábio descobre é que ficar muito tempo sentado no alto de uma montanha pode causar não apenas hemorroida, mas hemorroida congelada. De vez em quando, as pessoas subiam a montanha e acrescentavam uma ou duas pedras ao marco no topo, pelo menos para provar que não há nada realmente estúpido que os humanos não façam.

Morte sentou-se no marco e passou uma pedra pela lâmina da foice com afagos longos e calculados.

Houve uma movimentação no ar. Três servidores cinzentos passaram a existir de repente.

Um deles disse: "Você acha que venceu?" Um deles disse: "Você acha que triunfou?" Morte virou a pedra na mão para usar uma superfície nova e a desceu ao longo do comprimento da lâmina.

Um deles disse: "Informaremos Azrael".

Um deles disse: "Você só é, afinal, um pouco Morte". Morte ergueu a lâmina contra a luz do luar, virando-a de um lado para o outro, observando o jogo de luz nos pontinhos minúsculos do metal perto do corte. Depois se levantou num único movimento rápido. Os servidores recuaram correndo.

Ele estendeu o braço na velocidade de uma cobra e agarrou um manto, puxando o capuz vazio na altura das próprias órbitas oculares.

— VOCÊ SABE POR QUE O PRISIONEIRO DA TORRE OBSERVA O VOO DOS PÁSSAROS? — perguntou.

O servidor disse: "Tire as suas mãos de mim... opa..." Uma chama azul brilhou por um instante.

Morte baixou a mão e olhou para os outros dois.

Um deles disse: "Isso não vai acabar assim".

Eles desapareceram.

Morte tirou uma partícula de cinza do seu manto e fincou os pés no topo da montanha. Ergueu a foice acima da cabeça com as duas mãos e convocou todos os Mortes inferiores que haviam surgido na sua ausência.

Após algum tempo, eles subiram a montanha correndo numa onda negra e indistinta.

Reuniram-se fluindo como um mercúrio escuro.

Isso durou bastante tempo e depois parou.

Morte baixou a foice e se examinou. Sim, todos ali. Mais uma vez, ele era o Morte, contendo todos os mortes do mundo. Exceto...

Por um momento, hesitou. Havia uma pequenina área vazia em algum lugar, um fragmento da sua alma, algo que não tinha explicação...

Não conseguia ter certeza do que era.

Deu de ombros. Sem dúvida, descobriria. Enquanto isso, havia muito trabalho a ser feito...

Ele saiu galopando.

Longe dali, na sua toca debaixo do celeiro, o Morte dos Ratos relaxou a pata com que se segurava firmemente a uma viga.

Windle Poons pisou com força, com os dois pés, num tentáculo que serpenteava para fora do piso e saiu andando aos trancos no meio do vapor. Uma placa de mármore despedaçou-se no chão, cobrindo-o de fragmentos. Ele chutou a parede violentamente. Provavelmente não havia nenhuma saída, percebeu, e mesmo se houvesse não conseguiria encontrar. De todo modo, já estava dentro da coisa. Ela derrubava as próprias paredes na tentativa de atingi-lo. Ao menos poderia causar nela um estado muito ruim de indigestão.

Ele foi em direção a um orifício que tinha sido a entrada para um corredor amplo e mergulhou desajeitadamente por ele pouco antes de o orifício se fechar de repente. Um fogo prateado estalava pelas paredes. Havia tanta vida ali que não era possível contê-la. Ainda havia alguns carrinhos deslizando furiosamente pelo chão trêmulo, tão perdidos quanto Windle.

Ele correu por mais um espaço com provável aparência de corredor, embora a maioria dos corredores que tinha visto nos

últimos 130 anos não pulsasse nem gotejasse tanto.

Mais um tentáculo atravessou a parede e deu uma rasteira nele. É claro que não poderia matá-lo. Mas poderia deixá-lo sem corpo. Como o velho Um-HOMEM-BALDE. Um destino pior que a morte, certamente.

Ele se levantou. O teto caiu com tudo em cima dele, achatando-o contra o chão. Contou em voz baixa e saiu numa corrida desenfreada. O vapor o cobriu por inteiro.

Escorregou mais uma vez e estendeu as mãos.

Era possível sentir que perdia o controle. Havia coisas demais para operar. Não dava sequer para pensar no baço. Apenas para manter o coração e os pulmões funcionando era preciso muito esforço...

— Topiaria!

— Que diabos você quer dizer?

— Topiaria! Sacou? Yo!

— Ook! Windle olhou para cima com olhos perplexos.

Ah. É claro que perdia o controle do cérebro também.

Um carrinho aproximou-se de lado, saindo do vapor, com vultos indistintos segurando-se nas laterais. Um braço peludo e um braço que quase já não era mais um braço foram estendidos, cataram Windle juntos e jogaram-no dentro da cesta. Quatro rodinhas minúsculas derraparam no chão, o carrinho bateu na parede e voltou, depois se endireitou e saiu chacoalhando.

Windle notou vagamente as vozes deles.

— Manda ver, Decano. Eu sei que você aguardava ansioso. — Era a voz do arquirreitor.

—Yo! — Você vai matar a coisa totalmente? Não quero que ela vá parar no Clube do Recomeço Vigoroso. Acho que não é muito sociável. — Essa era de Reg Shoe.

— Oook! — Essa era do Bibliotecário.

— Não se preocupe, Windle. O Decano fará algo militar, parece — observou Ridcully.

—Yo!Aê!

— Ai, minha nossa.

Windle viu a mão do Decano passar circulando com alguma coisa brilhante.

— O que você vai usar? — perguntou Ridcully, enquanto o carrinho disparava no meio do vapor. — O Reorganizador Sísmico, o Ponto Atrator ou a Surpresa Incendiária?

— Yo — respondeu o Decano com satisfação.

— O quê, os três juntos?

—Yo!

— Isso é ir um pouco longe demais, não? Aliás, se você disser "yo" mais uma vez, Decano, eu o expulsarei da Universidade pessoalmente e cuidarei para que seja perseguido até a borda do mundo pelos demônios mais refinados que a taumaturgia puder evocar, seja feito em pedacinhos minúsculos, picado, transformado numa mistura semelhante ao bife tártaro e jogado no prato de um cachorro.

— Y... — o Decano olhou Ridcully nos olhos. — Ih. Ô arquirreitor, para com isso, vai. De que adianta termos o domínio do equilíbrio cósmico e conhecermos os segredos do destino se não pudermos explodir alguma coisa? Por favor? Já preparei tudo. Sabe

como o inventário fica desordenado quando não usamos as coisas depois de tudo preparado... O carrinho subiu uma rampa trêmula e encostou duas rodas num canto.

— Ah, está bem. Se significa tanto para você.

— Y... desculpe.

O Decano começou a murmurar rápido e em voz baixa, e depois gritou.

— Fiquei cego!

— A sua faixa de bonsai escorregou pros olhos, Decano. Windle suspirou.

— Como se sente, irmão Poons? — As feições deterioradas de Reg Shoe taparam a visão de Windle.

— Ah, sabe como é. Poderia estar melhor, ou pior.

O carrinho ricocheteou numa parede e seguiu aos trancos em outra direção.

— E essas magias, Decano, saem ou não saem? — perguntou Ridcully, entre dentes.

— Estou com sérias dificuldades para controlar esta coisa. O Decano murmurou mais algumas palavras e balançou as mãos de modo dramático. Uma chama octarina esguichou da ponta dos seus dedos e enterrou-se em algum lugar do nevoeiro.

— Yee-haa! — gritou de alegria.

— Decano?

— Sim, arquirreitor?

— O comentário que fiz há pouco sobre a palavra com "y"...

— Sim? Sim?

— Você pode com certeza incluir "yee-haa" também. O Decano baixou a cabeça.

— Ah. Tá bom, arquirreitor.

— E por que não explodiu tudo? — Coloquei um ligeiro atraso, arquirreitor. Achei que talvez a gente queira sair antes de acontecer.

— Bem pensado, homem.

— Vamos tirá-lo logo daqui, Windle — disse Reg Shoe. — Não deixamos a nossa gente na pior. Isto não é...

Então o chão subiu num estouro na frente deles.

Depois, atrás.

A coisa que surgiu debaixo do piso quebrado ou não tinha forma ou tinha muitas formas ao mesmo tempo. Ela se retorcia de raiva, tentando abocanhá-los com os seus tubos. O carrinho parou inclinado.

— Tem mais alguma magia, Decano? — E... não, arquirreitor.

— E as que você acabou de dizer que vão atrasar... ? — A qualquer segundo, arquirreitor.

— Então... o que quer que possa acontecer... acontecerá com a gente? — Sim, arquirreitor.

Ridcully passou a mão na cabeça de Windle.

— Sinto muito.

Windle virou-se com um movimento desajeitado para olhar o corredor. Havia alguma coisa atrás da Rainha. Parecia uma porta de quarto totalmente normal avançando numa série de pequenos passos, como se alguém a empurrasse com cuidado.

— O que é aquilo? — perguntou Reg. Windle ergueu-se o máximo que pôde.

— Schleppel!

— Ah, qual é — duvidou Reg.

— É Schleppel! — gritou Windle. — Schleppel! Somos nós! Pode nos ajudar? A porta parou. Depois foi atirada para o lado. Schleppel se esticou até ficar na sua altura real.

— Olá, senhor Poons. Olá, Reg.

Eles ficaram olhando para a forma peluda que quase preenchia roda a passagem.

— É... Schleppel... é... você poderia abrir passagem para nós?

— Windle pediu com a voz trêmula.

— Sem problemas, senhor Poons. Qualquer coisa por um amigo. Uma mão do tamanho de um carrinho de mão deslizou pelo vapor e dilacerou a obstrução, arrancando-a com facilidade incrível.

— Ei, olhe para mim! Você tem razão. Um bicho-papão precisa de uma porta tanto quanto um peixe precisa de uma bicicleta! Diga agora, e diga em voz alta: Eu sou...

— Agora poderia sair da frente, por favor?

— Claro, claro. Uau! — Schleppel deu mais um golpe na Rainha. O carrinho saiu disparado.

—É melhor você vir com a gente — Windle gritou, enquanto Schleppel desaparecia na névoa.

— Não, ele não deveria — começou o arquirreitor, enquanto seguiam a toda velocidade. — Acredite em mim. O que era aquilo?

— Ele é um bicho-papão — respondeu Windle.

— Achei que eles só ficavam em armários e coisas do tipo — gritou Ridcully.

— Ele saiu do armário — observou Reg Shoe, com orgulho.

— E se encontrou.

— Desde que a gente perca ele.

— Não podemos simplesmente deixá-lo...

— Podemos! Podemos! — gritou Ridcully.

Houve um som atrás dele que parecia uma explosão de gás metano. Um jato de luz verde passou por eles.

— Os encantos estão começando a entrar em ação! — gritou o Decano. — Rápido! O carrinho passou zunindo pela entrada e saiu voando pela noite fria, com as rodas guinchando.

— Yo! — berrou Ridcully, quando viu a multidão se dispersando na frente deles.

— Isso significa que eu posso dizer yo também? — perguntou o Decano.

— Está bem. Só uma vez. Todo mundo pode dizer só uma vez.

—Yo! — Yo! — repetiu Reg Shoe.

— Ook!

— Yo! — disse Windle Poons.

— Yo! — emendou Schleppel.

(Em algum lugar na escuridão, onde a multidão estava mais esparsa, a silhueta esquelética do senhor Ixolita, o último banshee sobrevivente no mundo, aproximou-se com cautela do prédio que estremecia e empurrou um bilhete timidamente por baixo da porta. Estava escrito: OOOeeeOOOeeeOOOeee.) O carrinho foi cavando um sulco até fazer uma parada muito definitiva. Ninguém se virou. Reg disse, devagar: — Você está atrás de nós, certo? — Isso mesmo, senhor Shoe — respondeu Schleppel, contente.

— Devemos nos preocupar quando ele vier para a frente? — perguntou Ridcully — Ou é pior porque sabemos que ele está atrás de nós?

— Ha! Chega de armários e porões para este papão — disse Schleppel.

— É uma pena, porque temos uns porões muito grandes na Universidade — comentou Windle Poons rapidamente.

Schleppel ficou em silêncio por algum tempo. Depois disse, num tom de voz investigativo.

— Muito grandes?

— Enormes.

— É? Com ratos?

— Os ratos não são nem o começo. Há demônios fugitivos e todo tipo de coisa lá embaixo. São infestados de coisas.

— O que você está fazendo? — perguntou Ridcully.

— Você está falando dos nossos porões!

— Você preferiria que ele ficasse debaixo da sua cama? — murmurou Windle.

— Ou andando atrás de você? Ridcully concordou com um aceno forte e rápido.

— Nossa, é mesmo, aqueles ratos estão realmente ficando fora de controle lá embaixo — disse alto. — Alguns deles... nossa, têm meio metro de comprimento, não acha, Decano?

— Quase um metro. No mínimo.

— Gordos feito manteiga também — emendou Windle. Schleppel parou para pensar nisso.

— Bom, está bem — ponderou, relutante. — Talvez eu vá perambular lá para dar uma olhada neles.

A grande loja explodiu e implodiu ao mesmo tempo, o que é quase impossível de se conseguir sem um enorme orçamento para efeitos especiais ou três encantos funcionando uns sobre os outros. Deu a impressão de uma vasta nuvem em expansão, mas, ao mesmo tempo, afastando-se tão rápido que o efeito geral foi de um ponto se contraindo. As paredes dobraram-se e foram sugadas para dentro. A terra fendeu nos campos em ruínas e espiralou, formando um redemoinho. Houve um estrondo violento de antimúsica que silenciou quase instantaneamente.

Depois nada, a não ser um campo lamacento.

*Liquidação de queima de estoque
Tudo com desconto!*

E, flutuando no céu matinal feito neve, milhares de flocos brancos. Eles deslizaram em silêncio pelo ar e pousaram sobre a multidão.

— Não é um plantio, é? — perguntou Reg Shoe.

Windle pegou um dos flocos. Era um retângulo irregular, áspero e bruto. Era quase possível, com algum grau de imaginação, ler nele as palavras: — Não. Provavelmente não.

Ele relaxou e sorriu. Nunca era tarde demais para se viver bem. E, quando ninguém olhava, o último carrinho remanescente no Disco saiu chacoalhando com tristeza no esquecimento da madrugada, perdido e solitário. [25]

— Pocogrífí! A senhorita Flitworth estava sentada na cozinha.

Lá de fora, conseguia ouvir os ruídos desesperados de Ned Simnel e seu aprendiz catando os restos emaranhados da Ceifadeira Mista. Outras pessoas teoricamente ajudavam, mas na verdade aproveitavam a oportunidade para dar uma olhada no local. Ela fizera uma bandeja de chá e deixara com eles.

Agora estava sentada com o queixo nas mãos, olhando para o nada. Houve uma batida na porta aberta. Batoque pôs o rosto vermelho para dentro da cozinha.

— Por favor, senhorita Flitworth...

—Hum? — Por favor, senhorita Flitworth, tem um esqueleto de cavalo andando pelo celeiro! Está comendo feno! — Como? — E o feno está caindo pelos ossos! — Sério? Vamos ficar com ele, então. Pelo menos será barato alimentá-lo. Batoque ainda ficou por perto, retorcendo o chapéu na mão.

— Você tá bem, senhorita Flitworth?

— Você tá bem, senhor Poons? Windle olhava para o nada.

— Windle? — insistiu Reg Shoe.

—Hum? — O arquirreitor acabou de perguntar se quer uma bebida.

— Ele gostaria de um copo de água filtrada — disse a senhora Bolinho.

— O que, só água? — perguntou Ridcully.

— É o que ele quer — respondeu a senhora Bolinho.

— Eu gostaria de um copo de água filtrada, por favor — pediu Windle. A senhora Bolinho parecia presunçosa. Ao menos o que dava para ser visível dela parecia presunçosa, que era a parte entre o Chapéu e a bolsa, uma espécie de complemento do chapéu tão

grande que, quando ela sentava apertando-a no colo, tinha que estender os braços para segurar as alças. Quando soube que sua filha fora convidada para ir à Universidade, ela foi também. A senhora Bolinho sempre presumia que um convite para Ludimila era um convite para a mãe de Ludimila. Mães como ela existem em todo lugar e, aparentemente, não se pode fazer nada a respeito.

Os membros do Clube do Recomeço Vigoroso eram entretidos pelos magos e tentavam fingir que se divertiam bastante. Tratava-se de uma daquelas ocasiões problemáticas com silêncios demorados, tosses esporádicas e pessoas dizendo frases isoladas como: "E... isso não é ótimo?" — Você pareceu meio perdido, Windle, por um momento — observou Ridcully.

— Só estou um pouco cansado, arquirreitor.

— Achei que vocês, zumbis, nunca dormissem.

— Mesmo assim estou cansado.

— Tem certeza de que não gostaria que fizéssemos mais uma tentativa com o enterro e tudo o mais? Poderíamos fazer direito, desta vez.

— Muito obrigado, mas não. Não sirvo para esta vida de morto-vivo, acho. — Windle olhou para Reg Shoe. — Sinto muito. Não sei como você consegue. — Ele deu um sorriso para se desculpar.

— Você tem todo o direito de estar vivo ou morto, como escolher — disse Reg seriamente.

— Um-Homem-Balde disse que as pessoas estão voltando a morrer direito — comentou a senhora Bolinho. — Talvez você possa marcar uma consulta. Windle olhou em volta.

— Ela foi levar o seu cachorro para passear — adiantou-se a senhora Bolinho.

— Onde está Ludimila? — ele perguntou.

Windle deu um sorriso sem jeito. As premonições da senhora Bolinho eram às vezes muito desgastantes.

— Seria bom saber que Lupino tem alguém para cuidar dele, se eu... me for. Será que a senhora poderia ficar com ele? — Bemmm — começou a senhora Bolinho, incerta.

— Mas ele é... — Reg Shoe começou e, depois, viu a expressão de Windle.

— Devo admitir que seria um alívio ter um cão em casa — comentou a senhora Bolinho. — Estou sempre preocupada com Ludimila. Tem tanta gente estranha por aí.

— Mas a sua fil... — Reg Shoe começou mais uma vez.

— Cala o boca, Reg — interrompeu Doreen.

— Está tudo acertado, então. E a senhora tem alguma calça? — O quê? — Alguma calça em casa? — Bem, acho que tenho algumas que pertenciam ao falecido senhor Bolinho, mas por quê...

— Desculpe. Estava delirando. Não sei o que estou dizendo, na maior parte do tempo.

— Ah — disse Reg, entusiasmado. — Entendi. O que você está dizendo é que quando ele...

Doreen o cutucou com força.

— Oh. Desculpe. Não ligue para mim. Eu esqueceria a minha própria cabeça, se ela não estivesse costurada.

Windle recostou-se e fechou os olhos. Escutava um ou outro fragmento das conversas. Ouviu Artur Piscadela perguntando ao

arquitreitor quem fizera a sua decoração e onde a Universidade comprava legumes e verduras. Ouviu o Tesoureiro resmungando sobre o custo para exterminar todos os palavrões que tinham conseguido, de alguma forma, sobreviver às mudanças recentes e haviam estabelecido residência na escuridão do telhado. Podia até, quando forçava sua audição perfeita, ouvir os gritos de Schleppeel nos porões distantes.

Eles não precisavam dele. Finalmente. O mundo não precisava de Windle Poons. Ele se levantou em silêncio e foi andando aos trancos até a porta.

— Vou dar uma saída. Pode ser que demore.

Ridcully acenou sem prestar muita atenção e se concentrou no que Artur tinha a dizer sobre como o Grande Salão poderia ser totalmente transformado com papel de parede com efeito de pinho.

Windle saiu, fechou a porta e encostou-se na parede grossa e fria. Ah, sim. Tinha mais uma coisa.

— Você está aí, Um-Homem-Balde? — perguntou calmamente.

como é que você sabia? — Você geralmente está por perto.

he, he, você vai causar um verdadeiro problema lá! sabe o que vai acontecer na próxima lua cheia? — Sim, sei. E acho que, de alguma forma, eles também sabem. *mas ele vai se transformar num homem-lobo.*

— Sim, e ela vai se transformar numa mulher-loba.

sim, mas que espécie de relacionamento se pode ter em uma semana por mês? — Talvez, no mínimo, a mesma chance de ser feliz que a maioria das pessoas tem. A vida não é perfeita, Um-Homem-Balde.

tá dizendo isso pra mim? — Agora, posso te fazer uma pergunta pessoal? É que eu tenho que saber... hm.

— Afinal, você recebeu o plano astral de volta para você.

ah, está bem.

— Por que você se chama Um...

só isso? achei que você seria capaz de desvendar essa, um homem inteligente como você. Na minha tribo temos a tradição de dar nomes conforme a primeira coisa que a mãe vê quando olha para fora da tenda depois de dar à luz. é a forma abreviada de Um-Homem-Jogando-um-Balde-de-Agua-em-Dois-Cachorros.

— É muita falta de sorte.

não é tão ruim — começou Um-Homem-Balde. — você tinha que ter pena do meu irmão gêmeo, ela olhou para fora dez segundos antes de mim para dar o nome a ele. Windle Poons parou para pensar.

— Não diga, deixa eu adivinhar. Dois-Cachorros-Brigando? Dois-Cachorros-Brigando? Dois-Cachorros-Brigando? brigando?— disse Um-Homem-Balde. — ele teria dado o braço direito para se chamar Dois-Cachorros-Brigando.

Um pouco mais tarde a história de Windle Poons realmente chegou ao fim, se "história" significar tudo o que ele fez, causou e movimentou. Na aldeia de Ramtop, onde se dança a verdadeira dança de Morris, por exemplo, só acreditam que a pessoa finalmente morreu quando a agitação que ela causou no mundo se acaba — quando acaba a corda do relógio em que ela deu corda, quando o vinho que ela fez acaba de fermentar, quando a plantação dela é

colhida. A duração da vida de uma pessoa, dizem, é apenas o núcleo da sua verdadeira existência.

Enquanto caminhava pela cidade enevoada para ir a um compromisso que aguardava desde que nasceu, Windle sentiu-se capaz de prever esse último final. Seria algumas semanas depois, quando a lua estivesse cheia novamente. Uma espécie de cláusula adicional ou apêndice da vida de Windle Poons — nascido no ano do Triângulo Significativo no Século dos Três Piolhos (ele sempre preferiu o calendário anterior, com seus nomes antigos, a toda essa contagem moderna de hoje) e falecido no ano da Serpente Quimérica no Século do Morcego de Frutas, mais ou menos. Haveria dois vultos correndo pelo terreno pantanoso ao luar. Nem inteiramente lobos, nem inteiramente humanos. Com um pouco de sorte, aproveitariam as vantagens das duas experiências. Não apenas sentir... mas saber.

Sempre é melhor ter os dois.

Morte sentou-se na cadeira do seu escritório sombrio com as mãos em forma de torre na frente do rosto.

De vez em quando, girava a cadeira para trás e voltava para a frente. Albert trouxe uma xícara de chá para ele e saiu com uma ausência de som diplomática.

Restara uma ampulheta sobre a mesa de Morte. Ele ficou olhando para ela. Gira, gira. Gira, gira.

Do lado de fora, no corredor, o grande relógio fazia tique-taque, matando o tempo.

Morte tamborilava os dedos esqueléticos na madeira cheia de cicatrizes da mesa. Na sua frente, empilhadas com marcadores improvisados entre as páginas, repousavam as vidas de alguns dos grandes amantes do Disco. [26] Suas experiências de vida um tanto repetitivas não tinham ajudado em nada.

Ele se levantou, aproximou-se de uma janela e olhou para o seu domínio obscuro, apertando e soltando as mãos atrás das costas.

Então apanhou a ampulheta e saiu do escritório a passos largos. Pituco esperava no ar abafado dos estábulos. Morte pôs a sela nele rápido, o levou para o pátio e saiu cavalcando pela noite, na direção da joia brilhante e distante do Disco.

Ele aterrissou em silêncio na fazenda, ao pôr do sol.

Flutuou através de uma parede.

Chegou ao pé de uma escadaria.

Ergueu a ampulheta e observou o escoamento do Tempo.

Então parou. Precisava saber algo. José Porta tinha curiosidade em relação às coisas, e ele conseguia se lembrar de tudo sobre ser José Porta. Conseguia olhar para as emoções e vê-las expostas como borboletas presas sobre cortiça embaixo de um vidro. José Porta estava morto, ou ao menos interrompera sua breve existência. Mas — o que era aquilo? — a vida verdadeira de uma pessoa era apenas o núcleo da sua existência real? José Porta se fora, mas deixara ecos. A memória de José Porta ainda merecia mais alguma coisa.

Morte sempre se perguntara por que as pessoas colocam flores nos túmulos. Não fazia nenhum sentido. Os mortos encontravam-se além do alcance do perfume das rosas, afinal. Mas agora... não que

ele sentisse que compreendia, mas sentia que havia algo ali passível de ser compreendido.

Na escuridão por trás das cortinas da saia de visitas da senhorita Flitworth, uma forma ainda mais escura se movia pelo breu, em direção a três baús sobre a cômoda. Morte abriu um dos menores. Estava cheio de moedas de ouro. Davam a impressão de que nunca tinham sido tocadas. Experimentou o outro baú pequeno. Também cheio de ouro.

Ele esperava mais da senhorita Flitworth, embora provavelmente nem José Porta teria chegado a saber o quê.

Tentou o baú grande.

Havia uma camada de papel de seda. Sob o papel, alguma coisa branca sedosa, uma espécie de véu, agora amarelado e quebradiço pelo efeito do tempo. Olhou sem entender e colocou tudo aquilo de lado. Havia sapatos brancos. Nada práticos para o uso na fazenda, achou. Não era de se admirar que estivessem embrulhados e guardados. Havia mais papei: um maço de cartas amarradas. Ele as colocou em cima do véu. Nunca era possível tirar proveito do que os humanos diziam uns aos outros – a linguagem estava lá apenas para esconder seus sentimentos. Então havia, bem no fundo, uma caixa menor. Ele a retirou e a virou de um lado para o outro. Depois apertou o pequeno trinco e ergueu a tampa. Um mecanismo automático fez um zumbido.

A melodia não era especialmente boa. Morte escutara todas as músicas que haviam sido compostas, e quase todas eram melhores do que aquela melodia. Tinha um ar mecânico, um ritmozinho um-dois-três.

Na caixinha de música, acima das engrenagens que não paravam de girar, dois dançarinos de madeira moviam-se aos trancos fazendo uma paródia de valsa. Morte os observou até o mecanismo parar. Depois leu a inscrição. Tinha sido um presente.

Ao lado dele, a ampulheta derramava seus grãos no vaso interior. Ele a ignorou. Quando o mecanismo parou, deu corda novamente. Duas figuras girando através do tempo. Quando a música parava, só era preciso virar a lâmina de aço. Quando parou novamente, ele ficou sentado no silêncio e no escuro e chegou a uma decisão.

Restavam segundos, apenas. Segundos significaram muito para José Porta porque ele tivera um estoque limitado. Não significavam absolutamente nada para Morte, que nunca tivera nenhum.

Ele deixou a casa adormecida, montou no cavalo e saiu cavalgando. A viagem levou um instante para uma distância que a luz levaria 300 milhões de anos, mas Morte viaja dentro do espaço onde Tempo não significa nada. A luz acha que viaja mais rápido do que qualquer outra coisa, mas está errada. Não importa a velocidade em que ela viaja, a escuridão sempre chega lá primeiro e espera por ela. Havia companhia no trajeto — galáxias, estrelas, faixas de matéria brilhante fluindo e, vez ou outra, espiralando-se na direção da meta distante. Morte, sobre seu cavalo pálido, desceu na escuridão como uma bolha na superfície de um rio.

E todo rio flui para algum lugar.

Depois, abaixo, uma planície. A distância ali era tão sem significado quanto o tempo, mas havia uma sensação de amplidão. A planície poderia estar a um quilômetro de distância ou a 1 milhão de

quilômetros. Era marcada por longos vales ou riachos que corriam para os dois lados quando ele se aproximou.

E pousou.

Ele desceu do cavalo e ficou parado no silêncio. Depois se ajoelhou. Mude a perspectiva. A paisagem cheia de sulcos cai numa distância imensa, ganha curvas nas pontas e se transforma numa ponta de dedo. Azrael ergueu o dedo para um rosto que preenchia o céu, iluminado pelo brilho fraco de galáxias agonizantes.

Existem 1 bilhão de Mortes, mas são todos aspectos do único Morte: Azrael, o Grande Atrator, o Morte dos Universos, o início e o fim do tempo. A maior parte do universo é feita de matéria escura, e apenas Azrael sabe quem é quem.

Olhos tão grandes que uma supernova refletida na íris pareceria uma mera insinuação de brilho se viraram lentamente e se voltaram para a figura minúscula nas imensas planícies espiraladas das pontas dos seus dedos. Ao lado de Azrael, o grande relógio se encontrava suspenso no centro de toda a teia de dimensões e seguia com o seu tique-taque. Estrelas cintilavam nos olhos de Azrael.

O Morte do Disco se levantou.

— SENHOR, PEÇO...

Três dos Servicais do esquecimento passaram a existir ao seu lado. Um deles disse: "Não ouça. Ele está sob acusação de intromissão". Um deles disse: "E morticídio".

Um deles disse: "E orgulho. E de ter vivido com o objetivo de sobreviver". Um deles disse: "E de ter ficado ao lado do caos, em oposição à ordem". Azrael ergueu uma sobrancelha.

Os Servicais afastaram-se de Morte, cheios de expectativa.

— SENHOR, SABEMOS QUE NÃO EXISTE NENHUMA ORDEM BOA A NÃO SER A QUE CRIAMOS...

A expressão de Azrael não mudou.

— NÃO EXISTE NENHUMA ESPERANÇA A NÃO SER NÓS MESMOS. NENHUMA PIEDADE A NÃO SER NÓS MESMOS. NÃO EXISTE JUSTIÇA. EXISTE APENAS NÓS.

O rosto escuro e triste encheu o céu.

— TODAS AS COISAS QUE SÃO SOMOS NÓS. MAS TEMOS QUE NOS IMPORTAR. PORQUE, SE PARARMOS DE NOS IMPORTAR, DEIXAMOS DE EXISTIR. E, SE NÃO EXISTIRMOS, NÃO EXISTIRÁ NADA SENÃO ESQUECIMENTO CEGO. E ATÉ MESMO O ESQUECIMENTO CEGO ACABARÁ ALGUM DIA. SENHOR, PODE ME CONCEDER APENAS UM POUCO DE TEMPO? PARA O EQUILÍBRIO ADEQUADO DAS COISAS. PARA DEVOLVER O QUE FOI DADO. EM NOME DOS PRISIONEIROS E DO VOO DOS PÁSSAROS.

Morte deu um passo para trás.

Era impossível identificar a expressão nas feições de Azrael. Morte olhou de lado para os Serviçais.

— SENHOR, O QUE A COLHEITA PODE ESPERAR, A NÃO SER PELO CUIDADO DO CEIFADOR? Ele esperou.

— SENHOR? Durante o tempo que ele levou para responder, algumas galáxias se desdobraram, giraram ao redor de Azrael feito serpentinhas, colidiram e se foram. Então Azrael disse:

SIM

E outro dedo se ergueu pela escuridão na direção do Relógio. Ouviram-se fracos gritos de raiva dos Serviçais e, em seguida, gritos de percepção tardia e três breves chamadas azuis.

Todos os outros relógios, até mesmo o relógio sem ponteiros de Morte, eram reflexos do Relógio. Diziam ao universo que horas eram, mas o Relógio dizia ao Tempo o que o tempo é. Era a fonte de onde todo o tempo fluía.

E o esquema do Relógio era o seguinte: o ponteiro maior só dava a volta uma vez.

O segundo ponteiro seguia um trajeto circular que até mesmo a luz levaria dias para percorrer, sempre seguido pelos minutos, horas, meses, anos, séculos e eras. Mas o ponteiro do Universo dava a volta uma vez.

Ao menos até que alguém desse corda no mecanismo.

E Morte voltou para casa com um punhado de Tempo.

A campainha estridente de uma loja soou.

Druto Pole, florista, olhou por cima de um ramo de *Dona Floribunda empurrona*. Alguém se encontrava parado entre os vasos de flores. Uma figura bastante indistinta. Na verdade, mesmo depois, Druto não tinha certeza de quem estivera na sua loja e como suas palavras realmente tinham soado.

Ele se aproximou esfregando as mãos.

— Em que posso aju...

— FLORES.

Druto hesitou apenas por um instante.

— E o... é... destino dessas...

— UMA DAMA.

— E você tem alguma pref...

— LÍRIO.

— Ah? Tem certeza de que lírio é...?

— EU GOSTO DE LÍRIO.

— Hum... é que o lírio é um pouco sombrio...

— EU GOSTO DE COISAS SOM...

O vulto hesitou.

— O QUE VOCÊ RECOMENDA? Druto engatou na marcha certa.

— As rosas são sempre muito bem recebidas. Ou as orquídeas.

Muitos cavalheiros, hoje em dia, me contam que as damas consideram um único exemplar de orquídea mais aceitável que um buquê de rosas...

— ME DÊ UM MONTE.

— Seriam orquídeas ou rosas?

— AS DUAS.

Os dedos de Druto se entrelaçaram de forma sinuosa, como enguias na graxa.

— Será que eu poderia lhe apresentar esses maravilhosos ramos *de Gloriosa Nervousa*...

— UM MONTE DELAS.

— E, se o orçamento do senhor puder se estender, posso sugerir um único exemplar da extremamente rara...

— SIM.

— E quem sabe...

— SIM. TUDO. COM UM LAÇO.

Quando a campainha sinalizou a saída do comprador, Druto olhou para as moedas na sua mão. Muitas estavam corroídas, todas eram estranhas e uma ou duas eram de ouro.

— Hum. Isso é mais do que o bastante... Ele notou um som suave e contínuo. Ao seu redor, por toda a loja, pétalas caíam como

a chuva.

— E ESSES? — Esses são a nossa variedade De Luxe — respondeu a senhora na loja de chocolates. Era um estabelecimento tão refinado que vendia não doces, mas artigos de confeitaria — geralmente na forma de coisas retorcidas na ponta, em embalagens individuais douradas, que causavam estragos ainda maiores no saldo bancário do que nos dentes.

O cliente alto e obscuro pegou uma caixa que tinha cerca de meio metro quadrado. Na tampa, que parecia uma almofada de cetim, havia a foto de dois gatinhos incorrigivelmente vessos saindo de uma bota.

— POR QUE ESTA CAIXA É ACOLCHOADA? É PARA SENTAR NELA? É POSSÍVEL QUE TENHA GOSTO DE GATO? — acrescentou, num tom definitivamente ameaçador, ou talvez mais ameaçador do que já era normalmente.

— Hum, não. Essa é a nossa Seleção Suprema. O cliente a jogou de lado.

—NÃO.

A vendedora olhou para os dois lados e abriu uma gaveta abaixo do balcão, ao mesmo tempo baixando o volume da voz até chegar a um sussurro conspirador.

— E claro que, para aquela ocasião muito especial...

Era uma caixa bem pequena. Também toda preta, exceto pelo nome do conteúdo em letrinhas brancas. Gatos, mesmo com fitas cor-de-rosa, não seriam permitidos a menos de um quilômetro de distância de uma caixa como aquela. Para entregar uma caixa de

chocolates como aquela, vultos misteriosos pulam de teleféricos e descem prédios de rapel. O vulto misterioso examinou as letras.

— MISTERIOSOS ENCANTOS. GOSTEI.

— Para aqueles momentos íntimos — informou a senhora. O cliente pareceu considerar a relevância daquilo.

— SIM. ESSE PARECE ADEQUADO.

A vendedora sorriu.

— Devo embrulhar, então?

— SIM. COM UMA FITA.

— Mais alguma coisa, senhor? O cliente pareceu entrar em pânico.

— MAIS ALGUMA COISA? ESTÁ FALTANDO MAIS ALGUMA COISA? O QUE MAIS DEVERIA SER FEITO?

— Perdão, senhor?

— UM PRESENTE PARA UMA DAMA.

A vendedora ficou um pouco sem rumo com a mudança repentina da conversa. Ela nadou até um clichê seguro.

— Bom, dizem, não é, que os diamantes são os melhores amigos de uma garota? — sugeriu, radiante.

— DIAMANTES? AH. DIAMANTES. É MESMO? Eles brilhavam como fragmentos de luz estelar sobre um céu de veludo negro.

— Esta — começou o comerciante — é uma pedra particularmente excelente, não acha? Repare no resplendor, no excepcional...

— ESSA É BASTANTE AMIGÁVEL? O comerciante hesitou. Ele entendia de quilates, lustre adamantino, de "limpidez", "feitio" e

"lapidação", mas nunca tinha sido obrigado a julgar uma pedra preciosa em termos da sua afabilidade.

— Bastante bem-intencionado? — arriscou.

— NÃO.

Os dedos do comerciante se apoderaram de mais um fragmento de luz congelada.

— Agora, este — disse, com a confiança voltando a aparecer na sua voz — é da famosa mina da Canelacurta. Permita-me chamar a sua atenção para o belo.... Ele sentiu o olhar penetrante perfurar a parte de trás da sua cabeça.

— Porém não é, devo admitir, conhecido por sua cordialidade — resignou-se, perdendo a confiança.

O cliente obscuro olhou pela loja com ar de desaprovação. Xô escuro, atrás das barras à prova de troll, as pedras cintilavam como olhos de dragão no fundo de uma caverna.

— ALGUM DESSES AQUI É AMIGÁVEL? — Senhor, acho que posso afirmar, sem medo de entrar em contradição, que jamais baseamos a nossa política de compras na amabilidade das pedras preciosas em questão — explicou o comerciante. Ele tinha uma sensação desconfortável de que havia algo errado e de que, em algum lugar no fundo da sua mente, sabia o que estava errado, e que, por algum motivo, sua mente não o deixava fazer essa conexão final. Aquilo dava nos nervos.

— ONDE ESTÁ O MAIOR DIAMANTE DO MUNDO?

— O maior? Essa é fácil. É o Lágrima de Offler e está no santuário mais oculto do Templo Perdido Adornado com Joias da Perdição do Deus Crocodilo Offler, na parte mais sombria de

Howandaland, e pesa 850 quilates. Senhor, para me antecipar à sua próxima pergunta, eu, pessoalmente, iria para a cama com ele. Uma das coisas boas de ser um sacerdote do Templo Perdido Adornado com Joias da Perdição do Deus Crocodilo Offler era que você podia ir para a casa cedo quase toda tarde. Isso acontecia porque ele era perdido. A maioria dos adoradores nunca encontrava o caminho para chegar lá. Esses eram os que tinham sorte. Tradicionalmente, somente duas pessoas haviam entrado no santuário mais oculto. Eram o Sumo Sacerdote e o sacerdote que não era Sumo. Eles ficavam lá durante anos e se revezavam no posto de Sumo Sacerdote. Era um cargo que não exigia muito, uma vez que os adoradores mais aguardados eram espetados, esmagados, envenenados ou fatiados por armadilhas camufladas antes mesmo de chegarem à caixinha e ao desenho divertido de um termômetro [27] na entrada da sacristia.

Eles estavam jogando Aleije o Sr. Cebola no altar supremo, bem abaixo da sombra da estátua adornada com joias de Offler em Pessoa, quando ouviram o rangido distante da porta principal.

O Sumo Sacerdote não levantou a cabeça.

— Opa. Mais um para a grande bola rolante, então.

Eles ouviram um baque surdo e um estrondo. Depois uma pancada muito definitiva.

— Bom — começou o Sumo Sacerdote. — Qual era a aposta? — Dois seixos — respondeu o sacerdote inferior.

— Certo. — O Sumo Sacerdote examinou suas cartas. — Ok, eu cubro os seus dois seixos...

Houve um leve som de passos.

— O sujeito com o chicote chegou até os grandes espinhos afiados na semana passada — observou o sacerdote inferior.

Houve um som que parecia a descarga de uma privada muito velha. Os passos pararam.

O Sumo Sacerdote sorriu para si.

— Certo. Cubro seus dois seixos e aumento mais dois. O sacerdote inferior baixou as cartas.

— Cebola dupla.

O Sumo Sacerdote olhou para baixo, desconfiado. O sacerdote inferior consultou um pedaço de papel.

— Você está me devendo trezentos mil, novecentos e sessenta e quatro seixos. O som de passos voltou.

Os sacerdotes se entreolharam.

— Não vinha ninguém para o dardo envenenado há muito tempo — comentou o Sumo Sacerdote.

— Aposto cinco como ele consegue — disse o sacerdote inferior.

— Fechado.

Houve um tinido fraco de pontas de metal batendo na rocha.

— E uma pena ter que levar os seus seixos. Mais passos.

— Está bem, mas ainda tem o... — um rangido, um som de água chapinhando — ... o tanque de crocodilos.

— Ninguém jamais conseguiu passar pelos temidos guardiões dos portais... Os sacerdotes se encararam com expressão de horror.

— Ei — disse o que não era Sumo. — Você não acha que pode ser...

— Aqui? Ah, tenha dó. Estamos no meio de uma maldita selva.

— O Sumo Sacerdote tentou sorrir. — Não é possível que seja...

Os passos se aproximaram.

Os sacerdotes se agarraram um ao outro de pavor.

— A senhora Bolinho! As portas explodiram para dentro. Um vento obscuro forçou passagem para dentro da sala, apagando velas e espalhando as cartas como uma neve estampada. Os sacerdotes ouviram o tinido de um diamante muito grande sendo retirado da sua cavidade.

— OBRIGADO.

Depois de algum tempo, quando nada mais parecia acontecer, o sacerdote que não era Sumo conseguiu encontrar uma caixa de pávio e, após algumas tentativas fracassadas, fez uma vela acender.

Os dois sacerdotes olharam para cima, para a estátua entre as sombras oscilantes, onde agora havia um buraco aberto que deveria conter um diamante muito grande. Após algum tempo, o Sumo Sacerdote suspirou e disse: — Bem, veja a coisa da seguinte forma: além de nós, quem vai ficar sabendo? — É. Nunca pensei dessa forma. Ei, posso ser o Sumo Sacerdote agora?

— A sua vez é só na quinta-feira.

— Ah, vai.

O Sumo Sacerdote deu de ombros e tirou o chapéu de Sumo Sacerdócio.

— E muito deprimente, esse tipo de coisa — começou, erguendo a cabeça para olhar para a estátua saqueada. — Algumas pessoas simplesmente não sabem se comportar numa casa religiosa.

Morte atravessou o mundo às pressas e pousou mais uma vez no quintal da casa da fazenda. O sol estava no horizonte quando ele bateu à porta da cozinha. A senhorita Flitworth abriu a porta,

enxugando as mãos no avental. Ela fez uma leve careta míope para o visitante e deu um passo para trás.

— Zé Porta? Você me deu um belo susto...

— TROUXE FLORES PARA VOCÊ.

Ela olhou para os talos secos e mortos.

— E CHOCOLATES SORTIDOS TAMBÉM, DO TIPO QUE AS DAMAS GOSTAM.

Ela olhou bem para a caixa preta.

— TEM TAMBÉM UM DIAMANTE PARA SER SEU AMIGO. Os últimos raios do sol poente bateram nele.

A senhorita Flitworth finalmente retomou sua voz.

— Zé Porta, em que você está pensando?

— EU VIM PARA LEVÁ-LA PARA LONGE DE TUDO ISSO.

—Veio? Para onde? Morte não tinha chegado a pensar nesta parte.

— PARA ONDE GOSTARIA DE IR?

— Não vou propor nenhum lugar hoje à noite que não seja a dança — respondeu a senhorita Flitworth, decidida.

Morte também não se preparara para isso.

— QUE DANÇA É ESSA?

— A dança da colheita. Sabe? É tradição. Quando está na época da colheita. É uma espécie de comemoração e uma ação de graças.

— AÇÃO DE GRAÇAS A QUEM?

— Sei lá. Ninguém em particular, acho. Apenas uma gratidão geral, imagino.

— EU TINHA PLANOS DE LHE MOSTRAR MARAVILHAS. BELAS CIDADES. QUALQUER COISA QUE VOCÊ QUISESSE.

— Qualquer coisa?

— SIM.

— Então nós vamos para a dança, José Porta. Eu vou todo ano. Eles ficam contando comigo. Sabe como é.

— SIM, SENHORITA FLITWORTH.

Ele estendeu o braço e segurou a mão dela.

— O que, agora? Não estou pronta...

— OLHE.

Ela olhou para baixo e viu o que de repente usava.

— Este não é o meu vestido. Tá cheio de brilhos.

Morte suspirou. Os grandes amantes da história nunca encontraram a senhorita Flitworth. Casavelha teria desistido da sua escada.

— SÃO DIAMANTES. UMA NOTA PRETA EM DIAMANTES.

— De qual escala?

— QUALQUER UMA.

—Ooh...

Pituco andava tranquilamente pela estrada que levava à cidade. Depois de percorrer a distância do infinito, uma simples estrada empoeirada representava certo alívio. Sentada de lado atrás de Morte, a senhorita Flitworth explorava os conteúdos sussurrantes da caixa de Misteriosos Encantos.

— Olha, alguém comeu todas as trufas de rum. — Houve mais um ruído de papel. — E olha que elas estavam por baixo das outras. Odeio quando as pessoas começam pela camada de baixo antes de acabar todas as camadas de cima. E sei que você fez isso porque

tem uma descrição na tampa, portanto deveria ter trufas de rum aqui. Zé Porta? — DESCULPE, SENHORITA FLITWORTH.

— O diamante grande é um pouco pesado. Mas é lindo — acrescentou, relutante.

— Onde você comprou?

— DE PESSOAS QUE ACHAVAM QUE ELE ERA A LÁGRIMA DE UM CROCODILO.

—E é?

—NÃO. OS DEUSES NUNCA CHORAM. É CARBONO PURO SUBMETIDO A UM CALOR INTENSO E GRANDE PRESSÃO, SÓ ISSO.

— Dentro de cada pedaço de carvão existe um diamante esperando para sair, certo?

— SIM, SENHORITA FLITWORTH.

Não houve som por algum tempo, a não ser o clip-clop dos cascos de Pituco. Então a senhorita Flitworth disse, num tom malicioso: — Eu sei o que está acontecendo, viu? Vi quanta areia tinha. Aí você pensou: "Ela não é uma mulherzinha ruim, vou levá-la pra se divertir por algumas horas e, quando ela não estiver esperando, será a hora de cortar a grama", estou certa? Morte não disse nada.

— Estou certa, não estou?

—NÃO CONSIGO ESCONDER NADA DE VOCÊ, SENHORITA FLITWORTH.

— Hmm. Acho que deveria me sentir lisonjeada. Não? Imagino que tenha muitos chamados ocupando o seu tempo.

— MAIS DO QUE PODERIA IMAGINAR, SENHORITA FLITWORTH.

— Dadas essas circunstâncias, você poderia voltar a me chamar de Renata. Havia uma fogueira no prado depois do campo de arco-e-flecha. Morte pôde ver vultos movendo-se na frente dela. Um ou outro guincho retorcido indicava que alguém afinava uma rabeça.

— Eu sempre venho para a dança da colheita — observou a senhorita Flitworth, num tom descontraído. — Não para dançar, é claro. Geralmente cuido da comida e coisas assim.

— POR QUÊ?

— Bem, alguém tem que cuidar da comida.

— QUERO DIZER, POR QUE VOCÊ NÃO DANÇA?

— Porque tô velha, por isso.

— A IDADE É UM ESTADO DE ESPÍRITO.

— Hmm! Ah, é? Esse é o tipo de coisa idiota que as pessoas sempre dizem. Elas sempre dizem: minha nossa, você está tão bem. E dizem: estou velho, mas não estou morto. Panela velha é que faz comida boa. Esse tipo de coisa. E tudo estupidez. Como se estar velho fosse algum motivo de alegria! Como se a atitude filosófica em relação a isso fizesse a pessoa ganhar elogios! Minha cabeça sabe pensar como jovem, mas meus joelhos não são tão bons nisso. Nem as minhas costas. Nem os meus dentes. Vá dizer prós meus dentes que a idade deles é um estado de espírito e veja o que você vai ganhar com isso. Ou eles.

— PODE VALER A PENA TENTAR.

Mais vultos se movimentavam na frente da fogueira. Morte podia ver postes listrados com bandeiras penduradas.

— Os rapazes geralmente trazem portas de celeiro pra cá e pregam pra fazer um piso — observou a senhorita Flitworth. — Pra

todo mundo poder participar.

— DANÇA FOLCLÓRICA? — perguntou Morte, desanimado.

— Não. A gente ainda tem um pouco de orgulho, sabe.

— DESCULPE.

— Ei, é o José Porta, não é? — perguntou uma figura que se destacava no meio da escuridão.

— É o velho Zé! — Ei, Zé! Morte olhou para um círculo de rostos sinceros.

— OLÁ, MEUS AMIGOS.

— Ouvimos dizer que você tinha ido embora — disse Duque Bottomley. Ele olhou para a senhorita Flitworth enquanto Morte a ajudava a descer do cavalo. Sua voz falhou um pouco quando tentou analisar a situação.

— A senhorita está bastante... cintilante... hoje, senhorita Flitworth — completou, num tom cortês.

O ar cheirava a grama quente e úmida. Uma orquestra amadora ainda se instalava sob uma tenda.

Havia mesas de montar cheias de comida do tipo geralmente associado com a palavra "banquete" — tortas de lombo que pareciam fortalezas militares envernizadas, vasilhas de cebolas em conserva diabólicas, batatas assadas com a casca nadando num oceano de Colesterol de manteiga derretida. Alguns dos idosos da aldeia já haviam se estabelecido nos bancos providenciados e mastigavam impassíveis, ainda que sem dentes, com o ar de quem está determinado a passar a noite toda ali sentado, se necessário.

— E bom ver os velhos se divertindo — comentou a senhorita Flitworth. Morte olhou para os comensais. A maioria deles era mais

jovem que a senhorita Flitworth. Houve uma gargalhada em algum lugar da escuridão perfumada do outro lado do fogo.

— E os jovens — a senhorita Flitworth acrescentou num tom imparcial. — A gente costumava ter um ditado para esta época do ano. Deixe-me ver... algo do tipo "O milho anima, o jumento é macho, anágua pra cima e calça..." alguma coisa. — Ela suspirou.

— O tempo voa, não?

— SIM.

— Sabe, Zé, talvez você estivesse certo sobre o poder do pensamento positivo. Estou me sentindo muito melhor nesta noite.

—É? A senhorita Flitworth lançou um olhar pensativo para a pista de dança.

— Eu era uma grande dançarina quando moça. Fazia qualquer um tirar os pés do chão. Dançava até a lua se pôr. Dançava até o sol nascer.

Ela ergueu os braços para tirar as fitas que prendiam seu cabelo num coque apertado e balançou a cabeça desfazendo o penteado numa cascata branca.

— Imagino que você saiba dançar, senhor José Porta?

— SOU FAMOSO POR ISSO, SENHORITA FLITWORTH.

Sob a tenda da banda, o violinista principal acenou para os outros músicos, enfiou o violino sob o queixo e bateu nas tábuas com o pé...

— Aum! Adois! Aum adois três quatro...

Imagine uma paisagem, com a luz alaranjada de uma lua crescente deslizando de um extremo ao outro dela. Lá embaixo, um círculo de fogo na noite. Houve os favoritos de sempre — as danças

de quadrilha, os rodopios, balanços e ritmos que, se os dançarinos carregassem luzes, traçariam complexidades topográficas além do alcance da física comum — e o tipo de dança que faz pessoas perfeitamente sãs gritarem coisas como "Pá-dê-dê!" e "Anarriê!" sem se sentirem terrivelmente envergonhadas por um bom tempo.

Quando mortos e feridos saíram de cena, os sobreviventes seguiram com a polca, a mazurca, o foxtrote, o charleston e uma variedade de outros nomes esquisitos, depois partiram para aquelas danças em que as pessoas formam um arco e outras dançam por baixo. Por acaso, geralmente baseadas em lembranças folclóricas de execuções. E daí para outras danças em que as pessoas formam um círculo, geralmente baseadas em lembranças folclóricas de pestes.

No meio de tudo isso, duas figuras giravam como se não houvesse amanhã. O violinista principal percebeu vagamente que, quando parou para tomar fôlego, uma figura que rodopiava saiu sapateando com tudo do corpo-a-corpo e uma voz perto do seu ouvido disse: — VOCÊ VAI CONTINUAR, EU LHE GARANTO.

Quando se cansou pela segunda vez, um diamante do tamanho do seu punho foi parar na tábua à sua frente. Uma figura menor saiu do meio dos dançarinos sem parar de dançar e disse: — Se vocês não continuarem tocando, William Batoque, eu pessoalmente farei de tudo para que sua vida se torne absolutamente asquerosa. E voltou para o apinhamento de corpos.

O violinista olhou para o diamante. Valeria qualquer uma das notas pretas de qualquer escala musical do mundo. Ele o chutou rapidamente para trás de si.

— Mais energia para o seu cotovelo, hein? — perguntou o que tocava o tambor, sorrindo.

— Cala a boca e toca! Ele percebeu que apareciam notas das pontas dos seus dedos que seu cérebro jamais conhecera. O percussionista e o flautista sentiram o mesmo. A música fluía de algum lugar. Eles não a tocavam. Ela os tocava.

— É HORA DE COMEÇAR UMA NOVA DANÇA.

— Duurrump—da—dum—dum — cantarolou o violinista, com o suor escorrendo pelo queixo quando se pegou tocando uma melodia diferente. Os dançarinos moviam-se de forma confusa, incertos quanto aos passos. Mas um par se movia de maneira determinada entre eles, com uma curvatura matadora e as mãos entrelaçadas à frente, como o mastro da proa de um galeão de guerra. Ao fim do tablado, eles se viraram numa agitação de membros que parecia desafiar a anatomia normal e iniciaram o avanço embaraçado de volta para o meio da multidão.

— Como se chama esta?

— TANGO.

— Você pode ir preso por causa dela?

— ACREDITO QUE NÃO.

— Impressionante. A música mudou.

— Conheço essa! E a dança da tourada de Quirm! O-lê!

— COM LEITE? Uma grande abundância de barulhos estalados e abafados entrou no ritmo da música de repente.

— Quem está tocando maracas? Morte sorriu.

— MARACAS? EU NÃO PRECISO... DE MARACAS. E então era agora. A lua era um fantasma de si mesma num dos horizontes. No

outro, já havia o brilho distante do dia que se aproximava.

Eles deixaram a pista de dança.

O que quer que impulsionava a banda pelas horas da noite foi diminuindo aos poucos. Eles olharam um para o outro. Batoque, o violinista, olhou para a joia. Ainda estava lá.

O percussionista tentou reanimar o pulso com massagem. Batoque ficou olhando para os dançarinos exaustos sem saber o que fazer.

— Bom, então... — começou, e ergueu o violino mais uma vez. A senhorita Flitworth e seu acompanhante ouviram por trás da neblina que passava pelo campo na luz do amanhecer.

Morte reconheceu a batida lenta e insistente. Ela o fazia se lembrar de figuras de madeira girando através do Tempo até a primavera se revelar.

— ESSA EU NÃO CONHEÇO.

— E a valsa da despedida.

— DESCONFIO QUE ISSO NÃO EXISTA.

— Sabe, estive me perguntando a noite toda como vai acontecer. Como você fará. Quer dizer, as pessoas têm que morrer de alguma coisa, não? Achei que seria de exaustão, mas nunca me senti tão bem. Nunca me diverti tanto e não estou sequer sem fôlego. Na verdade, foi um verdadeiro tônico, Zé Porta. E eu... Ela parou.

— Eu não estou respirando, né. — Não foi uma pergunta. Ela pôs a mão diante do rosto e bufou nela.

—NÃO.

— Entendi. Nunca me diverti tanto em toda a minha vida... ha.!
Então... quando?

— SABE QUANDO VOCÊ DISSE QUE LEVOU UM BELO SUSTO AO
ME VER?

— Sim?

— VOCÊ LEVOU UMA BELA PARADA.

A senhorita Flitworth não pareceu ouvi-lo. Ela ficou virando a
mão de um lado para o outro, como se nunca a tivesse visto antes.

— Estou vendo que você fez algumas mudanças, Zé Porta.

— NÃO. A VIDA É QUE TRAZ MUITAS MUDANÇAS.

— Estou falando que pareço mais jovem.

— FOI ISSO O QUE EU QUIS DIZER.

Ele estalou os dedos. Pituco parou de pastar perto da cerca e
veio trotando.

— Sabe, sempre achei... sempre achei que todo o mundo tinha
a sua... sabe... a sua idade inerente. A gente vê criança de 10 anos
que age como se tivesse 35. Algumas pessoas nascem na meia-
idade. Seria bom pensar que eu tive... — ela baixou os olhos para
olhar para si mesma — ah, digamos 18... a minha vida toda. Por
dentro. Morte não disse nada. Ele a ajudou a montar o cavalo.

— Quando vejo o que a vida faz com as pessoas, sabe, você
não parece tão ruim — ela comentou com nervosismo.

Morte fez um estalo com os dentes. Pituco foi andando.

— Você não chegou a conhecer a Vida, não é?

— POSSO DIZER COM TODA HONESTIDADE QUE NÃO.

— Provavelmente é uma coisa grande e branca cheia de
crepitações. Como uma tempestade elétrica de calça.

— ACHO QUE NÃO.

Pituco subiu ao céu da manhã.

— Ainda assim... morte a todos os tiranos.

— SIM.

— Aonde vamos? Pituco galopava, mas a paisagem não mudava.

— Muito bom este seu cavalo — comentou a senhorita Flitworth, com a voz trêmula.

— SIM.

— Mas o que ele está fazendo?

— GANHANDO VELOCIDADE.

— Mas não estamos indo a lugar nenhum... Eles desapareceram. Eles reapareceram.

A paisagem era de neve e gelo esverdeado sobre montanhas entrecortadas. Essas montanhas não eram antigas, desgastadas pelo tempo e pelas condições atmosféricas, nem cheias de inclinações suaves para a prática do esqui. Eram montanhas jovens, mal-humoradas, montanhas adolescentes. Tinham desfiladeiros secretos e fendas impiedosas. Um assobio fora do lugar atrairia não o eco alegre de um pastor de cabras solitário, mas 50 toneladas de neve num abrir e fechar de olhos.

O cavalo pousou sobre um monte de neve que não deveria, pelas leis naturais, ser capaz de suportá-lo.

Morte apeou e ajudou a senhorita Flitworth a descer.

Eles caminharam sobre a neve até uma trilha lamacenta congelada que rodeava a encosta da montanha.

— Por que estamos aqui? — perguntou o espírito da senhorita Flitworth.

— NÃO FAÇO ESPECULAÇÕES SOBRE QUESTÕES CÓSMICAS.

— Quero dizer aqui, nesta montanha. Aqui nesta região geográfica — explicou a senhorita Flitworth, paciente.

— ELA NÃO É GEOGRÁFICA.

— O que é, então?

— HISTÓRICA.

Eles seguiram uma curva da trilha. Havia um pônei ali, comendo um arbusto, com um pacote nas costas. A trilha terminava numa parede de neve suspeitamente limpa. Morte retirou uma ampulheta das reentrâncias do seu manto.

— Agora — disse, e atravessou a parede de neve.

Ela ficou olhando por um momento, pensando se conseguiria ter feito aquilo também. A solidez material era um hábito terrivelmente difícil de se perder. Mas ela não precisou.

Alguém apareceu.

Morte ajeitou a rédea de Pituco e montou. Parou por um momento para observar as duas figuras perto da avalanche. Eles haviam se tornado quase invisíveis, e suas vozes não passavam de ar com textura.

— Ele só disse: "AONDE QUER QUE VOCÊS TENHAM QUE IR, VOCÊS VÃO JUNTOS". Eu perguntei aonde? Ele disse que não sabia. O que aconteceu? — Rufus... Você vai achar muito difícil acreditar nisso, meu amor...

— E quem era aquele homem mascarado ? Os dois olharam ao redor. Não havia ninguém ali.

Na aldeia que fica nas Ramtop, onde as pessoas entendem do que se trata a dança de Morris, ela é dançada apenas uma vez, no amanhecer do primeiro dia da primavera. Não a dançam depois disso, durante o verão. Afinal, qual seria o sentido? De que adiantaria? Mas, num determinado dia, quando as noites estão encolhendo, os dançarinos saem do trabalho mais cedo e tiram dos sótãos e armários o outro traje, o negro, e os outros sinos. E vão por caminhos diferentes até um vale entre árvores sem folhas. Eles não falam. Não há música. E muito difícil imaginar que tipo de música poderia haver. Os sinos não soam. São feitos de octiron, um metal mágico. Mas não chegam a ser, exatamente, sinos silenciosos. O silêncio é meramente a ausência de som. Eles fazem o oposto do som, uma espécie de silêncio altamente texturizado. Na tarde fria, quando a luz vai deixando o céu, entre as folhas cobertas de geada e no ar úmido, dançam a outra dança de Morris. Por causa do equilíbrio das coisas. Tem que se dançar as duas, dizem. Ou não se dança nenhuma. Windle Poons vagava pela Ponte de Latão. Era a hora do dia em Ankh-Morpork em que as pessoas da noite dormiam e as pessoas do dia acordavam. Tratava-se de um dos poucos momentos em que não havia nenhum dos dois tipos de pessoas nas ruas. Windle sentiu-se impelido a estar ali, naquele lugar, naquela noite, naquele momento. Não era exatamente a sensação que tivera quando sabia que ia morrer. Parecia mais a sensação de uma engrenagem dentro de um relógio — as coisas giram, as molas se estendem, e este é o lugar em que você tem que estar...

Ele parou e se debruçou. A água escura, ou o barro muito corrente, sugava os suportes de pedra. Havia um velho ditado...

como era mesmo? Se você jogar uma moeda no Ankh de cima da Ponte de Latão, você voltará com certeza? Ou era apenas se você vomitar no Ankh? Provavelmente o primeiro. A maioria dos cidadãos, se jogasse uma moeda no rio, voltaria com certeza, ao menos para procurar a moeda.

Um vulto saiu da neblina. Ele ficou tenso.

— 'Dia, senhor Poons. Windle relaxou.

— Ah. Sargento Colon? Achei que fosse outra pessoa.

— Só eu, senhor — disse o vigilante, animado. — Aparecendo do nada como uma moeda enferrujada ou um policial mau.

— Estou vendo que a ponte passou mais uma noite sem ser roubada, sargento. Muito bem.

— Cuidado nunca é demais, eu sempre digo.

— Tenho certeza de que os cidadãos podem dormir seguros na cama uns dos outros sabendo que ninguém sairá correndo com uma ponte de 5 mil toneladas no meio da noite — observou Windle. Diferentemente de Modo, o anão, o sargento Colon sabia o significado da palavra "ironia". Achava que significava "meio parecido com ferro". [28] Ele deu um sorriso respeitoso para Windle.

— A gente tem que pensar rápido para estar à frente dos criminosos internacionais, senhor Poons.

— Bom sujeito. E... Você não viu... é... mais ninguém por aqui, viu? — Tá parecendo uma cidade fantasma, esta noite — respondeu o sargento. Ele se lembrou e acrescentou: — Sem querer ofender.

—Ah.

— Vou indo, então.

— Ótimo, ótimo.

— O senhor está bem, senhor Poons? — Ótimo, ótimo.

— Não vai se jogar no rio de novo? — Não.

— Certeza? — Sim.

— Ah, bom. Boa noite, então — ele hesitou. — Só falta esquecer a minha própria cabeça. Aquele sujeito ali me pediu para lhe entregar isto. — Ele estendeu a mão com um envelope encardido.

Windle olhou para dentro da névoa.

— Que sujeito? — Aquele su... ah, já foi. Sujeito alto. Meio esquisito. Windle abriu o pedaço de papel, no qual estava escrito: OOOoooEeeeOooEeeeOOOeee.

— Ah.

— Má notícia? — perguntou o sargento.

— Depende do seu ponto de vista.

— Ah. Certo. Ótimo. Bom... Boa noite, então.

— Adeus.

O sargento Colon hesitou por um instante, depois deu de ombros e saiu andando. Quando saiu de perto, a sombra atrás dele se moveu e sorriu.

— WINDLE POONS? Windle não olhou ao redor.

— Sim? No canto da sua visão, viu um par de braços ossudos apoiados no parapeito. Ele ouviu o som fraco de um vulto tentando se acomodar e depois um silêncio sossegado.

— Ah. Suponho que vá querer fazer os procedimentos.

— SEM PRESSA.

— Achei que você fosse sempre muito pontual.

— DADAS AS CIRCUNSTÂNCIAS, ALGUNS MINUTOS A MAIS NÃO FARÃO MUITA DIFERENÇA.

Windle concordou. Eles ficaram lado a lado em silêncio enquanto, à sua volta, parecia que alguém baixara o volume dos ruídos da cidade.

— Sabe, a vida é maravilhosa após a morte. Onde você estava?

— ESTAVA OCUPADO. Windle não ouvia realmente.

— Conheci pessoas que nem sabia que existiam. Fiz todo tipo de coisa. Realmente tinha que saber quem é Windle Poons.

— QUEM ELE É, ENTÃO? — Windle Poons.

— POSSO VER QUE ISSO DEVE TER SIDO UM CHOQUE.

— Ah, sim.

— TODOS ESSES ANOS E VOCÊ NUNCA SUSPEITOU.

Windle Poons sabia exatamente o que significava ironia, e sabia identificar sarcasmo também.

— Para você tanto faz — murmurou.

— TALVEZ.

Windle olhou para o rio mais uma vez.

— Foi ótimo. Depois de todo esse tempo. Ser útil é importante.

— SIM. MAS POR QUÊ? Windle pareceu surpreso.

— Não sei. Como é que vou saber? Porque estamos todos nessa juntos, acho. Porque não deixamos gente nossa lá dentro. Porque a pessoa está morta há muito tempo. Porque qualquer coisa é melhor do que ficar sozinho. Porque os seres humanos são humanos.

— E SEIS CENTAVOS SÃO SEIS CENTAVOS. MAS MILHO NÃO É SÓ MILHO.

— Não? — NÃO.

Windle apoiou as costas. A pedra da ponte ainda estava quente do calor do dia. Para a sua surpresa, Morte também apoiou as

costas.

— PORQUE VOCÊS SÃO TUDO O QUE VOCÊS TÊM.

— Quê? Ah. Sim. Isso também. O universo lá fora é muito frio e enorme.

— VOCÊ FICARIA IMPRESSIONADO.

— Uma vida simplesmente não é suficiente.

— AH, NÃO SEI.

— Hum? — WINDLE POONS? — Sim? — ESSA FOI A SUA VIDA.

E, com grande alívio, otimismo geral e uma sensação de que, no fim das contas, as coisas poderiam ter sido muito piores, Windle Poons morreu. Em algum lugar na madrugada, Reg Shoe olhou para os dois lados, tirou um pincel secreto e uma latinha de tinta de dentro do casaco e pintou num muro acessível: *Dentro de Cada Pessoa Viva Existe uma Pessoa Morta Esperando para Sair... E aí acabou tudo. Fim.*

Morte permanecia à janela do seu escritório sombrio, olhando para o seu jardim. Nada se mexia naquele domínio parado. Lírios sombrios floresciam perto do tanque das trutas, onde pequenos gnomos esqueléticos de gesso pescavam. Havia montanhas distantes. Era seu próprio mundo. Não estava em mapa algum.

Mas, agora, por algum motivo, faltava algo.

Morte escolheu uma foice no suporte do imenso corredor. Passou pelo relógio imenso sem ponteiros e saiu. Aproximou-se em silêncio do pomar negro, onde Albert cuidava das colmeias, e seguiu até um pequeno morro na ponta do jardim. Além dele, na direção das montanhas, havia terra disforme — ela suportava peso, possuía

uma existência precária, mas nunca houvera razão alguma para defini-la melhor. Pelo menos, até agora.

Albert aproximou-se dele por trás, com algumas abelhas negras zunindo em volta da cabeça.

— O que está fazendo, mestre? — LEMBRANDO.

—Ah? — EU ME LEMBRO DE QUANDO TUDO ISSO ERAM ESTRELAS.

O que foi isso? Ah, sim...

Ele estalou os dedos. Campos surgiram, seguindo as curvas suaves da terra.

—Dourados. Que legal. Sempre achei que precisávamos de um pouco mais de cor por aqui.

Morte balançou a cabeça. Ainda não estava bom. Depois percebeu o que era. As ampulhetas, o grande salão preenchido pelo estrondo de vidas desaparecendo era eficiente e necessário. Era preciso ter algo assim para manter a organização. Mas... Estalou os dedos mais uma vez e uma brisa brotou. Os campos de milho se moveram, numa sequência de ondas estendendo-se pelas inclinações do terreno.

—ALBERT? — Sim, mestre? —VOCÊ NÃO TEM ALGUMA COISA PARA FAZER? ALGUM TRABALHINHO? — Acho que não.

— SAIA DAQUI, É O QUE ESTOU QUERENDO DIZER.

— Ah. Está querendo dizer que quer ficar sozinho.

— ESTOU SEMPRE SOZINHO. MAS, NESTE MOMENTO, QUERO FICAR SOZINHO SEM NINGUÉM.

— Certo. Eu vou... hã... fazer algumas tarefinhas lá na casa, então.

— FAÇA ISSO.

Morte ficou sozinho vendo o milho dançar ao vento. Claro que era apenas uma metáfora. As pessoas eram mais que milho. Elas rodopiavam por suas pequenas vidas cheias, impulsionadas literalmente por um mecanismo, preenchendo seus dias de ponta a ponta com o puro esforço de viver. E todas as vidas tinham exatamente a mesma extensão. Até mesmo as muito longas e as muito curtas. Do ponto de vista da eternidade, pelo menos. Em algum lugar, a pequena voz de José Porta disse: do ponto de vista do dono, a mais longa é melhor.

— QUEEK.

Morte olhou para baixo.

Um pequeno vulto encontrava-se ao lado dos seus pés. Ele se abaixou e o pegou, colocando-o diante de uma cavidade ocular investigativa.

— SABIA QUE FALTAVA ALGUÉM.

O Morte dos Ratos concordou com a cabeça.

— QUEEK? Morte balançou a cabeça.

— NÃO, NÃO POSSO DEIXÁ-LO FICAR. NÃO ESTOU ABRINDO FRANQUIAS NEM NADA.

— QUEEK? — VOCÊ É O ÚNICO QUE RESTOU? O Morte dos Ratos abriu uma mãozinha de ossos. O minúsculo Morte das Pulgas se levantou, com expressão constrangida, porém esperançosa.

— NÃO. ISSO NÃO SERÁ ASSIM. SOU IMPLACÁVEL. SOU MORTE...

SOZINHO.

Ele olhou para o Morte dos Ratos.

E se lembrou de Azrael em sua torre solitária.

— SOZINHO...

O Morte dos Ratos o encarou.

— QUEEK? Imagine um vulto alto cercado de campos de milho...

— NÃO, VOCÊ NÃO PODE CAVALGAR UM GATO. QUEM É QUE JÁ OUVIU FALAR DO MORTE DOS RATOS MONTANDO UM GATO? O MORTE DOS RATOS MONTARIA ALGUM TIPO DE CACHORRO.

Imagine mais campos, uma grande rede de campos da extensão do horizonte, balançando em ondas suaves...

— NÃO PERGUNTE PARA MIM. EU NÃO SEI. ALGUMA ESPÉCIE DE TERRIER, TALVEZ.

... campos de milho, vivos, sussurrando na brisa...

— CERTO, E O MORTE DAS PULGAS PODE MONTÁ—LO TAMBÉM.

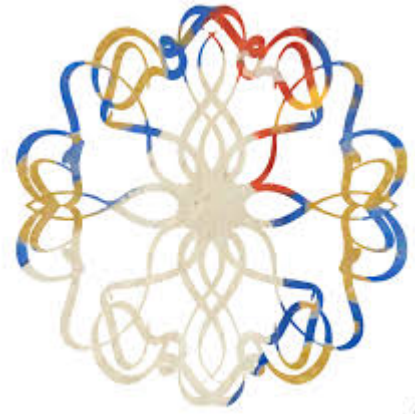
ASSIM MATAMOS DOIS COELHOS COM UMA SÓ CAJADADA.

... aguardando o mecanismo das estações.

— METAFORICAMENTE.

E, ao final de todas as histórias, Azrael, que conhecia o segredo, pensou:

EU ME LEMBRO DE QUANDO TUDO ISSO ACONTECERÁ NOVAMENTE.



5

NOTAS DO PRESENTE VOLUME

1. Nesse caso, três lugares melhores. Os portões da frente das casas de número 31, 7 e 34 da rua Elm, em Ankh-Morpork.

2. Ao menos até o dia em que resolverem pegar um estilete e abrir caminho através da Contabilidade de Custos para dentro da história da psiquiatria forense. 3. Criaturas da mitologia irlandesa que cantam e tocam músicas fúnebres para os que estão prestes a morrer. (N. T.) 4. O cargo de Orador da Classe era bastante singular, assim como o próprio nome. Em alguns centros de aprendizagem, o Orador da Classe é aquele que faz os discursos em público. Em outros, é apenas alguém que tem o costume de rezar. O Orador da Classe da Universidade Invisível fazia os discursos e parecia um padre, condensando de forma clara todas as definições.

5. É verdade que os mortos-vivos não conseguem atravessar a água corrente. No entanto, o rio Ankh, naturalmente lodoso, já pesado com a lama dos prados, não pode ser classificado necessariamente — depois de passar pela cidade (população 1 milhão) — como "corrente" ou, menos ainda, "água".

6. Ainda que não seja comum no Disco, existe algo que pode ser chamado de anti-crime, de acordo com a lei fundamental que diz que tudo no multiverso possui um oposto. Obviamente, são raros. O mero ato de dar algo a alguém não é o oposto de roubar. Para ser um anti-crime, deve constituir afronta e/ou humilhação à vítima, tal qual invadir e redecorar, oferecer com constrangimento (como geralmente ocorre quando as pessoas recebem a aposentadoria) e

deschantagem (quando se ameaça revelar para os inimigos de um mafioso que ele faz doações secretas a instituições de caridade, por exemplo). O anticrime é uma ideia que não chegou a vingar.

7. Ou seja, qualquer lugar fora das Sombras.

8. Chuvas de peixe, por exemplo, eram tão comuns na pequena aldeia do interior chamada Podadores de Pinheiro que ela tinha uma próspera indústria de salmão defumado, salgado e enlatado. Nas regiões montanhosas de Syrrit, muitas ovelhas, deixadas nos campos a noite toda, eram encontradas, pela manhã, viradas para o outro lado, sem nenhuma intervenção humana aparente.

9. Pessoa que com certeza põe sal e, provavelmente, pimenta em qualquer refeição que se coloque na frente dela, qualquer que seja o prato, independentemente da quantidade de sal ou pimenta que já tenha sido colocada e independentemente do sabor que tenha. Psiquiatras comportamentais que trabalharam como consultores para redes de lanchonetes fast-food por todo o universo economizaram bilhões de qualquer que seja a moeda do local ao observarem o fenômeno da autocondimentação e aconselharem os donos a não usar tempero algum. Isso é mesmo verdade.

10. Foram escritas muitas canções sobre a agitada metrópole. A mais famosa, é claro, é: "Ankh-Morpork! Ankh-Morpork! Que bom que lhe deram o nome de Ankh-Morpork!" Mas é possível mencionar outras: "Levem-me para Longe da Velha Ankh-Morpork", "Infelizmente Vou Voltar para Ankh-Morpork" e o antigo hit "Doença de Ankh-Morpork".

11. Que diria, por exemplo, que você passaria por uma evacuação intestinal dolorida em breve.

12. Almofada que emite som de pum quando a pessoa senta. (N. T.)

13. A senhora Bolinho sabia que algumas religiões tinham sacerdotisas. O que ela pensava sobre a ordenação de mulheres é impublicável. As religiões com sacerdotisas, em Ankh-Morpork, tendiam a atrair uma multidão de sacerdotes sem a batina, provenientes de outras congregações, em busca de algumas horas de folga em algum lugar onde não encontrariam a senhora Bolinho.

14. Sigla de Répondez, s'il vous plaît ("Responda, por favor" em francês), usada em convites formais. (N. T.)

15. VSOP é um tipo de conhaque. (N. T.)

16. Uma canção em várias línguas que é comum em todos os mundos conhecidos do multiverso. Sempre é cantada pelas mesmas pessoas, ou seja, pessoas que, quando crescerem, serão as pessoas para quem a geração seguinte cantará "Nós Vamos Superar".

17. Os ghouls são seres malignos que vagam em cemitérios e violam túmulos para se alimentar de cadáveres. (N. T.)

18. O único prédio do campus com menos de mil anos de existência. Os magos superiores nunca se preocuparam muito com o que os magos mais jovens, magros e com mais óculos aprontam lá dentro, tratando os seus infinitos pedidos de fundos para a compra de aceleradores de partículas tau e barreiras contra radiações como quem trata pedidos de dinheiro trocado, e se divertindo ao ouvir seus relatos eufóricos sobre a busca da partícula elementar da magia. Isso, um dia, pode vir a se revelar um erro importante dos magos superiores, especialmente se de fato deixarem que os magos mais jovens construam o que quer que seja essa coisa maldita que ficam querendo construir na quadra de squash.

19. [*essa nota sumiu*]

20. Há centenas de anos as pessoas acreditam que salamandras num poço significa que a água é fresca e potável. Durante todo esse tempo, nunca se perguntaram se as salamandras tinham saído para ir ao banheiro.

21. A praga é um pequeno roedor preto-e-branco encontrado nas Montanhas Ramtop. É ancestral do lemingue, que, como se sabe, se atira de despenhadeiros e se afoga em lagos com regularidade. As pragas também costumavam fazer isso. O problema, porém, é que animais mortos não se reproduzem e, ao longo de milhares de anos, cada vez mais pragas eram descendentes de pragas que, diante de um despenhadeiro, guinchavam o equivalente a "Tá de brincadeira com a minha cara". Hoje as pragas descem despenhadeiros de rapel e constroem pequenos barcos atravessar os lagos. Quando sua afobação as leva a desembocar no litoral, ficam sentadas, evitando os olhares umas das outras, e depois saem mais cedo para chegar em casa antes da hora do rush.

22. A habilidade de senhoras idosas e magrinhas ao carregar fardos enormes é fenomenal. Estudos demonstram que uma formiga consegue carregar 100 vezes o próprio peso, mas não há limite conhecido para o poder de levantamento de peso de uma avó camponesa, espanhola e miúda de 80 anos.

23. É uma tradição, quando se colocam coisas num carrinho de metal, deixar os itens mais frágeis no fundo.

24. Bushido (em japonês, o caminho do guerreiro) é um código de honra. Bushido, em inglês, pode ser lido como: arbusto-eu-faço. (N. T.)

25. Existe uma crença geral, nos mundos em que o shopping vivo germinou, de que as pessoas levam as cestas de arame e as deixam em locais estranhos e isolados de modo que grupos de homens jovens têm que ser empregados para juntá-los e trazê-los de volta. Isso é exatamente o oposto da realidade. Na verdade, os homens são caçadores que perseguem sua presa barulhenta, prendem-na para domá-la e domesticá-la. Depois, formam rebanhos para uma vida de escravidão. Possivelmente.

26. O mais entusiasmado deles foi o pequeno, porém persistente e incrivelmente bem-sucedido Casavelha o Anão, um nome mencionado com respeito e admiração onde quer que haja donos de escadas portáteis reunidos.

27. "Fundo para o Concerto do Telhado do Templo Cravejado de Joias! Faltam apenas 6 mil moedas de ouro!! Por favor, doe com generosidade!! Obrigado!!!" 28. Em inglês, iron significa ferro e irony quer dizer ferroso, férreo ou ironia. (N. T.)

FIM

Fontes



Reformatação .ePub

Clubinho

2013